(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO VII - 1º VOL. JUN./2016 – REVISTA BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

Tamîm Al-Barghouti — Héctor Escobar

Lola Ridge — Alfred Tennyson

Nikolai Nekrássov — Arquipoeta

Georg Trakl — René Char

Max Jacob — Osamu Dazai

Emmanouil Roídis — Grigore Cugler

Ivory Kelly — Wisława Szymborska

Ugo Foscolo — Max Stirner (HQ)

Vozes do Esperanto:

Julio Baghy - Hilda Dresen - Aleksandr Logvin - Nikolai Kurzens - Vesna Skaljer-Race
Clelia Conterno Guglielminetti - Eli Urbanová - William Auld - Despina Patrinu - Éva Tófalvi
Roberto Passos Nogueira - Benoît Philippe - Jorge Camacho - Nicola Ruggiero

12

ISSN 2177-5141

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
තහතවා
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 7, n. 12, 1º vol., jun. 2016
Multilíngue
Editada por Gleiton Lentz; coeditada por Roger Sulis
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: world wide web: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Calaméo; Dropbox; Scribd
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org

INTRO

"E as sombras do passado se erguem – imensas."

Georg Trakl

EDITORIAL

A origem do alfabeto Tifinague, antigo sistema de escrita utilizado pelos povos berberes para transcrever uma dezena de línguas e dialetos norte africanos e ainda hoje usado pelos tuaregues, repousa, todavia, sob incógnitas. Embora haja registros de seu uso desde o século III a.C., duas linhas apontam para formações distintas: a primeira, para a Fenícia, devido à influência do alfabeto púnico que teria servido de "modelo" para os escritos líbios, e a segunda, para a Líbia, já que ancestrais dos berberes desenvolveram, no Norte da África, uma série de línguas e dialetos próprios, e não via "importação", por meio de idiomas como o fenício, o latim ou o árabe. E foi através da variante oriental do Tifinague que o alfabeto pôde ser parcialmente decifrado após a descoberta de inscrições numídicas bilíngues, em líbico e púnico, na Líbia e na Tunísia, em 1842.

No entanto, o uso do alfabeto, a partir do século III d.C. perdeu-se nos territórios de expressão berbere, sendo mantido apenas pelos tuaregues. Ao final do século XX, várias instituições culturais da região o resgataram na tentativa de transcrever variantes de línguas berberes que ainda careciam de escrita. Já na década de 1960, estudiosos e ativistas de identidade berbere modificaram e adaptaram o alfabeto original para o Neo-Tifinague, desenvolvido na Academia Berbere, fazendo ressurgir, assim, o antigo idioma líbio ou líbico-berbere, um sistema pictográfico que fazia uso de formas geométricas elementares (tais como traços, círculos, pontos) misturado com animais em gravuras rupestres, há muito utilizado pelos amazigues ao longo do Norte da África e nas Ilhas Canárias.

Atualmente, o alfabeto Tifinague é usado para escrever outras línguas da região, não só o Tamasheq, dos tuaregues, mas também o Tagdal, do grupo songhay, ou então, o Tumzabt, o Kabile, o Tamazight, o Tamahaq e o Tachawit, da Argélia, o Tachelhit e o Tarifit, do Marrocos, ou ainda, o Tamajaq, do Níger, o Tamasheq, de Mali, e o Zenaga, da Mauritânia. É um antigo sistema de escrita que, após séculos de silêncio, pôde ser decifrado graças às incrições bilíngues, e logo, pela tradução, que possibilitaram seu resgate a fim de que sua história voltasse a questionar a sua própria origem.

As traduções presentes neste 12º número da (n.t.) também retomam línguas antigas e contemporâneas, seja aquelas em desuso, como o Latim, ou então, criadas artificialmente, como o Esperanto, sempre procurando manter a tradição de cunhar as traduções ao lado de sua contraparte, os originais. A revista abre com a seção "Poesia", primeiro, com as *Profecias* | النبوءة, do poeta palestino egípcio Tamîm Al-Barghouti, traduzido do árabe por Safa A-C Jubran; depois, a *Poética da heresia* | *Poética de la herejía*, do poeta colombiano Héctor Escobar Gutiérrez, por Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes; *A Canção do Ferro* | *The Song of Iron*, da américo-irlandesa Lola Ridge, por Tiago Ribeiro Nunes; a *Morte D'Arthur*, do inglês Alfred Tennyson, por Rubens Canarim; as *Poesias* | *Стихотворения*, do poeta russo Nikolai Nekrássov, por Irene Calaça; e *Estuoso interiormente e*

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Bartley.com (EUA), para *The Song of Iron*, de Lola Rige, e *Morte d'Arhtur;* de Aldred Tennyson; Bibliotheca Augustana (Alemanha), para *Estuans intrinsecus*, de Arquipoeta; Aozora Bunko (Japão), para 貨幣, de Osamu Dazai; LSR-Projekt (Alemanha), para *Ich hab' mein Sach' auf Nichts gestellt,* de Max Stimer. **Direitos de publicação:** ▪ Deutscher Taschenbuch Verlag (Alemanha), para *Aus goldenem Kelch*, de Georg Trakl; Gallimard (França), para *Rechérche de la base et du sommet*, de René Char, e *Le Cornet à dés*, de Max Jacob; Compania de Librarii Bucuresti (Romênia), para *Carte de bucate*, de Grigore Cugler; Wydawnictwo Literackie (Polônia), para *O komizmie*, de Wisława Szymborska; BUR (Itália), para *Dalle lettere d'amore*, de Ugo Foscolo. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Tamîm Al-Barghouti (Egito), pelos originais de النبوءة; ▪ Ivory Kelly (Belize), pelo original de *Andrew*, via Ramos Publishing (Belize); Suso Moinhos (Galícia), pela antologia *Voĉoj de Esperanto*.

outras canções | Estuans intrinsecus et alia carmina, do anônimo latino Arquipoeta, por Yuri Ikeda da Fonseca. Na sequência, em "Prosa poética", Laura de Borba Moosburger apresenta o poeta austríaco Georg Trakl, na seleção *Do cálice dourado | Aus goldenem Kelch*, enquanto Amanda Guimarães Gabriel e Pablo Simpson traduzem, respectivamente, os franceses René Char, *Em busca da base e do topo | Rechérche de la base et du sommet*, e Max Jacob, *Do Copo de dados | De le Cornet à dés*.

Na seguinte seção revista, "Contos & Excertos", que tradicionalmente reúne narrativas nos mais diversos idiomas, quatro escritores, de distintas nacionalidades, ilustram suas páginas. A seção abre com o conto *A nota de cem ienes* | 貨幣, do escritor japonês Osamu Dazai, traduzido por Karen Kazue Kawana; seguido da narrativa *Macieira | Η Μηλιά*, do grego Emmanouil Roídis, por Théo de Borba Moosburger; o *Livro de receitas | Carte de bucate*, do romeno Grigore Cugler, por Fernando Klabin; e o conto de expressão creole *Andrew*, da escritora belizenha contemporânea Ivory Kelly, vertido por Scott Hadley. Em "Ensaios Literários", Olga Kempińska traduz a escritora polonesa Wisława Szymborska, nos ensaios reunidos *Sobre o cômico | O komizmie*, e Karine Simoni uma seleção *Das cartas de amor | Dalle lettere d'amore*, do poeta italiano Ugo Foscolo, na seção "Epístola", ainda inédita na revista.

Ao final, na seção "Memória", o tradutor galego Suso Moinhos apresenta uma breve antologia poética, *Vozes do Esperanto | Voĉoj de Esperanto*, que reúne doze poetas esperantistas: (*in memoriam*) o húngaro Julio Baghy, a estoniana Hilda Dresen, o ucraniano Aleksandr Logvin, o letão Nikolai Kurzens, a iugoslava Vesna Skaljer-Race, a italiana Clelia Conterno Guglielminetti, a tcheca Eli Urbanová e o escocês William Auld; e entre os contemporâneos, a grega Despina Patrinu, a húngara Éva Tófalvi, o brasileiro Roberto Passos Nogueira, o alemão Benoît Philippe, o espanhol Jorge Camacho e o italiano Nicola Ruggiero.

Na seção de encerramento, a ilustradora Aline Daka apresenta a HQ, baseada no homônimo texto, adaptado em poema em prosa, do escritor e filósofo alemão Max Stirner, e *Fundei a minha causa sobre nada | Ich hab' mein' Sach' auf Nichts gestellt*, pertencente ao livro *O único e sua propriedade*, de 1845.

Eis os poetas e escritores que integram essa edição da (n.t.), que reúne traduções do latim ao grego, do romeno ao polonês, do árabe ao japonês, em mais de 10 idiomas, evidenciando que a tradução não é só uma *ponte necessária*, mas uma espécie de correlato das tradições orais, pois busca preservar igualmente as línguas e seus escritos, além de divulgá-los mundo afora, via transliteração. O caso do alfabeto Tifinague, praticamente decifrado devido a inscrições traduzidas para o fenício há mais de dois milênios, exemplifica a funcionalidade da tradução nesses casos, de "ponte" entre dois idiomas, já imaginada pelos antigos não para facilitar, mas, quem sabe, fortalecer a comunicação, pois antes que habitar uma pátria, habita-se, na verdade, uma língua.

Então, boa literatura traduzida ao português! ■

Os editores
Desterro, julho de 2016.

(n.t.) | 12°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

PROSA
PROSA
PROSA

MEMÓRIA

poesia

(n.t.) | Manaus

Profecias
Tamîm Al-Barghouti

O texto: Três poemas em árabe de Tamîm Al-Barghouti, "Profecia" (النبوءة) e "Pequeno céu" (trechos) (أنا لي سماء كالسماء), do livro *Em Jerusalém* (في القدس), de 2008, e o último, "Alegria" (الفرح), gravado pelo poeta em 2009, disponível em áudio.

Textos traduzidos: تميم البرغوثي. في القدس. الفرح.

Agradecimentos: ao poeta Tamîm Al-Barghouti, pela concessão do poema inédito e liberação dos originais.

O autor: Tamîm Al-Barghouti é poeta e cientista político palestino egípcio. Nascido em 1977, filho do poeta palestino Mourid Barghouti (com um livro traduzido no Brasil, *Eu Vi Ramallah*) e a romancista egípcia Radwa Ashour. Desde a infância, Al-Barghouti esteve imerso nas realidades políticas do mundo árabe, o que influenciou sua vida pessoal, bem como os meios literários para expressar seus eventos. Publicou seu primeiro poema aos 18 anos, tendo vários livros de poesia tanto em árabe padrão quanto nos dialetos egípcio e palestino, além de vários livros, ensaios e artigos na área de ciências políticas, onde atuou como professor no Egito ou como professor convidado na universidade de Georgetown, nos Estados Unidos. Sua coletânea de poemas *Em Jerusalém* tem o mesmo título do poema que projetou seu nome e lhe rendeu fama, ao ser declamado em um concurso de poesia, "Príncipe dos Poetas", em 2007.

A tradutora: Safa A-C Jubran é professora Livre Docente de Árabe na USP. Além de livros, ensaios e estudos publicados, traduziu para o português vários romances árabes modernos, entre eles: do sudanês Tayeb Salih, *Tempo de migrar para o norte*, e do libanês Elias Khoury, *Porta do sol*. Recebeu em 2014 o prêmio de melhor tradução cedido pela Academia Brasileira de Letras, por *E nós cobrimos seus olhos*, do egípcio Alaa Aswany. É líder de grupo de pesquisa *Tarjama*: escola de tradução de literatura árabe moderna.

النبوءة

ولأن الغيمَ على معرفةٍ دقيقةٍ »
« بكميةِ المطرِ التي صَنَعَتِ الطوفانَ

تميم البرغوثي

النبوءات

لا شيءَ جَذْرِياً
ستسقطُ المدنُ العالياتْ
ويُخَفِّتُ المصوِّر الأبديُّ الضوءَ عن مبانيها الشاهقةْ
ويضيءُ الفئرانَ وأكياسَ القمامةِ السوداءَ،
فتلمعُ، وكأنها قُبَّةُ البرلمانْ

لا شيءَ جَذْرِياً
ستنمو الشُّقوقُ التي في أُصولِ الجدرانِ كاللِّبْلابِ
كَبَرْقٍ مُضادٍّ، يَسري من الأرضِ إلى السماءْ

لا شيء جذرياً
أشجارُ الخريفِ التي عَرِيَتْ من أوراقها
تُشَبِّكُ أغصانَها، كأَيَادٍ في مظاهرةٍ كُبَرى
والطيورُ، تُقَرِّرُ بعدَ نقاشٍ طويل، ألاَّ تَهْجُرَها

لا شيء جذرياً
لن يُحَيِّيَ التلاميذُ أعلامَ بَلادِهم في طَوابيرِ المدارسْ
بل ستقفُ الأعلامُ طوابيرَ، تُحَيِّي التلاميذَ

لا شيء جذرياً
سَيَتَسَلَّحُ الغزال جَيِّداً
وسَتُنْسَجُ أثوابُ الأعراسِ الفضفاضةُ من حَلَقَاتِ الزَّرَدْ
وسَيَسْتَعِدُّ الجميعُ للقيامِ بواجِبِ الضِّيَافَة

لا شيء جذرياً
سَتَحُطُّ الذبابةُ بإصرارٍ عَجِيبٍ
على تاجِ القيصر
ومن موقعها المُبَجَّل
سَتُقَلِّدُ حَرَكَاتِه بِدِقَّةٍ مُتَنَاهِيَة

لا شيء جذرياً
سَيُقَلِّلُ السادةُ مقدارَ صاعِ الحِنْطَة
عن أعدائِهم أولاً
ثم عن حُلفائهم
ثم عن أبنائهم
وسيُمسِكُ السادةُ بَعْضُهُم بِتَلابيبِ بَعْضٍ
وسيندم الحلفاءُ على حِلْفِهم
وسيندمُ الأعداءُ على عَدَاوَتِهم
وسينزلُ الفَرَحُ على أَقَلِّ الناسِ أملاً فيه

لا شيء جذرياً
سَيُولَدُ دينٌ جديد، كالعادةِ، بَيْنَ الفراتِ والنيلْ
وكالعادةِ أيضاً، فإنَّ نظامَ دَاوُدَ العسكريَّ، سَيَزُولْ

لا شيء جذرياً
نقطةُ العسلِ الكُبْرَى التي تُضِيء الأُفُقَ الغَرْبِيَّ

تُكْمِلُ نُزُولَها اليوميَّ إلى البحر
وتذوبُ فيه فيحلُو إلى حدٍّ ما

لا شيء جذرياً
يُواصلُ الحمامُ كَذِبَهُ على أُسطولِ نُوح
ويواصلُ الغُرابُ تَحذِيرَه
وتواصل السفنُ رِحلتَها من مُحيطٍ لمحيط
أصبح الطوفانُ روتينياً
كالمَذْهَبِ في المُوَشَّح
وكذلك النجاةُ

ولذلك
فإن الحيوانَ المتهادنَ على السفينة،
غير مهدَّدٍ بالموجِ،
مشتبكُ العيونِ، ما بين كلِّ ضبعٍ وغزال
والكل مشتاقٌ إلى اليابسة
لا لشيءٍ إلا ليواصل الطراد

لا شيء جذرياً
ولأن الغيمَ على معرفةٍ دقيقةٍ
بكميةِ المطرِ التي صَنَعَتِ الطوفانَ
فهو أكثرُ سكان المشهدِ اطمئناناً
ولأنه غيمٌ حَنُونٌ
ما زال يبعث برسالةٍ تلوَ الأخرى
لأكثرِ سُكَّانِ المشهدِ شَكَاً في النَّجَاةِ
للعَجَائِزِ الذين تَعَلَّقت حَياتُهم بِنَشْرَةِ الأَخْبارِ
وللرُّضَّعِ المولودين بَقَبْضَاتٍ مَشْدُودَة
وَيُشَكِّلُ نَفْسَهُ كَلِمَاتٍ بَيْضَاءَ على لَوْحَةٍ زَرْقَاءَ
أيها الناسُ ! سَتَنْتَصِرُونْ

أنا لي سماء كالسماء

(مقتطفات)

أنا لي سماء كالسماء
صغيرة زرقاء
أحملها على رأسي
وأسعى في بلاد الله من حي لحي
هذي سمائي في يدي

فيها الذي تدرون من صفة السماء
فيها علو وانكفاء
وتوافق الضديْن من نار وماء
فيها نجوم شاردات كالظباء
يحلو عليها ذلك الخلق الهجين من التعالي والحياء
فيها الرياح كما هو المعتاد
وعد او وعيد
تاريخها متكرر كالصبح فيها والمساء
لكنها كصباحها ومسائها في كل تكرار فريد
فيها الطيور
تطير دوما للوراء
شوقا الى الارض التي قد غادرتها
لا الى الارض التي تمضي اليها
ثم حين تغادر الاخرى تكاد تموت من حزن عليه
(...)
أنا لي سماء كالسماء
صغيرة زرقاء احملها على رأس
كمن حمل الجريدة اراد اتقاء الشمس
رغم الموت فيها والبلاء
(...)
حتى إذا ما كنت وحدي
ساهرا في البيت

علقت السماء من الزوايا
ثم قلت لها حنانك اِمطري
فتجود لي بحروفها
حتى تغطي بالحروف على الارض
عشوائية ليست بشيء
ثم اقعد فوقها كيما ارتبها واجعلها كلاما واضحا
فأعيد تركيب البرية
وفق رغباتي وايماني
وأصبح آدم الثاني
(...)
أغير ما أشاء من الزمان على هواي
وفوق رأسي عالم هو عالمي
وسمائي الدنيا التي ليست بدنيا
وهي كالعنقاء خيم ظلها فوقي
ويحني جانباها جانبي
وهي التي في الحق تحملني
وتسعى في بلاد الله من حي لحي
(...)
لكنني من مخلب العنقاء بالسفر الطويل
مشارفا جهة الوصول
أقول يا عنقاء شكراً
كل شيئا بالخيال منحتني
وجعلتني ملكا على الدنيا بأكملها
ولكن لم يزل في الصدر شيء
فاكتبوه في الوصية
واقرأوه مرة أخرى علي
يا ليت أرضا
أي أرض، أي أرض
في يدي

الفرح

رأيت اكتئابي عجوزاً له بسمةٌ طيبة
أليفاً كمن يسكنون الشوارع من دون مأوى
ينام على باب داري
يُصبّحني بابتسامته حين أخرج أو أدخل البيتَ
ضيفي هو الشيخ لكنني وأنا صاحب البيت في يده كالأسير

ملاك مكير يسير بعكازتين ويبدو الجناحانِ في ظهره
كنت أسأله ما الذي يمنع المرء مثلك يا سيدي أن يطيرْ
فتأتي إجابته نظرةً متعبة

مقيم على عَتَبِ البيتِ ضيفي الكبيرْ
أقول له ما اسمك اليوم يا صاحبي
فيوبخني قائلاً لا أريدك أن تتفهمني،
حسبُ قَسِّمْ رغيفك بيني وبينك
كن صاحباً طيب القلب واجلس إلى جانبي
فأرق له رغم علمي بأن هلاكيَ أن أصحبه

وضيفي قعيد كبيت من الشعر منكسرِ الوزن والنحو
ليس له أي معنى
ويغضبُ حين أحاولُ أن أُعربَهْ

أقول عسى أن يقوم ويرحلَ عني
فأزعجه بعلاجي العدائيِّ عمداً
وأسئلتي الجارحات وأمعنُ جِدّاً
فيفهم قصدي، ويشبه جدي
فيزداد مني اقتراباً ووداً
إذا ما رآني أحاول أن أغضبَهْ
ويشبهني الشيخ حين أحدق في وجهه

وكأني أحدق في نهر دمع ومرآة نبع
أرى حسب وجهي يشيخ رويداً رويداً
إلى أن أضيّع أي من الجالسَينِ الكسيرْ

وفي الاكتئاب،
وإن كان دوماً يثير التعاطفَ،
شيء من النرجسيَّةْ
لأن الحزين يرى نفسه أولاً
وإن الهموم نساء تغار، فتحجب صاحبها عن هموم سواه
همومك مثل الغواني تريدك كلَّكَ،
إن شاركتهن فيك هموم سواك تحررت من أسرهنَّ
يُشَتِّتنَ عينيك مثل البغايا
ويبنين حولك سجناً وجدرانه من مرايا
ويمعنَّ:
"حدق بوجهك يا نرجسَ الحسن والحزن
حدق هنا واستكن، وافتتن
بجمال الضحيَّةْ

ونرجسُ في ضفَّةِ النهرِ يجلسُ
لا تحسبوه وحيداً ففي الماء نرجسُ آخرُ أيضاً
ولا تحسبوا بطل القصة الولد المتكبر يعجبه وَجْهُهُ
إنما بطل القصة الولد الغارق المشتهي أن يعود إلى نفسِهِ
ولداً يتنفسُ
نرجس نرجسُ
آن لراوي الملاحم أن يعرف الحق من عكسِهِ
إن نرجسَ في النهر لا فوقَهُ
إن نرجس طفلٌ غريق
لا تحدق بصورة وهمٍ على شاطئ النهر واسبحْ
فليس سواك هنا، فانسه يا ابن أمي ولا تطمئن إلى أُنْسِهِ
لا تصدق مراياك حين تريك تجاعيد وجهك

تلك تجاعيدها هي لا أنت يا صاحبي
لا تصدق همومك حين تغار عليك، وتنصحْ
تقول لك اعتزل الناس حتى تصحَّ
تنحَّ عن الدربِ، إن الهزيمة قد رابطت عند بابك
فاسمح لها أن تمر لتسمحْ
فقل عندها، للهزيمة، لن أتنحى لتمضي
ولن تجدي خجلاً بي لأُغضي
وكسر مراياك قل للعجوز على الباب

أهلاً وسهلاً، تعال اشرب الشاي وامض إلى حيث شئت
فلا شأن لي بعدُ إن عشتَ أو متَّ
يا جدي الحزنَ
قم هاك موسى الحلاقةِ
خذ، هذه، سترةٌ وقميصٌ جديدٌ
وسِرْ، واسمُكَ الحزنُ، وافرحْ
ولا تخجل الآن من هبة الله، واجمَحْ
قضى الله بالخلل العبقري الذي يجعل المرء منكسراً حين يكملُ
مكتملاً حين يكسرُ، مستقتلاً حين يُجرَحْ

ليفترق النرجسان على النهرِ
هذا الأصيل وذاك الشَّبَحْ
ويا جدي الحزن، إنك طفل على شيبة الرأس
لا تعرف المشي إلا قليلاً
فقم وامش في الناس جهراً لتشفى من العرج العرضي
ومن شيبك المرضيِّ
وإن سألوك عن اسمك قل
لا اسم لي اليوم لكنني
من صباح غدٍ
سأُسَمَّى الفَرَحْ

PROFECIAS

"As nuvens sabem bem quanta água causou o dilúvio."

TAMÎM AL-BARGHOUTI

PROFECIA

nada radical
grandes cidades tombarão
o eterno fotógrafo diminuirá a luz de seus arranha-céus
e iluminará ratos e sacos de lixo pretos,
que brilharão como o domo do parlamento

nada radical
rachaduras crescerão na base das paredes como trepadeiras,
e como contrarrelâmpagos subirão do chão aos céus

nada radical
os galhos das árvores despidas de outono
se agarrarão como mãos numa enorme manifestação
e após longa discussão, as aves decidirão pelo não abandono

nada radical
estudantes não ficarão mais em filas
para saudar as bandeiras de seus países
estas, sim, formarão filas para saudar os estudantes

nada radical
a gazela se armará até os dentes

trajes de festa serão feitos de anéis de armaduras
todos se prepararão para o dever da hospitalidade

nada radical
uma mosca estranhamente insistente
pousará na coroa do César
e de sua posição honorável
imitará seus movimentos com extrema precisão

nada radical
os senhores diminuirão a quantidade do trigo
primeiro, de seus inimigos;
depois, de seus aliados
e depois, dos próprios filhos.
os senhores vão se pegar pelas gargantas
os aliados se arrependerão das alianças
os inimigos se arrependerão de sua animosidade
e naqueles que menos a esperavam, pousará a felicidade.

nada radical
nascerá uma nova religião, entre o Eufrates e o Nilo – como é de hábito
e como é de hábito, o regime militar de Davi desaparecerá

nada radical
o pingo de mel que brilha no horizonte oeste
completará sua descida diária para o mar
onde se diluirá, tornando a água um pouco mais doce

nada radical
a pomba continuará mentindo para a Arca de Noé
o corvo continuará alertando
os navios seguirão navegando
o dilúvio se tornará rotineiro,
como a abertura duma ode,
corriqueiro, como a sobrevivência

por isso, no navio,
e sem a ameaça das ondas,

os animais se olham, hienas e gazelas,
todos anseiam pela terra firme,
tão somente para seguir na perseguição

nada radical
as nuvens sabem bem quanta água causou o dilúvio,
por isso, na cena, são as mais calmas
e porque são nuvens afáveis
continuam enviando mensagens seguidas
para os que mais duvidam da salvação
para as velhas, cujas vidas dependem dos noticiários,
para os infantes nascidos com os punhos cerrados
as nuvens se desenham como palavras brancas num quadro azul:
”gente! Vitoriosos serão!”

PEQUENO CÉU
(trechos)

tenho um céu
como o céu
pequeno, azul
levo na cabeça
e caminho, entre vivos
no mundo de Deus
meu céu está na minha mão

tem tudo que o outro tem:
altivez, retração
fogo, água
antílopes vagantes – suas estrelas
híbrido – superior e tímido
tem ventos de sempre:
promessas, ameaças
tem história que se repete:
manhãs, noites
incomuns, porém, a cada vez
tem aves que voam sempre para trás:
saudade da terra deixada
não, da terra esperada
e quando desta migram
de tristeza quase se esvaem
(...)
tenho um céu como o outro céu:
pequeno, azul
levo-o sobre a cabeça
qual jornal, para proteger-me do sol
apesar da morte e desgraça que ele tem
(...)
quando estou só
à noite, em casa, só
amarro o céu, aos cantos suplico:
"derrame seu carinho!"
e ele, me atende: chuva de letras,

letras que cobrem o chão
em nada ocasionais...
sobre elas, sento-me então,
querendo arrumá-las, fazê-las significar
e assim reordeno a terra conforme meu crer e desejar
me tornando um outro Adão!
(...)
mudo os tempos a meu bel prazer
sobre a cabeça, tenho um mundo que é meu
meu céu é o mundo que não é mundo
mas é uma fênix
cobre-me com sua sombra
jogando suas asas sobre mim;
ela é quem me carrega e me leva
entre os vivos no mundo de Deus
(...)
longo é meu viajar nas garras da fênix
quase aterrissando, digo:
obrigado, fênix, obrigado
tudo na imaginação me deu
me fez rei de todo o universo
mas ainda tenho no peito um desejo
escreva no meu testamento
e que leiam em alta voz,
mais uma vez para mim:
quem dera, um chão, quem dera
qualquer chão
ao alcance de minha mão!

ALEGRIA

vejo meu desalento como um ancião de doce sorriso,
familiar, qual sem-teto, morador de rua;
deita-se à porta de minha casa,
me cumprimenta sorrindo, indo ou voltando, todo dia.
meu hóspede é um velho cansado
eu, anfitrião, em suas mãos sou cativo.

um anjo de muletas e asas nas costas,
"o que impede alguém como o senhor de voar?", pergunto
olhar abatido – sua resposta
meu velho hóspede mora na soleira de minha casa.
"que nome tem hoje, amigo?", pergunto
repreende-me que não quer ser compreendido:
"basta repartir seu pão comigo,
seja bonzinho, sente-se a meu lado"
e fico, mesmo sabendo que sua companhia será meu castigo
meu hóspede é aleijado,
parece um verso quebrado,
sem regra, sem metro, sem significado
e quando arrisco endireitá-lo, fica magoado

"quem sabe se levanta e se vai", penso
por isso, de propósito, o irrito
pergunto, firo-o, insisto
mas ele sabe do meu intuito
feitio do meu avô
se aproxima e me acaricia
fixo o olhar no seu rosto, então começa a se parecer comigo,
como se olhasse num rio de lágrimas ou num espelho d'água
e vejo meu rosto se envelhecendo devagar, devagar
sem saber quem de nós é o mais abatido

apesar da pena que sempre provoca,
há no desalento, um quê de narciso,
o triste se vê primeiro,
e tristezas são mulheres ciumentas

escondem seus homens de outras tristezas,
tristezas que o querem por inteiro,
dispersam seus olhos como prostitutas
constroem ao seu redor prisões de paredes espelhadas
“mire seu rosto, narciso da beleza e da tristeza!
mire aqui e contente-se; encante-se
com a beleza da vítima” – elas dizem

narciso à margem do rio se senta
e não pensem vocês que ele está só,
há outro narciso nas águas!
e não pensem vocês que nosso herói é o menino vaidoso que admira o rosto;
nosso herói é o menino que se afunda, desejando voltar a si:
um menino que respira
narciso, narciso
já é hora de o poeta saber a verdade de seu reflexo:
que narciso está no rio, não ao seu lado,
que narciso é um menino que se afunda;
não mire iludido a margem do rio; nade!
não há ninguém aqui a não ser você,
por isso, esqueça-o, filho de minha mãe, e não conte com ele;
não fie nos espelhos quando lhe mostram rugas
deles são as rugas, meu amigo, não suas
não acredite em suas dores ciumentas que aconselham:
“distancie-se das pessoas até ficar curado,
afaste-se, a derrota está estacionada à sua porta,
deixe-a passar”.
diga-lhe, pois: “não vou me afastar, nem desviar o olhar
para você passar”
quebre seus espelhos, diga ao velho na sua porta:

bem-vindo, venha tomar chá comigo e siga aonde desejar
pois não me importo se vive ou morre, triste avô
levante, traga a navalha
tome, agasalho e camisa nova
vá, seu nome é tristeza, alegre-se!
não se acanhe da dádiva de Deus. Capriche!
Deus ditou o desajuste genial
que quebra o homem quando este se completa

que o completa quando se quebra,
que o faz lutar quando ferido

que os dois narcisos sejam separados no rio –
o verdadeiro e o fantasma.
e você, meu avô abatido, de cabelo branco,
é uma criança, que mal sabe andar;
levante, pois, e caminhe entre as pessoas e se cure
de sua claudicância acidental
de seu gris doentio
e se lhe perguntarem o nome, diga:
"hoje, não tenho nome, mas amanhã de manhã,
serei chamado: alegria."

Poética da heresia

Héctor Escobar Gutiérrez

O texto: A *Poética da heresia* compreende uma seleção de sonetos extraídos de três livros publicados por Héctor Escobar Gutiérrez. Para o poeta colombiano, a poesia não é apenas canto, mas investigação e ascese, combinando magia e ciência para fundir naturezas dissímeis e antagônicas. Seu propósito: produzir espanto – virtude taumatúrgica – e atualizar potências mágico-alquímicas – virtude teúrgica – como um meio de elevação espiritual. "Sacrificar um mundo para polir um verso", é uma proposição que se aplica bem ao trabalho poético de Héctor.

Textos traduzidos: Escobar Gutiérrez, Héctor. *El libro de los cuatro elementos*. Pereira: Editorial Gráficas Olímpica, 1991; *El punto y la esfera*. Pereira: Talleres de Litografia Moderna Digital, 2004; *Estetas y heresiarcas*. Pereira: UNE Ediciones, 1987.

O autor: Tantrista, hermetista, alquimista, demonologista, Héctor Escobar Gutiérrez (1941-2014) é um poeta colombiano natural de Pereira. É considerado "obscuro" por seus leitores devido ao teor místico-esotérico de sua poesia. Foi, em um país fortemente católico, uma suma autoridade em matéria de satanismo, ocultismo e esoterismos (gaya scienza, tarô, demonologia, numerologia, tradição cabalística, alquimia, mitologias diversas). No fundo do seu satanismo – de ascendência baudelairiana e byroniana – reside uma atitude existencial iconoclasta, radicalmente filantrópica e antropocêntrico-humanista, uma sensibilidade poético-melancólica e pessimista face ao mistério da existência, e a busca – teúrgica, de viés luciferino – por atualizar os poderes arcanos pelos quais o iniciado pretende se libertar das cadeias deste mundo. Para além ou aquém de todo (neo)satanismo, o que subsiste de essencial a respeito da obra de Héctor é a intuição heterodoxa de um universo governado por forças do bem e do mal em pé de igualdade, num perpétuo embate de que se originam todas as coisas.

O tradutor: Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes é natural de Salvador, Bahia. Para a (n.t.) traduziu ensaios de Emil Cioran.

POÉTICA DE LA HEREJÍA

"Iniciado en el arte de ritos amatorios,
en el desnudo altar deposité mi exvoto."

HÉCTOR ESCOBAR GUTIÉRREZ

LA ORACIÓN DE JUDAS

Con el alma maldita por venderte
estoy en este infierno condenado;
por hacerte sangrar en el costado
no puedo, buen Jesús, dejar de verte.

Por sentirme culpable de tu suerte
el corazón, sangrante, llevo ahorcado
del palo de tu cruz, ¡Maestro amado!
y éste será el estigma de mi suerte.

Mas, tú resucitaste, Señor mío,
y yo sigo aterido por el frío
de un eterno desdén, incomprendido.

Pero tú sabes, Dios, allá en tu gloria,
que mi traidora acción aunque irrisoria
era un pacto con Cristo… y he cumplido.

OTRO

Otro hombre querer ser le es imposible
a aquel que vive a fondo la sentencia
de cargar como un fardo la conciencia,
de entender que existir es lo punible.

Nunca nadie ha podido ser distinto
al fantasma que habita su pellejo;
y que profundizando en su entrecejo,
ha hecho de su cráneo un laberinto.

El Emerson de Borges también quiso,
de su razón haciendo caso omiso,
ser diferente al hombre que había sido.

¿Emerson lo logró? Borges lo duda.
Porque serlo o no serlo a nadie ayuda,
sobre todo si el ciclo se ha cumplido.

A LA MUERTE

Sombra, ominosa sombra de otra sombra.
Muerte te denominan los mortales.
¿Cuándo habrán de acabar todos tus males?
¿Tanto matar impune, no te asombra?

Tanto escombro que dejas no se escombra.
Son tus nombres sinónimos letales.
Muerte, que oyendo estás en los umbrales,
del moribundo el ¡ay! con que te nombra.

¿Cuándo habrás de extinguirse silenciosa,
íntima muerte, grave, vaporosa,
para enterrarte al fin fuera del mundo?

Y así, en tu ruinoso cenotafio,
poder grabar este último epitafio:
Aquí yace la Muerte en lo profundo.

SOLEDUMBRE

Soledad, que mi cráneo así trepanas
con tu punzón de insidias al acecho,
que roes sin razón tras de mi pecho
mis vísceras y plétoras y membranas.

Cuánto zahieren, oh, tus cerbatanas
mi endeble ser, dejándolo maltrecho;
abriendo con sus dardos más el trecho,
del que mana mi crúor cual fontanas.

En las tardes y noches también hieres
con tus púas y cardos y alfileres,
de mi piel la epidermis con crueldad.

¿Soledad, di, hasta cuándo tu tormento
actuará sin conciencia en detrimento
de mi alma, de mi fe y de mi bondad?

VERSERÍA

Releyendo el Parnaso Colombiano
(apolillado libro que aún resguardo)
airado pienso que con tanto bardo,
no quedan más en el parnaso humano.

Ni restan plumas para tanta mano,
ni tantas rosas, ni irascible cardo,
ni términos castizos, ni lunfardo,
ni cacumen de esteta que esté sano.

Aquí el verso se coge por cosechas:
madrigales, almíbares y endechas,
se dan en este suelo cual yerbajos.

Aquí nacen más vates que mafiosos,
rico edén prometido a los ociosos,
es este lar de loros y arrendajos.

TORPORES

Desde adentro vacío siento el coco:
sin ideas, ni imágenes, ni nada;
de mi cráneo en el fondo agazapada
una sombra se alza poco a poco.

De mi caletre se ha fundido el foco,
la obscuridad acrece empecinada
en taponar la cauda iluminada,
que me hacía creer o sabio o loco.

En mí la pesantez es una tara
que pesa, apesadumbra y apesara,
acentuando un torpor que me apabulla.

Esta noche me veo como un tonto,
y escribo este soneto o sonetonto,
a ver si un crítico al leerlo aúlla.

VISIÓN DEL AMOR

Visión que ante mis ojos te desplazas,
sugiriendo la urgencia del deseo;
dando aún más ritmo al regio balanceo
de ese andar con que tanto me solazas.

Visión que aquí en mi espíritu entreveo
como un vívido signo, cuando trazas
con tu voz ese rayo con que emplazas,
este amor a que encumbre su aleteo.

Voz que siento vibrar rielando adentro:
en el vértice íntimo, en el centro,
de este abscóndito amor que al vuelo canta.

Que me eleva a las puras dimensiones
del ensueño y la luz y las visiones,
de este tu amor que en mi alma se agiganta.

AMAR SIEMPRE

Todo es un morirse igual,
si amor no aporta su llama;
pues, quien es amado y ama,
sabe de Amor lo esencial.

En cambio, aparece el mal,
si Amor al alma no inflama;
si sola en el yermo clama,
al ver su angustia abismal.

Sabed esto, oh amadores:
no son Amor resquemores,
no desidias, ni frialdad.

Amar, es el don profundo,
de ver elevarse el mundo
desde el Todo a la Unidad.

TIERRA, I

Roca, sueño del silencio
– ensueño de estalagmita –
de otro tempo – inaudita –
es la roca que presencio.

Pesantez que evidencio
en la piedra que gravita:
un ánima en ella dormita
y su ensueño reverencio.

Sueño pétreo de lo denso:
Roqueño, sólido, intenso,
ruda matriz cavernaria.

Roca de abismal negrura
que al caer en la hondura
se disgrega multivaria.

FUEGO, I

Por hurtar el fuego vivo
A los dioses inmortales,
Sufro angustias y males
Y Zeus me ha sido esquivo.

Atado al peñasco altivo
Bebo mis noches letales
y mi crúor a manantiales
brota por orden del divo.

Solo en medio de la noche
– noche de hosco reproche –
columbro mi vil destino.

Sufro un daño sin nombre
por otorgarle al hombre
del Fuego el rayo divino.

AGUA, I

Mi corazón es una fuente
de agua en sangre teñida
y no se restaña su herida
de aguasangre fluyente.

Oh, afluente insurgente
de roja tinta encendida,
de mi pecho, desprendida,
mana una linfa doliente.

Chorro de agua que manas
De mis íntimas fontanas,
límpido crúor nutricio.

De agua roja es el caudal
que oscura voz filial
loa con ritmo tristicio.

AIRE, I

Lucientes en la oquedad
de los cielos infinitos
los astros y meteoritos
rondan en la inmensidad.

Ah, lejos de la humanidad
y de sus horridos gritos,
asteroides y aerolitos
circulan con celeridad.

Más allá de lo imposible
voy con mi ala inaudible
en pos de lo desconocido.

Al ver la cima me apresto
y entilo mi ser enhiesto
hacia el azul encendido.

Estetas y heresiarcas: Safo

Las hermosas gimen – con ardor te evocan –,
ansían tu dulzura, el tacto de tus manos,
en noches de amor y de ensueños paganos
las ninfas locas tu caricia invocan.

Sus cuerpos de rosa serpean si se tocan
– de Lesbos rememoran los goces lejanos –,
sus núbiles cuerpos, jocundos y ufanos,
disfrutan sonriendo y a Eros provocan.

Yo también, ¡oh Safo!, te amo por tus cantos,
tus límpidos versos de rosas y acantos
y tu voz con rumores de gárrulas linfas.

Tan amorosa te memoro allá en Mitilene:
con pasión hechizaste a la alta Selene,
a Atis, a Telesica y a las divinas ninfas.

Estetas y heresiarcas: William Shakespeare

Hoy no he de loar la gloria del genial dramaturgo
– reconocida unánimemente en cualquier latitud –;
mas si al vate inmortal, que cual un nuevo Licurgo,
determinó las leyes líricas para pulsar el laúd.

Que recorrió a Inglaterra cual si fuera su burgo,
que en dramas y comedias demostró su excelsitud,
que en todas sus acciones fue como un taumaturgo,
que los cánones ortodoxos superó con su actitud.

Hoy he de loar al bardo de los impecables sonetos,
al cisne de estro fulgente, aún más alto que el Sol,
cuya aureola la comba de los cielos escuetos
y extiende al orbe inmenso los visos del arrebol.

El es, sin dudarlo, el verdadero rey de Inglaterra
y a la dominación de su cetro se doblega la Tierra.

Estetas y heresiarcas: **Don Quijote de la Mancha**

Con el yelmo sin pluma va el iluso Don Quijote
por la senda polvorienta de la real Castilla;
ya no florece en la Mancha su castiza semilla
y el cansado Rocinante va menguando su trote.

Una penuria que lo agobia hace honor a su mote
y de su lanza en ristre sólo queda una astilla;
y en tanto Sancho Panza se aduerme en su silla,
marcha el castellano como un escuálido zote.

Así ambulan por la vida las risibles figuras
de los dos caballeros y sus graves tristuras:
¡son el mismo retrato de la espléndida España!

Ellos son los hidalgos de una heroica hazaña,
en tiempos en que Hispania no tenía confines,
en tiempos de Dulcineas y altivos paladines!

Estetas y heresiarcas: Rainer Maria Rilke

, anhelante, soñando claridades,
con sus manos laxas y sus ojos cansados,
el lírico observa los matices rosados
que el ocaso funde en azules oquedades.

Distante del mundo y de sus veleidades,
acompasa su verso con acentos soñados;
elegías entona con ritmos cincelados
y órficos sonetos en aéreas soledades.

Silente viajero de faz imperceptible,
magnífico lirida de música inaudible
cuya voz asciende a la esfera luminosa.

Su final fue la imagen exacta de su vida
– la muerte era su amor, su musa preferida –:
matole la belleza, la espina de una rosa.

Estetas y heresiarcas: **Charles Baudelaire**

Con vértigo a la sima del vino y de la droga
cayó tu ser, ¡oh albatros, oh rey de la altura!,
y hundido en el fondo de la fétida hondura
el mal que te condena en su negror te ahoga.

Hacia abajo, más hondo, tu sino ignito boga,
inmutable al dolor, a la infernal tortura,
y asemeja tu figura una pétrea escultura
que nunca ante nada por su impiedad aboga.

Proscrita de los cielos fue tu alma un día
por blasfemar de Dios con rebelde porfía
y por rendirle alabanza a Satán el inicuo.

Maestro de la vida, del verso y del espanto,
jamás ningún poeta trascenderá tu canto
porque así como Dios, tú eres el conspicuo.

Estetas y heresiarcas: Stephane Mallarmé

Orfebre de silencios, suspensos, estructuras,
de tropos, de sintaxis y conceptos abstractos,
ordenaste con método las consonancias puras,
domeñaste a los númenes con sibilinos pactos.

Geómetra cerebral que la realidad clausuras,
conjuraste el azar con antelación a los actos;
fuiste el nuevo Orfeo de cifradas partituras,
le diste al francés la idea y los tonos exactos.

La figura simbólica, delicuescente, concreta,
perfila los contornos de espléndida lucidez,
sin que se difumine su quintaesencia secreta.

No obstante el misterio del vocablo absoluto,
lo auténtico se connota en la musical fluidez
que augura el movimiento de tu verso impoluto.

Estetas y heresiarcas: Antonin Artaud

"Dadnos cráneos ardientes de braseros!",
pediste en el acto atroz de la demencia
y calcinada por el fuego de tu conciencia
no la apagaron ventiscas ni aguaceros.

Crepitaron los incendios y yesqueros
desde el abismo a la cima, sin clemencia;
ante las llamas no hiciste reticencia,
muy pocos fueron contigo los pioneros.

Entre los ignícolas fuiste el elegido
para ser en eternas flamas convertido:
¡antorcha de los volcanes clausurados!

Místico sin Dios, quemado en la hondura,
que imploraste en plegarias de locura:
"cráneos por tu presencia atravesados!"

Estetas y heresiarcas: **Fedor Dostoievsky**

Sumido en la abstracción de visiones penosas,
con los ojos dolidos de contemplar el espanto
y el alma zaherida por las dudas y el quebranto,
memoras la inclemencia de las noches nevosas.

Recuerdas los minutos, las horas tormentosas
sentidas ante la muerte con un interno llanto:
cárcel, destierro, epilepsia, ¡oh héroe, oh santo!,
tú conociste el secreto de las almas ominosas.

Sólo tú pudiste en vida sentir tales horrores,
sin experimentar el goce de lenitivos amores
que dieran a tu existir el balsámico consuelo.

Todo lo comprendiste, el crimen y las pasiones,
y el premioso alud de tantísimas decepciones
te abismó, fatalmente, en lo hondo del subsuelo.

Estetas y heresiarcas: **Autorretrato**

Tantrista, goético, del demonio devoto,
asiduo lector de los impíos grimorios,
iniciado en el arte de ritos amatorios,
en el desnudo altar deposité mi exvoto.

Del pavor en que vivo mi ser está inmoto,
ardo en las simas de báratros ustorios,
actúo tras la faz de rostros ilusorios,
mi espíritu vaga desde un siglo remoto.

De las musas recibo sus mágicos soplos,
la rima decanto con buriles y escoplos
y el ritmo percibo de las altas esferas.

Mi voz con fe musita su treno diabólico
y a mi ser abrasa un círculo parabólico
en cuyo centro arden míticas hogueras.

In Memoriam: Emil Cioran

Es sin duda Cioran el heresiarca
de este mundo convulso, postmoderno;
de este mundo que es símil del infierno
y en el cual reina impávida la parca.

El caos y la crisis su obra abarca
porque el desastre ha sido y es eterno;
por eso él – ni adalid, ni subalterno –
es del pensar anárquico el patriarca.

El sin par, el sarcástico, el rotundo,
el que observa la vida en lo profundo,
con el ojo de un místico extraviado.

Brindo a él estos versos en memoria,
Para exaltar la ascesis perentoria
De ese su estilo crítico y crispado.

Poética da heresia

"Iniciado na arte de ritos amatórios,
no desnudo altar depositei meu ex-voto."

HÉCTOR ESCOBAR GUTIÉRREZ

A ORAÇÃO DE JUDAS

Com a alma maldita por vender-te,
neste inferno estou que me deve condenar;
por fazer-te nas costas sangrar
não posso, bom Jesus, deixar de ver-te.

Por sentir-me culpado de tua sorte
o coração, sangrando, levo enforcado
da madeira de tua cruz, Mestre amado!
e este será o estigma de minha sorte.

Mas tu ressuscitaste, Senhor meu,
e paralisado pelo frio sigo eu
de um eterno desdém, incompreendido.

Mas tu sabes, Deus, aí em tua glória,
que minha traidora ação, embora irrisória
era um pacto com o Cristo... e foi cumprido.

OUTRO

Outro homem querer ser lhe é impossível
a quem vive a fundo a sentença
de carregar como um fardo a consciência
de entender que existir é o punível.

Ninguém nunca pôde ser distinto
do fantasma que habita sua pelanca;
e que franzindo a sua carranca,
fez do seu crânio um labirinto.

O Emerson de Borges também havia querido
de sua razão fazendo omissão
ser diferente do homem que havia sido.

Emerson conseguiu? Borges tem suas dúvidas.
Porque sê-lo ou não sê-lo a ninguém ajuda,
ainda mais se o ciclo foi cumprido.

À MORTE

Sombra, ominosa sombra de outra sombra.
Morte te denominam os mortais.
Quando haverão de cessar todos os teus males?
Tanto matar, impune, não te assombra?

Tanto escombro que deixas não se cerceia.
São teus nomes sinônimos letais
Morte, escutando que estás nos umbrais,
do moribundo, o ai! com que te nomeia.

Quando haverás de extinguir-se, silenciosa,
íntima morte, grave, vaporosa,
para sepultar-se, enfim, fora do mundo?

E assim, em teu ruinoso cenotáfio,
Poder gravar este último epitáfio:
Aqui jaz a Morte no profundo.

SOLIDÃO

Solidão, que meu crânio trepanas
com teu punção de insídias me espreitas,
que róis sem razão por detrás do meu peito
minhas vísceras, pletoras e membranas.

Como ferem, ó, tuas zarabatanas
o meu fraco ser, deixando-o em frangalhos;
abrindo com seus dardos o retalho,
de que emana meu cruor como fontanas.

Nas tardes e nas noites também feres
com tuas puas e cardos e alfinetes
de minha pele a epiderme com crueldade.

Solidão, diz, até quando teu tormento
atuará sem consciência, em detrimento
de minh'alma, minha fé e minha bondade?

VERSARIA

Relendo o Parnaso colombiano
(estraçalhado libro que ainda guardo)
irado penso que, com tanto bardo,
já não quedam no parnaso humano.

Nem restam penas para tanta mão,
nem tantas rosas, nem irascível cardo,
nem termos castiços, nem lunfardo,
nem agudezas de esteta que esteja são.

Aqui o verso se colhe por colheitas:
madrigais, caldas e endechas
brotam deste solo como ervas.

Aqui nascem mais vates que mafiosos,
rico éden prometido aos ociosos,
é este o lar de louros e gaios.

TORPORES

Lá dentro vazio sinto o coco:
sem ideias, nem imagens, nem nada;
do meu crânio no fundo entocada
uma sombra se alça pouco a pouco.

Do meu discernimento fundiu-se o foco,
a escuridão aumenta obstinada
a tamponar a cauda iluminada
que me fazia crer-me sábio ou louco.

Em mim a gravidade é uma tara
que pesa, entristece e estraçalha,
acentuando um torpor que só me ferra.

Esta noite me vejo como um tonto,
e escrevo este soneto ou sonetonto,
para ver se um crítico, ao lê-lo, berra.

VISÃO DO AMOR

Visão, que ante meus olhos te deslocas,
sugerindo a urgência do desejo;
dando ainda mais ritmo ao régio sacolejo
desse andar com que tanto me provocas.

Visão que no meu espírito entrevejo
como um vívido signo, quando combinas
com tua voz esse raio com que intimas,
este amor que exalta com seu adejo.

Voz que sinto vibrar soando adentro:
no vértice íntimo, no centro,
deste abscôndito amor em voo canta.

Que me eleva a puras dimensões
da fantasia da luz e das visões,
de teu amor que em minh'alma se agiganta.

AMAR SEMPRE

Tudo é morrer, banal,
se amor não provê sua chama;
pois, quem é amado e ama
sabe do Amor o essencial.

E então aparece o mal,
se o Amor a alma não inflama;
se ela solitária no deserto clama,
ao ver sua angústia abismal.

Sabei-lo, ó, amadores:
não são Amor os pesares interiores,
nem negligência, nem frialdade.

Amar é o dom profundo,
de ver elevar-se o mundo
do Todo à Unidade.

TERRA, I

Rocha, sonho do silêncio
– faz fantasia de estalagmite –
de outro tempo – inaudita –
é a rocha que presencio.

Gravidade que evidencio
na pedra que gravita:
uma alma nela dormita
e sua fantasia reverencio.

Sonho pétreo do denso
rochoso, sólido, intenso,
rude matriz cavernosa.

Rocha de abismal negrura
que ao cair na fundura
se desagrega multiformosa.

FOGO, I

Por furtar o fogo vivo
dos deuses imortais
sofro angústias e males
e Zeus me foi esquivo.

Atado ao penhasco altivo
bebo minhas noites letais
e meu cruor, em mananciais,
brota por ordem do divo.

Só no meio da noite
– noite de tosco reproche –
vislumbro meu torpe destino.

Sofro um mal sem nome
por outorgar ao homem
do Fogo o raio divino.

ÁGUA, I

Meu coração é uma fonte
de água em sangue tingida
e não se estanca sua ferida
de água-sangue aos montes.

Oh, afluente insurgente
de rubra tinta acendida,
do meu peito desprendida,
emana uma ninfa dolente.

Jorro de água, tu emanas
de minhas íntimas fontanas,
límpido cruor nutritivo.

De rubra água é o caudal
que obscura voz filial
louva com ritmo aflitivo.

AR, I

Do ponto à periferia
vou atrás de níveas esferas
com minhas asas tão ligeiras
transcenderei a matéria.

Ah, longe da humanidade
e de seus hórridos gritos,
asteroides e aerólitos
circulam com celeridade.

Para além do impossível
vou com minha asa inaudível
em busca do desconhecido.

Vendo o cume me preparo
e tisno meu ser elevado
até o azul reluzindo.

Estetas e heresiarcas: **Safo**

As charmosas gemem – com ardor te evocam –,
anseiam tua doçura, o tato de tuas mãos,
em noites de amor e de sonhos pagãos
as ninfas loucas tua carícia invocam.

Seus corpos de rosa serpeiam se se tocam
– de Lesbos rememoram os gozos distantes –,
Seus nubilosos corpos, jucundos e ovantes,
Desfrutam sorrindo e a Eros provocam.

Eu também, ó Safo!, te amo por teus cantos,
teus límpidos versos de rosas e acantos
e tua voz com rumores de gárrulas linfas.

Tão amorosa te recordo lá em Mitilene:
com paixão enfeitiçaste a alta Selene,
Átis, Telésica e as divinas ninfas.

Estetas e heresiarcas: **William Shakespeare**

Hoje não hei de louvar a glória do genial dramaturgo
– reconhecida unanimemente em qualquer latitude –;
mas se ao vate imortal que, como um novo Licurgo,
determinou as leis líricas para pulsar o alaúde.

Que recorreu a Inglaterra como se fosse seu burgo
que em dramas e comédias demonstrou excelsitude,
que em todas suas ações foi como um taumaturgo,
que os cânones ortodoxos superou com sua atitude.

Hoje hei de louvar o bardo de impecáveis sonetos,
o cisne de inspiração fulgente, mais alto que o Sol,
cuja auréola a arqueia dos céus estreitos
e estende ao orbe imenso os reflexos do arrebol.

Ele é, sem dúvida, o verdadeiro rei da Inglaterra
e à dominação do seu cetro se submete a Terra.

Estetas e heresiarcas: Dom Quixote de la Mancha

Com o elmo sem pluma vai o iluso Dom Quixote
pela senda empoeirada da real Castela;
já não arde em la Mancha sua castiça centelha
e o cansado Rocinante vai minguando seu trote.

Uma penúria que o agonia honra seu mote
e de sua lança em riste resta só um toco de madeira
e no entanto Sancho Pança adormece em sua cadeira,
marcha o castelhano como um esquálido zote.

Assim perambulam pela vida as risíveis figuras
dos cavaleiros e suas graves tristuras:
são o retrato mesmo da esplêndida Espanha!

São os fidalgos de uma heroica façanha,
dos tempos em que a Espanha não tinha confins,
dos tempos de Dulcineias e de altivos paladins!

Estetas e heresiarcas: **Rainer Maria Rilke**

Tímido, ofegante, sonhando claridades,
com suas mãos lassas e seus olhos cansados,
o lírico observa os matizes rosados
que o crepúsculo funde em azuis vacuidades.

Distante do mundo e de suas veleidades,
cadencia seu verso com acentos sonhados;
elegias entoa com ritmos cinzelados
e órficos sonetos em aéreas soledades.

Silente viageiro de face imperceptível,
magnífica lírida de música inaudível
cuja voz ascende à esfera luminosa.

Seu final foi a imagem exata de sua vida
– a morte era seu amor, sua musa preferida –:
matou-o a beleza, o espinho de uma rosa.

Estetas e heresiarcas: Charles Baudelaire

Com vertigem ao cimo do vinho e da droga
caiu teu ser, ó albatroz, oh rei das alturas!,
e enterrado no fundo da fétida fundura
o mal que te condena em seu negror te afoga.

Abaixo, mais fundo, teu sino ígneo voga,
imutável à dor, à infernal tortura,
e assemelha tua figura a uma pétrea escultura
que nunca, ante nada, por sua impiedade advoga.

Proscrita dos céus foi tua alma um dia
por blasfemar contra Deus com rebelde porfia
por render homenagem a Satã, o iníquo.

Mestre da vida, do verso e do espanto,
nenhum poeta jamais transcenderá teu canto
porque, assim como Deus, tu eres o conspícuo.

Estetas e heresiarcas: **Stephane Mallarmé**

Ourives de silêncios, suspensos, estruturas,
de tropos, sintaxes e conceitos abstratos,
ordenaste com método as consonâncias puras,
dominaste os númenos com sibilinos pactos.

Geômetra cerebral que a realidade enclausura,
conjuraste o azar antecipando os atos;
foste o novo Orfeu de cifradas partituras,
deste ao francês a ideia e o tom exatos.

A figura simbólica, deliquescente, concreta,
perfila os contornos de esplêndida lucidez,
sem que se esfume sua quintessência secreta.

Não obstante o mistério do vocábulo absoluto,
o autêntico se conota na musical fluidez
que augura o movimento do teu verso impoluto.

Estetas e heresiarcas: **Antonin Artaud**

"Dai-nos crânios ardentes de braseiros!",
pediste no ato atroz da demência
e calcinada pelo fogo da tua consciência
não a apagaram tormentas nem aguaceiros.

Crepitaram os incêndios e
do abismo às cimas, sem clemência;
ante as chamas não fizeste reticência,
poucos foram contigo os pioneiros.

Entre os ignícolas foste o elegido
para ser em eternas flamas convertido:
tocha dos vulcões enclausurados!

Místico sem Deus, queimado na fundura,
que imploraste em preces de loucura:
"crânios por tua presença atravessados!"

Estetas e heresiarcas: **Fiódor Dostoiévski**

Sumido na abstração de visões penosas,
com os olhos doídos de tanto contemplar o espanto
e a alma apunhalada pelas dúvidas e o quebranto,
recordas a inclemência das noites nevosas.

Recordas os minutos, as horas tormentosas
sentidas ante a morte com um interno pranto:
cárcere, desterro, epilepsia, ó herói, ó santo!,
tu conheceste o segredo das almas ominosas.

Apenas tu pudeste em vida sentir tais horrores,
sem experimentar o gozo de lenitivos amores
que deram a teu existir o balsâmico consolo.

Tudo compreendeste, o crime e as paixões,
E a premida avalanche de tantas decepções
Te abismou, fatalmente, no fundo do subsolo.

Estetas e heresiarcas: Autorretrato

Tantrista, goético, do demônio devoto,
assíduo leitor dos ímpios grimórios,
iniciado na arte de ritos amatórios,
no desnudo altar depositei meu ex-voto.

Do pavor em que vivo meu ser está imoto
ardo nas cimas de báratros ustórios,
ajo em busca da face de rostos ilusórios,
meu espírito vaga desde um século remoto.

Das musas recebo seus mágicos sopros,
a rima decanto com buris e escopros
e o ritmo percebo das altas esferas.

Minha voz com fé seu treno diabólico
e meu ser abrasa um círculo parabólico
em cujo centro ardem míticas fogueiras.

In Memoriam: Emil Cioran

É Cioran sem dúvida o heresiarca
deste mundo convulso, pós-moderno;
deste mundo que é símile do inferno
e onde impávida reina a parca.

O caos e a crise sua obra abarca
porque o desastre é e foi eterno;
por isso – nem adail nem subalterno –
é do pensar anárquico o patriarca.

O sem par, o sarcástico, o rotundo,
o que observa a vida no profundo
com o olho de um místico extraviado.

Brindo a ele estes versos em memória
Para exaltar a ascese peremptória
desse seu estilo crítico e crispado.

A Canção do Ferro

Lola Ridge

O texto: *A Canção do Ferro* foi publicada originalmente em uma coletânea de autores reunida por Alfred Kreymborg e intitulada *Others for 1919: An Anthology of the New Verse*, em 1920. Composto de quatro estrofes escritas em verso livre, o poema associa a profecia do retorno do Cristo ao desmantelamento das colossais engrenagens da mecânica capitalista. À mortificação imposta ao homem pela implacável exploração de sua força de trabalho, o poema opõe a exuberância viva do instante.

Texto traduzido: Ridge, L. *Other for 1919: An Anthology of the New Verse*. New York: Nicholas Brown, 1920.

A autora: Rose Emily Ridge (1873-1941), ou Lola Ridge, nasceu em Dublin, Irlanda. Aos treze anos, emigrou com a mãe para a Nova Zelândia, onde se casou e se tornou politicamente ativa, envolvendo-se com o anarquismo e o feminismo. Divorciada, mudou-se em 1907 para São Francisco, EUA. Lá ela passou a assinar como Lola Ridge, poeta, editora e pintora. Seu primeiro livro *The Ghetto and other poems* foi publicado em 1918, seguido de *Sun-Up and Other Poems* (1920), *Red Flag* (1927), *Firehead* (1929) e *Dance of Fire* (1935).

O tradutor: Tiago Ribeiro Nunes é graduado em Psicologia pela PUC-GO, Mestre em Letras e Linguística pela UFG e Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB. É Professor Adjunto do Curso de Psicologia da UFG-RC.

THE SONG OF IRON

"Dawn is aglow in the light of the Iron...
All palpitant, I wait…"

LOLA RIDGE

I

NOT yet hast Thou sounded
Thy clangorous music,
Whose strings are under the mountains...
Not yet hast Thou spoken
The blooded, implacable Word...

But I hear the iron singing –
In the triumphant roaring of the steam and pistons
pounding –
Thy barbaric exhortation...
And the blood leaps in my arteries, unreproved,
Answering Thy call...
All my spirit is inundated with the tumultuous passion
of Thy Voice,
And sings exultant with the Iron,
For now I know I too of Thy Chosen...

Oh fashioned in fire –
Needing flame for Thy ultimate word –
Behold me, a cupola
Poured to Thy use!

Heed not my tremulous body
That faints in the grip of Thy gauntlet.
Break it... and cast it aside...
But make of my spirit
That dares and endures
The crucible...
Pour through my soul
Thy molten, world-whelming song.

... Here at Thy uttermost gate
Like a new Mary, I wait...

II

Charge the blast furnace, workman...
Open the valves –
Drive the fires high...
(Night is above the gates.)

How golden-hot the ore is
From the cupola spurting,
Tossing the flaming petals
Over the silt and the furnace ash –
Blown leaves, devastating,
Falling about the world...

Out of the furnace mouth –
Out of the giant mouth –
The raging, turgid mouth –
Fall fiery blossoms
Gold with the gold of buttercups
In a field at sunset,
Or huskier gold of dandelions,
Warmed in sun-leavings,
Or changing to the paler hue
At the creamy heart of primroses.

Charge the converter, workman –
Tired from the long night?

But the earth shall suck up darkness –
The earth that holds so much...
And out of these molten flowers,
Shall shape the heavy fruit...

Then open the valves –
Drive the fires high,
Your blossoms nurturing.
(Day is at the gates
And a young wind....)
Put by your rod, comrade,
And look with me, shading your eyes...
Do you not see –
Through the lucent haze
Out of the converter rising –
In the spirals of fire
Smiting and blinding,
A shadowy shape
White as a flame of sacrifice,
Like a lily swaying?

III

The ore is leaping in the crucibles,
The ore communicant,
Sending faint thrills along the leads...
Fire is running along the roots of the mountains...
I feel the long recoil of the earth
As under a mighty quickening...
(Dawn is aglow in the light of the Iron...)
All palpitant, I wait…

IV

Here ye, Dictator – late Lords of the Iron,
Shut in your council rooms, palsied, depowered –
The blooded, implacable Word?
Not whispered in cloture, one to the other,

(Brother in fear of the fear of his brother…)
But chanted and thundered
On the brazen, articulate tongues of the Iron
Babbling in flame…

Sung to the rhythm of prisons dismantled,
Manacles riven and ramparts defaced…
(Hearts death-anointed yet hearing life calling…)
Ankle chains bursting and gallows unbraced…
Sung of the rhythm of arsenals burning…
Clangor of iron smashing on iron,
Turmoil of metal and dissonant baying
Of mail-sided monsters shattered asunder…

Hulks of black turbines all mangled and roaring,
Battering egress through ramparted walls…
Mouthing of engines, made rabid with power,
Into the holocaust snorting and plunging…

Mighty converters torn from their axes,
Flung to the furnaces, vomiting fire,
Jumbled in white-heated masses disshapen…
Writing in flame-tortured levers of iron…

Gnashing of steel serpents twisting and dying…
Screeching of steam-glutted cauldrons rending…
Shock of leviathans prone on each other…
Scale flanks touching, ore entering ore…
Steel haunches closing and grappling and swaying
In the waltz of the mating locked mammoths of iron,
Tasting the turbulent fury of living,
Mad with a moment's exuberant living!
Crash of devastating hammers despoiling…
Hands inexorable, marring
What hands had so cunningly moulded…

Structures of steel welded, subtly tempered,
Marvelous wrought of the wizards of ore,

Torn into octaves discordantly clashing,
Chords never final but onward progressing
In monstrous fusion of sound never smiting on sound in mad vortices whirling...

Till the ear, tortured, shrieks for cessation
Of the raving inharmonies hatefully mingling...
The fierce obligate the steel pipes are screaming...
The blare of the rude molten music of Iron…

A Canção do Ferro

"A aurora resplandece ao brilho do Ferro...
Trêmula, eu espero..."

LOLA RIDGE

I

AINDA não fizeste soar
Tua música estridente,
Cujas cordas jazem sob as montanhas...
Ainda não disseste
A iniciática, inexorável Palavra...

Mas ouço na canção do ferro –
No rugido triunfante do vapor e dos pistões
  que martelam –
Tua primitiva exortação
E o sangue pulsa em minhas artérias, imaculado,
Respondendo ao Teu chamado...
O meu espírito transborda com a tumultuosa paixão
  de Tua Voz,
E canta exultante com o Ferro,
Pois agora eu sei que estou entre os Teus Escolhidos...

Oh, vestido-de-fogo –
Flama carente de Tua palavra final –
Eis-me aqui, uma cúpula
Posta para o Teu uso!

Não repares meu corpo trêmulo
Que desvanece sob a pressão de Tua manopla.
Quebra-o... e lança-o fora...
Mas faze de meu espírito
Que ele ouse e perdure
À Tua paixão...
Verte em minha alma
Teu magma, canção-de-um-mundo-submerso.

... Aqui, no Teu derradeiro portão,
Como uma nova Maria, eu espero...

II

Alimenta a caldeira, operário...
Abre as válvulas –
Alteia as chamas...
(A noite paira sobre os portões.)

Quão rubro é o minério fundido
Que jorra da cúpula,
Arremessando pétalas flamejantes
Sobre o lodo e as cinzas –
Folhas sopradas, devastadas,
Caem sobre o mundo...

Da boca da fornalha –
Da imensa boca –
A colérica e túmida boca –
Caem furiosas flores de fogo
Douradas como dourados são os botões-de-ouro
No campo ao pôr do sol,
Ou a mais dourada película dos dentes-de-leão,
Aquecidos ao ocaso,
Ou mudando para a cor mais pálida,
Nos corações cor-de-creme das prímulas.

Alimenta a fornalha, operário –
Cansado da longa noite?

Mas a terra sorverá o negrume –
A terra que tanto possui...
E dessas flores fundidas,
Será moldado o pesado fruto...

Abre, pois, as válvulas –
Alteia as chamas,
Suas flores nutrindo.
(O dia está às portas
E um jovem vento...)
Põe de lado o teu cajado, camarada,
E olha comigo, protegendo os olhos...
Não vês –
Através da névoa luzente
Que sobe da fornalha –
Nas espirais de fogo
Que castigam e cegam,
A sombria forma
Alva como a chama do sacrifício,
Como um lírio que balança?

III

O minério salta nos crisóis,
O minério-eclesial,
Transmitindo débeis emoções junto do chumbo...
Corre o fogo pelas raízes das montanhas,
Sinto a longa retração da terra
Sob uma poderosa aceleração...
(A aurora resplandece ao brilho do Ferro...)
Trêmula, eu espero...

IV

Eis aqui, Tirano – os últimos Senhores do Ferro,
Fechados em concílio, paralíticos, impotentes –,
A iniciática, inexorável Palavra?
Não sussurradas em surdina, de um a outro,

(O irmão teme o temor de seu irmão...)
Mas bramidas e ribombadas
No bronze, articuladas línguas do Ferro
Balbuciam nas chamas...

Cantou ao ritmo das prisões desmanteladas,
Despedaçados grilhões e desfigurados baluartes...
(Corações ungidos-de-morte que ouvem o chamado da vida...)
Correntes partidas e nós-de-forca desfeitos...
Cantou ao ritmo da artilharia...
Clangor de ferro esmagando o ferro,
Agito de metal e uivos dissonantes
De monstros incoerentes, feitos em pedaços...

Cascos de negras turbinas, todas feridas e rugindo,
Batendo em retirada através das paredes...
Murmúrio de motores, poderosamente raivosos,
Tomando fôlego e mergulhando no holocausto...

Poderosos crisóis arrancados de seus eixos,
Atirados às fornalhas, vomitando fogo,
Confundidos em massas branco-aquecidas disformes
Contorcendo-se nas chamas-torturadas do ferro...

Ranger de serpentes de aço, que se torcem e morrem...
Som agudo de caldeirões fendidos pelo vapor-saturado...
Choque de leviatãs, deitados uns sobre os outros...
Os flancos laterais se tocando, minério penetrando minério...
Ancas de aço se aproximam e se agarram e se debatem
Na valsa do acasalamento, acoplados mamutes de ferro,
Experimentando a fúria turbulenta da vida,
Loucos com a exuberância viva do instante!
Bater de devastadores martelos despojados...
Mãos inexoráveis, unindo
Aquilo que as mãos tão astuciosamente moldaram...

Estruturas de aço soldado, sutilmente temperadas,
Admirável lavra dos magos do minério,

Rasgado em oitavas discordantemente conflitantes,
Instáveis acordes que prosseguem adiante
Na monstruosa fusão do som jamais alcançada em loucos vórtices girantes...

Até que o ouvido, torturado, implore pelo fim
Das delirantes dissonâncias odiosamente ajambradas...
A feroz sujeição vociferada pelos canos de aço...
O eco da brutal música fundida em Ferro...

MORTE D'ARTHUR

ALFRED TENNYSON

O TEXTO: O poema *Morte D'Arthur* (1842), de Alfred Tennyson, foi incorporado ao livro *Idylls of the King* (1859-1885). Dos poemas arturianos, seguindo *The Lady of Shallot*, *Le Morte D'Arthur* é o primeiro baseado na obra de Malory. Influenciado pela morte de Arthur Hallam, idealiza o amigo na figura do Rei Arthur, e trata da perda em poemas como *Ulysses*, *Tithonus* e *In Memoriam A.H.H.*

Texto traduzido: *English Poetry III*: From Tennyson to Whitman. Vol. XLII. The Harvard Classics. New York: P.F. Collier & Son, 1909-14.

O AUTOR: Alfred Tennyson (1809-1892) foi poeta laureado da Grã-Bretanha e Irlanda durante a maior parte do reinado da Rainha Vitória, sucedendo Wordsworth. Sua poética trata de ampla gama de temas: políticos e históricos, assuntos científicos, mitológicos, e profundos sentimentos pessoais, sendo voz fundamental da consciência nacional da sociedade vitoriana, contribuindo para a poesia inglesa do século XIX.

O TRADUTOR: Rubens Canarim é poeta e tradutor. Atualmente, trabalha com a tradução de uma antologia de Alfred Tennyson (Ed. Tipografia Musical), Sir Thomas Malory e outros ingleses. Escreve também seu primeiro livro de poemas, *Prelúdio*.

MORTE D'ARTHUR

"My end draws nigh; 'tis time that I were gone."

ALFRED TENNYSON

So all day long the noise of battle roll'd
Among the mountains by the winter sea;
Until King Arthur's table, man by man,
Had fall'n in Lyonnesse about their Lord,
King Arthur: then, because his wound was deep,
The bold Sir Bedivere uplifted him,
Sir Bedivere the last of all his knights,
And bore him to a chapel nigh the field,
A broken chancel with a broken cross,
That stood on a dark strait of barren land.
On one side lay the Ocean, and on one
Lay a great water, and the moon was full.

Then spake King Arthur to Sir Bedivere:
"The sequel of to-day unsolders all
The goodliest fellowship of famous knights
Whereof this world holds record. Such a sleep
They sleep—the men I loved. I think that we
Shall never more, at any future time,
Delight our souls with talk of knightly deeds,
Walking about the gardens and the halls
Of Camelot, as in the days that were.
I perish by this people which I made,—
Tho' Merlin sware that I should come again

To rule once more—but let what will be, be,
I am so deeply smitten thro' the helm
That without help I cannot last till morn.
Thou therefore take my brand Excalibur,
Which was my pride: for thou rememberest how
In those old days, one summer noon, an arm
Rose up from out the bosom of the lake,
Clothed in white samite, mystic, wonderful,
Holding the sword—and how I row'd across
And took it, and have worn it, like a king:
And, wheresoever I am sung or told
In aftertime, this also shall be known:
But now delay not: take Excalibur,
And fling him far into the middle mere:
Watch what thou seëst, and lightly bring me word."

To him replied the bold Sir Bedivere:
"It is not meet, Sir King, to leave thee thus,
Aidless, alone, and smitten thro' the helm.
A little thing may harm a wounded man.
Yet I thy hest will all perform at full,
Watch what I see, and lightly bring thee word."

So saying, from the ruin'd shrine he stept
And in the moon athwart the place of tombs,
Where lay the mighty bones of ancient men,
Old knights, and over them the sea-wind sang
Shrill, chill, with flakes of foam. He, stepping down
By zig-zag paths, and juts of pointed rock,
Came on the shining levels of the lake.

There drew he forth the brand Excalibur,
And o'er him, drawing it, the winter moon,
Brightening the skirts of a long cloud, ran forth
And sparkled keen with frost against the hilt:
For all the haft twinkled with diamond sparks,
Myriads of topaz-lights, and jacinth-work
Of subtlest jewellery. He gazed so long

That both his eyes were dazzled, as he stood,
This way and that dividing the swift mind,
In act to throw: but at the last it seem'd
Better to leave Excalibur conceal'd
There in the many-knotted waterflags,
That whistled stiff and dry about the marge.
So strode he back slow to the wounded King.

Then spake King Arthur to Sir Bedivere:
"Hast thou perform'd my mission which I gave?
What is it thou hast seen? or what hast heard?"

And answer made the bold Sir Bedivere:
"I heard the ripple washing in the reeds
And the wild water lapping on the crag."

To whom replied King Arthur, faint and pale:
"Thou has betray'd thy nature and thy name,
Not rendering true answer, as beseem'd
Thy fëalty, nor like a noble knight:
For surer sign had follow'd, either hand,
Or voice, or else a motion of the mere.
This is a shameful thing for men to lie.
Yet now, I charge thee, quickly go again
As thou art lief and dear, and do the thing
I bade thee, watch, and lightly bring me word."

Then went Sir Bedivere the second time
Across the ridge, and paced beside the mere,
Counting the dewy pebbles, fix'd in thought;
But when he saw the wonder of the hilt,
How curiously and strangely chased, he smote
His palms together, and he cried aloud,

"And if indeed I cast the brand away,
Surely a precious thing, one worthy note,
Should thus be lost for ever from the earth,
Which might have pleased the eyes of many men.

What good should follow this, if this were done?
What harm, undone? deep harm to disobey,
Seeing obedience is the bond of rule.
Were it well to obey then, if a king demand
An act unprofitable, against himself?
The King is sick, and knows not what he does.
What record, or what relic of my lord
Should be to aftertime, but empty breath
And rumours of a doubt? but were this kept,
Stored in some treasure-house of mighty kings,
Some one might show it at a joust of arms,
Saying, 'King Arthur's sword, Excalibur,
Wrought by the lonely maiden of the Lake.
Nine years she wrought it, sitting in the deeps
Upon the hidden bases of the hills.'
So might some old man speak in the aftertime
To all the people, winning reverence.
But now much honour and much fame were lost."

So spake he, clouded with his own conceit,
And hid Excalibur the second time,
And so strode back slow to the wounded King.

Then spoke King Arthur, breathing heavily:
"What is it thou hast seen? or what hast heard?"

And answer made the bold Sir Bedivere:
"I heard the water lapping on the crag,
And the long ripple washing in the reeds."

To whom replied King Arthur, much in wrath:
"Ah, miserable and unkind, untrue,
Unknightly, traitor-hearted! Woe is me!
Authority forgets a dying king,
Laid widow'd of the power in his eye
That bow'd the will. I see thee what thou art,
For thou, the latest-left of all my knights,
In whom should meet the offices of all,

Thou wouldst betray me for the precious hilt;
Either from lust of gold, or like a girl
Valuing the giddy pleasure of the eyes.
Yet, for a man may fail in duty twice,
And the third time may prosper, get thee hence.
But, if thou spare to fling Excalibur,
I will arise and slay thee with my hands."

Then quickly rose Sir Bedivere, and ran,
And, leaping down the ridges lightly, plunged
Among the bulrush-beds, and clutch'd the sword,
And strongly wheel'd and threw it. The great brand
Made lightnings in the splendour of the moon,
And flashing round and round, and whirl'd in an arch,
Shot like a streamer of the northern morn,
Seen where the moving isles of winter shock
By night, with noises of the northern sea.
So flash'd and fell the brand Excalibur:
But ere he dipt the surface, rose an arm
Clothed in white samite, mystic, wonderful,
And caught him by the hilt, and brandish'd him
Three times, and drew him under in the mere.
And lightly went the other to the King.

Then spoke King Arthur, drawing thicker breath:
"Now see I by thine eyes that this is done.
Speak out: what is it thou hast heard, or seen?"

And answer made the bold Sir Bedivere:
"Sir King, I closed mine eyelids, lest the gems
Should blind my purpose, for I never saw,
Nor shall see, here or elsewhere, till I die,
Not tho' I live three lives of mortal men,
So great a miracle as yonder hilt.
Then with both hands I flung him, wheeling him;
But when I look'd again, behold an arm,
Clothed in white samite, mystic, wonderful,
That caught him by the hilt, and brandish'd him
Three times, and drew him under in the mere."

And answer made King Arthur, breathing hard:
"My end draws nigh; 'tis time that I were gone.
Make broad thy shoulders to receive my weight,
And bear me to the margin; yet I fear
My wound hath taken cold; and I shall die."

So saying, from the pavement he half rose,
Slowly, with pain, reclining on his arm,
And looking wistfully with wide blue eyes
As in a picture. Him Sir Bedivere
Remorsefully regarded thro' his tears,
And would have spoken, but he found not words,
Then took with care, and kneeling on one knee,
O'er both his shoulders drew the languid hands,
And rising bore him thro' the place of tombs.

But, as he walk'd, King Arthur panted hard,
Like one that feels a nightmare on his bed
When all the house is mute. So sigh'd the King,
Muttering and murmuring at his ear, "Quick, quick!
I fear it is too late, and I shall die."
But the other swiftly strode from ridge to ridge,
Clothed with his breath, and looking as he walk'd,
Larger than human on the frozen hills.
He heard the deep behind him, and a cry
Before. His own thought drove him, like a goad.
Dry clash'd his harness in the icy caves
And barren chasms, and all to left and right
The bare black cliff clang'd round him, as he based
His feet on juts of slippery crag that rang
Sharp-smitten with the dint of armed heels—
And on a sudden, lo! the level lake,
And the long glories of the winter moon.

Then saw they how there hove a dusky barge,
Dark as a funeral scarf from stem to stern,
Beneath them; and descending they were ware
That all the decks were dense with stately forms

Black-stoled, black-hooded, like a dream—by these
Three Queens with crowns of gold—and from them rose
A cry that shiver'd to the tingling stars,
And, as it were one voice, an agony
Of lamentation, like a wind, that shrills
All night in a waste land, where no one comes,
Or hath come, since the making of the world.

Then murmur'd Arthur, "Place me in the barge,"
And to the barge they came. There those three Queens
Put forth their hands, and took the King, and wept.
But she, that rose the tallest of them all
And fairest, laid his head upon her lap,
And loosed the shatter'd casque, and chafed his hands,
And call'd him by his name, complaining loud,
And dropping bitter tears against his brow
Striped with dark blood: for all his face was white
And colourless, and like the wither'd moon
Smote by the fresh beam of the springing east;
And all his greaves and cuisses dash'd with drops
Of onset; and the light and lustrous curls—
That made his forehead like a rising sun
High from the däis-throne—were parch'd with dust;
Or, clotted into points and hanging loose,
Mixed with the knightly growth that fringed his lips.
So like a shatter'd column lay the King;
Not like that Arthur who, with lance in rest,
From spur to plume a star of tournament,
Shot thro' the lists at Camelot, and charged
Before the eyes of ladies and of kings.

Then loudly cried the bold Sir Bedivere,
"Ah! my Lord Arthur, whither shall I go?
Where shall I hide my forehead and my eyes?
For now I see the true old times are dead,
When every morning brought a noble chance,
And every chance brought out a noble knight.
Such times have been not since the light that led

The holy Elders with the gift of myrrh.
But now the whole ROUND TABLE is dissolved
Which was an image of the mighty world;
And I, the last, go forth companionless,
And the days darken round me and the years,
Among new men, strange faces, other minds."

And slowly answer'd Arthur from the barge:
"The old order changeth, yielding place to new,
And God fulfils Himself in many ways,
Lest one good custom should corrupt the world.
Comfort thyself: what comfort is in me?
I have lived my life, and that which I have done
May He within Himself make pure! but thou,
If thou shouldst never see my face again,
Pray for my soul. More things are wrought by prayer
Than this world dreams of. Wherefore, let thy voice
Rise like a fountain for me night and day.
For what are men better than sheep or goats
That nourish a blind life within the brain,
If, knowing God, they lift not hands of prayer
Both for themselves and those who call them friend?
For so the whole round earth is every way
Bound by gold chains about the feet of God.
But now farewell. I am going a long way
With these thou seëst—if indeed I go—
(For all my mind is clouded with a doubt)
To the island-valley of Avilion;
Where falls not hail, or rain, or any snow,
Nor ever wind blows loudly; but it lies
Deep-meadow'd happy, fair with orchard-lawns
And bowery hollows crown'd with summer sea,
Where I will heal me of my grievous wound."

So said he, and the barge with oar and sail
Moved from the brink, like some full-breasted swan
That, fluting a wild carol ere her death,
Ruffles her pure cold plume, and takes the flood

With swarthy webs. Long stood Sir Bedivere
Revolving many memories, till the hull
Looked one black dot against the verge of dawn
And on the mere the wailing died away.

MORTE D'ARTHUR

"Meu fim já vem; é tempo de eu me ir."

ALFRED TENNYSON

Rolou o dia inteiro o tom da guerra
Por entre os montes junto ao mar de inverno;
Até que toda a távola, um a um,
Caiu em Lyonesse ante o Senhor,
O Rei Arthur: porque ferido fundo,
Sir Bedivere brioso o soerguera,
Bedivere, último dos cavaleiros,
Trazendo-o à capela junto ao campo,
A cancela quebrada, a cruz quebrada,
Erguida em negro estreito devastado.
O Oceano a um lado, e ao outro lado
Um grande lago, e a lua estava cheia.

Profere o Rei Arthur a Bedivere:
"O que segue de hoje é desatar
A suma agremiação de cavaleiros
Da qual o mundo tem registro. Um sono
Tal dormem – homens bem-amados. Penso
Que nunca mais iremos, no futuro,
Deleitar-nos com feito heroico as almas,
Andando por jardins e por salões
De Camelot, tão como em dias idos.
Pereço pelo povo que formei, –
Mesmo Merlin jurando meu retorno

Em novo reino – o que vier, virá,
Tão fundo atravessado tenho o elmo
Que sem amparo não verei a aurora.
Portanto toma a espada Excalibur,
Orgulho meu: porque te lembras como
Em dias idos, num estio à tarde,
Um braço soergueu-se em meio às águas,
Alvo samito, místico, assombroso,
Portando a espada – e como a remo alcei
Tomando-a, e ostentando-a, como um rei:
E aonde eu for cantado ou recontado,
Isso também irá à posteridade:
Não mais delongues: toma Excalibur,
E lança-a lá ao longe em meio ao lago:
Atenta à vista, e torna dar notícias."

Retorna-lhe o brioso Bedivere:
"Não é devido, Rei, deixar-te assim,
Desamparado, só, partido o elmo.
O pouco ao que é ferido prejudica.
Mas teu comando inteiro cumprirei,
Atento à vista, e torno dar notícias."

Disse, e partiu do templo arruinado,
E sob a lua adentra o mortuário,
Ossadas portentosas de ancestrais,
Cavaleiros, e a maresia em canto
Afia, esfria, esfuma em flocos. Desce
Em zigue-zagues, rochas escarpadas,
Chegando ao lago, aos plainos cintilantes.

E lá, brandindo a espada Excalibur,
Ia encobrindo-lhe o luar de inverno,
Brilhando as bordas de uma longa nuvem,
A fagulhar em gelo a empunhadura:
O punho cintilava em diamantes,
Luzes-topázios mil, sutis zircônios
De trabalhada joalheria. Tanto

Tempo fitou, que os olhos deslumbrados,
Lá e cá dividindo a mente ágil
No arremesso: por fim lhe pareceu
Melhor deixar Excalibur oculta
Entre as flores-de-lis entrelaçadas,
Que silvam, secas, rijas sobre a margem.
Regressa então moroso ao Rei ferido.

Profere o Rei Arthur a Bedivere:
"Tens cumprida a missão que te outorgaste?
O que avistaste? Ou que tiveste ouvido?"

Resposta faz brioso Bedivere:
"Ouvi o lavar das vagas nos caniços
E águas bravas rompendo nos rochedos."

Retorna o Rei Arthur, desfalecendo:
"Traíste a natureza e o nome teus,
Sem demonstrar verdade, como sói
Ao zelo teu, de nobre cavaleiro:
Sinal seguro seguiria, ou mão,
Ou voz, ou mesmo o lago em movimento.
Mentir é algo vergonhoso aos homens.
E agora, ordeno que retornes, presto,
Como és amado e caro, e cumpras meu
Pedido, avista, e torna dar notícias."

Então Sir Bedivere segunda vez
Cruzou a crista, e em passos junto às águas,
Contava pensativo os seixos úmidos;
Mirando a empunhadura primorosa,
Estranha e curiosamente ornada,
Bateu as palmas, e clamou bem alto,

"E se eu assim lançar ao longe a espada,
De raridade certa, e tão distinta,
Perder-se-ia sempre desta terra,
Que aprazeria aos olhos de homens tantos.

Que bem sucederia, feito isto?
Que mal desfeito? é mal fazer desfeita,
A obediência é o vínculo do mando.
É um bem obedecer, se o rei demanda
Um ato inútil, contra ele próprio?
Enfermo Rei, não sabe o que ele faz.
Que registro, relíquia do senhor
Terá o futuro, sopros exauridos,
Rumores de incerteza? conservada,
Entesourada por potentes reis,
Em justa armada exposta, assim diriam
'Do Rei Arthur, a espada Excalibur,
A que a dama do lago, solitária,
Lavrou. Lavor de nove anos, junto
À funda e oculta base das colinas.'
Diria um ancião às porvindouras
Gentes todas, ganhando reverência.
Perdem-se agora tanta fama e honra."

Disse, nublado pela prepotência,
E esconde Excalibur segunda vez,
Regressando moroso ao Rei ferido.

E disse o Rei Arthur, arfando forte:
O que avistaste? Ou que tiveste ouvido?"

Resposta faz brioso Bedivere:
"Ouvi o romper das águas nos rochedos,
E longas vagas lavam os caniços."

A quem retorna o Rei Arthur, revolto:
"Ah, miserável, rude, desleal,
Indigno, traiçoeiro! Ai de mim!
A autoridade olvida um rei morrendo,
Viúvo do poder de com o olhar
Curvar vontades. Vejo-te, o que és,
Restado último dos cavaleiros,
Em quem se ajuntaria todo o encargo,

Trair-me pela rara empunhadura;
A cobiçar o ouro, ou como a moça
Apraz a vista em frívolos prazeres.
Se quem falta ao dever por duas vezes,
pode à terceira prosperar, vai logo.
Mas, poupando em lançar Excalibur,
Levanto e te trucido em minhas mãos.”

Ergueu-se presto Bedivere, correu,
Descendo a crista em saltos, precipita
Em meio aos juncos, e apanhando a espada,
Em forte giro a atira. A grande espada
Relampejando ao resplendor da lua,
Faísca em rodas, rodas, gira um arco,
Jorrada como aurora boreal,
Vista onde embatem invernais geleiras,
À noite, em sons de mares boreais.
Faísca e cai a espada Excalibur:
Mas antes de imergir, soergue um braço,
Alvo samito, místico, assombroso,
Tomando-a pelo punho, e ao brandir
Três vezes, submergiu-a sob o lago.”
E presto retornava junto ao Rei.

E disse o Rei Arthur, em sopro arfante:
“Vejo agora em teus olhos que foi feito.
Dize: o que ouviste, ou que tiveste visto?”

Resposta faz brioso Bedivere:
“Senhor, cerrei-me as pálpebras, que as gemas
Cegam o intento, pois que nunca vi,
Verei, aqui, alhures, ‘té que eu morra,
Nem que eu viva três vezes vida humana,
Maior milagre do que aquele punho.
Com duas mãos lancei-a, volteando-a;
Mas quando olhei de novo, eu vi um braço,
Alvo samito, místico, assombroso,
Tomando-a pelo punho, e ao brandir
Três vezes, submergiu-a sob o lago.”

Responde o Rei Arthur, arfando árduo:
"Meu fim já vem; é tempo de eu me ir.
Alarga os ombros a conter meu fardo,
Suportando-me até a margem; temo
O frio no ferimento; irei morrer."

Dizendo, quase alçando do soalho,
Lento, em dor, reclinando sobre o braço,
Olhava em tristes olhos de amplo azul
Como um retrato. A ele Bedivere
Prezava em pranto pleno de remorso,
E lhe diria, mas não teve fala,
Então com zelo, de joelho ao chão,
Por sobre os ombros trouxe as frouxas mãos,
E erguendo suportou-o ao mortuário.

Mas, ao mover-se, Arthur ofega forte,
Como quem sente um pesadelo ao leito,
Na casa toda muda. O Rei suspira,
Resmunga murmurando, "Presto, presto!
Temo que seja tarde, e irei morrer."
Depressa o outro passa crista a crista,
Veste-lhe o alento, olhando-lhe em seus passos,
Sobre-humano nos montes regelados.
Escuta por detrás o abismo, e adiante
Um grito. Guia-lhe o pensar, que aguilha.
Armas entrebatendo em gruta fria
E fosso estéril, e à direita e esquerda
A nua e negra encosta troa, enquanto
Calça o passo à lisa fraga em som
De açoite, ruidoso calço armado –
E de súbito, eis! o plaino lago,
E as longas glórias do luar de inverno.

Viram como se eleva a escura barca,
Como fúnebre echarpe, os negros troncos
Lá embaixo; e descendo, divisavam
O convés denso em formas imponentes,

Estola e gorros negros, como um sonho –
Três Rainhas, coroas áureas – Delas
Ergue-se um grito, tremem as estrelas
Dormentes, una voz, uma agonia
De lamentos, qual vento, que penetra
A noite de um deserto, onde ninguém
Vai, ou foi, desde a formação do mundo.

Murmura Arthur, "Coloca-me na barca,"
E à barca foram. Lá as três Rainhas
As mãos estendem, tomam-lhe, chorando.
Mas ela, aquela que se ergueu mais alto
E bela, deita-lhe a cabeça ao colo,
Solta o casco partido, as mãos lhe esquenta,
E chama-o por seu nome, lastimando,
Deitando amargas lágrimas na fronte
Listrada em negro sangue: a face alva
E exangue, como à fraca lua fere
O fresco raio do oriente em salto;
Nas grevas, pernas, traços gotejados
Do ataque; e o claro lustre de seus cachos –
Que fizeram-lhe a fronte um sol nascente
Do alto trono tablado – poeirento;
Ou coagulados em pendentes pontas,
Mistos aos nobres fios que os lábios franjam.
Como pilar partido jaz o Rei;
Não como aquele Arthur que, a lança queda,
De espora a pluma estrela do torneio,
Nas arenas de Camelot dispara,
Avançando perante os Reis e as damas.

Alto clama brioso Bedivere,
"Ah! Meu Senhor Arthur, aonde irei?
E onde esconderei a fronte, a vista?
Os veros tempos idos, vejo-os mortos,
Quando a aurora trazia a nobre chance,
E toda chance um nobre cavaleiro.
Não mais tais tempos, desde a luz que guia

Os santos Anciãos com dons de mirra.
A TÁVOLA REDONDA é dissolvida,
Imagem deste mundo portentoso;
E eu, o último, prossigo sem ninguém,
E os dias, anos, cercam-me de trevas,
Homens, faces estranhas, outras mentes."

Lentamente, responde Arthur da barca:
"A velha ordem muda, e cede à nova,
E Deus cumpre a Si mesmo em muitos modos,
E um bom costume não corrompe o mundo.
Conforta-te: que tens conforto em mim?
Eu vivi minha vida, e o que fiz
Faça-se puro nEle! Tu, porém,
Se nunca mais meu rosto vires, ora
Por minh'alma. Pois tanto a prece obra
Que este mundo nem sonha. Faz tua voz
Por mim erguer-se em fonte, noite e dia.
Que homens tão melhores que as ovelhas,
Cabras, que vivem cegas em seus cérebros,
Se, conhecendo Deus, não alçam mãos
Em prece por si próprios, por seus caros?
Assim a terra inteira, em todo lado
Agrilhoa-se em ouro aos pés de Deus.
Agora, adeus. Eu vou por longa via
Com essas a quem vês – se assim eu for –
(Minha mente duvida, nebulosa)
Ao insulado vale de Avilion;
Não há geadas, chuvas, neve alguma,
Nem ventos em voz alta; mas jazendo
Contente em prados, relvas de pomares,
Sombras, vales, verão que o mar coroa,
Irei curar-me da ferida amarga."

Ele disse, e a barca em remo e vela
Deixa a borda, qual cisne em peito inflado
Aflauta um cântico perante a morte,
Rufla a fria e pura pluma, e enfrenta a cheia

Em negras teias. Bedivere detém-se,
Revolvendo memórias, até ser
O casco um negro ponto em frente à aurora
E no lago, o lamento esvanecer.

Poesias
Nikolai Nekrássov

O texto: Seleção com quatro poemas de Nikolai Nekrássov, que abordam, de forma concisa, problemas e características da sociedade russa no século XIX, tais como: a pobreza, o papel social da mulher, as guerras, a semiescravidão e o esquecimento de um passado épico.

Texto traduzido: Некрасов, Н. А.. *Избранные сочинения*. Москва: Художественная Литература, 1989.

O autor: Nikolai Nekrássov (1821-1878) cresceu na aldeia paterna, em Nemirov, onde, ainda criança, testemunhou as violências sofridas pelos camponeses e pela própria mãe. Aos 17 anos, foi enviado a São Petersburgo para ingressar no exército, optando pela universidade. Perdeu o amparo familiar, passando necessidades. Ministrou aulas, colaborou com diversas revistas e criou uma poesia revolucionária, na qual descreve os sofrimentos e as vivências dos trabalhadores na Rússia de sua época.

A tradutora: Irene Calaça é professora de russo pela Patrice Lumumba, de Moscou. Em seus estudos, ilustra facetas da literatura e da sociedade russa. É tradutora e autora de artigos sobre literatura, ensino de russo e fonologia.

Стихотворения

"С Волхова, с матушки Волги, с Оки,
С разных концов государства великого."

НИКОЛАЙ НЕКРАСОВ

ЕДУ ЛИ НОЧЬЮ…

Еду ли ночью по улице темной,
Бури заслушаюсь в пасмурный день –
Друг беззащитный, больной и бездомный,
Вдруг предо мной промелькнет твоя тень!
Сердце сожмется мучительной думой.
С детства судьба невзлюбила тебя:
Беден и зол был отец твой угрюмый,
Замуж пошла ты – другого любя.
Муж тебе выпал недобрый на долю:
С бешеным нравом, с тяжелой рукой;
Не покорилась – ушла ты на волю,
Да не на радость сошлась и со мной...

Помнишь ли день, как, больной и голодный,
Я унывал, выбивался из сил?
В комнате нашей, пустой и холодной,
Пар от дыханья волнами ходил.
Помнишь ли труб заунывные звуки,
Брызги дождя, полусвет, полутьму?
Плакал твой сын, и холодные руки

Ты согревала дыханьем ему.
Он не смолкал – и пронзительно звонок
Был его крик... Становилось темней;
Вдоволь поплакал и умер ребенок...
Бедная! слез безрассудных не лей!
С горя да с голоду завтра мы оба
Так же глубоко и сладко заснем;
Купит хозяин, с проклятьем, три гроба –
Вместе свезут и положат рядком...

В разных углах мы сидели угрюмо.
Помню, была ты бледна и слаба,
Зрела в тебе сокровенная дума,
В сердце твоем совершалась борьба.
Я задремал. Ты ушла молчаливо,
Принарядившись, как будто к венцу,
И через час принесла торопливо
Гробик ребенку и ужин отцу.
Голод мучительный мы утолили,
В комнате темной зажгли огонек,
Сына одели и в гроб положили...
Случай нас выручил? Бог ли помог?
Ты не спешила печальным признаньем,
    Я ничего не спросил,
Только мы оба глядели с рыданьем,
Только угрюм и озлоблен я был...

Где ты теперь? С нищетой горемычной
Злая тебя сокрушила борьба?
Или пошла ты дорогой обычной
И роковая свершится судьба?
Кто ж защитит тебя? Все без изъятья
Именем страшным тебя назовут,
Только во мне шевельнутся проклятья –
    И бесполезно замрут!...

(1847)

ВНИМАЯ УЖАСАМ ВОЙНЫ

Внимая ужасам войны,
При каждой новой жертве боя
Мне жаль не друга, не жены,
Мне жаль не самого героя...
Увы! утешится жена,
И друга лучший друг забудет;
Но где-то есть душа одна –
Она до гроба помнить будет!
Средь лицемерных наших дел
И всякой пошлости и прозы
Одни я в мир подсмотрел
Святые, искренние слезы –
То слезы бедных матерей!
Им не забыть своих детей,
Погибших на кровавой ниве,
Как не поднять плакучей иве
Своих поникнувших ветвей...

<1855 *или* 1856>

ЖЕЛЕЗНАЯ ДОРОГА

Ваня *(в кучерском армячке)*
Папаша! кто строил эту дорогу?

Папаша *(В пальто на красной подкладке)*
Граф Петр Андреевич Клейнмихель, душенька!

Разговор в вагоне

I

Славная осень! Здоровый, ядреный
Воздух усталые силы бодрит;
Лед неокрепший на речке студеной
Словно как тающий сахар лежит;

Около леса, как в мягкой постели,
Выспаться можно – покой и простор!
Листья поблекнуть еще не успели,
Желты и свежи лежат, как ковер.

Славная осень! Морозные ночи,
Ясные, тихие дни...
Нет безобразья в природе! И кочи,
И моховые болота, и пни –

Всё хорошо под сиянием лунным,
Всюду родимую Русь узнаю...
Быстро лечу я по рельсам чугунным,
Думаю думу свою...

II

«Добрый папаша! К чему в обаянии
Умного Ваню держать?
Вы мне позвольте при лунном сиянии
Правду ему показать.

Труд этот, Ваня, был страшно громаден, –
Не по плечу одному!
В мире есть царь: этот царь беспощаден,
Голод названье ему.

Водит он армии; в море судами
Правит; в артели сгоняет людей,
Ходит за плугом, стоит за плечами
Каменотесцев, ткачей.

Он-то согнал сюда массы народные.
Многие – в страшной борьбе,
К жизни воззвав эти дебри бесплодные,
Гроб обрели здесь себе.

Прямо дороженька: насыпи узкие,
Столбики, рельсы, мосты.
А по бокам-то всё косточки русские...
Сколько их! Ванечка, знаешь ли ты?

Чу! восклицанья послышались грозные!
Топот и скрежет зубов;
Тень набежала на стекла морозные...
Что там? Толпа мертвецов!

То обгоняют дорогу чугунную,
То сторонами бегут.
Слышишь ты пение?.. „В ночь эту лунную
Любо нам видеть свой труд!

Мы надрывались под зноем, под холодом,
С вечно согнутой спиной,
Жили в землянках, боролися с голодом,
Мерзли и мокли, болели цингой.

Грабили нас грамотеи-десятники,
Секло начальство, давила нужда...
Всё претерпели мы, божий ратники,
Мирные дети труда!

Братья! Вы наши плоды пожинаете!
Нам же в земле истлевать суждено...
Всё ли нас, бедных, добром поминаете
Или забыли давно?..“

Не ужасайся их пения дикого!
С Волхова, с матушки Волги, с Оки,
С разных концов государства великого –
Это всё братья твои – мужики!

Стыдно робеть, закрываться перчаткою.
Ты уж не маленький!.. Волосом рус,
Видишь, стоит, изможден лихорадкою,
Высокорослый, больной белорус:

Губы бескровные, веки упавшие,
Язвы на тощих руках,
Вечно в воде по колено стоявшие
Ноги опухли; колтун в волосах;

Ямою грудь, что на заступ старательно
Изо дня в день налегала весь век...
Ты приглядись к нему, Ваня, внимательно:
Трудно свой хлеб добывал человек!

Не разогнул свою спину горбатую
Он и теперь еще: тупо молчит
И механически ржавой лопатою
Мерзлую землю долбит!

Эту привычку к труду благородную
Нам бы не худо с тобой перенять...
Благослови же работу народную
И научись мужика уважать.

Да не робей за отчизну любезную...
Вынес достаточно русский народ,
Вынес и эту дорогу железную –
Вынесет всё, что господь ни пошлет!

Вынесет всё – и широкую, ясную
Грудью дорогу проложит себе.
Жаль только – жить в эту пору прекрасную
Уж не придется – ни мне, ни тебе».

III

В эту минуту свисток оглушительный
Взвизгнул – исчезла толпа мертвецов!
«Видел, папаша, я сон удивительный, –
Ваня сказал, – тысяч пять мужиков,

Русских племен и пород представители
Вдруг появились – и он мне сказал:
„Вот они — нашей дороги строители!..“»
Захохотал генерал!

– Был я недавно в стонах Ватикана,
По Колизею две ночи бродил,
Видел я в Вене святого Стефана,
Что же... всё это народ сотворил?

Вы извините мне смех этот дерзкий,
Логика ваша немножко дика.
Или для вас Аполлон Бельведерский
Хуже печного горшка?

Вот ваш народ – эти термы и бани,
Чудо искусства – он всё растаскал! –
«Я говорю не для вас, а для Вани...»
Но генерал возражать не давал:

– Ваш славянин, англосакс и германец
Не создавать – разрушать мастера,
Варвары! дикое скопище пьяниц!..
Впрочем, Ванюшей заняться пора;

Знаете, зрелищем смерти, печали
Детское сердце грешно возмущать.

Вы бы ребенку теперь показали
Светлую сторону... –

IV

«Рад показать!
Слушай, мой милый: труды роковые
Кончены – немец уж рельсы кладет.
Мертвые в землю зарыты; больные
Скрыты в землянках; рабочий народ

Тесной гурьбой у конторы собрался...
Крепко затылки чесали они:
Каждый подрядчику должен остался,
Стали в копейку прогульные дни!

Всё заносили десятники в книжку –
Брал ли на баню, лежал ли больной:
„Может, и есть тут теперича лишку,
Да вот поди ты!..“ Махнули рукой...

В синем кафтане – почтенный лабазник,
Толстый, присадистый, красный, как медь,
Едет подрядчик по линии в праздник,
Едет работы свои посмотреть.

Праздный народ расступается чинно...
Пот отирает купчина с лица
И говорит, подбоченясь картинно:
„Ладно... нешто... молодца!.. молодца!..

С богом, теперь по домам, – проздравляю!
(Шапки долой — коли я говорю!)
Бочку рабочим вина выставляю
И – *недоимку дарю*!..“

Кто-то „ура“ закричал. Подхватили
Громче, дружнее, протяжнее... Глядь:

С песней десятники бочку катили...
Тут и ленивый не мог устоять!

Выпряг народ лошадей – и купчину
С криком „ура!“ по дороге помчал...
Кажется, трудно отрадней картину
Нарисовать, генерал?..»

(1864)

БАЮШКИ-БАЮ

Непобедимое страданье,
Неутолимая тоска...
Влечет, как жертву на закланье,
Недуга черная рука.
Где ты, о Муза! Пой, как прежде!
«Нет больше песен, мрак в очах;
Сказать: умрем! конец надежде! –
Я прибрела на костылях!»

Костыль *ли*, заступ *ли* могильный
Стучит... смолкает... и затих...
И нет ее, моей всесильной,
И изменил поэту стих.
Но перед ночью непробудной
Я не один... Чу! голос чудный!
То голос матери родной:
«Пора с полуденного зноя!
Пора, пора под сень покоя;
Усни, усни, касатик мой!
Прийми трудов венец желанный,
Уж ты не раб – ты царь венчанный;
Ничто не властно над тобой!

Не страшен гроб, я с ним знакома;
Не бойся молнии и грома,
Не бойся цепи и бича,
Не бойся яда и меча,
Ни беззаконья, ни закона,
Ни урагана, ни грозы,
Ни человеческого стона,
Ни человеческой слезы.

Усни, страдалец терпеливый!
Свободной, гордой и счастливой
Увидишь родину свою,
Баю-баю-баю-баю!

Еще вчера людская злоба
Тебе обиду нанесла;
Всему конец, не бойся гроба!
Не будешь знать ты больше зла!
Не бойся клеветы, родимый,
Ты заплатил ей дань живой,
Не бойся стужи нестерпимой:
Я схороню тебя весной.

Не бойся горького забвенья:
Уж я держу в руке моей
Венец любви, венец прощенья,
Дар кроткой родины твоей...
Уступит свету мрак упрямый,
Услышишь песенку свою
Над Волгой, над Окой, над Камой,
Баю-баю-баю-баю!..»

(1877)

POESIAS

"Desde o rio Volkhov, o mãe Volga, o Oka,
De diferentes partes dessa grandiosa terra."

NIKOLAI NEKRÁSSOV

VAGAVA À NOITE...

Vagava à noite por becos escuros,
Envolto em tormentas de um dia sombrio,
Amiga indefesa, alquebrada e errante,
Ante mim, teu vulto surgiu. E meu coração,
em torturantes lembranças, se contraiu.
Desde a infância destino adverso tiveste:
Miserável e perverso era teu amargurado pai.
Subiste ao altar a outrem amando.
Coube-te esposo rancoroso, rude
e de pesada mão.
Não se submetendo, fugiste para a liberdade,
Mas não para a felicidade a mim te uniste.

Lembras do dia, em que esfaimado, doente
e prostrado, perdi as esperanças?
Nosso quarto – frio e vazio,
O vapor das respirações em ondas vagando...
O melancólico estalar dos canos,
Respingos de chuva, meia-luz, penumbra...
Teu filho chorava, e as gélidas mãozinhas
com a respiração aquecias.

Ele não soluçava – lancinante era seu estertor.
Escureceu.
Saciado de tanto chorar, o bebê morreu...
Pobrezinha... Não vertas lágrimas insanas!
De fome e amargura, amanhã, ambos
Também adormeceremos doce e profundamente.
Entre resmungos, o senhorio comprará três ataúdes,
Que juntos serão carregados e enterrados.

Sombrios, sentamo-nos em cantos distantes.
Lembro, estavas pálida e fraca.
Surgiram em ti pensamentos obscuros,
Em teu coração travou-se uma batalha.
Dormitei. Saíste em silêncio,
Enfeitada como para a coroação.
Após uma hora, célere trouxeste
Pequena urna para o bebê e alimento para o pai.
Saciamos a fome atroz.
No quarto escuro acendemos o lume,
O filho vestindo, no ataúde depositamos.
O acaso nos salvou? Deus nos ajudou?
Não te apressaste com a triste confissão,
E eu nada perguntei.
Apenas entre pranto nos fitávamos,
Apenas amargo e desvairado me encontrava.

Onde estás agora? Te destruiu a luta
contra a desgraçada pobreza?
Ou seguiste o caminho usual,
E o destino funesto se concretizou?
Quem te defenderá? Todos, sem exceção,
Pecha terrível te atribuirão.
Apenas em mim agitar-se-ão imprecações
E, infrutíferas, morrerão.

(1847)

ATENDENDO AOS HORRORES...

Atendendo aos horrores da guerra,
Ante cada nova vítima da luta,
Comovo-me não pelos amigos, nem pela esposa,
Apiedo-me não pelo próprio herói. . .
Que nada! Há de se confortar a esposa,
O melhor amigo, o amigo esquecerá;
Mas em algum lugar existe uma alma –
Esta há de se lembrar até o túmulo.
Em meio à hipocrisia de nossos atos,
de toda vulgaridade, da prosa....
As únicas lágrimas sinceras,
Santas, que encontrei pelo mundo,
Foram lágrimas das infortunadas mães!
Estas são incapazes de esquecer os filhos
Mortos em campos de sangue,
Assim como o lamuriante salgueiro
é incapaz de erguer seus ramos recurvados...

<1855 ou 1856>

ESTRADA DE FERRO

Vânia[1] (*com roupinhas de cocheiro russo*)
Papai! Quem construiu essa estrada?

Papai (*de paletó com forro vermelho*[2])
O conde Piotr Andreevich Kleinmichel, anjinho!

Diálogo em um vagão

I

Outono glorioso! Saudável e fresco
O ar revigora as cansadas forças;
O gelo frágil – açúcar salpicado –
Descansa sobre o riacho enregelado.

Há paz e imensidão! Junto à floresta,
Como em macio leito, é possível descansar.
As folhas não se deixam murchar,
E, douradas e frescas, esparramam-se em tapete.

Outono glorioso! Noites geladas,
Dias calmos e claros...
A natureza em harmonia! E barcos,
E pântanos, e musgos e troncos...

Tudo está em ordem sob o brilho da lua,
Em tudo reconheço a amada Rus[3]...
Sobre trilhos de ferro deslizo desenfreado,
Em pensamentos enlevado...

II

“Meu bom pai, para que manter
o inteligente Vânia iludido?

[1] Vânia, forma afetiva do nome masculino “Ivan”, como “Ivanzinho”. (n.t.)
[2] No Império Russo, apenas generais vestiam casacos com forro vermelho. (n.t.)
[3] Rus, denominação do Estado Russo Antigo, cujo apogeu aconteceu entre os séculos X e XI. (n.t.)

Permita-me, sob o brilho da lua,
A verdade a ele mostrar.

Este trabalho, Vânia, foi assustadoramente grande –
Impossível para uma pessoa!
No mundo, há um czar: esse czar é impiedoso.
Seu nome é fome.

Ele lidera exércitos; no mar
Embarcações conduz; em fazendas, pastoreia pessoas.
Arrasta arados, segue
Carregadores de pedras, tecelões.

Foi ele que enviou para cá multidões.
Muitos, em terrível luta,
Nessa longínqua aridez, implorando pela vida,
O próprio sepulcro encontraram.

A estrada é plana: aterros estreitos,
Dormentes, trilhos, pontes...
E, por todos os lados, ossinhos russos...
São tantos! Sabias disso, Vânia?

Dizem que exclamações horríveis eram ouvidas!
Passos arrastados, ranger de dentes..."
Ei, sombras deslizaram pelos vidros congelados.
Quem está lá? Hordas de mortos-vivos.

Ora contornam o caminho de ferro,
Ora o acompanham a correr.
Ouves a canção? – "Nesta noite enluarada,
Dá gosto nosso trabalho rever!

Com as costas eternamente encurvadas,
Pelo calor e pelo frio consumidos,
Em trincheiras vivemos. Famintos,
Congelados e molhados, de escorbuto padecemos.

Roubaram-nos os capatazes instruídos,
Açoitaram-nos as autoridades, afligiram-nos as necessidades.
A tudo nos habituamos, guerreiros de Deus,
Crédulos inocentes a trabalhar!

Irmãos! Vocês colhem nossos frutos!
Estamos destinados a apodrecer no chão...
Vocês ainda se lembram de nós, miseráveis, com piedade,
Ou há muito já nos esqueceram?"

"Não temas deles o canto selvagem!
Desde o rio Volkhov, o mãe Volga, o Oka,
De diferentes partes dessa grandiosa terra,
São todos irmãos teus – são os *mujiki*[4]!

É ultrajante à cena esquivar-se, o rosto encobrindo.
Já não és pequenino! Vês? De talhe alto, o cabelo ruço,
Consumido pela febre está
O combalido russo:

Lábios pálidos, pálpebras caídas,
Úlceras nos braços franzinos...
As pernas, sempre em água submersas, intumescidas,
Plica Polônica nos cabelos...

No peito, um sulco, no qual diariamente,
A vida inteira, uma pá diligente se apoia...
Vânia, olhes para ele com atenção:
É difícil ao homem conseguir seu pão!

Não endireita suas costas arqueadas
Nem agora: silencia-se estupidamente
E, com sua pá enferrujada, mecanicamente
Golpeia a terra congelada!

Este hábito nobre de trabalhar
Não seria mal eu e tu adquirirmos...

---

[4] *Mujiki*, em contexto histórico, é a denominação para "camponeses russos". (n.t.)

Abençoa o trabalho do povo
E aprende a respeitar os *mujiki*.

E não te intimides pela pátria amada...
O povo russo suportou o bastante,
Suportou essa estrada de ferro,
E suportará tudo que Deus houver de enviar!

Suportará tudo – e uma estrada ampla
E limpa, com o próprio peito pavimentará.
Lastimo que essa época maravilhosa
Nem eu, nem tu vivenciaremos."

III

Naquele instante, um apito ensurdecedor ressoou
E a multidão de mortos-vivos se dissipou!
"Eu tive, meu pai, um sonho surpreendente –
Vânia exclamou – uns cinco mil *mujiki*,

Representantes dos clãs e tribos russas,
Surgiram de repente." E Sua Senhoria assegurou:
"Ei-los – os construtores de nossa estrada!..."
Gargalhou o general.

"Estive há pouco junto às paredes do Vaticano,
Por duas noites pelo Coliseu vaguei,
Em Viena encontrei santo Estêvão,
E o quê? Esses fulanos tudo isto ergueram?

O senhor me perdoe o riso insolente,
Sua lógica é improducente.
Será que, para V.Sa, uma panela de barro
É comparável a Apollo Belvedere?

Eis o vosso povo – suas termas e saunas
São uma maravilha da arte!" – zombou o militar.
"Estou a conversar não com V.Sa, mas com Vânia..."
O general não me permitiu objetar:

“Vossos anglo-saxões, eslavos e alemães são mestres
Não em construir, mas em desmantelar.
Bárbaros! Selvagem horda de ébrios!...
Aliás, já é hora de Vânia relaxar.

Saiba o senhor: com o espetáculo da morte, as tristezas...
É pecaminoso o coração de uma criança atormentar.
Seria bom V.Sa. doravante
Casos edificantes ao pequeno retratar...”

IV

“Feliz estou em relatar!
Escute, meu querido: o trabalho fatal
Foi concluído: os alemães estão os trilhos a colocar.
Os mortos foram enterrados e os doentes,
Ocultados nas trincheiras; o povo trabalhador

Em multidão se aglomera junto aos escritórios,
A nuca a friccionar:
Cada um precisa os copeques[5]
dos dias de repouso ao patrão retornar.

Tudo foi apontado pelos capatazes –
Usos da sauna, faltas por doença...
‘Talvez haja troco...
Ah, Vá...! – deixa pra lá!’

Em seu sobretudo azul, o ilustre patrão –
Rechonchudo e vermelho, como o cobre –
Ronda ao acaso pela linha durante a festividade,
Ronda, “seu” trabalho a inspecionar.

O povo reunido afasta-se solene...
Com superioridade, o suor limpando do rosto,
Exclama o contratante:
‘Bem, bem... Será?... Bons rapazes, bons rapazes...

---

[5] Copeque: moeda da época. (n.t.)

Meus cumprimentos! Vão com Deus para suas casas!
(Tire o chapéu, enquanto eu falo!)
Barril de vinho coloco à disposição
dos trabalhadores, com atraso, presenteio!'

Alguém um 'viva' clama, que retumba
Mais alto, longa e impetuosamente... Veja:
Com uma canção, os capatazes o barril rolam...
Aí nem um preguiçoso resistiria!

As pessoas desarreiam os cavalos e o contratante
Por entre 'aclamações' se afasta pela estrada...
Parece difícil desenhar um quadro mais gratificante,
Não, general?..."

(1864)

CANÇÃO DE NINAR

Sofrimento insuportável,
Tristeza interminável...
Como vítimas em sacrifício,
Arrasta consigo a mão negra da enfermidade.
Onde estás, ó Musa? Cante como dantes!
"Findas as canções, há sombras no olhar.
Assim seja: Morreremos! Fim das esperanças! –
Estou amparada em bordões!"

Bordão ou pá de coveiro
Golpeia, silencia... e cessa.
E já não existes, minha todo-poderosa.
E o verso ao poeta traiu.
Porém, na madrugada profunda,
Não estou só. Ouve... Voz maviosa!
A voz da mãe querida:
"Chega do calor do meio-dia!
É hora, é hora, da sombra a calmaria.
Durma, durma, meu precioso!
Receba a desejada coroa de louros.
Já não és escravo, mas rei coroado.
Nada impera sobre ti!

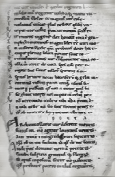
O ataúde não é assustador, eu o conheço.
Não temas raios e trovões,
Não temas chicotes e grilhões,
Não temas venenos e espadas,
Nem a justiça, nem a injustiça,
Nem o vendaval, nem a tempestade,
Nem gemidos,
Nem as lágrimas dos homens!

Durma, mártir perseverante!
Orgulhosa, livre e venturosa
Verás tua pátria.
Durma, durma, durma!

‘Inda ontem, a maldade humana
Infligia-te insultos.
Tudo está terminado, não temas o ataúde!
Não mais encontrarás a crueldade!
Não temas a calúnia, meu caro,
A ela pagaste tributo vivo.
Não temas o frio intolerável:
Hei de te sepultar na primavera.

Não temas o amargo esquecimento:
Já tenho em minhas mãos
Coroa de amor, coroa de absolvimento –
Dádiva de tua doce pátria.
A teimosa escuridão cederá à luz:
Hás de ouvir tuas canções
Sobre o Volga, sobre o Oka, sobre o Kama.
Durma, durma, durma!”

(1877)

Estuoso interiormente
e outras canções
Arquipoeta

O texto: *Estuoso interiormente* (*Estuans intrinsecus*), também conhecido como *Confissão do Arquipoeta (Confessio Archipoetae)*, composto possivelmente em Pávia no ano de 1163, figura como o poema número 191 no manuscrito das *Canções de Beuern* (*Carmina Burana)*, compilação feita no século XIII de obras dos poetas goliardos, dentre as quais o *Estuans* se destaca como uma das grandes obras-primas. Nesse poema cheio de ironia e vigor, o eu-lírico usa o pretexto de confessar seus pecados e pedir a absolvição ao Arcebispo de Colônia para, na verdade, fazer uma celebração do seu estilo de vida dedicado a luxúria, jogo e bebedeiras. A presente seleção também traz o breve poema *Prelado da cidade de Agripina* (*Presul urbis Agripine)*, um elogio do autor ao seu patrono, o Arcebispo de Colônia, e o mais longo *De língua gago (Lingua balbus*), no qual profere um sermão sobre a compaixão divina pelo ser humano enquanto exalta a virtude da generosidade para convencer os interlocutores a lhe dar dinheiro.

Texto traduzido: Watenphul, Heinrich; Krefeld, Heinrich (eds.). *Die Gedichte des Archipoeta*. Heidelberg: Carl Winter/Universitätsverlag, 1958.

O autor: O Arquipoeta (*Archipoeta*) é um anônimo europeu do século XII. Do pouquíssimo que é conhecido sobre ele, especula-se que tenha vivido, aproximadamente, no período de 1130 a 1165, sido membro da corte do Arcebispo Rainald von Dassel e passado os últimos anos de sua vida no mosteiro beneditino de São Martinho, em Colônia, Alemanha.

O tradutor: Yuri Ikeda Fonseca é graduado em Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Para a (n.t.), traduziu Miguel de Unamuno e John Donne.

ESTUANS INTRINSECUS
ET ALIA CARMINA

"Unicuique proprium dat Natura donum:
ego versus faciens bibo vinum bonum."

ARQUIPOETA

ESTUANS INTRINSECUS

1.
Estuans intrinsecus ira vehementi
in amaritudine loquor mee menti:
factus de materia levis elementi
folio sum similis, de quo ludunt venti.

2.
Cum sit enim proprium viro sapienti,
supra petram ponere sedem fundamenti,
stultus ego comparor fluvio labenti,
sub eodem aere numquam permanenti.

3.
Feror ego veluti sine nauta navis,
ut per vias aeris vaga fertur avis;
non me tenent vincula, non me tenet clavis,
quero mei similes et adiungor pravis.

4.
Michi cordis gravitas res videtur gravis,
iocus est amabilis dulciorque favis;

quicquid Venus imperat, labor est suavis,
que numquam in cordibus habitat ignavis.

5.
Via lata gradior more iuventutis,
implico me vitiis immemor virtutis,
voluptatis avidus magis quam salutis,
mortuus in anima curam gero cutis.

6.
Presul discretissime, veniam te precor,
morte bona morior, dulci nece necor,
meum pectus sauciat puellarum decor,
et quas tactu nequeo, saltem corde mechor.

7.
Res est arduissima vincere naturam,
in aspectu virginis mentem esse puram;
iuvenes non possumus legem sequi duram
leviumque corporum non habere curam.

8.
Quis in igne positus igne non uratur?
quis Papie demorans castus habeatur,
ubi Venus digito iuvenes venatur,
oculis illaqueat, facie predatur?

9.
Si ponas Hippolytum hodie Papie,
non erit Hippolytus in sequenti die.
Veneris in thalamos ducunt omnes vie,
non est in tot turribus turris Alethie.

10.
Secundo redarguor etiam de ludo,
sed cum ludus corpore me dimittit nudo,
frigidus exterius, mentis estu sudo;
tunc versus et carmina meliora cudo.

11.
Teruo capitulo memoro tabernam:
illam nullo tempore sprevi neque spernam,
donec sanctos angelos venientes cernam,
cantantes pro mortuis: «Requiem eternam.»

12.
Meum est propositum in taberna mori,
ut sint vina proxima morientis ori;
tunc cantabunt letius angelorum chori:
«Sit Deus propitius huic potatori.»

13.
Poculis accenditur animi lucerna,
cor imbutum nectare volat ad superna,
michi sapit dulcius vinum de taberna,
quam quod aqua miscuit presulis pincerna.

14.
Loca vitant publica quidam poetarum
et secretas eligunt sedes latebrarum,
student, instant, vigilant nec laborant parum,
et vix tandem reddere possunt opus clarum.

15.
Ieiunant et abstinent poetarum chori,
vitant rixas publicas et tumultus fori,
et ut opus faciant, quod non possit mori,
moriuntur studio subditi labori.

16.
Unicuique proprium dat Natura munus:
ego numquam potui scribere ieiunus,
me ieiunum vincere posset puer unus.
Sitim et ieiunium odi tamquam funus.

17.
Unicuique proprium dat Natura donum:
ego versus faciens bibo vinum bonum,

et quod habent purius dolia cauponum;
vinum tale generat copiam sermonum.

18.
Tales versus facio, quale vinum bibo,
nichil possum facere nisi sumpto cibo;
nichil valent penitus, que ieiunus scribo,
Nasonem post calices carmine preibo.

19.
Michi numquam spiritus poetrie datur,
nisi prius fuerit venter bene satur;
dum in arce cerebri Bacchus dominatur,
in me Phebus irruit et miranda fatur.

20.
Ecce mee proditor pravitatis fui,
de qua me redarguunt servientes tui.
sed corum nullus est accusator sui,
quamvis velint ludere seculoque frui.

21.
Iam nunc in presentia presulis beati
secundum dominici regulam mandati
mittat in me lapidem neque parcat vari,
cuius non est animus conscius peccati.

22.
Sum locutus contra me, quicquid de me novi,
et virus evomui, quod tam diu fovi.
vita vetus displicet, mores placent novi;
homo videt faciem, sed cor patet Iovi.

23.
Iam virtutes diligo, vitiis irascor,
renovatus animo spiritu renascor;
quasi modo genitus novo lacte pascor,
ne sit meum amplius vanitatis vas cor.

24.
Electe Colonie, parce penitenti,
fac misericordiam veniam petenti,
et da penitentiam culpam confitenti;
feram, quicquid iusseris, animo libenti.

25.
Parcit enim subditis leo, rex ferarum,
et est erga subditos immemor irarum;
et vos idem facite, principes terrarum:
quod caret dulcedine, nimis est amarum.

PRESUL URBIS AGRIPINE

Presul urbis Agripine,
qui rigorem discipline
bonitate temperas,
nichil agens indiscrete,
ne sit fama mendax de te,
vita famam superas.

LINGUA BALBUS

1.
Lingua balbus, hebes ingenio
Viris doctis sermonem facio.
Sed quod loquor, qui loqui nescio,
Necessitas est, non presumpcio.

2.
Nulli vestrum reor ambiguum
Viris bonis hoc esse congruum,
Ut subportet magnus exiguum,
Egrum sanus et prudens fatuum.

3.
Ne sim reus et dignus odio,
Si lucernam ponam sub modio,
Quod de rebus humanis sencio,
Pia loqui iubet intencio.

4.
Brevem vero sermonem facio,
Ne vos gravet longa narracio,
Ne dormitet lector pre tedio
Et «Tu autem» dicat in medio.

5.
Ad eternam beatitudinem
Lapsum Deus revocans hominem
Verbum suum, suam imaginem
Misit ad nos per matrem virginem.

6.
Est unita Deitas homini,
Servo suo persona Domini,
Morti vita, splendor caligini,
Miseria beatitudini.

7.
Scimus ista potencialiter
Magis facta quam naturaliter,
Scrutantibus spiritualiter
Scire licet quare, non qualiter.

8.
Arte mira, miro consilio
Querens ovem bonus opilio
Vagantibus in hoc exilio
Locutus est nobis in filio.

9.
Sanctum sue mentis consilium
Patefecit mundo per filium,
Ut reiecto cultu sculptilium
Deum nosset error gentilium.

10.
Poetarum seductos fabulis
Veritatis instruxit regulis,
Signis multis atque miraculis
Fidem veram dedit incredulis.

11.
Obmutescant humana somnia,
Nil occultum, iam patent omnia;
Revelavit fata latencia
Non sapiens, sed sapiencia.

12.
Conticescat falsa temeritas,
Ubi palam loquitur veritas!
Quod divina probat auctoritas,
Non inprobet humana falsitas!

13.
Huius mundi preterit orbita,
Stricta ducit ad vitam semita.

Qui scrutatur renum abscondita,
Trutinabit hominum merita.

14.
Iudex iustus, inspector cordium
Nos ad suum trahit iudicium
Redditurus ad pondus proprium
Bona bonis, malis contrarium.

15.
In hac vita misere vivitur,
Vanitas est omne, quod cernitur.
Eri natus hodie moritur,
Finem habet omne, quod oritur.

16.
Sed qui dedit ad tempus vivere,
Vitam brevem potest producere;
Vitam potest de morte facere,
Qui mortuos iubet resurgere.

17.
Nos ad regna vocat celestia,
Ubi prorsus nulla miseria,
Sed voluptas et vera gaudia,
Cum sit Deus omnibus omnia.

18.
Puniamus virtute vicium,
Cuius caret fine supplicium!
Terreat nos ignis incendium,
Fetor, fletus et stridor dencium!

19.
Sciens Deus nos esse teneros
Et gehenne dolores asperos
Pia voce revocat miseros
Ovem suam ponens in humeros.

20.
O pietas inestimabilis!
Omnipotens incorruptibilis,
Creature misertus mobilis
Est pro nobis factus passibilis.

21.
Est alapas passus et verbera,
Ludicrorum diversa genera,
Sputa, spinas et preter cetera
Crucis morte dampnatus aspera.

22.
Cum creator in cruce patitur,
Ferreus est, qui non conpatitur;
Cum Salvator lancea pungitur,
Saxeus est, qui non conpungitur.

23.
Conpungamur intus in anima
Iram Dei placantes lacrima!
Dies ire, dies novissima
Cito venit, nimis est proxima.

24.
Ecce redit districtus arbiter,
Qui passus est misericorditer.
Redit quidem, sed iam minaciter;
Coactus est, non potest aliter.

25.
Mundus totus conmotus acriter
Vindicabit auctorem graviter,
Et torquebit reos perhenniter
Quamvis iuste, tamen crudeliter.

26.
Vos iudicis estis discipuli,
In scriptura divina seduli,

Christiani lucerne populi,
Contemptores presentis seculi.

27.
Vos non estis virgines fatue,
Vestre non sunt lampades vacue,
Vasa vestra manant assidue
Caritatis oleo mutue.

28.
Vos pascitis gregem Dominicum
Erogantes Divinum triticum
Quibusdam plus, quibusdam modicum,
Prout quemque scitis famelicum.

29.
Decus estis ecclesiasticum:
Cum venerit iudex in publicum,
Ut puniat omne maleficum,
Sedebitis in thronis iudicum.

30.
Verumtamen in mundi fluctibus,
Ubi nemo mundus a sordibus,
Quod dicitis in vestris cordibus,
Conpungendum est in cubilibus.

31.
Insistite piis operibus
Bene vestris utentes opibus!
Nam Deo dat, qui dat inopibus:
Ipse Deus est in pauperibus.

32.
Ut Divina testatur pagina,
Opes multe sunt iusto sarcina;
Summa virtus est elemosina,
Dici debet virtutum domina.

33.
Hanc conmendo vobis pre ceteris,
Abscondatur in sinu pauperis!
Crede michi: si quid deliqueris,
Per hanc Deum placare poteris.

34.
Hanc conmendo vobis precipue,
Hec est via vite perpetue,
Quod Salvator ostendens congrue
Dixit: «Omni petenti tribue!»

35.
Scitis ista neque vos doceo,
Sed quod scitis, facere moneo.
Pro me loqui iam tandem debeo;
Non sum puer, etatem habeo.

36.
Vitam meam vobis enucleo,
Paupertatem meam non taceo:
Sic sum pauper et sic indigeo,
Quod tam siti quam fame pereo.

37.
Non sum nequam, nullum decipio,
Uno tantum laboro vicio;
Nam libenter semper accipio
Et plus michi quam fratri cupio.

38.
Si vendatur propter denarium
Indumentum, quod porto, varium,
Grande michi fiet obprobrium,
Malo diu pati ieiunium.

39.
Largissimus largorum omnium
Presul dedit hoc michi pallium

Magis habens in celis premium
Quam Martinus, qui dedit medium.

40.
Nunc est opus, ut vestra copia
Sublevetur vatis inopia,
Dent nobiles dona nobilia,
Aurum, vestes et his similia.

41.
Ne pauperi sit excusacio,
Det quadrantem gazofilacio!
Hec vidue fuit oblacio,
Quam Divina conmendat racio.

42.
Viri digni fama perpetua,
Prece vestra conplector genua;
Ne recedam hinc manu vacua,
Fiat pro me collecta mutua!

43.
Mea vobis patet intencio;
Vos gravari sermone sencio;
Unde finem sermonis facio,
Quem sic finit brevis oracio.

44.
Prestet vobis creator Eloy
Caritatis lechitum olei,
Spei vinum, frumentum fidei
Et post mortem ad vitam provehi,

45.
Nobis vero mundo fruentibus,
Vinum bonum sepe bibentibus,
Sine vino deficientibus
Nummos multos pro largis sumptibus!

Amen.

ESTUOSO INTERIORMENTE
E OUTRAS CANÇÕES

"A cada um a Natureza dá seu próprio dom;
eu, fazendo versos, bebo o vinho bom."

ARQUIPOETA

ESTUOSO INTERIORMENTE

1.
Estuoso interiormente de violenta ira,
em amargura, eu falo com a minha mente:
feito de substância de frívolo elemento,
sou igual folha com a qual brincam os ventos.

2.
Embora seja, com efeito, próprio ao homem sábio
pôr sobre a rocha o alicerce de sua morada,
eu, insensato, sou comparado ao rio escoante,
nunca permanente sob o mesmo céu.

3.
Sou levado como um navio sem marinheiros,
como a ave errante é levada pelas vias dos céus;
correntes não me seguram, a chave não me segura,
busco meus iguais e me junto aos degenerados.

4.
A seriedade do coração me é penosa,
a diversão é amável e mais doce que o mel;

tudo que Vênus ordena é trabalho agradável,
e ela nunca habita nos corações dos inertes.

5.
Trilho o caminho largo ao modo da juventude,
agarro-me aos vícios, esquecido da virtude,
ávido de prazer mais de que de salvação,
morto na alma, tomo conta da pele.

6.
Distintíssimo prelado, peço-te a remissão:
morro de boa morte, pereço de doce corrupção;
a beleza das garotas dilacera o meu peito,
e com as que não posso tocar, adultero no coração.

7.
Coisa dificílima é vencer a natureza,
ter a mente pura ao olhar uma jovem;
nós, jovens, não podemos seguir a lei dura,
e dos corpos frívolos não se sabe uma cura.

8.
Quem, posto no fogo, não é pelo fogo queimado?
Quem é deixado casto permanecendo em Pávia,
onde Vênus os jovens com o dedo caça,
com os olhos enlaça, com a face rapina?

9.
Se colocares Hipólito hoje em Pávia,
Hipólito não existirá no dia seguinte.
Todas as ruas levam ao quarto de Vênus,
dentre tantas torres não há a torre da *Aletheia*.

10.
Em segundo lugar, sou acusado de jogar,
mas quando o jogo me arruína até o corpo ficar nu,
exteriormente gelado, suo de um calor da mente;
então eu forjo versos e canções melhores.

11.
Num terceiro capítulo, lembro-me da taverna:
que em tempo nenhum desprezei nem desprezarei,
até que eu enxergue os santos anjos vindo,
cantando para os mortos: “Descanso eterno”.

12.
O meu propósito é morrer na taverna,
para estarem os vinhos perto da boca agonizante;
coros de anjos cantarão, então, alegremente:
“que Deus seja bom para com este bebedor.”

13.
A lanterna da alma é acesa pelas taças;
o coração úmido em néctar às alturas voa,
a mim o vinho da taverna tem sabor mais doce
que aquele que o teu camareiro mistura com água.

14.
Alguns poetas evitam locais públicos
e elegem secretas moradias dos retiros,
estudam, insistem, não dormem nem trabalham pouco,
e enfim, no esforço, podem entregar uma ilustre obra.

15.
Coros de poetas jejuam e se abstêm,
evitam brigas públicas e locais agitados,
e embora produzam uma obra que não possa morrer,
morrem extenuados pela dedicação ao trabalho.

16.
A cada um a Natureza dá sua própria função;
eu nunca seria capaz de escrever de jejum,
comigo faminto, uma criança me venceria.
Odeio a sede e a fome tanto quanto um funeral.

17.
A cada um a Natureza dá seu próprio dom;
eu, fazendo versos, bebo o vinho bom

e puro que têm as jarras dos taverneiros;
tal vinho gera uma abundância de conversas.

18.
Faço versos tão bons quanto o vinho que bebo,
nada posso fazer não estando a comida comprada;
o que eu escrevo com fome não vale absolutamente nada,
depois de um cálice supero Naso na canção.

19.
A inspiração da poesia nunca me é dada
se antes não estiver a barriga bem saciada;
quando Baco subjuga o baluarte do cérebro,
Febo me invade e faz coisas prodigiosas.

20.
Eis que fui traidor de minha perversidade,
da qual me acusam os teus servidores,
mas nenhum deles é acusador de si mesmo,
embora queiram jogar e gozar da vida mundana.

21.
Já agora, à presença do abençoado prelado,
conforme as regras dos mandamentos divinos,
atire-me a pedra e não poupe o poeta
aquele cujo espírito não é culpado de pecado.

22.
Falei contra mim tudo que sei a meu respeito
e vomitei o veneno que por muito acalentei.
A velha vida insatisfaz, os novos modos agradam,
o homem vê a face, mas o coração está aberto a Deus.

23.
Já estimo as virtudes, irrito-me com os vícios,
renovado na alma, do espírito renasço;
recém-nascido, alimento-me de um novo leite,
não seja mais meu coração um vaso de vaidade.

24.
Ó eminente de Colônia, absolve o penitente,
tem misericórdia de quem pede o perdão,
e dá a penitência ao confesso de culpa:
de bom grado aceitarei na alma o que decidires.

25.
O leão, rei das feras, absolve seus súditos,
e contra os súditos se esquece de ter ira,
fazei vós o mesmo, príncipes das terras:
quem carece de doçura é em excesso amargo.

PRELADO DA CIDADE DE AGRIPINA

Prelado da cidade de Agripina,
Que o rigor da disciplina
Discernes da bondade,
Em nada agindo indistintamente,
Que a reputação não te seja mentirosa,
Pela vida superas a reputação.

DE LÍNGUA GAGO

1.
De língua gago, obtuso de engenho,
faço o sermão a homens doutos.
Mas o que falo, eu que não sei falar,
é necessidade, não presunção.

2.
Suponho que não vos seja duvidoso
ser correto para os homens bons
que o grande carregue o pequeno,
o saudável o doente e o sábio o tolo.

3.
Que eu não seja réu e digno de ódio
se eu colocar a luz debaixo do alqueire,
o que de questões humanas sinto
ordena-me que eu fale um pio intento.

4.
Faço, em verdade, um sermão breve,
como não vos pese uma longa narração,
nem durma o leitor devido ao tédio
e diga "ora, você" no meio.

5.
À beatitude eterna
evocando Deus o homem decadente,
sua palavra, sua imagem
emite para nós pela virgem mãe.

6.
A deidade uniu-se ao homem,
a pessoa do senhor ao seu servo,
a vida à morte, a luz à névoa,
a miséria à felicidade.

7.
Sabemos que isso foi pelo poder
mais do que por natureza feito,
aos que buscam em espírito
é permitido saber por que, não como.

8.
Com a notável arte e notável prudência
com que o bom pastor procura a ovelha,
a nós, vagantes neste exílio,
falou por meio do filho.

9.
A santa prudência de sua mente
desvelou pelo filho ao mundo,
pois, à recusa do culto das esculturas
de deuses, sabia do erro dos membros do povo.

10.
Os seduzidos pelas histórias dos poetas
instruiu nas regras da verdade,
e com muitos sinais e milagres
deu fé verdadeira aos incrédulos.

11.
Silenciem-se os sonhos humanos,
nada se oculta, já tudo se expõe;
revelou as predições escondidas
não um sábio, mas a sapiência.

12.
Cale-se a falsa temeridade
onde abertamente fala a verdade;
o que demonstra a divina autoridade
não negue a humana falsidade.

13.
Passou a órbita deste mundo;
a passagem estreita conduz à vida.

Quem é perscrutado no âmago dos rins
examina os méritos dos homens.

14.
O justo juiz, observador dos corações,
arrasta-nos para seu juízo,
que irá retribuir na justa medida
o bem aos bons, o contrário aos maus.

15.
Nesta vida miseravelmente vivida,
vaidade é tudo que se vê,
o nascido ontem morre hoje,
tudo que vem a existir tem fim.

16.
Mas quem deixou viver temporariamente
pode produzir uma vida breve;
pode fazer da morte vida
quem ordena aos mortos que ressuscitem.

17.
Chama-nos aos reinos celestiais,
onde absolutamente não há miséria,
mas prazer e verdadeiras alegrias,
tudo que seja Deus para todos.

18.
Castiguemos pela virtude o vício,
que é um sofrimento sem fim.
Temamos o calor do fogo,
o fedor, o pranto e o ranger de dentes.

19.
Deus, ciente de que somos fracos
e das dores árduas da Geena,
com voz piedosa revoca os míseros,
colocando a sua ovelha nos ombros.

20.
Ó compaixão inestimável!
o onipotente incorruptível,
apiedado de sua vaga criatura,
tornou-se, por nós, suscetível.

21.
Sofreu golpes e palavras,
diversos tipos de escárnios,
cuspes, espinhos e acima de tudo
a condenação à árdua morte na cruz.

22.
Ante o criador sofrendo na cruz,
é de ferro quem não se compadece;
ante o salvador pela lança espetado,
é de pedra quem não se aflige.

23.
Aflijamo-nos dentro da alma,
aplacando a ira de Deus com a lágrima!
O dia da ira, o último dia,
vem depressa, está muito próximo.

24.
Eis que retorna o fatigado árbitro,
que sofreu compassivamente.
Retorna, em verdade, ainda que ameaçador;
é obrigado, não pode agir diferente.

25.
Todo o mundo inteiro, abalado energicamente,
vingará o autor severamente
e atormentará os réus perenemente,
tanto justa quanto cruelmente.

26.
Vós sois discípulos do juiz,
zelosos das escrituras divinas,

luzes do povo cristão,
desdenhadores da presente era.

27.
Vós não sois jovens ingênuas,
não são vazias as vossas lâmpadas,
vossos vasos gotejam continuamente
o óleo da mútua caridade.

28
Vós alimentais a grei do senhor,
fornecendo o trigo divino,
a alguns mais, a alguns pouco,
conforme sabeis cada qual faminto.

29
Sois o ornamento eclesiástico;
e quando o juiz vier a público
para que puna todo criminoso,
sentar-vos-eis em tronos de juízes.

30
Embora na tormenta do mundo,
mundo onde ninguém é livre de impurezas,
o que dizeis em vossos corações
é o afligir em vossas moradas.

31
Insisti vós nas pias obras,
usando bem vossas riquezas;
pois dá a Deus quem dá aos desprovidos:
o próprio Deus está entre os pobres.

32
Como atesta a página divina,
riquezas demais são um fardo ao justo;
a suma virtude é a caridade,
deve ser, dizem, senhora das virtudes.

33
Ela vos recomendo antes de tudo mais;
que se abrigue no coração dos pobres.
Crê-me: se em algo delinquiste,
por ela poderás aplacar Deus.

34
Ela vos recomendo precipuamente,
ela é o caminho para a vida eterna,
o que o salvador, mostrando-se acertado,
disse: dá a todos que pedem.

35
Sabeis isso, e eu não vos ensino,
mas o que sabeis, lembro-vos de fazer.
Por fim, já devo falar em meu favor,
não sou criança, tenho idade.

36
Explico-vos a minha vida,
não omito a minha pobreza:
sou tão pobre e de tanto careço
que de sede e de fome pereço.

37
Não sou indigno, não engano ninguém:
tanto sofro de um único vício:
pois de bom grado sempre aceito
e desejo mais a mim que ao irmão.

38
Se fosse vendida por quase um denário
a multicor vestimenta que levo,
seria para mim uma grande infâmia;
prefiro passar fome longamente.

39
O mais generoso de todos os generosos,
o Arcebispo, deu-me este manto,

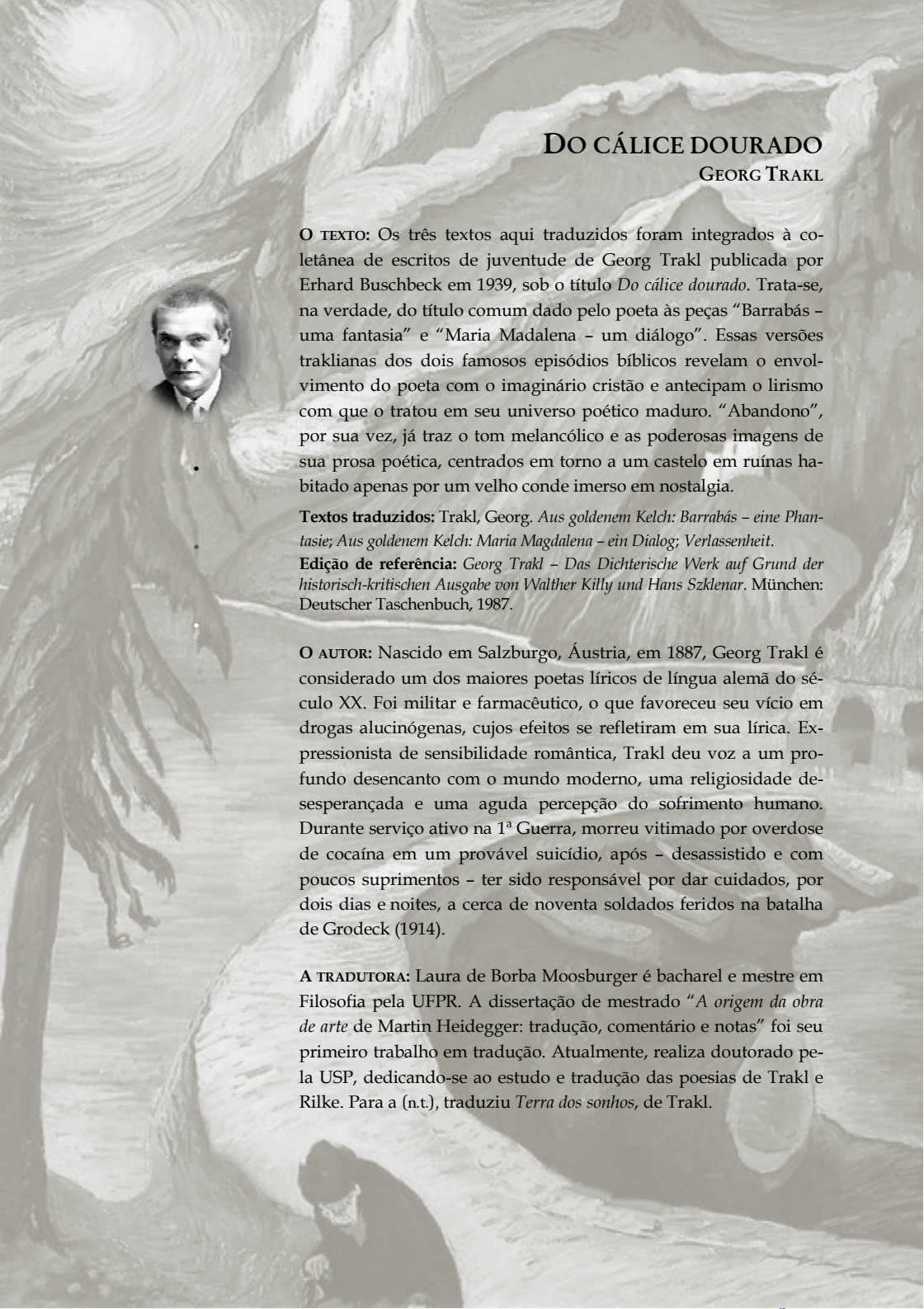
mais recompensa ele tem no céu
que Martinho, que deu a metade.

40
Agora é mister que vossa riqueza
alivie a carência do poeta;
que os nobres deem presentes nobres:
ouro, vestimentas e coisas afins.

41
Que não haja escusa para o pobre,
que dê um quarto ao tesouro;
esta viúva fez a oferenda,
como recomenda a razão divina.

42
Homens dignos de reputação perpétua,
peço envolvendo vossos joelhos:
que eu não recue daqui de mão vazia,
seja-me feita uma mútua contribuição.

43
Minha intenção vos está aberta;
sinto o sermão vos enfadar;
daí faço o fim do sermão,
que encerra com uma breve oração.

44.
Que o criador Elohim vos forneça
o lécito do óleo da caridade,
o vinho da esperança, o trigo da fé,
e que após a morte prossigais à vida.

45
A nós, que o vero mundo aproveitamos,
que bebemos bom vinho com frequência,
que sem vinho nos extinguimos,
muito dinheiro para abundantes gastos.

Amém.

prosa

(n.t.) | Diamantina

Do cálice dourado

Georg Trakl

O texto: Os três textos aqui traduzidos foram integrados à coletânea de escritos de juventude de Georg Trakl publicada por Erhard Buschbeck em 1939, sob o título *Do cálice dourado*. Trata-se, na verdade, do título comum dado pelo poeta às peças "Barrabás – uma fantasia" e "Maria Madalena – um diálogo". Essas versões traklianas dos dois famosos episódios bíblicos revelam o envolvimento do poeta com o imaginário cristão e antecipam o lirismo com que o tratou em seu universo poético maduro. "Abandono", por sua vez, já traz o tom melancólico e as poderosas imagens de sua prosa poética, centrados em torno a um castelo em ruínas habitado apenas por um velho conde imerso em nostalgia.

Textos traduzidos: Trakl, Georg. *Aus goldenem Kelch: Barrabás – eine Phantasie*; *Aus goldenem Kelch: Maria Magdalena – ein Dialog*; *Verlassenheit*.
Edição de referência: *Georg Trakl – Das Dichterische Werk auf Grund der historisch-kritischen Ausgabe von Walther Killy und Hans Szklenar*. München: Deutscher Taschenbuch, 1987.

O autor: Nascido em Salzburgo, Áustria, em 1887, Georg Trakl é considerado um dos maiores poetas líricos de língua alemã do século XX. Foi militar e farmacêutico, o que favoreceu seu vício em drogas alucinógenas, cujos efeitos se refletiram em sua lírica. Expressionista de sensibilidade romântica, Trakl deu voz a um profundo desencanto com o mundo moderno, uma religiosidade desesperançada e uma aguda percepção do sofrimento humano. Durante serviço ativo na 1ª Guerra, morreu vitimado por overdose de cocaína em um provável suicídio, após – desassistido e com poucos suprimentos – ter sido responsável por dar cuidados, por dois dias e noites, a cerca de noventa soldados feridos na batalha de Grodeck (1914).

A tradutora: Laura de Borba Moosburger é bacharel e mestre em Filosofia pela UFPR. A dissertação de mestrado "*A origem da obra de arte* de Martin Heidegger: tradução, comentário e notas" foi seu primeiro trabalho em tradução. Atualmente, realiza doutorado pela USP, dedicando-se ao estudo e tradução das poesias de Trakl e Rilke. Para a (n.t.), traduziu *Terra dos sonhos*, de Trakl.

Aus goldenem Kelch

"Da nun füllte der Jüngling seinen goldenen Becher mit dem köstlichsten Wein, und in dem Gefäß ward der Wein wie glühendes Blut."

GEORG TRAKL

BARRABAS – EINE PHANTASIE

Es geschah aber zur selbigen Stunde, da sie des Menschen Sohn hinausführten gen Golgatha, das da ist die Stätte, wo sie Räuber und Mörder hinrichten.

Es geschah zur selbigen hohen und glühenden Stunde, da er sein Werk vollendete.

Es geschah, daß zur selbigen Stunde eine große Menge Volks lärmend Jerusalems Straßen durchzog – und inmitten des Volkes schritt Barrabas, der Mörder, und trug sein Haupt trotzig hoch.

Und um ihn waren aufgeputzte Dirnen mit rotgemalten Lippen und geschminkten Gesichtern und haschten nach ihm. Und um ihn waren Männer, deren Augen trunken blickten von Wein und Lastern. In aller Reden aber lauerte die Sünde ihres Fleisches, und die Unzucht ihrer Geberden war der Ausdruck ihrer Gedanken.

Viele, die dem trunkenen Zuge begegneten, schlossen sich ihm an und riefen: »Es lebe Barrabas!« Und alle schrieen: »Barrabas lebe!« Jemand hatte auch »Hosiannah!« gerufen. Den aber schlugen sie – denn erst vor wenigen Tagen hatten sie Einem »Hosiannah!« zugerufen, der da in die Stadt gezogen kam als ein König, und hatten frische Palmenzweige auf seinen Weg gestreut. Heute aber streuten sie rote Rosen und jauchzten: »Barrabas!«

Und da sie an einem Palaste vorbeikamen, hörten sie drinnen Saitenspiel und Gelächter und den Lärm eines großen Gelages. Und aus dem Haus trat ein junger Mensch in reichem Festgewand. Und sein Haar glänzte von wohlriechenden Ölen und sein Körper duftete von den kostbarsten Essenzen Arabiens. Sein Auge leuchtete von den Freuden des Gelages und das Lächeln seines Mundes war geil von den Küssen seiner Geliebten.

Als der Jüngling Barrabam erkannte, trat er vor und sprach also:

»Tritt ein in mein Haus, o Barrabas, und auf meinen weichsten Kissen sollst du ruhen; tritt ein, o Barrabas, und meine Dienerinnen sollen deinen Leib mit den kostbarsten Narden salben. Dir zu Füßen soll ein Mädchen auf der Laute seine süßesten Weisen spielen und aus meinem kostbarsten Becher will ich dir meinen glühendsten Wein darreichen. Und in den Wein will ich die herrlichste meiner Perlen werfen. O Barrabas, sei mein Gast für heute – und meinem Gast gehört für diesen Tag meine Geliebte, die schöner ist als die Morgenröte im Frühling. Tritt ein, Barrabas, und kränze dein Haupt mit Rosen, freu' dich dieses Tages, da jener stirbt, dem sie Dornen aufs Haupt gesetzt.«

Und da der Jüngling so gesprochen, jauchzte ihm das Volk zu und Barrabas stieg die Marmorstufen empor, gleich einem Sieger. Und der Jüngling nahm die Rosen, die sein Haupt bekränzten, und legte sie um die Schläfen des Mörders Barrabas.

Dann trat er mit ihm in das Haus, derweil das Volk auf den Straßen jauchzte.

Auf weichen Kissen ruhte Barrabas; Dienerinnen salbten seinen Leib mit den köstlichsten Narden und zu seinen Füßen tönte das liebliche Saitenspiel eines Mädchens und auf seinem Schoß saß des Jünglings Geliebte, die schöner war denn die Morgenröte im Frühling. Und Lachen tönte – und an unerhörten Freuden berauschten sich die Gäste, die sie alle waren des Einzigen Feinde und Verächter – Pharisäer und Knechte der Priester.

Zu Einer Stunde gebot der Jüngling Schweigen, und aller Lärm verstummte.

Da nun füllte der Jüngling seinen goldenen Becher mit dem köstlichsten Wein, und in dem Gefäß ward der Wein wie glühendes Blut. Eine Perle warf er hinein und reichte den Becher Barrabas dar. Der Jüngling aber griff nach einem Becher von Kristall und trank Barrabas zu:

»Der Nazarener ist tot! Es lebe Barrabas!«

Und alle im Saale jauchzten:

»Der Nazarener ist tot! Es lebe Barrabas!«

Und das Volk in den Straßen schrie:

»Der Nazarener ist tot! Es lebe Barrabas!«

Plötzlich aber erlosch die Sonne, die Erde erbebte in ihren Grundfesten und ein ungeheures Grauen ging durch die Welt. Und die Kreatur erzitterte.

Zur selbigen Stunde ward das Werk der Erlösung vollbracht!

MARIA MAGDALENA – EIN DIALOG

Vor den Toren der Stadt Jerusalem. Es wird Abend.

AGATHON. Es ist Zeit, in die Stadt zurückzukehren. Die Sonne ist untergegangen und über der Stadt dämmert es schon. Es ist sehr still geworden. – Doch was antwortest du nicht, Marcellus; was blickst du so abwesend in die Ferne?

MARCELLUS. Ich habe daran gedacht, daß dort in der Ferne das Meer die Ufer dieses Landes bespült; daran habe ich gedacht, daß jenseits des Meeres das ewige, göttergleiche Rom sich zu den Gestirnen erhebt, wo kein Tag eines Festes entbehrt. Und ich bin hier in fremder Erde. An alles das habe ich gedacht. Doch ich vergaß. Es ist wohl Zeit, daß du in die Stadt zurückkehrst. Es dämmert. Und zur Zeit der Dämmerung harrt ein Mädchen vor den Toren der Stadt Agathons. Laß sie nicht warten, Agathon, laß sie nicht warten, deine Geliebte. Ich sage dir, die Frauen dieses Landes sind sehr sonderbar; ich weiß, sie sind voller Rätsel. Laß sie nicht warten, deine Geliebte; denn man weiß nie, was geschehen kann. In einem Augenblick kann Furchtbares geschehen. Man sollte den Augenblick nie versäumen.

AGATHON. Warum sprichst du so zu mir?

MARCELLUS. Ich meine, wenn sie schön ist, deine Geliebte, sollst du sie nicht warten lassen. Ich sage dir, ein schönes Weib ist etwas ewig Unerklärliches. Die Schönheit des Weibes ist ein Rätsel. Man durchschaut sie nicht. Man weiß nie, was ein schönes Weib sein kann, was sie zu tun gezwungen ist. Das ist es, Agathon! Ach du – ich kannte eine. Ich kannte eine, ich sah Dinge geschehen, die ich nie ergründen werde. Kein Mensch würde sie ergründen können. Wir schauen nie den Grund der Geschehnisse.

AGATHON. Was sahst du geschehen? Ich bitte dich, erzähle mir mehr davon!

MARCELLUS. So gehen wir. Vielleicht ist eine Stunde gekommen, da ich es sagen werde können, ohne vor meinen eigenen Worten und Gedanken erschaudern zu müssen. (Sie gehen langsam den Weg nach Jerusalem zurück. Es ist Stille um sie.)

MARCELLUS. Es ging vor sich in einer glühenden Sommernacht, da in der Luft das Fieber lauert und Mond die Sinne verwirrt. Da sah ich sie. Es war in einer kleinen Schenke. Sie tanzte dort, tanzte mit nackten Füßen auf einem

kostbaren Teppich. Niemals sah ich ein Weib schöner tanzen, nie berauschter; der Rhythmus ihres Körpers ließ mich seltsam dunkle Traumbilder schauen, daß heiße Fieberschauer meinen Körper durchbebten. Mir war, als spiele dieses Weib im Tanz mit unsichtbaren, köstlichen, heimlichen Dingen, als umarmte sie göttergleiche Wesen, die niemand sah, als küßte sie rote Lippen, die sich verlangend den ihren neigten; ihre Bewegungen waren die höchster Lust; es schien, als würde sie von Liebkosungen überschüttet. Sie schien Dinge zu sehen, die wir nicht sahen und spielte mit ihnen im Tanze, genoß sie in unerhörten Verzückungen ihres Körpers. Vielleicht hob sie ihren Mund zu köstlichen, süßen Früchten und schlürfte feurigen Wein, wenn sie ihren Kopf zurückwarf und ihr Blick verlangend nach oben gerichtet war. Nein! Ich habe das nicht begriffen, und doch war alles seltsam lebendig – es war da. Und sank dann hüllenlos, nur von ihren Haaren überflutet, zu unseren Füßen nieder. Es war, als hätte sich die Nacht in ihrem Haar zu einem schwarzen Knäuel zusammengeballt und entrückte sie uns. Sie aber gab sich hin, gab ihren herrlichen Leib hin, gab ihn einem jeden, der ihn haben wollte, hin. Ich sah sie Bettler und Gemeine, sah sie Fürsten und Könige lieben. Sie war die herrlichste Hetäre. Ihr Leib war ein köstliches Gefäß der Freude, wie es die Welt nicht schöner sah. Ihr Leben gehörte der Freude allein. Ich sah sie bei Gelagen tanzen und ihr Leib wurde von Rosen überschüttet. Sie aber stand inmitten leuchtender Rosen wie eine eben aufgeblühte, einzig schöne Blume. Und ich sah sie die Statue des Dionysos mit Blumen kränzen, sah sie den kalten Marmor umarmen, wie sie ihre Geliebten umarmte, sie erstickte mit ihren brennenden, fiebernden Küssen. – Und da kam einer, der ging vorbei, wortlos, ohne Geberde, und war gekleidet in ein härenes Gewand, und Staub war auf seinen Füßen. Der ging vorbei und sah sie an – und war vorüber. Sie aber blickte nach Ihm, erstarrte in ihrer Bewegung – und ging, ging, und folgte jenem seltsamen Propheten, der sie vielleicht mit den Augen gerufen hatte, folgte Seinem Ruf und sank zu Seinen Füßen nieder. Erniedrigte sich vor Ihm – und sah zu Ihm auf wie zu einem Gott; diente Ihm, wie Ihm die Männer dienten, die um Ihn waren.

AGATHON. Du bist noch nicht zu Ende. Ich fühle, du willst noch etwas sagen.

MARCELLUS. Mehr weiß ich nicht. Nein! Aber eines Tages erfuhr ich, daß sie jenen sonderlichen Propheten ans Kreuz schlagen wollten. Ich erfuhr es von unserem Statthalter Pilatus. Und da wollte ich hinausgehen nach Golgatha, wollte Jenen sehen, wollte Ihn sterben sehen. Vielleicht wäre mir ein rätselhaftes Geschehnis offenbar geworden. In Seine Augen wollte ich blicken;

Seine Augen würden vielleicht zu mir gesprochen haben. Ich glaube, sie hätten gesprochen.

AGATHON. Und du gingst nicht!

MARCELLUS. Ich war auf dem Wege dahin. Aber ich kehrte um. Denn ich fühlte, ich würde jene draußen treffen, auf den Knien vor dem Kreuz, zu Ihm beten, auf das Fliehen Seines Lebens lauschend. In Verzückung. Und da kehrte ich wieder um. Und in mir ist es dunkel geblieben.

AGATHON. Doch jener Seltsame? – Nein, wir wollen nicht davon sprechen!

MARCELLUS. Laß uns darüber schweigen, Agathon! Wir können nichts anderes tun. – Sieh nur, Agathon, wie es in den Wolken seltsam dunkel glüht. Man könnte meinen, daß hinter den Wolken ein Ozean von Flammen loderte. Ein göttliches Feuer! Und der Himmel ist wie eine blaue Glocke. Es ist, als ob man sie tönen hörte, in tiefen, feierlichen Tönen. Man könnte sogar vermuten, daß dort oben in den unerreichbaren Höhen etwas vorgeht, wovon man nie etwas wissen wird. Aber ahnen kann man es manchmal, wenn auf die Erde die große Stille herabgestiegen ist. Und doch! Alles das ist sehr verwirrend. Die Götter lieben es, uns Menschen unlösbare Rätsel aufzugeben. Die Erde aber rettet uns nicht vor der Arglist der Götter; denn auch sie ist voll des Sinnbetörenden. Mich verwirren die Dinge und die Menschen. Gewiß! Die Dinge sind sehr schweigsam! Und die Menschenseele gibt ihre Rätsel nicht preis. Wenn man fragt, so schweigt sie.

AGATHON. Wir wollen leben und nicht fragen. Das Leben ist voll des Schönen.

MARCELLUS. Wir werden vieles nie wissen. Ja! Und deshalb wäre es wünschenswert, das zu vergessen, was wir wissen. Genug davon! Wir sind bald am Ziel. Sieh nur, wie verlassen die Straßen sind. Man sieht keinen Menschen mehr. (Ein Wind erhebt sich.) Es ist dies eine Stimme, die uns sagt, daß wir zu den Gestirnen aufblicken sollen. Und schweigen.

AGATHON. Marcellus, sieh, wie hoch das Getreide auf den Äckern steht. Jeder Halm beugt sich zur Erde – früchteschwer. Es werden herrliche Erntetage sein.

MARCELLUS. Ja! Festtage! Festtage, mein Agathon!

AGATHON. Ich gehe mit Rahel durch die Felder, durch die früchteschweren, gesegneten Äcker! O du herrliches Leben!

MARCELLUS. Du hast recht! Freue dich deiner Jugend. Jugend allein ist Schönheit! Mir geziemt es, im Dunkel zu wandern. Doch hier trennen sich

unsere Wege. Deiner harrt die Geliebte, meiner – das Schweigen der Nacht! Leb' wohl, Agathon! Es wird eine herrlich schöne Nacht sein. Man kann lange im Freien bleiben.

AGATHON. Und kann zu den Gestirnen emporblicken – zur großen Gelassenheit. Ich will fröhlich meiner Wege gehen und die Schönheit preisen. So ehrt man sich und die Götter.

MARCELLUS. Tu, wie du sagst, und du tust recht! Leb' wohl, Agathon!

AGATHON (nachdenklich). Nur eines will ich dich noch fragen. Du sollst nichts dabei denken, daß ich dich darnach frage. Wie hieß doch jener seltsame Prophet? Sag'!

MARCELLUS. Was nützt es dir, das zu wissen! Ich vergaß seinen Namen. Doch nein! Ich erinnere mich. Ich erinnere mich. Er hieß Jesus und war aus Nazareth!

AGATHON. Ich danke dir! Leb' wohl! Die Götter mögen dir wohlgesinnt sein, Marcellus! (Er geht.)

MARCELLUS (in Gedanken verloren). Jesus! – Jesus! Und war aus Nazareth. (Er geht langsam und gedankenvoll seiner Wege. Es ist Nacht geworden und am Himmel leuchten unzählige Sterne.)

VERLASSENHEIT

1

Nichts unterbricht mehr das Schweigen der Verlassenheit. Über den dunklen, uralten Gipfeln der Bäume ziehn die Wolken hin und spiegeln sich in den grünlich-blauen Wassern des Teiches, der abgründlich scheint. Und unbeweglich, wie in trauervolle Ergebenheit versunken, ruht die Oberfläche – tagein, tagaus.

Inmitten des schweigsamen Teiches ragt das Schloß zu den Wolken empor mit spitzen, zerschlissenen Türmen und Dächern. Unkraut wuchert über die schwarzen, geborstenen Mauern, und an den runden, blinden Fenstern prallt das Sonnenlicht ab. In den düsteren, dunklen Höfen fliegen Tauben umher und suchen sich in den Ritzen des Gemäuers ein Versteck.

Sie scheinen immer etwas zu befürchten, denn sie fliegen scheu und hastend an den Fenstern hin. Drunten im Hof plätschert die Fontäne leise und fein. Aus bronzener Brunnenschale trinken dann und wann die dürstenden Tauben.

Durch die schmalen, verstaubten Gänge des Schlosses streift manchmal ein dumpfer Fieberhauch, daß die Fledermäuse erschreckt aufflattern. Sonst stört nichts die tiefe Ruhe.

Die Gemächer aber sind schwarz verstaubt! Hoch und kahl und frostig und voll erstorbener Gegenstände. Durch die blinden Fenster kommt bisweilen ein kleiner, winziger Schein, den das Dunkel wieder aufsaugt. Hier ist die Vergangenheit gestorben.

Hier ist sie eines Tages erstarrt in einer einzigen, verzerrten Rose. An ihrer Wesenlosigkeit geht die Zeit achtlos vorüber.

Und alles durchdringt das Schweigen der Verlassenheit.

2

Niemand vermag mehr in den Park einzudringen. Die Äste der Bäume halten sich tausendfach umschlungen, der ganze Park ist nur mehr ein einziges, gigantisches Lebewesen.

Und ewige Nacht lastet unter dem riesigen Blätterdach. Und tiefes Schweigen! Und die Luft ist durchtränkt von Vermoderungsdünsten!

Manchmal aber erwacht der Park aus schweren Träumen. Dann strömt er ein Erinnern aus an kühle Sternennächte, an tief verborgene heimliche Stellen,

da er fiebernde Küsse und Umarmungen belauschte, an Sommernächte, voll glühender Pracht und Herrlichkeit, da der Mond wirre Bilder auf den schwarzen Grund zauberte, an Menschen, die zierlich galant, voll rhythmischer Bewegungen unter seinem Blätterdache dahinwandelten, die sich süße, verrückte Worte zuraunten, mit feinem verheißenden Lächeln.

Und dann versinkt der Park wieder in seinen Todesschlaf.

Auf den Wassern wiegen sich die Schatten von Blutbuchen und Tannen und aus der Tiefe des Teiches kommt ein dumpfes, trauriges Murmeln.

Schwäne ziehen durch die glänzenden Fluten, langsam, unbeweglich, starr ihre schlanken Hälse emporrichtend. Sie ziehen dahin! Rund um das erstorbene Schloß! Tagein! Tagaus!

Bleiche Lilien stehn am Rande des Teiches mitten unter grellfarbigen Gräsern. Und ihre Schatten im Wasser sind bleicher als sie selbst.

Und wenn die einen dahinsterben, kommen andere aus der Tiefe. Und sie sind wie kleine, tote Frauenhände.

Große Fische umschwimmen neugierig, mit starren, glasigen Augen die bleichen Blumen, und tauchen dann wieder in die Tiefe – lautlos!

Und alles durchdringt das Schweigen der Verlassenheit.

3

Und droben in einem rissigen Turmgemach sitzt der Graf. Tagein, tagaus.

Er sieht den Wolken nach, die über den Gipfeln der Bäume hinziehen, leuchtend und rein. Er sieht es gern, wenn die Sonne in den Wolken glüht, am Abend, da sie untersinkt. Er horcht auf die Geräusche in den Höhen: auf den Schrei eines Vogels, der am Turm vorbeifliegt oder auf das tönende Brausen des Windes, wenn er das Schloß umfegt.

Er sieht wie der Park schläft, dumpf und schwer, und sieht die Schwäne durch die glitzernden Fluten ziehn – die das Schloß umschwimmen. Tagein! Tagaus!

Und die Wasser schimmern grünlich-blau. In den Wassern aber spiegeln sich die Wolken, die über das Schloß hinziehen; und ihre Schatten in den Fluten leuchten strahlend und rein, wie sie selbst. Die Wasserlilien winken ihm zu, wie kleine, tote Frauenhände, und wiegen sich nach den leisen Tönen des Windes, traurig träumerisch.

Auf alles, was ihn da sterbend umgibt, blickt der arme Graf, wie ein kleines, irres Kind, über dem ein Verhängnis steht, und das nicht mehr Kraft hat, zu leben, das dahinschwindet, gleich einem Vormittagsschatten.

Er horcht nur mehr auf die kleine, traurige Melodie seiner Seele: Vergangenheit!

Wenn es Abend wird, zündet er seine alte, verrußte Lampe an und liest in mächtigen, vergilbten Büchern von der Vergangenheit Größe und Herrlichkeit.

Er liest mit fieberndem, tönendem Herzen, bis die Gegenwart, der er nicht angehört, versinkt. Und die Schatten der Vergangenheit steigen herauf – riesengroß. Und er lebt das Leben, das herrlich schöne Leben seiner Väter.

In Nächten, da der Sturm um den Turm jagt, daß die Mauern in ihren Grundfesten dröhnen und die Vögel angstvoll vor seinem Fenster kreischen, überkommt den Grafen eine namenlose Traurigkeit.

Auf seiner jahrhundertalten, müden Seele lastet das Verhängnis.

Und er drückt das Gesicht an das Fenster und sieht in die Nacht hinaus. Und da erscheint ihm alles riesengroß traumhaft, gespensterlich! Und schrecklich. Durch das Schloß hört er den Sturm rasen, als wollte er alles Tote hinausfegen und in Lüfte zerstreuen.

Doch wenn das verworrene Trugbild der Nacht dahinsinkt wie ein heraufbeschworener Schatten – durchdringt alles wieder das Schweigen der Verlassenheit.

DO CÁLICE DOURADO

"E então o jovem encheu sua taça dourada com o vinho mais precioso, e no recipiente o vinho fervia como sangue."

GEORG TRAKL

BARRABÁS – UMA FANTASIA

E aconteceu na exata hora em que conduziam o filho dos homens a Gólgota, pois este é o local onde se executam os ladrões e assassinos.

Aconteceu na exata hora elevada e luminosa em que ele completou sua obra.

Aconteceu que nessa exata hora uma multidão de pessoas atravessou em polvorosa as ruas de Jerusalém – e em meio ao povo caminhava Barrabás, o assassino, erguendo a cabeça orgulhosamente.

E à sua volta prostitutas embonecadas o cobiçavam, com os lábios pintados de vermelho e as caras maquiadas. E à sua volta havia homens cujos olhos miravam bêbados de vinho e depravação. E em todas as suas palavras espreitava o pecado de sua carne, e a impudicícia de seus gestos era a expressão de seus pensamentos.

Muitos que cruzavam o caminho da embriagada procissão juntavam-se a ela e gritavam: "Que viva Barrabás!", e todos gritavam: "Viva Barrabás!". Alguém também gritou "Hosana!", mas neste os demais bateram – pois há poucos dias apenas eles haviam gritado "Hosana!" àquele que adentrara a cidade como um rei, e haviam espalhado ramos frescos de palmeira em seu caminho. Mas hoje espalhavam rosas vermelhas e clamavam "Barrabás!".

E ao passarem por um castelo, ouviram alaúdes tocando lá dentro, e risadas e a balbúrdia de um grande banquete. E de dentro da casa saiu um jovem

homem em rico traje de festa. E seus cabelos brilhavam de óleos perfumados e seu corpo rescendia as mais preciosas essências árabes. Seus olhos estavam iluminados pelas alegrias do banquete e o sorriso em sua boca estava excitado dos beijos de sua amante.

Ao reconhecer Barrabás, deu um passo à frente e disse assim:

"Entra em minha casa, ó Barrabás, e haverás de repousar em meu travesseiro mais macio; entra, ó Barrabás, e minhas criadas ungirão teu corpo com os bálsamos mais preciosos. A teus pés uma jovem moça irá tocar no alaúde as mais doces canções, e em minha taça mais preciosa servir-te-ei meu vinho mais ardente. E no vinho jogarei a mais magnífica de minhas pérolas. Ó Barrabás, sê meu convidado por hoje – e ao meu convidado pertencerá neste dia a minha amante, mais bela do que a aurora na primavera. Entra, ó Barrabás, e coroa tua cabeça com rosas, e alegra-te com este dia, pois hoje morre aquele a quem puseram espinhos na cabeça."

E ao falar assim o jovem homem, o povo o aclamou e Barrabás subiu os degraus de mármore como um vencedor. E o jovem homem pegou as rosas que lhe cingiam a cabeça e as depositou nas têmporas do assassino Barrabás.

E então entrou com ele em casa, enquanto o povo bradava nas ruas.

Em travesseiros macios repousou Barrabás; criadas ungiram seu corpo com os mais preciosos bálsamos e a seus pés uma moça tocou adoráveis canções e em seu colo sentou-se a amante do jovem homem, mais bela que a aurora na primavera. E soaram risadas – e os convidados embriagavam-se em uma alegria inaudita, pois eles todos eram inimigos e traidores do Único – fariseus e servos dos sacerdotes.

Em determinado momento o jovem homem ordenou que se fizesse silêncio, e todo barulho se calou.

E então o jovem encheu sua taça dourada com o vinho mais precioso, e no recipiente o vinho fervia como sangue. Atirou uma pérola dentro dele e o ofereceu a Barrabás. O jovem, por sua vez, agarrou uma taça de cristal e bebeu em homenagem a Barrabás:

"O Nazareno está morto! Que viva Barrabás!"

E todos no salão bradaram:

"O Nazareno está morto! Que viva Barrabás!"

E o povo nas ruas gritava:

"O Nazareno está morto! Que viva Barrabás!"

Súbito, porém, apagou-se o sol, a Terra tremeu em suas bases e um terror monstruoso percorreu o mundo. E as criaturas estremeceram.

Nessa exata hora cumpriu-se a obra da salvação!

MARIA MADALENA – UM DIÁLOGO

Diante dos portões da cidade de Jerusalém. Anoitece.

AGATÃO: É tempo de retornar à cidade. O sol se pôs e já escurece sobre a cidade. Tudo ficou tão quieto. – Mas por que é que não respondes, Marcelo? O que é que olhas tão ausente na distância?

MARCELO: Eu estava pensando que lá longe o mar banha as margens desta Terra; estava pensando que para além do mar a eterna, divina Roma eleva-se para os astros, onde nenhum dia carece de festa. E eu estou aqui em terra estranha. Em tudo isso estava pensando. Mas eu esqueci. Já é mesmo tempo de retornares à cidade. Anoitece. E à hora do crepúsculo uma donzela aguarda diante dos portões da cidade de Agatão. Não a deixes esperando, Agatão, não a deixes esperando, a tua amada. Eu te digo, as mulheres desta terra são muito peculiares; eu o sei, elas são cheias de mistério. Não a deixes esperando, a tua amada; pois nunca se sabe o que pode acontecer. Em um piscar de olhos pode acontecer o temível. Melhor seria nunca piscar os olhos.

AGATÃO: Por que me falas assim?

MARCELO: Quero dizer que, se ela é bonita, a tua amada, não a deves deixar esperando. Eu te digo, uma mulher bonita é algo eternamente inexplicável. A beleza da mulher é um enigma. Nunca se a decifra. Nunca se sabe o que uma mulher bonita pode ser, o que ela é compelida a fazer. Assim é, Agatão! Ah, tu – eu conheci uma. Conheci uma, e vi acontecerem coisas que nunca esclarecerei. Homem algum poderia esclarecê-las. Nós nunca vemos o fundo dos acontecimentos.

AGATÃO: O que viste acontecer? Peço-te, conta-me mais a respeito!

MARCELO: Ponhamo-nos a caminho. Talvez tenha chegado o momento em que eu possa contá-lo sem precisar estremecer perante minhas próprias palavras e pensamentos. (Eles trilham vagarosamente o caminho de volta a Jerusalém. Faz silêncio ao seu redor.)

MARCELO: Passou-se em uma brilhante noite de verão, em que a febre paira pelo ar e a lua confunde os sentidos. Então eu a vi. Foi em uma pequena taverna. Ela dançava lá, dançava com pés nus sobre um precioso tapete. Nunca eu vira uma mulher dançar com maior beleza, nunca com maior embriaguez; o ritmo de seu corpo fazia-me ver estranhas, obscuras imagens oníricas, a tal ponto que um arrepio febril percorria meu corpo, fazendo-me estremecer.

Parecia-me como se essa mulher brincasse em sua dança com coisas invisíveis, preciosas, secretas, como se ela abraçasse seres divinos que ninguém via, como se beijasse lábios vermelhos que, cheios de desejo, inclinavam-se para os seus; seus movimentos eram o mais alto regozijo; era como se algo a cobrisse de carícias. Ela parecia ver coisas que nós não víamos, e brincava com elas em sua dança e deliciava-se com elas em êxtases extraordinários de seu corpo. Talvez ela erguesse sua boca para frutos preciosos, doces, e sorvesse vinho flamejante, quando atirava a cabeça para trás e seu olhar se voltava desejoso para cima. Não! Eu não compreendia e, no entanto, tudo foi estranhamente vívido – estava lá. E então desabava desnuda aos nossos pés, envolta apenas por seus cabelos. Era como se a noite se houvesse acumulado em um negro novelo em seus cabelos e no-la arrebatasse. Ela, porém, entregava-se a nós, entregava seu corpo magnífico, entregava-o a cada um que o quisesse possuir. Eu a vi amar mendigos e ordinários, eu a vi amar príncipes e reis. Ela era a mais magnífica hetera. Seu corpo era um precioso recipiente do prazer, como o mundo nunca vira mais belo. Sua vida pertencia unicamente ao prazer. Eu a vi dançar em banquetes e seu corpo cobria-se de rosas. Ela, porém, ficava em meio às rosas vibrantes como uma flor única em sua beleza recém-desabrochada. E eu a vi coroar com flores a estátua de Dionísio, vi-a abraçar o mármore frio tal como abraçava seus amantes, sufocando-o com seus beijos tórridos e febris. – E eis que então chega um homem, que passava por ali, sem esboçar palavra ou gesto, envolto em um manto de pelos, e havia poeira em seus pés. Ele passou por ali e a viu – e foi embora. Ela, porém, olhou para ele, paralisada em seus movimentos – e se foi, foi, e seguiu aquele estranho profeta, que talvez a tivesse chamado com os olhos, seguiu seu chamado e desabou a seus pés. Humilhou-se diante d'Ele – e levantava os olhos para Ele como para um Deus; servia-O, tal como O serviam os homens que estavam à Sua volta.

AGATÃO: Mas ainda não terminaste. Sinto que ainda queres dizer alguma coisa.

MARCELO: Mais eu não sei. Não! Mas um dia fiquei sabendo que queriam pregar na cruz aquele estranho profeta. Fiquei sabendo por nosso prefeito Pilatos. E então eu quis partir para Gólgota, queria ver Aquele, queria vê-lO morrer. Talvez um acontecimento misterioso me fosse revelado. Eu queria olhar em Seus olhos; Seus olhos talvez me teriam falado. Creio que teriam falado.

AGATÃO: E não foste!

MARCELO: Eu estava a caminho de lá. Mas retornei. Pois pressenti que a encontraria lá fora, ajoelhada diante da cruz, rezando por Ele, ouvindo Sua vida expirar. Em êxtase. E então de novo retornei. E em mim permaneceu escuro.

AGATÃO: Mas aquele estranho? – Não, não queiramos falar disso!

MARCELO: Calemos sobre isso, Agatão! Não podemos fazer outra coisa. – Só olha, Agatão, como brilha nas nuvens um brilho estranhamente escuro. Poder-se-ia pensar que por detrás das nuvens chameja um oceano de flamas. Um fogo divino! E o céu é como um sino azul. É como se o ouvíssemos soar, em tons profundos, solenes. Poder-se-ia até mesmo supor que lá em cima, nas alturas inalcançáveis, desenrola-se algo do qual jamais se virá a saber qualquer coisa. Mas às vezes podemos pressenti-lo, quando a grande quietude desce sobre a Terra. E no entanto! Tudo isso é muito confuso. Os deuses amam enviar-nos enigmas insolúveis. E a Terra não nos salva da astúcia dos deuses; pois também ela é cheia de encantamentos. A mim me confundem as coisas e os homens. Certamente! As coisas são demasiado silenciosas! E a alma humana não revela seus segredos. Quando perguntamos, ela se cala.

AGATÃO: Queremos viver e não perguntar. A vida é cheia de beleza.

MARCELO: Há muitas coisas que nunca saberemos. Sim! E por isso seria desejável esquecer aquilo que sabemos. Mas basta disso! Logo chegaremos a nosso destino. Mas olha como estão abandonadas as ruas. Já não se vê mais ninguém. (Um vento se levanta.) Isto é uma voz que nos diz que devemos olhar para os astros. E silenciar.

AGATÃO: Marcelo, olha como o trigo está alto nos campos. Cada talo se curva para a Terra – pejado de grãos. Magníficos dias de colheita estão por vir!

MARCELO: Sim! Dias de festa! Dias de festa, meu bom Agatão!

AGATÃO: Irei pelos campos com Raquel, pelas searas abençoadas, fartas de grãos! Ó vida maravilhosa!

MARCELO: Tu tens razão! Aproveita tua juventude. Somente a juventude é beleza! A mim convém vaguear no escuro. Mas aqui se separam nossos caminhos. No teu te aguarda a tua amada, no meu – o silêncio da noite! Vive bem, Agatão! Será uma noite esplendidamente bela. Pode-se ficar muito tempo ao ar livre.

AGATÃO: E olhar para os astros lá no alto – para a grande serenidade. Seguirei contente o meu caminho e louvarei a beleza. Assim se honra a si mesmo e aos deuses.

MARCELO: Faz assim como dizes, e fazes bem! Vive bem, Agatão!

AGATÃO (pensativo): Apenas uma coisa quero ainda te perguntar. Não deves pensar nada por te perguntar isto. Como se chamava aquele estranho profeta? Diz!

MARCELO: Que proveito te traz sabê-lo! Eu esqueci seu nome. Mas não! Eu me lembro. Eu me lembro. Ele se chamava Jesus e era de Nazaré!

AGATÃO: Eu te agradeço! Vive bem! Que os deuses te sejam favoráveis, Marcelo! (Ele se vai).

MARCELO (Perdido em pensamentos): Jesus! – Jesus! E era de Nazaré. (Ele segue devagar e meditativo o seu caminho. Fez-se noite e no céu reluzem incontáveis estrelas.)

ABANDONO

1

Nada mais interrompe o silêncio do abandono. Sobre as escuras e antigas copas das árvores, as nuvens deslizam pelo céu e se espelham nas águas azul-esverdeadas da lagoa que parece não ter fundo. E imóvel, como se imersa em uma triste devoção, repousa a superfície – dia após dia.

No centro da quieta lagoa o castelo se ergue em direção às nuvens com torres e telhados gastos e pontiagudos. Ervas daninhas proliferam sobre os muros negros e rachados, e nas janelas redondas e baças rebate a luz do sol. Nos pátios escuros e sombrios, pombos voam para lá e para cá em busca de um esconderijo nas frestas das ruínas.

Eles parecem sempre temer alguma coisa, pois voam com pressa e timidez rente às janelas. Lá embaixo no pátio a fonte borbulha baixinho, suavemente. Da bacia de bronze bebem de vez em quando os pombos sedentos.

Pelos corredores estreitos e empoeirados do castelo vagueia por vezes um hálito úmido e febril, fazendo os morcegos voarem assustados. Fora isso, nada perturba a profunda quietude.

E os aposentos são cobertos de negra poeira! Com paredes altas e nuas, gélidos e cheios de objetos mortos. Através das janelas embaçadas surge por vezes um pequeno, minúsculo brilho, que o escuro torna a absorver. Aqui, o passado morreu.

Aqui ele um dia se congelou em uma única rosa distorcida. Na sua ausência de ser, o tempo passa inadvertidamente.

E em tudo penetra o silêncio do abandono.

2

Ninguém mais lograria adentrar o parque. Os galhos das árvores se emaranham em mil entrelaçamentos, e o parque inteiro já não é senão uma única e gigante criatura.

E noite eterna pesa sob o imenso dossel do arvoredo. E profundo silêncio! E o ar está saturado de vapores pútridos!

Mas por vezes o parque desperta de sonhos pesados. E então ele exala uma lembrança de frescas noites estreladas, de lugares secretos profundamente escondidos em que ele espreitava beijos e abraços febris, de noites de verão

cheias de um esplendor e magnificência candentes, quando a lua conjurava confusas imagens sobre o fundo negro, e de pessoas que, com graça e elegância, cheias de movimentos rítmicos, passeavam por ali sob as copas das árvores, sussurrando entre si palavras doces e inebriadas, com leves sorrisos repletos de promessa.

E então o parque afunda novamente em seu sono mortal.

Sobre as águas oscilam as sombras de abetos e faias purpúreas, e das profundezas da lagoa emerge um murmúrio obscuro e triste.

Cisnes deslizam sobre as ondas cintilantes, devagar e impassíveis, erguendo inflexivelmente seus pescoços esguios. Vão para lá e para cá! Ao redor do morto castelo! Dia após dia!

Pálidos lírios crescem às margens da lagoa em meio à relva de cores vibrantes. E suas sombras na água são mais pálidas que eles próprios.

E quando um ali morre, outro surge das profundezas. E eles são como pequenas, mortas mãos de mulher.

Grandes peixes nadam curiosos, com olhos fixos, vidrados em torno às pálidas flores, e então, mergulham novamente nas profundezas – sem ruído!

E em tudo penetra o silêncio do abandono.

3

E lá em cima em um quarto em ruína na torre senta-se o conde. Dia após dia.

Ele contempla as nuvens que deslizam sobre as copas das árvores, luminosas e límpidas. Agrada-lhe ver o sol ardendo através das nuvens, quando se põe no entardecer. Ele escuta os sons das alturas: o grito de um pássaro que voa próximo à torre ou o bramido estrondoso do vento desferindo rajadas em torno ao castelo.

Ele observa o parque dormir surdo e pesado, e vê os cisnes deslizarem pelas ondas cintilantes – nadando ao redor do castelo. Dia após dia!

E as águas brilham azul-esverdeadas. E nas águas espelham-se as nuvens que deslizam sobre o castelo; e seus vultos nas ondas luzem radiantes e límpidos como elas próprias. Os lírios d'água acenam para ele, como pequenas, mortas mãos de mulher, e balançam aos sons suaves do vento, como em um triste sonho.

A tudo que ali o rodeia morrendo o pobre conde olha como uma pequena criança perdida sobre a qual uma fatalidade recai e que, já sem forças para viver, se desvanece como uma sombra da manhã.

Ele só escuta ainda a melodia breve e triste de sua alma: passado!

Quando a noite vem, acende sua velha lâmpada cheia de fuligem e lê, em livros majestosos e amarelecidos, sobre a grandeza e a glória do passado.

Lê com o coração em febre e pulsando fortemente, até que se afunde o presente, ao qual ele não pertence. E as sombras do passado se erguem – imensas. E ele vive a vida, a vida magnificamente bela de seus antepassados.

Em noites em que a tempestade se abate sobre a torre, fazendo os muros estremecerem em suas bases e os pássaros gritarem aflitos à sua janela, o conde é invadido por uma tristeza inominável.

Em sua alma centenária, cansada, pesa a fatalidade.

E ele pressiona o rosto contra a janela e olha para a noite lá fora. E tudo lhe parece imensuravelmente onírico, fantasmagórico! E horripilante. Ele ouve a tempestade fustigar o castelo, como se ela quisesse varrer tudo que é morto e dispersá-lo no ar.

Mas quando a turva miragem da noite se dissipa como uma sombra evocada – em tudo novamente penetra o silêncio do abandono.

EM BUSCA DA BASE E DO TOPO

RENÉ CHAR

O TEXTO: É no período em que Char atua como soldado da Resistência Francesa na 2ª Guerra Mundial que nasce *Em busca da base e do topo*, livro publicado quatro vezes, entre 1955 e 1983. A palavra escrita, como a própria resistência, concebeu o movimento da obra, seja quanto à temática, seja quanto ao formato heterogêneo dos textos. O título descreve a enigmática busca de Char pelo sentido de sua escrita e existência. Esta seleção apresenta oito textos representativos da obra, cuja tradução busca manter as inusitadas construções verbais e a priorização do significado das imagens e frases.

Texto traduzido: Char, René. Rechérche de la base et du sommet. In: *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1983.

O AUTOR: René Char (1907-1988) é considerado um dos maiores poetas franceses do século XX. Participou do movimento surrealista em Paris, foi capitão da Resistência Francesa durante a invasão nazista e militante contra a energia nuclear. Se os conflitos do século XX confrontam o poeta, a palavra escrita é seu oximoro, em seu desejo de lucidez. Sua poesia, moderna e inusitada em forma e conteúdo, permeia-se na tradição filosófica grega e no modelo das máximas de La Rochefoucauld. Considerado hermético, traduzi-lo foi interesse de nomes como Samuel Beckett, Paul Celan, Paul Auster e William Carlos William. No português permanece pouco traduzido.

A TRADUTORA: Amanda Guimarães Gabriel é bacharel em Estudos Literários pela UNICAMP. Em Paris, estudou Literatura Geral e Comparada na Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle. Reside, atualmente, na cidade sueca de Malmö, onde cursa mestrado, na Malmö Högskola.

RECHÉRCHE DE LA BASE ET DU SOMMET

"Certains jours il ne faut pas craindre
de nommer les choses impossibles à décrire."

RENÉ CHAR

DÉDICACE

Pauvreté et privilège est dédié à tous les désenchantés silencieux, mais qui, à cause de quelque revers, ne sont pas devenus pour autant inactifs. Ils sont le pont. Fermes devant la meute rageuse des tricheurs, au-dessus du vide et proches de la terre commune, ils voient le dernier et signalent le premier rayon. Quelque chose qui régna, fléchit, disparut, réapparaissant devrait servir la vie : notre vie des moissons et des déserts, et ce qui la montre le mieux en son avoir illimité. On ne peut pas devenir fou dans une époque forcenée bien qu'on puisse être brûlé vif par un feu dont on est l´égal. 1954

Certains jours il ne faut pas craindre de nommer les choses impossibles à décrire.

☆

“Base et sommet, pour peu que les hommes remuent et divergent, rapidement s’effritent. Mais il y a la tension de la recherche, la répugnance du sablier, l’itinéraire nonpareil, jusqu’à la folle faveur, une exigence de la conscience enfin à laquelle nous ne pouvons nous soustraire, avant de tomber au gouffre.

Pourquoi me soucierais-je de l’histoire, vieille dame jadis blanche, maintenant flambante, énorme sous la lentille de notre siècle biseauté ? Elle nous gâche l’existence avec ses précieux voiles de deuil, ses passes magnétiques, ses dilatations, ses revers mensongers, ses folâtreries.

Je m’inquiète de ce qui s’accomplit sur cette terre, dans la paresse de ses nuits, sous son soleil que nous avons délaissé. Je m’associe à son bouillonnement. Par la trêve des décisions s’ajourne quelque agonie.”

PRIÈRE ROGUE

Gardez-nous la révolte, l'éclair, l'accord illusoire, un rire pour le trophée glissé des mains, même l'entier et long fardeau qui succède, dont la difficulté nous mène à une révolte nouvelle. Gardez-nous la primevère et le destin. *1948*

HEUREUSE LA MAGIE...

A l'intérieur du noyau de l'atome, dauphin appelé à la monarchie absolue, j'aperçois, en promesse, des tyrannies non moins perverses que celles qui dévastèrent à plusieurs reprises le monde, des églises dont la charité n'est qu'un coquillage, qu'une algue sur les bancs agités de la mer. Je distingue des êtres dont la détresse n'est pas même atténuée par la nuit conciliante, et des génies qui défient le malheur et l'injustice.
Ce qui suscita notre révolte, notre horreur, se trouve à nouveau là, reparti, intact et subordonné, prêt à l'attaque, à la mort. Seule la forme de la riposte restera à découvrir ainsi que les motifs lumineux que la vêtiront de couleurs impulsives.
Vie aimée, voici que le puissant temps revenu se penche sur toi, satisfait sa fièvre, et, prodigue de désir, sonne le tranchant. *1951.*

TROIS RESPIRATIONS

Il existe un printemps inouï éparpillé parmi les saisons et jusque sous les aisselles de la mort. Devenons sa chaleur : nous porterons ses yeux.
La parole soulève plus de terre que le fossoyeur ne le peut.
Nous ne serons jamais assez attentifs aux attitudes, à la cruauté, aux convulsions, aux inventions, aux blessures, à la beauté, aux jeux de cet enfant vivant près de nous avec ses trois mains, et qui se nomme le présent.

BANDEAU DE « FUREUR ET MYSTÈRE »

Le poète, on le sait, mêle le manque et l'excès, le but et le passé. D'où l'insolvabilité de son poème. Il est dans la malédiction, c'est-à-dire qu'il assume de perpétuels et renaissants périls, autant qu'il refuse, les yeux ouverts, ce que d'autres acceptent, les yeux fermés: le profit d'être poète. Il ne saurait exister de poète sans appréhension pas plus qu'il n'existe de poèmes sans provocation. Le poète passe par tous les degrés solitaires d'une gloire collective dont il est, de bonne guerre, exclu. C'est la condition pour sentir et dire juste. Quand il parvient génialement à l'incandescence et à l'inaltéré Eschyle, Lao-Tseu, les présocratiques grecs, Thérèse d'Avila, Shakespeare, Saint-Just, Rimbaud, Hölderlin, Nietzsche, Van Gogh, Melville), il obtient le résultat que l'on connaît. Il ajoute de la noblesse à son cas lorsqu'il est l'homme de son temps, lorsqu'il formule des réserves sur la meilleure façon d'appliquer la connaissance et la justice dans le labyrinthe du politique et du social. Il doit accepter le risque que sa lucidité soit jugée dangereuse. Le poète est la partie de l'homme réfractaire aux projets calculés. Il peut être appelé à payer n'importe quel prix ce privilège ou ce boulet. Il doit savoir que le mal vient toujours de plus loin qu'on ne croit, et ne meurt pas forcément sur la barricade qu'on lui a choisie.
Fureur et mystère est, le temps le veulent, un recueil de poèmes, et, sur la vague du drame et du revers inéluctable d'où resurgit la tentation, un dire de notre affection ténue pour le nuage et pour l'oiseau. *1948.*

JEANNE QU'ON BRÛLA VERTE

La sainteté proprement dite de Jeanne d'Arc? N'étant pas théologien ni croyant, je passe à côté. Mais j'aurais bataillé avec cette jeune fille, près d'elle, pour elle, car, en son temps, son action insurgée et mystique était totalement justifiée. Je songe parfois à son physique. (Les témoignages du procès de réhabilitation la présentent sensiblement différente de la description que j'en donne.) Taille en rectangle vertical comme une planche de noyer. Les bras longs et vigoureux. Des mains romanes tardives. Pas de fesses. Elles se sont cantonnées dès la première décision de guerroyer. Le visage était le contraire d'ingrat. Un ascendant émotionnel extraordinaire. Un vivant mystère humanisé. Pas de seins. La poitrine les a vaincus. Deux bouts durs seulement. Le ventre haut et plat. Un dos comme un tronc de pommier, lisse et bien dessiné, plus nerveux que musclé, mais dur comme la corne d'un bélier. Ses pieds ! Après avoir flâné au pas d'un troupeau bien nourri, nous les regardons s'élever soudain, battre des talons les flancs de chevaux de combat, bousculer l'ennemi, tracer l'emplacement nomade du bivouac, enfin souffrir de tous les maux dont souffre l'âme mise au cachot puis au supplice.
Voici ce que ça donne en traits de *terre* : " Verte terre de Lorraine. – Terre obstinée des batailles et des sièges. – Terre sacrée de Reims. – Terre fade, épouvantable du cachot. – Terre des immondes. – Terre vue *en bas* sous le bois du bûcher. – Terre flammée. – Terre peut-être toute bleue dans le regard horrifié. – Cendres." *1956.*

APRÈS

……………………………………………………………………………………........

La laideur! Ce contre quoi nous appelons n'est pas la laideur opposable à la beauté, dont les arts et le désir effacent et retracent continuellement la frontière. Laideur vivante, beauté, toutes deux les énigmatiques, sont réellement ineffables. Celle qui nous occupe, c'est la laideur qui décompose sa proie. Elle a surgi – plus délétère, croyons-nous, que par le passé où on l'entrevit quelquefois – des flaques, et des moisissures que le flot grossi des chimères, des cauchemars comme des vraies conquêtes de notre siècle, a laissées en se retirant.
Alors, quel aliment ?
La liberté n'est pas ce qu'on nous montre sous ce nom. Quand l'imagination, ni sotte, ni vile n'a, la nuit tombée, qu'une parodie de fête devant elle, la liberté n'est pas de lui jeter n'importe quoi pour tout infecter. La liberté protège le silence, la parole et l'amour. Assombris, elles les ravive ; elle ne les macule pas. Et la révolte la ressuscite à l'aurore, si longue soit celle-ci à s'accuser. La liberté, c'est de dire la vérité, avec des précautions terribles, sur la route où TOUT se trouve. *1958.*

Béant comme un volcan et frileux comme lui dans ses moments éteints.

Em busca da base e do topo

"Há dias em que não se deve temer nomear
as coisas impossíveis de descrever."

RENÉ CHAR

DEDICATÓRIA

Pobreza e privilégio é dedicado a todos os desencantados silenciosos, mas que, por causa de alguns reveses, não se tornaram por isso inativos. Eles são a ponte. Firmes diante da enfurecida multidão de trapaceiros, acima do vácuo e próximos da terra comum, eles veem o último e indicam o primeiro raiar. Alguma coisa que reinou, vergou, desapareceu, ao reaparecer, deveria servir à vida: nossa vida de colheitas e de desertos, e o que melhor a exibe em seu ter ilimitado. Não podemos nos tornar loucos em uma época furiosa, embora possamos ser queimados vivos por um fogo do qual somos iguais. 1954

Há dias em que não se deve temer nomear as coisas impossíveis de descrever.

"Base e topo, mesmo que os homens pouco se agitem e discordem, rapidamente se esfarelam. Mas há a tensão da busca, a repugnância da ampulheta, a rota incomparável até o favorecer do louco favor, uma exigência da consciência, enfim, à qual não podemos escapar antes de cair no abismo. Por que me preocuparia com a história, velha dama outrora branca, agora flamejante, enorme sob a lente de nosso século chanfrado? Ela nos desperdiça a existência com seus preciosos véus de luto, seus passes magnéticos, suas delimitações, seus reveses mentirosos, suas travessuras. Eu me preocupo com o que se faz nesta terra, na preguiça de suas noites, sob o sol que temos negligenciado. Associo-me à sua efervescência. Pela trégua de decisões se adia um pouco a agonia."

PRECE IRREVERENTE

Guardem-nos a revolta, o lampejo, o acordo ilusório, um riso pelo troféu que desliza das mãos; e mesmo o inteiro e longo fardo que sucede, cuja dificuldade nos conduz a uma nova revolta. Guardem-nos a primavera e o destino. *1948*

FELIZ A MAGIA...

No interior do núcleo do átomo, príncipe convocado à monarquia absoluta, eu avisto, em promessas, tiranias não menos perversas que estas que devastaram várias vezes o mundo; igrejas da qual a caridade não é mais que concha, que alga entre os cardumes agitados do mar. Eu distingo seres cuja aflição não é atenuada pela noite conciliante, e gênios que desafiam a desgraça e a injustiça.

O que suscita nossa revolta, nosso horror se encontra novamente lá, repartido, intacto e subordinado, pronto para o ataque até a morte. Só a forma de contra-ataque terá que ser descoberta, assim como os motivos luminosos que a vestirão de cores impulsivas.

Vida amada, eis aqui o possante tempo regresso que se debruça sobre você, satisfaça sua febre, e, pródigo de desejo, ressoa o fio de corte. *1951*

TRÊS RESPIRAÇÕES

Existe uma primavera inacreditável dispersada nas estações e que vai até sob as axilas da morte. Tornemo-nos seu calor: nós vestiremos seus olhos. A palavra ergue mais terra do que o coveiro poderia. Nós não seremos jamais atentos o suficiente às atitudes, à crueldade, às convulsões, às invenções, às feridas, à beleza, aos jogos dessa criança viva perto de nós com suas três mãos, e que se nomeia o presente.

ORELHA DE FÚRIA E MISTÉRIO

O poeta mistura a falta e o excesso, a meta futura e o passado. Daí a insolvência de seu poema. Vive na maldição, quer dizer que assume perigos perpétuos e renascentes assim como recusa, olhos abertos, o que os outros aceitam, olhos fechados: o proveito de ser poeta. Não seria possível existir um poeta sem apreensão, assim como não há um poema sem provocação. O poeta passa por todas as etapas solitárias de uma glória coletiva, da qual ele é, como em boa guerra, excluído. É a condição para sentir e falar de forma justa. Quando alcança genialmente a incandescência e o inalterado (Ésquilo, Lao-Tsé, os pré-socráticos gregos, Teresa de Ávila, Shakespeare, Saint-Just, Rimbaud, Hölderlin, Nietzsche, Van Gogh, Melville), obtém o resultado que conhecemos. Enobrece seu caso quando, homem de sua época, formula reservas sobre a melhor maneira de aplicar o conhecimento e a justiça no labirinto da política e do social. Deve aceitar o risco de sua lucidez ser julgada perigosa. O poeta é a parte do homem refratária aos projetos calculados. Poderá ser chamado a pagar qualquer preço por esse privilégio ou por esse fardo. Deve saber que o mal vem sempre de mais longe do que imaginamos, e não morre necessariamente na barricada em que o jogamos. *Fúria e mistério* é, o tempo o quer, uma coleção de poemas, e, sobre a onda do drama e inelutável reverso de onde ressurge a tentação, uma fala do nosso afeto segurado pela nuvem e pelo pássaro. *1948*

JOANA QUE QUEIMAMOS VERDE

A santidade propriamente dita de Joana d'Arc? Não sendo nem teólogo nem crente, eu deixo isso para lá. Mas eu teria batalhado com essa jovem, perto dela, por ela, porque, no seu tempo, sua ação insurgente e mística era totalmente justificada. Imagino às vezes a sua aparência física. (Os testemunhos do processo de reabilitação a apresentam sensivelmente diferente da descrição que eu lhes dou). Quadril em retângulo vertical como uma tábua de nogueira. Os braços longos e vigorosos. Mãos românicas tardias. Sem traseiro, que se recolheu já na primeira decisão de guerrear. O rosto era o contrário do ingrato. Um ascendente emocional extraordinário. Um vivo mistério humanizado. Sem seios. O peito os venceu. Dois extremos rijos, somente. O ventre alto e plano. O dorso como um tronco de macieira, liso e bem desenhado, mais nervoso que musculoso, mas duro como o chifre de um carneiro. Seus pés! Após terem flanado aos passos de um rebanho bem nutrido, nós os vemos se levantar de súbito, bater seus saltos na garupa do cavalo de combate, atropelar o inimigo, desenhar a localização nômade do bivaque e enfim sofrer de todos os males dos quais sofre a alma posta na masmorra e levada ao suplício.

Eis isso o que dá em traços de *terra*: – Verde terra de Lorraine. – Terra obstinada de batalhas e cercos. – Terra sagrada de Reims. – Terra insípida, horrenda da masmorra. – Terra dos imundos. – Terra vista *embaixo* sob os troncos da fogueira. – Terra inflamada. – Terra talvez toda azul no olhar horrorizado – Cinzas. *1956*

DEPOIS

……………………………………………………………………………………........

A feiura! Essa que nós chamamos não é a feiura oposta à beleza, essa que as artes e o desejo apagam e retraçam continuamente a fronteira. Feiura viva, beleza, todas as duas enigmáticas, são realmente inefáveis. Esta que nos ocupa é a feiura que decompõe sua presa. Ela surgiu – mais deletéria, acreditamos, que no passado quando às vezes a vislumbramos – poças, bolores que a maré potente das quimeras, pesadelos como verdadeiras conquistas de nosso século, deixou-os ao se retirar.

Então, qual alimento?

A liberdade não é o que se mostra sob esse nome. Quando a imaginação, nem tola nem vil, tem, na caída da noite, só uma paródia de festa diante dela, a liberdade não é jogar-lhe qualquer coisa, para tudo infectar. A liberdade protege o silêncio, a palavra e o amor. Obscurecidos, ela os reavive; não os macula. E a revolta a ressuscita na aurora, por mais tempo que ela leve a acusar-se. A liberdade é dizer a verdade, com precauções terríveis, na rota onde TUDO se encontra. *1958*.

Boquiaberto como um vulcão e friorento como ele em seus momentos extintos.

Do Copo de dados

Max Jacob

O texto: Os sete poemas desta seleção foram reunidos em *Le Cornet à dés/O Copo de dados* (1917), de Max Jacob. Trata-se do livro que lhe valeu a notoriedade frente às vanguardas, com seus poemas em prosa fragmentários, repletos de citações bíblicas – o poeta se converteria mais tarde ao catolicismo – mesclados com o cotidiano de vendedores de castanhas ou irmãos que desmontam cartuchos. Trazem, igualmente, essa presença da Primeira Guerra e anúncio "profético" da Segunda, como assinalou o autor na advertência inicial ao livro. Apesar disso, não deixam de encenar um humor complexo: nos risos com os quais os soldados atacam o eu no primeiro poema, mas também no amor frustrado do "Valente guerreiro na terra estrangeira".

Texto traduzido: Jacob, Max. *Le Cornet à dés*. Paris: Gallimard, 1945.

O autor: Escritor, poeta, dramaturgo e pintor, Max Jacob (1876-1944) foi um dos principais poetas da vanguarda parisiense, autor de livros como *Le Cornet à dés* (1917), bastante influente no período surrealista, e *Le Cabinet noir* (1922), conjunto de cartas confessionais. Sua obra apresenta diversas incursões, desde o neoimpressionismo, na pintura, e o surrealismo e dadaísmo, na literatura.

O tradutor: Pablo Simpson é poeta, tradutor e professor de literatura da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Ibilce). Publicou *O Rumor dos cortejos, poesia cristã francesa do século XX* (Ed. Unifesp, 2012) e estudos sobre a poesia francesa e brasileira nos séculos XIX e XX. Para a (n.t.), traduziu o poeta camaronês Engelbert Mveng.

De le Cornet à dés

"De vagues réverbères jettent sur la neige la lumière de ma mort."

MAX JACOB

LA GUERRE

Les boulevards extérieurs, la nuit, sont pleins de neige ; les bandits sont des soldats ; on m'attaque avec des rires et des sabres, on me dépouille : je me sauve pour retomber dans un autre carré. Est-ce une cour de caserne, ou celle d'une auberge ? que de sabres ! que de lanciers ! il neige ! on me pique avec une seringue : c'est un poison pour me tuer ; une tête de squelette voilée de crêpe me mord le doigt. De vagues réverbères jettent sur la neige la lumière de ma mort.

VAILLANT GUERRIER SUR LA TERRE ÉTRANGÈRE

Olga de Berchold est partie au camp rejoindre celui qu'elle aime : le soldat Verchoud. Le soldat part en guerre, Olga le suit et souffre sur les chemins. Verchoud est prisonnier. Olga va réaliser sa fortune et revient payer sa rançon : elle ne donne pas tout à la fois par méfiance. La rançon payée, Verchoud tombe malade. Olga le soigne et lui fait, pour la première fois, l'aveu de son amour. Le soldat lui dit que ce n'est pas elle qu'il aime, mais une certaine paysanne qu'il n'a qu'entrevue et à laquelle il n'a pas parlé. Il meurt. Olga est ruinée, désespérée : que va-t-elle devenir ? elle recherche la paysanne.

DOULOUREUX APPEL FINAL AUX FANTÔMES INSPIRATEURS DU PASSÉ

Je suis né près d'un hippodrome où j'ai vu courir des chevaux sous des arbres. Oh! mes arbres! oh! mes chevaux! car tout cela était pour moi. Je suis né près d'un hippodrome! mon enfance a tracé mon nom dans l'écorce des châtaigniers et des hêtres! hélas! mes arbres ne sont plus que les plumes blanches de l'oiseau qui crie: "Léon! Léon!" Oh! souvenirs diffus des châ-taigniers somptueux où j'inscrivis, enfant, le nom de mon grand-père! Diffus souvenirs des courses! jockeys! ce ne sont plus que de pauvres jouets tels qu'on les verrait de loin! les chevaux n'ont plus de noblesse et mes jockeys sont casqués de noir. Allons, tournez! tournez! vieilles pensées emprisonnées qui ne prendront jamais l'essor! le symbole qui vous sied n'est pas le galop élastique des jockeys dans la verdure, mais quelque poussiéreux bas-relief qui cacherait à ma douleur des châtaigniers d'automne où le nom de mon grand-père est écrit.

POÈME DÉCLAMATOIRE

Ce n'est ni l'horreur du crépuscule blanc, ni l'aube blafarde que la lune refuse d'éclairer, c'est la lumière triste des rêves où vous flottez coiffées de paillettes, Républiques, Défaites, Gloires ! Quelles sont ces Parques ? quelles sont ces Furies ? est-ce la France en bonnet phrygien ? est-ce toi, Angleterre ? est-ce l'Europe ? est-ce la Terre sur le Taureau-nuage de Minos? Il y a un grand calme dans l'air et Napoléon écoute la musique du silence sur le plateau de Waterloo. Ô Lune, que tes cornes le protègent ! Il y a une larme sur ses joues pâles ! si intéressant est le défilé des fantômes. "Salut à toi ! Salut ! nos chevaux ont les crinières mouillées de rosée, nous sommes les cuirassiers ! nos casques brillent comme des étoiles et, dans l'ombre, nos bataillons poudreux sont comme la main divine du destin. Napoléon ! Napoléon ! nous sommes nés et nous sommes morts. Chargez ! chargez ! fantômes ! j'ordonne qu'on charge!" La lumière ricane : les cuirassiers saluent de l'épée et ricanent ; ils n'ont plus ni os, ni chair. Alors, Napoléon écoute la musique du silence et se repent, car où sont les forces que Dieu lui avait données ? Mais voici un tambour! C'est un enfant qui joue du tambour : sur son haut bonnet à poils, il y a un drap rouge et cet enfant là est bien vivant : c'est la France ! Ce n'est ici maintenant autour du plateau de Waterloo, dans la lumière triste des rêves où vous flottez, coiffées de paillettes, Républiques, Défaites, Gloires, ni l'horreur du Crépuscule blanc, ni l'aube blafarde que la lune refuse d'éclairer.

LE SOLDAT DE MARATHON

C'est fête à l'Asile des Aliénistes : les sentiers de ce domaine, la nuit, sont envahis par une foule aimable et un peu craintive. Il y a çà et là de petites tables de bois où une bougie est protégée par un verre et où l'on vend des bonbons : tout s'est passé correctement à ceci près que, pendant la repré-sentation théâtrale donnée par les malades, l'un d'eux qui faisait le râle d'un sir ou lord quelconque se jetait à terre fréquemment dans une pose célèbre et criait : "C'est moi qui suis le soldat de Marathon !" Il fallait que des gens à coupe-files vinssent le rappeler à la raison, au présent, aux présences, aux pré-séances, mais ils n'osaient se servir du bâton à cause du présent, des présences, des pré-séances.

UNE DE MES JOURNÉES

Avoir voulu puiser de l'eau à la pompe avec deux pots bleus, avoir été pris de vertige à cause de la hauteur de l'échelle ; être revenu parce que j'avais un pot de trop et n'être pas retourné à la pompe à cause du vertige ; être sorti pour acheter un plateau pour ma lampe parce qu'elle laisse le pétrole l'abandonner ; n'avoir pas trouvé d'autres plateaux que des plateaux à thé, carrés, peu convenables pour des lampes et être sorti sans plateau. M'être dirigé vers la bibliothèque publique et m'être aperçu en chemin que j'avais deux faux cols et pas de cravate ; être rentré à la maison ; être allé chez monsieur Vildrac pour lui demander une Revue et n'avoir pas pris cette Revue parce que monsieur Jules Romains y dit du mal de moi. N'avoir pas dormi à cause d'un remords, à cause des remords et du désespoir.

LE CHAPEAU DE PAILLE D'ITALIE

À l'endroit où Alger fait pressentir Constantinople, les épaulettes d'or ne furent plus que des branches d'acacia ou réciproquement. La mode est aux grappes de raisin en celluloïd, les dames les pendent en bijoux partout. Un cheval ayant mangé les boucles d'oreille d'une de mes belles amies est mort empoisonné, le carmin de son museau et la fuchsine du jus de la treille composant un poison mortel.

Do Copo de dados

"Vagos revérberos projetam na neve a luz de minha morte."

MAX JACOB

A GUERRA

Os bulevares exteriores, à noite, estão cobertos de neve; os bandidos são soldados; atacam-me com risos e sabres, despojam-me: eu me salvo para cair noutro quadrado. Será o pátio de uma caserna, ou de um albergue? Quantos sabres! Quantos lanceiros! Está nevando! Picam-me com uma seringa: é um veneno para me matar; uma cabeça de esqueleto coberta com um crepe morde o meu dedo. Vagos revérberos projetam na neve a luz de minha morte.

VALENTE GUERREIRO NA TERRA ESTRANGEIRA

Olga de Berchold foi ao campo encontrar o seu amor: o soldado Verchoud. O soldado vai à guerra, Olga o segue e sofre no caminho. Verchoud vira prisioneiro. Olga arruma dinheiro e retorna para pagar o resgate: não dá tudo de uma vez por desconfiança. Com o resgate pago, Verchoud fica doente. Olga cuida dele e confessa-lhe, pela primeira vez, seu amor. O soldado lhe diz que não é ela que ama, mas certa camponesa que mal viu e com a qual nunca falou. E morre. Olga está destruída, desesperada: o que será dela? Ela procura a camponesa.

DOLOROSO APELO FINAL AOS FANTASMAS INSPIRADORES DO PASSADO

Nasci perto de um hipódromo onde vi correr cavalos debaixo das árvores. Ó, minhas árvores! Ó, meus cavalos! Pois tudo era para mim. Nasci perto de um hipódromo! Minha infância traçou meu nome na casca dos castanheiros e das faias! Ai de mim! Minhas árvores não são mais do que plumas brancas do pássaro que grita: "Leon! Leon!" Ó! Lembranças difusas dos castanheiros suntuosos onde inscrevi, criança, o nome de meu avô! Difusas lembranças das corridas! Jóqueis! Não são mais do que pobres brinquedos como se os víssemos de longe! Os cavalos não têm mais nobreza e meus jóqueis estão com capacetes negros. Vamos, virem-se! Virem-se! Velhos pensamentos aprisionados que nunca alçarão voo! O símbolo que lhes convém não é o galope elástico dos jóqueis pelos campos, mas algum baixo-relevo empoeirado que esconderia à minha dor os castanheiros do outono onde o nome de meu avô está escrito.

POEMA DECLAMATÓRIO

Não é nem o horror do crepúsculo branco, nem o lívido amanhecer que a lua recusa iluminar, é a luz triste dos sonhos onde vocês vagam cobertas de lantejoulas, Repúblicas, Derrotas, Glórias! Quais são essas Parcas? Quais são essas Fúrias? É a França de gorro frígio? És tu, Inglaterra? Será a Europa? É a Terra sobre o Touro-nuvem de Minos? Há grande calma no ar e Napoleão escuta a música do silêncio na planície de Waterloo. Ó Lua, que teus chifres o protejam! Há uma lágrima em suas bochechas pálidas! Tão interessante é o desfile dos fantasmas. "Saudação a ti! Saudação! Nossos cavalos têm as crinas molhadas de orvalho, somos os couraçados! Nossos capacetes brilham como estrelas e, na sombra, nossos batalhões empoeirados são como a mão divina do destino. Napoleão! Napoleão! Nascemos e morremos. Carreguem as armas! Carreguem! Fantasmas! Ordeno que carreguem!" A luz zomba: os couraçados saúdam com a espada e zombam; não têm mais ossos, nem carne. Então, Napoleão escuta a música do silêncio e se arrepende, pois onde estão as forças que Deus lhe dera? Mas eis um tambor! É uma criança que toca o tambor: em seu gorro alto de plumas há uma bandeira vermelha e essa criança está bem viva: é a França! Não é aqui, agora, em torno da planície de Waterloo, na luz triste dos sonhos onde vocês vagam, cobertas de lantejoulas, Repúblicas, Derrotas, Glórias, nem o horror do Crepúsculo branco, nem o lívido amanhecer que a lua recusa iluminar.

O SOLDADO DE MARATONA

É festa no Asilo dos Alienistas: os sendeiros dessa propriedade, à noite, são invadidos por uma multidão amável e um pouco receosa. Há, de um lado a outro, mesinhas de madeira onde uma vela é protegida por um copo e onde se vendem bombons: tudo ocorreu tranquilamente, não fosse, durante a representação teatral dos doentes, um que fazia o arquejo de um *sir* ou lorde e se jogava frequentemente ao chão com uma pose célebre gritando: "Eu é que sou o soldado de Maratona!". As pessoas com passe-livre precisavam trazê-lo à razão, presentemente, às presenças, às precedências, mas não ousavam servir-se da vara por causa do presente, das presenças, das precedências.

UM DE MEUS DIAS

Ter querido bombear água do poço com dois potes azuis, ter sentido vertigem por causa da altura da escada; voltado porque havia um pote a mais e não ter retornado à bomba por causa da vertigem; saído para comprar uma bandeja para minha lamparina porque ela tem deixado o petróleo vazar; não ter encontrado outras bandejas senão as de chá, quadriculadas, pouco apropriadas a lamparinas, e ter saído sem bandeja. Ter ido até a biblioteca pública e percebido no caminho que eu tinha duas golas falsas e nenhuma gravata; voltado para casa; ido até a casa do Senhor Vildrac para pedir-lhe uma Revista e não ter trazido a Revista porque o Jules Romains falou mal de mim. Não ter dormido por causa de um remorso, por causa de remorsos e do desespero.

O CHAPÉU DE PALHA DA ITÁLIA

No lugar em que Argel faz pressentir Constantinopla, as palas douradas não foram mais do que ramos de acácia ou reciprocamente. A moda é cachos de uva em celuloide, as senhoras os deixam pender como joias em tudo quanto é canto. Um cavalo morreu envenenado por ter comido os brincos de uma de minhas belas amigas, com o carmim de seu focinho e a fucsina do suco da parreira compondo um veneno mortal.

contos

(n.t.) | Cuiabá

A NOTA DE CEM IENES

OSAMU DAZAI

O TEXTO: O conto *A Nota de Cem Ienes* foi originalmente publicado na revista *Fujin Asahi* (婦人朝日), em 1946. Nele, Osamu Dazai dá voz a uma nota de cem ienes que narra suas aventuras e desventuras durante a 2ª Guerra Mundial. Por meio dessa alegoria, o autor realiza sua crítica à sociedade e, apesar do tom negativo do conto, demonstra que ainda conserva alguma esperança no ser humano.
Texto traduzido: 太宰治．貨幣．In：女生徒（角川文庫）.

O AUTOR: Osamu Dazai (1909-1948) nasceu na província de Aomori, nordeste do Japão. Considerado um dos grandes nomes da literatura japonesa do século XX, seus romances *Pôr do Sol* (斜陽) e *Declínio de um Homem* (人間失格) são considerados clássicos do período moderno. O estilo autobiográfico, a sátira em relação à sociedade e o espírito inconformista são algumas de suas características mais marcantes.

A TRADUTORA: Karen Kazue Kawana é mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

貨幣

「あなたの財布の中の百円紙幣をちょっと調べてみて下さいまし。
あるいは私はその中に、はいっているかも知れません。」

太宰治

異国語においては、名詞にそれぞれ男女の性別あり。
然して、貨幣を女性名詞とす。

私は、七七八五一号の百円紙幣です。あなたの財布の中の百円紙幣をちょっと調べてみて下さいまし。あるいは私はその中に、はいっているかも知れません。もう私は、くたくたに疲れて、自分がいま誰の懐の中にいるのやら、あるいは屑籠の中にでもほうり込まれているのやら、さっぱり見当も附かなくなりました。ちかいうちには、モダン型の紙幣が出て、私たち旧式の紙幣は皆焼かれてしまうのだとかいう噂も聞きましたが、もうこんな、生きているのだか、死んでいるのだかわからないような気持でいるよりは、いっそさっぱり焼かれてしまって昇天しとうございます。焼かれた後で、天国へ行くか地獄へ行くか、それは神様まかせだけれども、ひょっとしたら、私は地獄へ落ちるかも知れないわ。生れた時には、今みたいに、こんな賤しいていたらくではなかったのです。後になったらもう二百円紙幣やら千円紙幣やら、私よりも有難がられる紙幣がたくさん出て来ましたけれども、私の生れたころには、百円紙幣が、お金の女王で、はじめて私が東京の大銀行の窓口からある人の手に渡された時には、その人の手は少し震えていました。あら、本当ですわよ。その人は、若い大工さんでした。その人は、腹掛けのどんぶりに、私を折り畳まずにそのままそっといれて、おなかが痛いみたいに左の手のひらを腹掛けに軽く押し当て、道を歩く時にも、電車に乗っている時にも、つまり銀行から家へと、その人はさっそく私を神棚にあげて拝みました。私の人生への門出は、このように幸福でした。私はその大工さんのお宅にいつまでもいたいと思ったのです。けれども私は、

その大工さんのお宅には、一晩しかいる事が出来ませんでした。その夜は大工さんはたいへん御機嫌がよろしくて、晩酌などやらかして、そうして若い小柄なおかみさんに向かい、『馬鹿にしちゃいけねえ。おれにだって、男の働きというものがある』などといって威張り時々立ち上がって私を神棚からおろして、両手でいただくような恰好で拝んで見せて、若いおかみさんを笑わせていましたが、そのうちに夫婦の間に喧嘩が起り、とうとう私は四つに畳まれておかみさんの小さい財布の中にいれられてしまいました。そうしてその翌る朝、おかみさんに質屋に連れて行かれて、おかみさんの着物十枚とかえられ、私は質屋の冷くしめっぽい金庫の中にいれられました。妙に底冷えがして、おなかが痛くて困っていたら、私はまた外に出されて日の目を見る事が出来ました。こんどは私は、医学生の顕微鏡一つとかえられたのでした。私はその医学生に連れられて、ずいぶん遠くへ旅行しました。そうしてとうとう、瀬戸内海のある小さい島の旅館で、私はその医学生に捨てられました。それから一箇月近く私はその旅館の、帳場の小箪笥の引出しにいれられていましたが、何だかその医学生は、私を捨てて旅館を出てから間もなく瀬戸内海に身を投じて死んだという、女中たちの取沙汰をちらと小耳にはさみました。『ひとりで死ぬなんて阿呆らしい。あんな綺麗な男となら、わたしはいつでも一緒に死んであげるのにさ』とでっぷり太った四十くらいの、吹出物だらけの女中がいって、皆を笑わせていました。それから私は五年間四国、九州と渡り歩き、めっきり老け込んでしまいました。そうしてしだいに私は軽んぜられ、六年振りでまた東京へ舞い戻った時には、あまり変り果てた自分の身のなりゆきに、つい自己嫌悪しちゃいましたわ。東京へ帰って来てからは私はただもう闇屋の使い走りを勤める女になってしまったのですもの。五、六年東京から離れているうちに私も変りましたけれども、まあ、東京の変りようったら。夜の八時ごろ、ほろ酔いのブローカーに連れられて、東京駅から日本橋、それから京橋へ出て銀座を歩き新橋まで、その間、ただもうまっくらで、深い森の中を歩いているような気持で人ひとり通らないのはもちろん、路を横切る猫の子一匹も見当りませんでした。おそろしい死の街の不吉な形相を呈していました。それからまもなく、れいのドカンドカン、シュウシュウがはじまりましたけれども、あの毎日毎夜の大混乱の中でも、私はやはり休むひまもなくあの人の手から、この人の手と、まるでリレー競走のバトンみたいに目まぐるしく渡り歩き、おかげでこのような皺くちゃの姿になったばかりでなく、いろいろなものの臭気がからだに附いて、もう、恥ずかしくて、やぶれかぶれになってしまいました。あのころは、もう日本も、やぶれかぶれになっていた時期でしょうね。私がどんな人の手から、どんな人の手に、何の目的で、そうしてどんなむごい会話をもって手渡されていたか、それはもう皆さんも、十二分にご存じのはずで、聞き飽き見飽きていらっしゃることでしょうから、くわしくは申し上げませんが、けだものみたいになっていたのは、

軍閥とやらいうものだけではなかったように私には思われました。それはまた日本の人に限ったことでなく、人間性一般の大問題であろうと思いますが、今宵死ぬかも知れぬという事になったら、物慾も、色慾も綺麗に忘れてしまうのではないかしらとも考えられるのに、どうしてなかなかそのようなものでもないらしく、人間は命の袋小路に落ち込むと、笑い合わずに、むさぼりくらい合うものらしうございます。この世の中のひとりでも不幸な人のいる限り、自分も幸福にはなれないと思う事こそ、本当の人間らしい感情でしょうに、自分だけ、あるいは自分の家だけの束の間の安楽を得るために、隣人を罵り、あざむき、押し倒し、(いいえ、あなただって、いちどはそれをなさいました。無意識でなさって、ご自身それに気がつかないなんてのは、さらに怒るべき事です。恥じて下さい。人間ならば恥じて下さい。恥じるというのは人間だけにある感情ですから)まるでもう地獄の亡者がつかみ合いの喧嘩をしているような滑稽で悲惨な図ばかり見せつけられてまいりました。けれども、私はこのように下等な使い走りの生活においても、いちどや二度は、ああ、生れて来てよかったと思ったこともないわけではございませんでした。いまはもうこのように疲れ切って、自分がどこにいるのやら、それさえ見当がつかなくなってしまったほど、まるで、もうろくの形ですが、それでもいまもって忘れられぬほのかに楽しい思い出もあるのです。その一つは、私が東京から汽車で、三、四時間で行き着けるある小都会に闇屋の婆さんに連れられてまいりました時のことですが、ただいまは、それをちょっとお知らせ致しましょう。私はこれまで、いろんな闇屋から闇屋へ渡り歩いて来ましたが、どうも女の闇屋のほうが、男の闇屋よりも私を二倍にも有効に使うようでございました。女の慾というものは、男の慾よりもさらに徹底してあさましく、凄じいところがあるようでございます。私をその小都会に連れて行った婆さんも、ただものではないらしくある男にビールを一本渡してそのかわりに私を受け取り、そうしてこんどはその小都会に葡萄酒の買出しに来て、ふつう闇値の相場は葡萄酒一升五十円とか六十円とかであったらしいのに、婆さんは膝をすすめてひそひそひそひそいって永い事ねばり、時々いやらしく笑ったり何かしてとうとう私一枚で四升を手に入れ重そうな顔もせず背負って帰りましたが、つまり、この闇婆さんの手腕一つでビール一本が葡萄酒四升、少し水を割ってビール瓶につめかえると二十本ちかくにもなるのでしょう、とにかく、女の慾は程度を越えています。それでもその婆さんは、少しもうれしいような顔をせず、どうもまったくひどい世の中になったものだ、と大真面目で愚痴をいって帰って行きました。私は葡萄酒の闇屋の大きい財布の中にいれられ、うとうとと眠りかけたら、すぐにまたひっぱり出されて、こんどは四十ちかい陸軍大尉に手渡されました。この大尉もまた闇屋の仲間のようでした。「ほまれ」という軍人専用の煙草を百本(とその大尉はいっていたのだそうですが、あとで葡萄酒の闇屋が勘定してみましたら八十六本しかなかったそうで、あの

インチキ野郎めが、とその葡萄酒の闇屋が大いに憤慨していました）とにかく、百本在中という紙包とかえられて、私はその大尉のズボンのポケットに無雑作にねじ込まれ、その夜、まちはずれの薄汚い小料理屋の二階へお供をするという事になりました。大尉はひどい酒飲みでした。葡萄酒のブランデーとかいう珍しい飲物をチビチビやって、そうして酒癖もよくないようで、お酌の女をずいぶんしつこく罵るのでした。

「お前の顔は、どう見たって狐以外のものではないんだ。（狐をケツネと発音するのです。どこの方言かしら）よく覚えて置くがええぞ。ケツネのつらは、口がとがって髭がある。あの髭は右が三本、左が四本、ケツネの屁というものは、たまらねえ。そこらいちめん黄色い煙がもうもうとあがってな、犬はそれを嗅ぐとくるくるくるっとまわって、ぱたりとたおれる。いや、嘘でねえ。お前の顔は黄色いな。妙に黄色い。われとわが屁で黄色く染まったに違いない。や、臭い。さては、お前、やったな。いや、やらかした。どだいお前は失敬じゃないか。いやしくも軍人の鼻先で、屁をたれるとは非常識きわまるじゃないか。おれはこれでも神経質なんだ。鼻先でケツネのへなどやらかされて、とても平気では居られねえ」などそれは下劣な事ばかり、大まじめでいって罵り、階下で赤子の泣き声がしたら耳ざとくそれを聞きとがめて、「うるさい餓鬼だ、興がさめる。おれは神経質なんだ。馬鹿にするな。あれはお前の子か。これは妙だ。ケツネの子でも人間の子みたいな泣き方をするとは、おどろいた。どだいお前は、けしからんじゃないか、子供を抱えてこんな商売をするとは、虫がよすぎるよ。お前のような身のほど知らずのさもしい女ばかりいるから日本は苦戦するのだ。お前なんかは薄のろの馬鹿だから、日本は勝つとでも思っているんだろう。ばか、ばか。どだい、もうこの戦争は話にならねえのだ。ケツネと犬さ。くるくるっとまわって、ぱたりとたおれるやつさ。勝てるもんかい。だから、おれは毎晩こうして、酒を飲んで女を買うのだ。悪いか」

「悪い」とお酌の女のひとは、顔を蒼くしていいました。

「狐がどうしたっていうんだい。いやなら来なけれあいいじゃないか。いまの日本で、こうして酒を飲んで女にふざけているのは、お前たちだけだよ。お前の給料は、どこから出てるんだ。考えても見ろ。あたしたちの稼ぎの大半は、おかみに差し上げているんだ。おかみはその金をお前たちにやって、こうして料理屋で飲ませているんだ。馬鹿にするな。女だもの、子供だって出来るさ。いま乳呑児をかかえている女は、どんなにつらい思いをしているか、お前たちにはわかるまい。あたしたちの乳房からはもう、一滴の乳も出ないんだよ。からの乳房をピチャピチャ吸って、いや、もうこのごろは吸う力さえないんだ。ああ、そうだよ、狐の子だよ。あごがとがって、皺だらけの顔で一日中ヒイヒイ泣いているんだ。見せてあげましょうかね。それでも、あたしたちは我慢している

んだ。それをお前たちは、なんだい」といいかけた時、空襲警報が出て、それとほとんど同時に爆音が聞え、れいのドカンドカンシュウシュウがはじまり、部屋の障子がまっかに染まりました。

「やあ、来た。とうとう来やがった」と叫んで大尉は立ち上がりましたが、ブランデーがひどくきいたらしく、よろよろです。

お酌のひとは、鳥のように素早く階下に駆け降り、やがて赤ちゃんをおんぶして、二階にあがって来て、「さあ、逃げましょう、早く。それ、危い、しっかり」ほとんど骨がないみたいにぐにゃぐにゃしている大尉を、うしろから抱き上げるようにして歩かせ、階下へおろして靴をはかせ、それから大尉の手を取ってすぐ近くの神社の境内まで逃げ、大尉はそこでもう大の字に仰向に寝ころがってしまって、そうして、空の爆音にむかってさかんに何やら悪口をいっていました。ばらばらばら、火の雨が降って来ます。神社も燃えはじめました。

「たのむわ、兵隊さん。も少し向こうのほうへ逃げましょうよ。ここで犬死にしてはつまらない。逃げられるだけは逃げましょうよ」

人間の職業の中で、最も下等な商売をしているといわれているこの蒼黒く痩せこけた婦人が、私の暗い一生涯において一ばん尊く輝かしく見えました。ああ、欲望よ、去れ。虚栄よ、去れ。日本はこの二つのために敗れたのだ。お酌の女は何の慾もなく、また見栄もなく、ただもう眼前の酔いどれの客を救おうとして、こん身の力で大尉を引き起し、わきにかかえてよろめきながら田圃のほうに避難します。避難した直後にはもう、神社の境内は火の海になっていました。

麦を刈り取ったばかりの畑に、その酔いどれの大尉をひきずり込み、小高い土手の蔭に寝かせ、お酌の女自身もその傍にくたりと坐り込んで荒い息を吐いていました。大尉は、すでにぐうぐう高鼾です。

その夜は、その小都会の隅から隅まで焼けました。夜明けちかく、大尉は眼をさまし、起き上がって、なお燃えつづけている大火事をぼんやり眺め、ふと、自分の傍でこくりこくり居眠りをしているお酌の女のひとに気づき、なぜだかひどく狼狽の気味で立ち上がり、逃げるように五、六歩あるきかけて、また引返し、上衣の内ポケットから私の仲間の百円紙幣を五枚取り出し、それからズボンのポケットから私を引き出して六枚重ねて二つに折り、それを赤ちゃんの一ばん下の肌着のその下の地肌の背中に押し込んで、荒々しく走って逃げて行きました。私が自身に幸福を感じたのは、この時でございました。貨幣がこのような役目ばかりに使われるんだったらまあ、どんなに私たちは幸福だろうと思いました。赤ちゃんの背中は、かさかさ乾いて、そうして痩せていました。けれども私は仲間の紙幣にいいました。

「こんないいところはほかにないわ。あたしたちは仕合せだわ。いつまでもここにいて、この赤ちゃんの背中をあたため、ふとらせてあげたいわ」

仲間はみんな一様に黙ってうなずきました。

A NOTA DE CEM IENES

"Dê uma olhada na nota de cem ienes em sua carteira.
Pode ser que eu me encontre aí dentro."

OSAMU DAZAI

(As línguas estrangeiras diferenciam os substantivos entre masculinos e femininos. Assim, emprego "nota" no feminino).[1]

Sou a nota de número 77851. Dê uma olhada na nota de cem ienes em sua carteira. Pode ser que eu me encontre aí dentro. Já estou gasta e rasgada, não tenho a menor ideia a quem possa pertencer o bolso em que me encontro agora, pode ser até que esteja dentro de uma lixeira. Notas em novo formato apareceram esses dias e ouvi boatos de que as notas antigas como nós seriam todas incineradas, mas acho melhor ser totalmente incinerada e ascender aos céus do que viver assim, sem saber se estou viva ou morta. Depois de incinerada, ir para o paraíso ou para o inferno depende da vontade divina. Pode ser que acabe no inferno. Quando nasci, não era tão ordinária. Depois surgiram notas de duzentos ienes, mil ienes, muitas notas mais valorizadas do que eu, no entanto, quando nasci, as notas de cem ienes eram as rainhas e, ao passar às mãos de uma pessoa no caixa de um grande banco de Tóquio pela primeira vez, as mãos dessa pessoa estavam um pouco trêmulas. Podem acreditar, é verdade! Era um jovem carpinteiro. Ele me depositou gentilmente, sem dobrar, no bolso de seu avental de trabalho. Enquanto caminhava pelas ruas e dentro do trem, tocava o avental de leve com a palma da mão esquerda como se estivesse com dor de barriga. Ao final, colocou-me no altar familiar assim que chegou à sua casa depois de ir ao banco. Minha vinda ao mundo foi muito feliz. Desejava

[1] Os substantivos são neutros na língua japonesa, sem gênero, por isso, o autor faz essa observação sobre a sua escolha. (n.t.)

permanecer para sempre na casa desse carpinteiro. No entanto, consegui passar somente uma noite ali. Nessa noite, o carpinteiro estava de muito bom humor, bebeu no jantar e, voltando-se para sua jovem e pequena esposa, gabava-se dizendo coisas como: "Não me encha! Eu também faço a minha parte!", e, de vez em quando, levantava-se, retirava-me do altar familiar, fingia que me recebia com as duas mãos com uma reverência e fazia a jovem esposa rir, mas, nesse ínterim, o casal começou a discutir e acabei sendo dobrada em quatro e colocada no interior da pequena carteira da esposa. Na manhã seguinte, fui levada por ela até uma casa de penhores, trocada por seus dez quimonos e colocada dentro do cofre frio e úmido da casa de penhores. Sentia-me congelar e minha barriga doía quando saí e pude ver o sol novamente. Dessa vez, fui trocada pelo microscópio de um estudante de medicina. Levada por esse estudante, fiz uma viagem bem longa. Ao final, ele me abandonou em uma hospedaria em uma pequena ilha no Mar Interior de Setô. Passei quase um mês dentro da gaveta de uma pequena cômoda no escritório e ouvi as empregadas dizerem que o estudante de medicina se jogara no Mar Interior de Setô logo após me abandonar e deixar a hospedaria. "Um rapaz tão bonito! Morreria com ele sem pestanejar!", disse uma empregada corpulenta com cerca de quarenta anos, cheia de espinhas, fazendo todas rirem. Desde então, envelheci bastante durante os cincos anos que vivi entre Shikoku e Kyûshû. Passei a ser desprezada e, ao retornar a Tóquio após seis anos, minha sorte sofreu uma guinada tão grande que comecei a me detestar. Após voltar a Tóquio, tornei-me a garota de recados do mercado negro. Tinha mudado depois de ficar longe dessa cidade por cinco, seis anos, mas ela mudara ainda mais. Por volta das oito horas da noite, negociadores um pouco embriagados me levavam da estação de Tóquio para Nihonbashi, descíamos em Kyôbashi, caminhávamos por Ginza e íamos até Shinbashi, a essa altura, já estava completamente escuro, era como se caminhássemos no interior de uma floresta, não via ninguém andando, nem um gato cruzava a rua. A imagem ominosa de uma cidade morta. Logo, o ruído das explosões a que já estávamos habituados, começava. Não tinha tempo de repousar em meio ao tumulto cotidiano, passava rapidamente das mãos de uma pessoa para as de outra como se fosse o bastão de uma corrida de revezamento. Foi assim que fiquei cheia de rugas, e não só isso, meu corpo ficou impregnado de vários odores desagradáveis, fiquei deprimida de tanta vergonha. Mas aquele também era um período triste para o Japão. Não vou entrar em detalhes sobre como passei das mãos de uma pessoa para outra, sobre os fins e os diálogos envolvidos em minha entrega, pois todos já estão fartos de ouvi-los e presenciá-los. Não eram apenas os militares que se pareciam com bestas selvagens. Não era algo que se limitava somente ao Japão,

acho que era um problema geral da humanidade, a ideia de que morreríamos naquela mesma noite deveria fazer com que nos esquecêssemos da ganância e da luxúria, mas esse não parecia ser o caso. Quando suas vidas atingem um beco sem saída, os seres humanos deixam de se divertir juntos e parecem cobiçar as coisas dos próximos. Não poder ser feliz enquanto houver uma pessoa infeliz neste mundo deveria ser um sentimento verdadeiramente humano, mas, para obter um instante de conforto para si, ou talvez para sua família, difama-se, engana-se, passa-se a perna nos outros (não, mesmo vocês já fizeram isso uma vez. Deveriam se zangar por agir dessa forma sem perceber, sem se dar conta. Envergonhem-se! Se forem seres humanos, envergonhem-se! Envergonhar-se é um sentimento que somente os seres humanos têm), representam-se cenas ridículas e deploráveis, é como se espíritos infernais brigassem entre si. No entanto, mesmo eu, nesta vida de reles garota de recados, não posso dizer que, uma ou duas vezes, não tenha pensado, "Ah, valeu a pena ter nascido!". Estou toda acabada agora, sem saber nem mesmo onde estou, praticamente senil, assim mesmo, ainda guardo algumas pequenas e alegres lembranças. Uma delas ocorreu quando cheguei a uma pequena cidade a três ou quatro horas de trem de Tóquio. Fui levada até lá por uma velha que negociava no mercado negro. Aqui, cabem algumas observações. Até hoje, passei por vários negociantes do mercado negro, entretanto, as mulheres que atuam nesse mercado souberam duplicar meu valor em relação aos homens. A ganância feminina é muito maior do que a masculina e tem aspectos temerários. A velha entregou uma garrafa de cerveja a um homem toda cheia de si, recebendo-me em troca da garrafa e, em seguida, foi comprar vinho nessa pequena cidade. Normalmente, uma garrafa de vinho custa cinquenta ou sessenta ienes no mercado negro, mas a velha se aproximou do vendedor e ficou negociando em voz baixa, falando rápido, por um longo tempo, de vez em quando, dava risadinhas desagradáveis e, ao final, conseguiu comprar quatro garrafas comigo. Ela saiu carregando as garrafas nas costas como se não pesassem nada. Em suma, com sua lábia, essa velha transformou uma garrafa de cerveja em quatro garrafas de vinho. Se lhes adicionasse um pouco de água e colocasse o líquido em garrafas de cerveja, obteria quase vinte garrafas. Enfim, a ganância feminina ultrapassava todos os limites. Mas a velha não parecia nem um pouco satisfeita e foi embora dizendo que o mundo tornara-se um lugar terrível com uma expressão séria. Fui colocada em uma grande carteira pelo vendedor de vinhos, mal tirei um cochilo quando fui puxada para fora e entregue a um capitão do exército. Ele devia ser conhecido do vendedor. Fui trocada por cem cigarros feitos para consumo dos militares, chamados "Homare" (o capitão disse que eram cem, mas quando o vendedor de vinhos os contou, descobriu que havia

somente 85 cigarros. “Aquele ladrão miserável!”, gritou, indignado). Seja como for, fui trocada por um embrulho contendo cerca de cem cigarros e enfiada de qualquer jeito no bolso das calças do capitão. Nessa noite, acompanhei-o até o segundo andar de um restaurante miserável na periferia da cidade. O capitão era um grande beberrão. Engoliu alguns goles de uma bebida exótica, um conhaque de uva, ficou de maus bofes e começou a ridicularizar a mulher que servia a bebida com insistência.

– Sua cara é igual à de uma *reposa*. (Ele queria dizer “raposa”. Tentava imaginar qual a origem de sua pronúncia[2]). Escute bem, o focinho da *reposa* é pontudo e tem pelos. Três pelos do lado direito e quatro do lado esquerdo. O peido da *reposa* é insuportável. Quando ela peida, solta uma nuvem de fumaça amarela. Se os cães sentem seu cheiro, dão um giro e caem duros no chão. É verdade, não estou mentindo! Sua cara é amarela, hein? Muito amarela. Com certeza ela ficou amarela com seu próprio peido. Ah, que fedor! Ei, você peidou! Sim, você fez isso! Que falta de educação! É no mínimo absurdo soltar um pum na frente de um soldado! Eu sou uma pessoa sensível. Não posso deixar que uma *reposa* peide debaixo do meu nariz! – havia somente coisas desprezíveis nos insultos que dizia com ar sério. Um bebê começou a chorar no andar inferior – Pirralho barulhento, que coisa incômoda! Sou uma pessoa sensível. Não me perturbe! É seu filho? Estranho. Não acredito, o filho de uma *reposa* chora como um bebê humano! Você é ultrajante, carregar um filho para vir trabalhar em um lugar como este, que egoísta! O Japão está sofrendo com a guerra por causa de mulheres interesseiras e vis como você. Uma imbecil ignorante como você deve achar que o Japão vencerá. Sua imbecil, imbecil! Esta guerra está perdida. *Reposas* e cães. Eles dão um giro e caem duros no chão. Até parece que vamos ganhar. É por isso que todas as noites eu bebo e compro mulheres. Isso é errado?

– É errado! – disse a mulher que servia a bebida com o rosto pálido – O que as raposas têm a ver com isso? Se não gosta, não precisa vir, não acha? Hoje, no Japão, quem vem beber e se divertir com as mulheres são apenas vocês. De onde acha que o seu salário vem? Pense um pouco. Entrego quase tudo o que ganho para a minha patroa. Ela dá esse dinheiro para vocês e fazem com que bebam no restaurante. Não me trate como uma tonta! Uma mulher tem filhos, sabe? Vocês não têm ideia de como a vida está difícil para uma mulher com um bebê de colo. Não há mais nenhuma gota de leite em meu peito. Ele suga meu peito vazio, não, ele sequer tem forças para fazer isso. Ah, é verdade, é o bebê de uma raposa! Seu queixo é pontudo e seu rosto está cheio de rugas. Ele chora

---

[2] O capitão provavelmente era do nordeste do Japão, a mesma região onde Dazai nasceu. Sua pronúncia era motivo de brincadeiras entre seus conhecidos em Tóquio. (n.t.)

baixinho o dia inteiro. Quer vê-lo? Apesar disso, eu tento aguentar. E vocês, o que fazem? – assim que ela terminou, o alarme de ataque aéreo soou, quase ao mesmo tempo, houve uma explosão e os bombardeios e rajadas de balas começaram. A porta de papel de arroz foi tingida de vermelho.

– Chegaram! Finalmente chegaram! – gritou o capitão. Ele se levantou, mas o efeito do conhaque se fez sentir com força e ele titubeou.

A mulher que servia a bebida voou como um pássaro para o andar inferior e voltou em seguida com o bebê em suas costas.

– Vamos sair daqui, rápido! É perigoso, vamos!

O corpo do capitão parecia não ter ossos e se assemelhava a uma gelatina. Ela o fez caminhar empurrando-o pelas costas, conduziu-o ao andar inferior e fez com que calçasse os sapatos. Puxando-o pela mão, foram se abrigar nos arredores do templo vizinho onde o capitão deitou de costas com as pernas e braços estendidos. Ele praguejava furiosamente olhando para o céu na direção das explosões. Aos pedaços, uma chuva de fogo caía. O templo também começou a pegar fogo.

– Eu lhe imploro, senhor soldado! Vamos um pouco mais para aquele lado! Se ficarmos aqui, morreremos como cães. Vamos correr até onde conseguirmos!

Nesse instante, vi essa mulher magra de pele escura e ar doentio, que exercia a atividade mais inferior dentre as profissões humanas, irradiar uma luminosidade sagrada. Ah, esqueçam a ganância! Esqueçam a vaidade! O Japão foi derrotado por essas duas coisas. A mulher que servia bebida não tinha desejos, nem vaidade, apenas procurava salvar o bêbado à sua frente. Com a força de seu corpo, levantou o capitão e, segurando-o por baixo do braço, foram cambaleando na direção dos campos de arroz. Quando chegaram lá, os arredores do templo tinham se transformado em um mar de fogo.

A mulher que servia bebida arrastou o capitão bêbado, deitou-o à sombra de um aterro baixo no campo recém-colhido e sentou-se a seu lado respirando com dificuldade. O capitão já dormia e roncava alto.

Nessa noite, a pequena cidade queimou de uma ponta à outra. O capitão abriu os olhos perto do amanhecer, levantou-se e observou o grande incêndio que ainda ardia com ar ausente. Então, notou a mulher que cochilava a seu lado e, sem saber a razão, ficou em pé invadido por um sentimento de confusão, deu cinco ou seis passos fazendo menção de fugir, mas retornou, retirou cinco de minhas companheiras de cem ienes do bolso interno de seu casaco, depois me puxou do bolso de suas calças, juntou as seis notas, dobrou-as em dois, enfiou-nos sob a roupa do bebê, junto à pele nua de suas costas, e saiu cor-

rendo desajeitadamente. Foi esse o momento em que me senti feliz. Se as notas fossem empregadas unicamente para essa função, como seríamos felizes! As costas do bebê estavam ressecadas e emaciadas. Disse às minhas companheiras:

– Não há lugar melhor do que este. Somos abençoadas. Ficaremos aqui, aqueceremos as costas deste bebê e o engordaremos.

Minhas companheiras balançaram a cabeça em silêncio.

MACIEIRA
EMMANOUIL ROÍDIS

O TEXTO: O conto *Η Μηλιά (Macieira)* foi publicado originalmente em 1895, no jornal ateniense *Ακρόπολις* (*Akrópolis)*. Trata-se de um texto particular dentro da produção de Roídis, por ser o único escrito em demótico (grego vernáculo) em meio à sua produção em *katharévousa* (grego cultista, arcaizante). Como o próprio autor observa em nota, a narrativa é uma versão livre inspirada por uma fábula italiana. Porém, como de costume nos textos de Roídis, ela assume dimensões de uma provocativa sátira política.

Texto traduzido: Ροΐδης, Εμμανουήλ. *Άπαντα. Πέμπτος Τόμος, 1894-1904. Φιλολογική επιμέλεια: Άλκης Αγγέλου.* Αθήνα: Ερμής, 1978, σελίδες 109-117.

O AUTOR: Emmanouil Roídis (1836–1904) nasceu em Ermoúpolis, na ilha de Syros (arquipélago das Cíclades), importante centro do então recém-formado Estado Grego. Viveu alguns anos de sua infância na Itália, e estudou filologia em Berlim. Passou a sua vida madura em Atenas, onde atuou e faleceu. Foi uma figura central e vanguardista no cenário intelectual grego do séc. XIX, tendo publicado crônicas, ensaios, contos e uma novela histórica. Foi progressista e bastante engajado em questões políticas, tendo sido um duro crítico da Igreja (especialmente da igreja ocidental, com que exercia uma crítica indireta à Igreja Ortodoxa). É reconhecidamente um dos maiores estilistas da *katharévousa* (grego arcaizante), e sua obra, muito marcada pela sátira e pelo senso de humor, apesar de datada em alguns aspectos, apresenta grande interesse devido à riqueza de temas, inventividade, estilo e originalidade.

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é bacharel em Letras (Grego Antigo) pela UFPR e mestre e doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. Estudou grego moderno e música popular grega em Atenas. Já atuou como tradutor juramentado de grego e possui diploma de proficiência em grego (C2) do Ministério da Cultura da Grécia. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e também do islandês, língua à qual se dedica paralelamente, com interesse especial na literatura islandesa medieval. Para a (n.t.), traduziu Kostas Karyotákis, Giorgos Seféris, Aléxandros Papadiamántis, Ilias Venézis e Odysseas Elýtis.

Ἡ Μηλια[1]

“Τὴν ἔλεγαν Μηλιά, γιατὶ τὴν εἶχαν εὕρει ἕνα ἀπριλιάτικο πρωὶ ἀπὸ κάτω ἀπὸ ἕνα μηλόδενδρο, σκεπασμένη ἀπὸ τὰ ἄσπρα ἄνθια.”

ΕΜΜΑΝΟΥΉΛ ΡΟΪΔΗΣ

[Ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν· «Ἄφετε
τὰ παιδία ἔρχεσθαι πρός με».
(Κατὰ Λουκᾶν, ιη΄, 16)].

Εἰς ἕνα χωριὸ τῆς Μεγάλης Ἑλλάδας ἐζοῦσεν ἕνα καιρὸ ἕνα κορίτζι τόσο καλόκαρδο καὶ χαριτωμένο, ποὺ ὅλος ὁ κόσμος τὸ ἀγαποῦσεν. Ἂν καὶ δὲν ἦταν πλούσιο, εὕρισκε τρόπο νὰ βοηθῇ τοὺς πτωχούς· ὅ,τι τῆς ἔδιδαν τὸ ἐμοίραζε μὲ αὐτούς, καὶ ὅταν τὰ χέρια της ἦσαν ἄδεια, ἡ καρδιὰ καὶ τὸ στόμα της ἦσαν παντότες γεμάτα καλὰ αἰσθήματα καὶ καλὰ λόγια γιὰ νὰ τοὺς παρηγορῇ. Καὶ ὄχι μόνον οἱ ἄνθρωποι καὶ τὰ σπιτικὰ ζῶα, ἀλλὰ καὶ αὐτὰ τὰ πουλιὰ τοῦ δάσους τὴν ἀγαποῦσαν. Ὅταν τὴν ἔβλεπαν νὰ περνᾷ, κατέβαιναν ἀπὸ τὰ δένδρα καὶ τὴν ἀκολουθοῦσαν σὰν σκυλάκια, γιὰ νὰ τοὺς δώσῃ τὸ μισὸ ψωμί της.

Τὴν ἔλεγαν Μηλιά, γιατὶ τὴν εἶχαν εὕρει ἕνα ἀπριλιάτικο πρωὶ ἀπὸ κάτω ἀπὸ ἕνα μηλόδενδρο, σκεπασμένη ἀπὸ τὰ ἄσπρα ἄνθια, ὅπου εἶχε τινάξει ἀπάνω της ὁ ἄνεμος τὴ νύχτα.

Τὸ ἡλικιωμένο ἀνδρόγυνο ποὺ τὴν εἶχε υἱοθετήσει ἦταν τόσο πτωχό, ὁποὺ μόλις ἔφθαναν γιὰ νὰ μὴ πεινᾷ ὅσα ἐκέρδιζαν μὲ τὸ πλέξιμον ἡ γραία καὶ ὁ γέρος κόπτοντας ξύλα. Ἡ Μηλιὰ ἔκαμνε κ’ ἐκείνη ὅ,τι μποροῦσε γιὰ νὰ τοὺς βοηθήσῃ. Ἐμάζευεν εἰς τὸ δάσος ἀγριοφράουλες, μενεξέδες καὶ ἄλλα λουλούδια καὶ τὰ ἐπρόσφερνεν εἰς τοὺς διαβάτες μ᾽ ἕνα χαμόγελο τόσο γλυκό,

[1] Αὐτὸ τὸ παραμύθι ἤκουσα πολλάκις κατὰ τοὺς παιδικούς μου χρόνους εἰς τὴν Ἰταλίαν, τὴν οὐσίαν ἐννοεῖται καὶ ὄχι τὰ ἐπεισόδια. Τὸ ἔγραψα χωρὶς τὴν παραμικρὰν ἀξίωσιν ἢ κἂν πρόθεσιν ἀκριβοῦς ψυχαρισμοῦ.

ποὺ σπάνιον ἦταν νὰ τῆς ἀρνηθοῦν τὴν πεντάρα τους, ὅσοι εἶχαν νὰ τὴν δώσουν. Αὐτοὶ ὅμως δὲν ἦσαν πολλοὶ εἰς τὸ πτωχικὸ ἐκεῖνο χωριό, καὶ τὸ ψωμὶ καὶ τὰ κάστανα, ὁποὺ ἔτρωγαν ὁ γέρος καὶ ἡ γρηά, ἦσαν πάντοτες ὀλιγώτερα ἀπὸ τὴν ὄρεξί τους, καὶ ἀκόμη πιὸ μικρὸ τὸ μερδικὸ τῆς Μηλιᾶς, ἀφοῦ τὸ ἐμοίραζε μὲ τοὺς πτωχοὺς καὶ τὰ πουλιά.

Ἡ Μηλιὰ ἦταν δεκαεφτὰ ἐτῶν, ὅταν μία νύχτα, ὅπου ἐνόμιζαν οἱ θετοὶ γονιοί της πὼς κοιμᾶται, ἄκουσε νὰ λέγῃ ὁ γέρος εἰς τὴν γυναῖκα του:

«Δὲν ξέρω τί θὰ γείνουμεν, ἂν δὲν κάμῃ ὁ Θεὸς κανένα θαῦμα νὰ μᾶς βοηθήσει. Τὰ ξύλα ὅπου ἠμπορῶ νὰ σηκώσω εἰς τὴ γέρική μου πλάτη ὀλιγοστεύουν καθημέραν, καὶ σὺ ἀντὶς τρεῖς χρειάζεσαι τώρα πέντε ’μέραις γιὰ νὰ πλέξῃς μιὰ κάλτσα. Ἡ Μηλιὰ τρώγει λίγο, μὰ ἀγαπᾷ νὰ μοιράζῃ ψωμὶ εἰς τοὺς πτωχοὺς καὶ τὰ πουλιά. Συλλογοῦμαι τί θὰ γείνῃ ἀφοῦ κλείσουμε τὰ μάτια. Ἂν ἦταν ἕνα ἢ δύο χρόνια μεγαλείτερη, θὰ τὴν ἔστελνα εἰς τὴν πόλι νὰ βολευτῇ. Φρόνιμη, καὶ προκομμένη καθὼς ποὺ εἶναι, θὰ εὕρισκεν εὔκολα μιὰ καλὴ θέσι, καὶ δὲν θὰ λησμονοῦσε καὶ τοὺς πτωχοὺς ἀνθρώπους ποὺ τὴν ἀναθρέψανε, ὅταν δὲν θὰ ἔχω πλέον δύναμι νὰ κόπτω ξύλα οὔτε σὺ δάκτυλα νὰ πλέκῃς».

Ἡ Μηλιὰ ἐκαμώθη πὼς δὲν ἄκουσε τίποτες. Τὸ πρωὶ ὅμως ἐσηκώθηκε πρὶν φέξῃ· ἔκαμεν ἕνα κομπόδεμα τὰ ὀλίγα της πράγματα, ἔσφιξε τὴν καρδιά της, ἐσφούγγισε τὰ μάτια της, ποὺ ἔτρεχαν σὰν βρύση, καὶ πῆγε ν᾽ ἀποχαιρετίσῃ τὸ γέρικο ζευγάρι. Ἔκλαψαν κ᾽ ἐκεῖνοι, ἔπειτα ὅμως ἐσυλλογίσθηκαν πὼς ἦτο φανέρωμα τοῦ θείου θελήματος, νὰ κάμῃ τὴν Μηλιὰν νὰ συλλογισθῇ τὴν ἴδιαν νύκτα, ὅσα ἐσυλλογίσθηκαν καὶ ἐκεῖνοι. Τὴν ἄφησαν λοιπὸν νὰ φύγει, ἀφοῦ τῆς ἔδωκαν πολλὰ φιλιά, τὴν εὐχή τους καὶ μίαν πήτταν νὰ τὴν τρώγῃ εἰς τὸν δρόμον.

Ὅλο τὸ χωριὸ ἠθέλησε νὰ τὴν συνοδέψῃ μίαν ὥρα δρόμο ἕως τὴν Κρύα Βρύσι. Τὴν ἀκολούθησαν ἕως ἐκεῖ καὶ ἕνας στραβὸς ποὺ τὸν ἔσερνεν ὁ σκύλος του καὶ δύο σακάτηδες μὲ τὰ δεκανίκια. Τὴν συνόδεψαν καὶ γίδες, ἀρνιά, κότες, χῆνες, πάπιες καὶ πετεινοί, γιατὶ ἄνθρωποι καὶ ζῶα ὅλοι τὴν ἀγαποῦσαν καὶ τοὺς ἐλυποῦσεν ὁ χωρισμός.

Ὅσον καιρὸν ἔβλεπεν ἀπὸ μακριὰ τὸ ἀποχαιρέτημα μὲ τὸ μαντίλι τῶν δύο γερόντων ἐπροσπαθοῦσεν ἡ Μηλιὰ νὰ κάμῃ θάρρος· ὅταν ὅμως ἔπαυσε νὰ τὸ βλέπῃ κ’ ἐκεῖνο, αἰσθάνθηκε πρώτη φορὰ ὅτι ἦτο μονάχη εἰς τὸν κόσμον· τὴν ἐπῆρε τὸ παράπονο καὶ ἄρχισαν πάλι τὰ μάτια της νὰ τρέχουν. Ἐπερπάτησεν ὅλη τὴν ἡμέρα χωρὶς νὰ σταθῇ οὔτε τὴν πήττα της νὰ δαγκάσῃ. Ὁ πόνος τῆς καρδιᾶς γεμίζει ὡσὰν ψωμὶ τὸ ἀδειανὸ στομάχι τῶν δυστυχισμένων.

Ἀφοῦ ἐπερπάτησε δέκα ὅλες ὧρες, ἐκάθισεν ἀπὸ κάτω ἀπὸ μίαν καστανιὰ ν᾽ ἀναπαυθῇ. Ἀκόμη ὅμως δὲν εἶχε καλοκαθίσει καὶ τὴν ἐτρόμαξαν δύο του-

φεκιὲς καὶ τὸ γαύγισμα βραχνοῦ σκύλου. Ἐγύρισε νὰ ἰδῇ τί τρέχει καὶ εἶδεν ἕνα σύννεφο πουλιὰ ποὺ ἔφευγαν φοβισμένα.

– Ἐλᾶτε κοντά μου, ἐφώναζεν, ἐλᾶτε γρήγορα νὰ κρυβῆτε σ᾽ αὐτὴν τὴν λόχμη. Μὴ φοβᾶσθε, θὰ σᾶς γλυτώσω, ἂν δὲν μὲ σκοτώσῃ κ’ ἐμένα ὁ κυνηγός, ἂν δὲν μὲ φάγῃ ὁ σκύλος.

Τὰ πουλιὰ ἐγνώρισαν τὴ φωνή της, ἐσυνάχθησαν τριγύρω της καὶ ἐβιάσθησαν νὰ τρυπώσουν ἀποκάτω ἀπὸ τὰ χαμόκλαδα, στρυμωμένα τὸ ἕνα κοντὰ εἰς τὸ ἄλλο, καὶ ἄκουεν ἡ Μηλιὰ τὲς ἑκατὸν καρδοῦλες των νὰ κτυποῦν τὰκ-τὰκ σὰν τὰ ρολόγια εἰς τὸ ἀργαστήρι τοῦ ρολογᾶ.

Ἐκείνην τὴν στιγμὴ ἐπρόβαλε καὶ ὁ κυνηγὸς μαζὶ μὲ τὸ σκύλο του, φοβερὸ ζῶο μὲ κίτρινη τρίχα, μὲ δόντια μυτερὰ καὶ μάτια κόκκινα ποὺ ἔλαμπαν σὰν ἀνθρακιά.

– Κορίτσι μου, τὴν ἀρώτησε, μὴν εἶδες νὰ περάσουν ἀπ᾽ ἐδῶ πουλιὰ ἢ ἄλλο κυνήγι; Ἀπὸ τὸ πρωὶ τρέχω καὶ δὲν ἐσκότωσα ἀκόμη τίποτε. Θὰ σὲ δώσω αὐτὸ τὸ ἀργυρὸ δίφραγκο, ἂν μοῦ δείξῃς τὸν καλὸ δρόμο.

Ἐνῷ μιλοῦσεν ὁ κυνηγός, ἐξακολουθοῦσεν ὁ σκύλος νὰ γαυγίζῃ καὶ ἡ καρδιὰ τῶν πουλιῶν νὰ κτυπᾷ πιὸ δυνατά, καὶ τὸ κόκκινο βασίλεμα τοῦ ἡλίου ἔκαμνε τὸ ἀργυρὸ νόμισμα νὰ λάμπῃ σὰν νὰ ἦταν χρυσό.

– Καλὰ ἔκαμες νὰ μ᾽ ἀρωτήσῃς, ἀποκρίθηκεν ἡ Μηλιά. Μιὰ στιγμὴ πρὶν ἔλθῃς εἶδα ἕνα κοπάδι πέρδικες ποὺ ἐπετοῦσαν κατὰ τὸ βορειά, δύο λαγοὺς ποὺ ἔτρεχαν ἀντικρυνά, ἕνα ζαρκάδι ποὺ ἔφευγε κατὰ τὴν ἀνατολὴ καὶ ἕνα ζευγάρι φαζάνια κατὰ τὴ δύσι. Ἔχεις λοιπὸν νὰ διαλέξῃς, μόνο δὲν ἔχεις καιρὸ νὰ χάσῃς, ἂν θέλῃς νὰ φθάσῃς.

Ὁ κυνηγὸς τῆς ἔδωκε τὸ δίφραγκο καὶ ἐκινήθηκε πρὸς τὴν ἀνατολή, ὁ σκύλος ὅμως δὲν ἤθελε νὰ φύγῃ· ἐπεισμάτωσε νὰ μυρίζεται τὰ κλαδιά, ν᾽ ἀλυχτᾷ καὶ νὰ δείχνῃ τὰ φοβερά του δόντια. Ἐσυλλογίστηκε τότες ἡ Μηλιὰ νὰ τοῦ δώσῃ τὴν πήττα της γιὰ νὰ ἡσυχάσῃ· τοῦ ἔδωκε καὶ ὁ ἀφέντης του μιὰ κλωτσιὰ καὶ τότε μόνον ἀπεφάσισε τὸ κακὸ ζῶο νὰ τὸν ἀκολουθήσῃ, ὄχι ὅμως εὐχαριστημένο, ἀλλ᾽ ἐξακολουθώντας τὸ γαύγισμα, ὡσὰν νὰ ἔλεγεν εἰς τὸν κυνηγό, πὼς εἶναι ἐντροπὴ νὰ τὸν γελοῦν κοτζά μου ἄνθρωπο τὰ κορίτσια.

Ὅταν ἐχάθη μακρυὰ εἰς τὸ δάσος ὁ κυνηγὸς καὶ ἔπαυσε νὰ ἀκούεται ἡ φωνὴ τοῦ σκύλου, ἐβγῆκαν ἀπὸ τὴν κρύφτη τοὺς τὰ πουλιὰ καὶ δὲν ἤξευραν τί νὰ κάμουν γιὰ νὰ δείξουν τὴν εὐγνωμοσύνη τοὺς εἰς τὴν Μηλιά. Ἐκάθιζαν ἐπάνω εἰς τὸν ὦμό της, ἐκελαηδοῦσαν εἰς τ᾽ αὐτί της εὐχαριστῶ, τὴν ἀέριζαν μὲ τὰ πτερά των καὶ τῆς ἐφιλοτσιμποῦσαν τὰ χέρια, τὰ χείλια, τὰ μάγουλα καὶ τὸ λαιμό της. Οἱ σπίνοι καὶ οἱ πυρρουλάδες ἀποσπάσθηκαν νὰ πάγουν νὰ τῆς φέρουν κεράσια, ζίζυφα, βατόμουρα καὶ φραγκοστάφυλα νὰ δειπνήσῃ, ἐνῷ τὰ σπουργίτια καὶ οἱ πετρίτες τῆς ἑτοίμαζαν μαλακὸ στρῶμα ἀπὸ καστανό-

φυλλα, μέντα καὶ λεβάντες νὰ κοιμηθῇ. Ἀφοῦ ἔκαμε τὴν προσευχή της καὶ ἁπλώθηκεν εἰς τὸ μυρωδάτο ἐκεῖνο κλινάρι, τὴν ἐσκέπασαν μὲ φτέρη γιὰ νὰ μὴ κρυώσῃ κ' ἐκούρνιασαν κ' ἐκεῖνα εἰς τὰ περίγυρα δέντρα νὰ τὴν φυλάγουν.

Τὸ πρωὶ τὴν ἐξύπνησε τὸ ἐγερτήριο τοῦ κορυδαλλοῦ καὶ ἦλθαν νὰ τὴν καλημερίσουν καὶ τ᾽ ἄλλα πουλιά. Ἀφοῦ ἐτελείωσε τὸ γενικὸ τραγούδι, ἔλαβε τὸ λόγο (συμπάθειο γιὰ τὴν ἑλληνικούρα) ὁ γλυκόλαλος ρήτορας, τὸ ἀηδόνι, καὶ τῆς εἶπε τὰ ἀκόλουθα, εἰς τὴν γλῶσσαν τῶν πουλιῶν, ποὺ ἔνοιωθε καλὰ καὶ κάπως ὡμιλοῦσεν ἡ Μηλιά.

– Μᾶς εἶπες χθὲς πὼς πηγαίνεις εἰς τὴν πρωτεύουσα νὰ κυνηγήσεις τὴν τύχη, καὶ σήμερις τὸ πρωὶ ἐμάθαμεν ἀπὸ μίαν κίσσαν, ὅτι παρουσιάζεται μία εὐκαιρία μοναδικὴ νὰ τὴν πιάσῃς ἀπὸ τὰ γένεια. Ὁ βασιλῆάς, ἀφοῦ ἐχήρεψε πρόπερσι, ἐβαρέθηκε τὰ μεγαλεῖα, τὲς δόξες, τὰ πλούτη καὶ ὅσα ἄλλα τοῦ ζηλεύει ὁ κόσμος. Τόση εἶναι ἡ πλήξη καὶ ἡ μελαγχολία του, ὅπου κατήντησε νὰ ὑποσχεθῇ τὸ μισό του Βασίλειο εἰς ἐκεῖνον ὅπου κατορθώσῃ νὰ τὸν κάμῃ νὰ περάσῃ μία μόνη ὥρα χωρὶς χασμήματα ἢ ἀναστεναγμούς. Πολλοὶ ἦλθαν ἀπὸ ὅλα τὰ μέρη νὰ δοκιμάσουν. Ἡ δοκιμὴ γίνεται ἀπόψε, καὶ ὡς εἰς τὴν πρωτεύουσα εἶναι μόνο πέντε ὧρες δρόμος. Σήκω λοιπόν, Μηλιά, καὶ συγυρίσου νὰ πᾷς εἰς τὸ παλάτι νὰ κερδίσῃς τὸ βραβεῖο. Θὰ σὲ συνοδέψω μὲ μερικὰ ἄλλα πουλιὰ καὶ θὰ σὲ λέγω εἰς τὸ αὐτὶ τί πρέπει νὰ κάμῃς.

– Πουλιά μου ἀγαπημένα, ἀποκρίθηκεν ἡ Μηλιά, ἔχετε καλὴ καρδιά, ὄχι ὅμως καὶ πολλὴ γνῶσι. Μοῦ παραγγέλλετε νὰ συγυρισθῶ χωρὶς νὰ συλλογισθῆτε πὼς μόνον σᾶς ἐφρόντισεν ὁ Θεὸς νὰ στολίσῃ τὰ πλουμιστὰ φτερά. Ἐγὼ δὲν ἔχω νὰ βάλω παρὰ αὐτὸ τὸ παλιοφούστανο ποὺ φορῶ. Μὲ αὐτὸ θέλετε νὰ πάγω νὰ μὲ καμαρώσῃ ἡ αὐλὴ καὶ ὁ βασιλῆάς;

– Δὲν εἶναι τὰ πουλιὰ τόσον ἀνόητα, ὅσο τὰ πιστεύει ὁ κόσμος, ἀπήντησε τὸ ἀηδόνι. Δὲν θὰ σοῦ ἔλεγα νὰ στολιστῇς, ἂν δὲν εἴχαμε φροντίσει νὰ ἑτοιμάσωμε τὰ στολίδια. Ἔχομε φιλία μὲ μεταξοσκούληκα καὶ τὰ ἐβάλαμεν νὰ δουλεύουν ὅλην τὴν νύκτα γιὰ νὰ σοῦ κάμουν αὐτὸ τὸ φόρεμα ὅπου δὲν ἔχει δεύτερο στὴν οἰκουμένη.

Ἔφεραν τότες ἕνα φουστάνι ἀπὸ μονοκόμματο ἄσπρο ἀτλάζι, ποὺ εἶχεν ἐπάνω κεντημένα τὴν ἄνοιξι μὲ ὅλα της τὰ λουλούδια καὶ τὸν οὐρανὸ μὲ ὅλα του τ᾽ ἀστέρια.

– Ἐγώ, εἶπεν ὁ μελισσουργός, ἔτρεχα ὅλην τὴν νύκτα νὰ σοῦ εὕρω αὐτὸ τὸ ἄσπρο τριαντάφυλλο νὰ βάλῃς εἰς τὰ μαλλιά σου.

– Καὶ ἐγώ, εἶπεν ἡ πυρραλίδα, ἐσύναξα σταλαγματιὲς δρόσο καὶ σοῦ ἔκαμα περιδέραιο, ποὺ λάμπει περισσότερο ἀπὸ τὰ διαμάντια.

– Καὶ ἐγώ, εἶπεν ἡ σουσουράδα, σοῦ φέρνω αὐτὸ τὸ ριπίδι, ὅπου ἔδωκε τὸ κάθε πουλὶ τὸ ὡραιότερό του φτερὸ γιὰ νὰ γείνῃ.

Ἀφοῦ ἐφόρεσε τὰ μοναδικά της στολίδια, ἐφάνηκεν ἡ Μηλιὰ τόσον ὡραία, ποὺ ἄρχισαν νὰ ὑμνολογοῦν τὴν περίσσεια χάρι τῆς ὅλα μαζὶ τὰ πουλιά. Μόνον ἐκείνη ἐξακολουθοῦσε νὰ ἦναι ἀνήσυχη καὶ συλλογισμένη.

– Τί θὰ γείνω, εἶπεν, ὅταν μοῦ μιλήσῃ ὁ βασιληὰς καὶ καταλάβῃ ἀπὸ τὰ πρῶτα μου λόγια ὅτι εἶμαι μία χωριάτισσα τοῦ βουνοῦ ποὺ δὲν ξέρει τίποτε ἀπὸ κόσμο;

– Μὴ σὲ νοιάζῃ, ἀποκρίθηκε τ' ἀηδόνι. Αὐτὴ ἡ φιλενάδα μου ἡ κουρούνα, ποὺ βλέπεις κοντά μου, φωλιάζει ἀπὸ ἑκατὸν εἴκοσι χρόνια εἰς τὴν στέγη τοῦ παλατιοῦ καὶ ξεύρει ὅλα του τὰ φανερὰ καὶ τὰ μυστικά. Τὴν ἔφερα ἐπίτηδες γιὰ νὰ σὲ κατηχήσῃ. Σὲ μιὰ ὥρα θὰ σὲ μάθῃ ὅσα φθάνουν γιὰ νὰ διδάξῃς τὸν βασιληὰ τὰ γονικά του.

Μὲ τὸ δίφραγκο τοῦ κυνηγοῦ ἐνοίκιασεν ἡ Μηλιὰ τὸ βράδυ ἕνα κομψὸ ἁμάξι καὶ σωστὰ εἰς τὰς ἐννιὰ τὸ βράδυ ἐπαρουσιάσθηκεν εἰς τὴν μεγάλη σάλλα τοῦ παλατιοῦ. Ἡ ἐντύπωσι ποὺ ἔκαμεν ἡ ὠμορφιὰ τοῦ προσώπου της καὶ ἡ λάμψι τοῦ φουστανιοῦ της ἦτο τόση, ὅπου ὅλες οἱ ἄβαφες γυναῖκες ἐκιτρίνισαν ἀπὸ τὴν ζούλεια, καὶ ἀπὸ ἐκείνην τὴν βραδυὰ ἐφανερώθηκε ποιὲς πασαλείβονται καὶ ποιὲς ὄχι.

Ὁ βασιληὰς κατέβηκεν ἀπὸ τὸ θρόνο του καὶ ἦλθε νὰ τὴν προϋπαντήσει, πρᾶγμα ὅπου δὲν ἔκαμεν ἄλλη φορά, παρὰ μόνον εἰς τὴν ἐπίσκεψι τῆς αὐτοκρατόρισσας τοῦ Λεβάντε. Χωρὶς νὰ φροντίζῃ γιὰ τὴν ἐθιμοταξία, τὴν ἐπῆρε ἀπὸ τὸ χέρι καὶ τὴν ἔβαλε νὰ καθίσῃ σιμά του, ἐρωτῶντας ἀπὸ ποιὸ βασίλειον ἔρχεται, ἢ ἂν εἶναι οὐρανοκατέβατη, γιατὶ δὲν πιστεύει πὼς ἠμπορεῖ ἡ γῆς νὰ γεννήσῃ γυναῖκα τόσον ὡραία.

Ἡ Μηλιὰ ἐκοκκίνισε καὶ τοῦ ἀποκρίθηκε μὲ πολλὴ σεμνότητα καὶ χάρι ὅτι εἶναι μία ταπεινὴ χωριάτισσα καὶ ἦλθε ν᾿ ἀγωνισθῇ μὲ τοὺς ἄλλους γιὰ τὸ βραβεῖο.

– Πρέπει νὰ ξεύρῃς, τῆς εἶπεν ὁ βασιληάς, πὼς τόσον πολὺ ἐχόρτασα καὶ ἀηδίασα κάθε διασκέδασι καὶ ξεφάντωμα, ποὺ τίποτες πλέον δὲν μ᾿ εὐχαριστεῖ. Ἔχω ὁλόκληρα χρόνια νὰ γελάσω. Ὅλα μοῦ φαίνονται ἀνούσια, ἀνάλατα, νερόβραστα καὶ βαρετά. Καὶ αὐτή σου ἡ ὡραιότης ἐθάμπωσε τὰ μάτια μου χωρὶς νὰ γιατρέψῃ τῆς ψυχῆς μου τὴν κούρασι καὶ τὴν πλῆξι. Εὔχομαι νὰ φανῇ ἡ διασκεδαστική σου τέχνη, ὅσον καὶ ἡ ὀμορφιά σου μεγάλη.

Καὶ ἀφοῦ εἶπεν αὐτὰ ἐπρόσταξεν ν᾿ ἀρχίσῃ ὁ ἀγώνας.

Τὰ λόγια του ἐτρόμαξαν τὴν Μηλιάν, ποὺ δὲν ἤξευρε πῶς θὰ κατώρθωνε νὰ κάμῃ νὰ γελάσῃ τὸν ἀγέλαστο ἐκεῖνο βασιληά. Θὰ ἔχανε τὸ θάρρος, ἂν δὲν ἤρχετο ἐκείνην τὴν στιγμὴ τὸ ἀηδόνι νὰ κελαηδήσῃ εἰς τὸ αὐτί της: «Μὴ σὲ μέλει, τὰ πουλιὰ τὰ ἑτοίμασαν ὅλα».

Ὁ πρῶτος ἀγωνιστὴς ποὺ ἐπαρουσιάσθηκε ἦταν ἕνας περίφημος φραγκομερίτης μπεχλιβάνης ἤ, καθὼς τοὺς λέγουν οἱ λογιώτατοι, λαθροχειριστής, τόσον ἐπιτήδειος, ποὺ τὸν ἔπαιρναν πολλοὶ γιὰ μάγο καὶ ἀναγκάσθηκε νὰ φύγῃ ἀπὸ τὸν τόπον του, ὅπου ἐσυνήθιζαν τότες νὰ καίουν τοὺς μάγους. Αὐτὸς ἐμάντεψε τὸ χαρτί, ἄσο πίκα, ὁποὺ εἶχε βάλει ὁ βασιληὰς εἰς τὸ νοῦ του, ἐτηγάνισεν αὐγὰ μέσα εἰς τὸ καπέλο τοῦ αὐλάρχη καὶ ἔστειλε τὴν ξανθὴ περρούκα τῆς Μεγάλης Κυρίας νὰ σκεπάσῃ τοῦ ἱπποκόμου τὴ φαλάκρα. Ἔπειτα κατώρθωσε νὰ βγάλῃ ἀπὸ τὴ μύτη τοῦ ὑπουργοῦ τῆς δικαιοσύνης ἕνα σχοινὶ τῆς φούρκας καὶ ἀπὸ τὴν τσέπη τοῦ στρατάρχη ἕνα δειλὸ λαγουδάκι. Ὅλα ἐπήγαιναν καλά, μόνον ὁ βασιληὰς δὲν εἶχεν ἀκόμα γελάσει. Μὲ τὴν ἐλπίδα νὰ ἐπιτύχῃ καὶ τοῦτο, ἐσκαρφίστηκε νὰ λαθροχειρίσῃ τὸ βασιλικὸ στέμμα καὶ νὰ στεφανώσῃ μὲ αὐτὸ μία κεφαλὴ ἀγριοχοίρου, ποὺ ἦταν στημένη εἰς τὸ μέσο τοῦ τραπεζιοῦ τοῦ δείπνου. Ὁ βασιληὰς ὅμως δὲν ἦταν, καθὼς φαίνεται, εὐδιάθετος. Ἀντὶ νὰ γελάσῃ εὑρῆκεν ἄνοστο τὸ χωρατόν, κ' ἐπρόσταξε νὰ διώξουν τὸν χωρατατζῆ μ᾽ ἕνα καλὸ λάχτισμα εἰς τὸ μέρος τοῦ ὑποκειμένου του ποὺ εἶναι παρακάτω ἀπὸ τὴ ράχη.

Ὁ δεύτερος ἀγωνιστὴς ἦταν ἕνας σοβαρὸς ἀσπρογένης φιλόσοφος ἀπὸ τὰ μέρη τῆς Ὁλλάνδας. Αὐτὸς εἶχε φέρει μαζί του μίαν παράξενη μηχανή, μὲ ἕνα εἶδος ὑαλίτικο καζάνι ἀπ᾽ ἐπάνω. Τὸ ἄνοιξε καὶ ἔρριψε μέσα κάρβουνο κοπανιστό, μιὰ κουταλιὰ ἀδιάργυρο, μιὰ φοῦχτα ἀλογόπετρα, ἕνα κλαδὶ δενδρολίβανο καὶ ἕνα βῶλο νισαντήρι. Τὰ ἀνακάτεψε μὲ μία χρυσῆ κουτάλα καὶ ἀμέσως ἐζεστάθηκαν, ἐκόρωσαν, ἐφλογοβόλησαν, ἔπειτα ἐκρύωσαν, ἐκρουστάλλιασαν, καὶ εὑρέθη τὸ καζάνι γεμᾶτο διαμάντια μεγάλα σὰν τ᾽ αὐγὰ τῆς περιστερᾶς. Ὅλοι οἱ αὐλικοὶ ἔμεναν ἐκστατικοὶ καὶ ὅλες οἱ κυρίες ἅπλωναν τὸ χέρι γιὰ νὰ λάβουν ἀπὸ ἕνα ἀπὸ τὰ διαμάντια ποὺ ἄρχισεν ὁ σοφὸς τῆς Ὁλλάνδας νὰ μοιράζῃ. Ὁ βασιληὰς ὅμως ἐθύμωσε καὶ πάλι, ἐπρόσταξεν εἰς τὲς κυρίες νὰ δώσουν ὀπίσω ὅσα εἶχαν λάβει καὶ εἶπε μὲ ὀργὴ εἰς τὸ χημικό: «Δὲν ἐσυλλογίσθηκες, ζευζέκη, πὼς ἅμα γίνουν τὰ διαμάντια κοινὰ σὰν τὰ χαλίκια, θὰ χάσουν ὅλη τους τὴν ἀξία τὰ δικά μου, ποὺ εἶναι τὰ πρῶτα τοῦ κόσμου, καί ἂν λάχῃ καὶ χρειαστῶ χρήματα, μπορῶ νὰ τὰ πουλήσω ὅσο θέλω; Φύγε ἀπ᾽ ἐδῶ, καὶ ἂν ξανακάμῃς ἄλλη φορὰ διαμάντια, θὰ σοῦ σπάσω μαζὶ μὲ τὴ μηχανὴ καὶ τὸ κεφάλι».

Ὁ τρίτος ἦταν ὁ πρῶτος ἐπιστήμονας ἑνὸς καινούργιου κόσμου, ποὺ εἶχεν ἀνακαλύψει ἕνας κάποιος Κολόμπος, πέρα ἀπὸ τὸ μεγάλο νερομάζωμα, ποὺ τὸ λέγουν Ἀτλαντικό. Αὐτὸς ὁ νεοκοσμίτης εἶχε καταφέρει ὕστερα ἀπὸ πολλὲς μελέτες καὶ δοκιμές, νὰ κλείσῃ τὲς ἡλιακὲς ἀχτῖδες μέσα εἰς μπουκαλάκια, ποὺ μοιάζανε μικρὰ ἀχλάδια, τόσον ὅμως φωτερὰ ποὺ ὁ βασιλιὰς καὶ ὅλοι οἱ αὐλικοὶ ἐθαμπώθηκαν καὶ ἀνοιγόκλειαν τὰ μάτια, ὡσὰν νυχτερίδες ποὺ ἐπλάκωσεν ὁ πρωινὸς ἥλιος, πρὶν προφθάσουν νὰ χωθοῦν εἰς τὴ σπηλιά τους. Ἀφοῦ ἐμισοστράβωσε τὸν κόσμο ἄρχισεν ὁ ἐπιστήμονας νὰ ἐξηγῇ, πὼς αὐτὰ τ᾽

ἀκτινοβόλα ἀχλάδια εἶναι νέο σύστημα φωτισμοῦ, καὶ μὲ τὸ μισὸ ἔξοδο θὰ δίδουν φῶς δεκαπλάσιο ἀπὸ τὸ λάδι, ποὺ θὰ ξεπέσῃ τότες ἡ τιμή του εἰς τὸ δέκατο, ἀφοῦ δὲ θὰ χρησιμεύῃ πιὰ παρὰ μόνο γιὰ τὸ τηγάνισμα καὶ τὴ σαλάτα.

– Δὲν ξεύρεις, ἀχρεῖε, τὸν διέκοψεν ὁ βασιληὰς κίτρινος ἀπὸ τὴν ὀργή, πὼς τὰ κτήματα τοῦ βασιλείου μου, τὰ δικά μου καὶ τοῦ λαοῦ μου, εἶναι ὅλα ἐλαιῶνες, καὶ ἔρχεσαι νὰ μᾶς ξεπέσῃς τὴν τιμὴ τοῦ λαδιοῦ! Γκρεμίσου νὰ μὴ σὲ βλέπω, καὶ ἂν αὔριο εὑρεθῇς ἀκόμη εἰς τὰ κράτη μου, θὰ σ᾽ ἀλείψω μὲ λάδι καὶ θὰ σὲ κάψω ζωντανό.

Ἦτο τώρα ἡ σειρὰ τῆς Μηλιᾶς καὶ ἔτρεμεν ὅλη, βλέποντας πόσον ἀγριωμένος ἦταν ὁ βασιληάς. Τῆς ἐκελάδησε ὅμως πάλιν τὸ ἀηδόνι κάτι ποὺ τῆς ἔδωκε θάρρος. Ὀλωνῶν τὰ μάτια ἤτανε καρφωμένα ἀπάνω της καὶ ἡ σιωπὴ τόσο τέλεια, ποὺ θ᾽ ἄκουε κανένας μύγαν νὰ πετᾷ ἢ χόρτο νὰ φυτρώνῃ.

Ἡ Μηλιὰ ἔδωκε τότε διαταγὴ ν᾽ ἀνοίξουν τὰ εἴκοσι παράθυρα τῆς σάλας. Καὶ ἀμέσως ἐπέταξαν μέσα μικροπούλα κάθε λογῆς καὶ εἴδους, κίτρινοι μελισσουργοί, κόκκινοι πυρρουλάδες, ἀργυρᾶ ψαροπούλια, μαῦροι κότσυφοι, πλουμιστὲς κίχλες, παρδαλὲς καρδερίνες, σπῖνοι, φρεντζούνια, σεισοῦρες, ποταμίδες, καλογρῆτσες, μαλαθρίτσες, κορυδαλοί, ἀσπρόκωλοι, τρυποκάρυδα καὶ κεφαλάδες. Ἀφοῦ ἐφτερούγιασαν ἕνα δυὸ λεπτά, ἐδῶ κ᾽ ἐκεῖ γύρω εἰς ταῖς λάμπες καὶ τοὺς πολυελαίους, σὰν τρελλὰ πουλιὰ ποὺ ἦταν, ἔκαμαν ἔπειτα ἕνα μεγάλο κύκλο. Τὸ ἀηδόνι ἐστάθη εἰς τὸ κέντρο κτυπῶντας σὰν ἀρχιμουσικὸς μὲ τὲς φτεροῦγές του τὸ ρυθμό, καὶ ἀκούστηκε τότε μιὰ πρωτάκουστη συμφωνία τόσο γλυκειά, ποὺ θὰ ἔλεγες πὼς τὴν εἶχε συνθέσει ἡ μελοποιήτρια τῆς Παράδεισος Ἁγία Κεκιλία. Ἀπὸ ὅλα τὰ κομμάτια ἄρεσε περισσότερο μιὰ λιγυρὴ τετραφωνία σπίνων, ποὺ ἔκαμεν ὅλους νὰ δακρύσουν, καὶ τὸ κωμικὸ τραγοῦδι τῆς κίσσας, τὸ τόσο πηδηκτούλικο καὶ ζωηρὰ τονισμένο, ποὺ ὅλοι οἱ αὐλικοὶ ἄρχισαν νὰ σειοῦνται καὶ νὰ κινοῦν τὰ πόδια σὰν νὰ εἶχαν γεμίσει οἱ κάλτσες των μερμήγκια.

– Χορέψτε τώρα, πουλιά μου, ἐπρόσταξεν ἡ Μηλιά.

Εἴκοσι ζευγάρια καναρίνια ἄρχισαν τότε νὰ χορεύουν ἕνα ἔκτακτο καὶ πρωτοφανίστικο βάλς. Μὲ τὴ μιὰ φτερούγα ἐκρατοῦνταν τὰ δυὸ πουλιὰ ἀγκαλιασμένα καὶ ἐπετοῦσαν μὲ τὴν ἄλλην. Τὰ ζευγάρια ἐγύριζαν ὡσὰν ἄνεμος καὶ ἔκαμαν δέκα φορὲς τὸ γῦρο τῆς σάλλας. Ἔπειτα ἐχόρευσαν κατὰ γῆς περπατητὰ μιὰ νόστιμη καδρίλια οἱ τσαλαπετεινοὶ καὶ ἀκόμη καλλίτερα ἐπέτυχε τὸ κοτιλλιὸν μὲ ὅλα του τὰ παιχνίδια. Εἰς αὐτὸ ἔκαμαν ὅλους νὰ ξεκαρδισθοῦν τὰ νάζια μίας ἀκατάδεκτης καρδερίνας, ποὺ τῆς ἐπαρουσίασαν δέκα κατὰ σειρὰν χορευτάδες καὶ δὲν τῆς ἄρεσε κανένας· τοὺς ἐκύτταζε μὲ περιφρόνησι κ’ ἔλεγεν ὄχι μὲ τὸ κεφάλι. Ὁ ἑνδέκατος ἔτυχε νὰ τῆς ἀρέσῃ· γιὰ νὰ τοῦ τὸ ἀποδείξῃ τοῦ ἔδωκε μία μύγα ποὺ εἶχε πιάσει. Τὴν ἔχαψεν ἐκεῖνος

καὶ ἔπειτα ἀγκάλιασε τὴ χορεύτριά του καὶ ἄρχισαν νὰ γυρνοῦν μὲ χάρι καὶ τέχνη μοναδική.

Δὲν θὰ ἐτελείωνα ποτὲ ἂν ἤθελα νὰ τὰ εἰπῶ ὅλα. Ἡ διασκέδασι ἔκλεισε μὲ μιὰ βροχὴν σπάνια λουλούδια, ποὺ εἶχαν φέρει τὰ χελιδόνια ἀπὸ τὰ ξένα μέρη. Τὸ σπανιώτερο ἀπ᾿ ὅλα ἦταν ἕνας γαλάζιος λωτὸς τοῦ ἐπάνω Νείλου, ποὺ ἐπρόσφερεν ἡ Μηλιὰ εἰς τὸν βασιλέα.

Ἐκεῖνος ἤτανε τώρα ὅλος ζωὴ καὶ χαρά. Τὸ αἷμα ἀνέβηκε νὰ βάψῃ τὴ χλωμή του ὄψι καὶ τὰ μάτια ἔρριχναν σπίθες. Χωρὶς νὰ συλλογισθῇ οὔτε τὸ μεγαλεῖο οὔτε τοὺς προγόνους του, οὔτε τί θὰ ἔλεγαν οἱ γύρω του πριγκίποι, δοῦκες, στρατάρχες, ὑπουργοὶ καὶ δεσποτάδες, ἔσκυψε καὶ ἐφίλησε τὴν Μηλιὰ εἰς τὸ μέτωπο, τὰ δύο μάγουλα καὶ τὸ σιαγόνι. Τὸ σταυροφίλημα ἐκεῖνο, καθὼς τὸ ἔλεγαν, ἰσοδυναμοῦσε τότε εἰς τὴ Μεγάλη Ἑλλάδα μὲ ἐπίσημον ἀρραβῶνα. Δὲν ἠμπορῶ νὰ εἴπω ἂν ἄρεσεν ὁ ἀρραβῶνας ἐκεῖνος εἰς ὅλους τοὺς αὐλικοὺς ἢ μίαν τουλάχιστο αὐλικήν. Ὅλοι ὅμως ἀναγκάσθηκαν θέλοντας καὶ μὴ θέλοντας νὰ φωνάζουν: Ζήτω ἡ βασίλισσά μας! Τὸ ἴδιο ἐφώναξαν εἰς τὴν γλῶσσάν τους καὶ ὅλα τὰ πουλιά, καὶ βλέποντας ὅτι ἔκλαιεν ἡ Μηλιὰ ἐνῶ τὴν ἀποχαιρετοῦσαν, τῆς ἔδωκαν τὴν ὑπόσχεσι νὰ τὴν βλέπουν συχνά.

Οἱ γάμοι ἔγιναν τὴν ἑπομένην ἑβδομάδα μὲ περισσὴ μεγαλοπρέπεια καὶ πομπή. Εἰς αὐτοὺς ἦσαν καλεσμένοι καὶ οἱ θετοὶ γονιοὶ τῆς Μηλιᾶς, ὁ γέρος καὶ ἡ γρηά, ποὺ τοὺς ἔκαμνε νὰ φαίνωνται δέκα χρόνια νεώτεροι ἡ χαρά.

Ὁ βασιλιάς, γιὰ νὰ τοὺς ἔχῃ κοντά της ἡ ἀγαπημένη του γυναῖκα, ἐζήτησε νὰ τοὺς εὕρῃ καμμιὰ δημοσία θέσι εἰς τὴν πρωτεύουσά του. Βλέποντας πόσον ἦτο ἡ γρηὰ φρόνιμη, οἰκονόμα, νοικοκυρά, λιγόφαγη καὶ εἰς ὅλα τακτικὴ τὴν ἔκαμεν ὑπουργίναν ἐπὶ τῶν οἰκονομικῶν. Ὁ γέρος ὅμως ἦταν πλέον δυσκολοβόλευτος. Δὲν ἤξευρεν ὁ ἄνθρωπος οὔτε νὰ γράφῃ οὔτε νὰ διαβάζῃ. Ὁ βασιλιὰς ἐπονοκεφαλοῦσε νὰ εὕρῃ πῶς ἦτο δυνατὸν νὰ τὸν οἰκονομήσῃ, ὅταν ἔτυχε ν᾿ ἀποθάνῃ ὁ ἐπὶ τῆς δημοσίας ἐκπαιδεύσεως ὑπουργός. Μὴ ἔχοντας πρόχειρον καμμίαν ἄλλην, ἔδωκεν εἰς τὸν γέρον τὴν θέσιν τοῦ μακαρίτη, καὶ ἀπὸ τότες ἐγεννήθη καὶ σώζεται ἀκόμη εἰς πολλὰ μέρη ἡ συνήθεια νὰ δίδεται εἰς τὸν πλέον ἀγράμματον τὸ ὑπουργεῖον τῆς παιδείας.

MACIEIRA[1]

"Chamavam-na Macieira, porque a encontraram em uma manhã de abril embaixo de um pé de maçãs, coberta pelas flores brancas...."

EMMANOUIL ROÍDIS

[E disse Jesus: "Deixai
as crianças virem a mim".
(Lucas, 18, 16)].

Em uma aldeia da Magna Grécia vivia uma vez uma menina tão bondosa e graciosa que todo o mundo a amava. Mesmo não sendo rica, achava jeito de ajudar os pobres; tudo que ganhava ela dividia com eles, e, quando suas mãos estavam vazias, seu coração e sua boca estavam sempre cheios de bons sentimentos e boas palavras para confortá-los. E não só as pessoas e os animais domésticos, mas até mesmo as aves da floresta a amavam. Quando a viam passando, desciam das árvores e a seguiam como cachorrinhos, para ganharem dela metade de seu pão.

Chamavam-na Macieira, porque a encontraram em uma manhã de abril embaixo de um pé de maçãs, coberta pelas flores brancas que o vento soprara sobre ela durante a noite.

O casal de idosos que a adotou era tão pobre que o que eles ganhavam com os tricôs da velha e com a lenha que o velho cortava mal bastava para não passarem fome. Macieira fazia também o que podia para ajudá-los. Apanhava morangos silvestres na floresta, violetas e outras flores e as oferecia aos transeuntes, com um sorriso tão doce que todos que tinham o que lhe dar raramente lhe negavam um tostão. Esses, porém, não eram muitos

[1] Esta fábula eu ouvi muitas vezes durante minha infância na Itália, sua essência, claro, e não os episódios. Escrevi-a sem a menor pretensão nem intensão de demoticismo. (n.a.)

naquela aldeia pobre, e o pão e as castanhas que o velho e a velha comiam eram sempre menos do que seu apetite, e ainda menor era a porção de Macieira, uma vez que a repartia com os pobres e os pássaros.

Macieira tinha dezessete anos quando, uma noite em que seus pais adotivos julgavam que ela estava adormecida, escutou o velho falando com sua mulher:

"Não sei o que será de nós se Deus não fizer algum milagre para nos ajudar. A lenha que eu consigo carregar nas minhas costas envelhecidas é cada dia mais escassa, e você agora, ao invés de três, precisa de cinco dias para tricotar um par de meias. Macieira come pouco, mas gosta de dividir pão com os pobres e os pássaros. Eu me pergunto o que acontecerá depois que fecharmos os olhos. Se ela fosse um ou dois anos mais velha, eu a enviaria à cidade para se arranjar lá. Ajuizada e trabalhadeira como é, conseguiria facilmente uma boa posição, e não se esqueceria das pobres pessoas que a criaram, quando eu não tiver mais forças para cortar lenha e você não tiver mais dedos para tricotar."

Macieira fez de conta que não escutou nada. De manhã, porém, levantou-se antes de raiar o dia; fez uma trouxa com suas poucas coisas, apertou o coração, enxugou as lágrimas que corriam como fonte e foi despedir-se do casal de velhos. Eles também choraram, mas em seguida julgaram ser revelação da vontade divina que fizera Macieira pensar na mesma noite em tudo que eles também pensaram. E assim deixaram que ela fosse, depois de lhe darem muitos beijos, sua bênção e uma empada para comer na jornada.

Toda a aldeia quis acompanhá-la por uma hora de caminhada até a Fonte Fria. Seguiram-na até lá também um cego que ia conduzido por seu cão e dois aleijados de muleta. Acompanharam-na também cabras, carneiros, galinhas, gansos, patos e galos, porque todos, pessoas e bichos, amavam-na e sentiam pela separação.

Durante todo o tempo em que via de longe a despedida com os lenços dos dois velhos, Macieira tentava criar coragem; mas, quando parou de vê-los, sentiu pela primeira vez que estava sozinha no mundo; foi tomada pelo choro e seus olhos novamente começaram a correr. Caminhou o dia todo sem parar e sem ao menos dar uma mordida em sua empada. A dor do coração enche como pão o estômago vazio dos infelizes.

Depois de ter caminhado por dez horas a fio, sentou-se sob uma castanheira para descansar. Porém, mal se tinha acomodado e dois tiros de espingarda e o latido de um cão rouco a assustaram. Virou-se para ver o que se passava e viu uma nuvem de pássaros que fugiam assustados.

– Venham aqui perto de mim – gritou – venham rápido para se esconder nestas moitas. Não tenham medo, vou salvar vocês, se o caçador não matar a mim também, se o cachorro não me devorar.

Os pássaros reconheceram sua voz, reuniram-se em torno dela e se meteram apressados entre os ramos rasteiros, apinhando-se um sobre o outro, e Macieira escutava seus cem coraçõezinhos batendo tac-tac como os relógios na oficina do relojoeiro.

Naquele instante surgiu também o caçador junto com seu cachorro, animal terrível de pelagem amarela, com dentes pontiagudos e olhos vermelhos que brilhavam como brasa.

– Minha menina – perguntou-lhe – acaso você não viu passando por aqui pássaros ou outra caça? Desde o amanhecer estou correndo e ainda não matei nada. Darei para você esta moeda de dois francos se você me mostrar o bom caminho.

Enquanto o caçador falava, o cachorro seguia latindo e os corações dos pássaros iam batendo mais forte, e o pôr do sol vermelho fazia a moeda de prata brilhar como se fosse de ouro.

– Você fez bem em me perguntar – respondeu Macieira. – Um instante antes de você chegar eu vi um bando de perdizes voando para o norte, duas lebres correndo no sentido oposto, um corço fugindo para o leste e um casal de faisões para o oeste. Assim você tem que escolher, apenas não tem tempo a perder se quer se antecipar.

O caçador lhe deu a moeda de dois francos e partiu para o leste, mas o cachorro não queria se mover; teimava em querer farejar os ramos, uivava e mostrava seus dentes terríveis. Macieira então pensou em lhe dar sua empada para acalmá-lo; e o dono deu nele um chute, e só então o bicho ruim decidiu segui-lo, porém, não satisfeito, mas continuando a latir, como se estivesse a dizer ao caçador que era uma vergonha um homenzarrão assim ser enganado por meninas.

Quando o caçador desaparecera longe na floresta e os latidos do cachorro não se ouviam mais, os pássaros saíram de seu esconderijo e não sabiam o que fazer para mostrar sua gratidão a Macieira. Empoleiravam-se em seu ombro, gorjeavam obrigado em seu ouvido, abanavam-na com suas asas e davam-lhe bicadinhas como beijos nas mãos, nos lábios, nas bochechas e no pescoço. Os tentilhões e os priolos desprenderam-se do bando para irem apanhar cerejas, jujubas, amoras silvestres e groselhas para a janta dela, enquanto os pardais e os falcões arrumaram um colchão macio com folhas de castanheira, menta e alfazema para ela dormir. Depois que fez sua oração e

deitou naquele leito perfumado, cobriram-na com samambaias, para não sentir frio, e aninharam-se nas árvores em volta dela para vigiarem-na.

De manhã o canto de despertar da cotovia acordou-a, e os demais pássaros vieram para lhe dar bom-dia. Após o término da canção geral, tomou a palavra (com o perdão da afetação) o orador melífluo, o rouxinol, e lhe disse o seguinte, na língua dos pássaros, que Macieira sentia bem e falava um pouco.

– Você nos disse ontem que está indo à capital para tentar a sorte, e hoje de manhã uma pega nos informou que surgiu uma oportunidade única que você deve agarrar com tudo. O rei, que enviuvou no ano retrasado, cansou-se das grandezas, das glórias, das riquezas e de tudo mais que as pessoas lhe cobiçam. Tanto é seu fastio e sua melancolia que acabou prometendo metade de seu Reino àquele que conseguir fazê-lo passar uma hora apenas sem bocejos e suspiros. Muitos vieram até ele de todas as partes para tentarem. A prova ocorre hoje à noite, e daqui até a capital restam só cinco horas de jornada. Então se levante, Macieira, ajeite-se para ir ao palácio ganhar o prêmio. Acompanharei você com alguns outros pássaros e lhe direi no ouvido o que você deve fazer.

– Meus pássaros queridos – respondeu Macieira – vocês têm bons corações, mas não têm muito conhecimento. Vocês me pedem que eu me ajeite, mas não param para pensar que Deus tratou apenas de enfeitar as asas plumadas de vocês. Eu não tenho nada mais para pôr além desta saia velha que visto. É com ela que vocês querem que eu vá, para a corte e o rei me admirarem?

– Os pássaros não são tão tolos quanto as pessoas acreditam – respondeu o rouxinol. – Eu não diria para você se enfeitar se não tivéssemos tratado de aprontar os enfeites. Temos amizade com bichos-da-seda e os pusemos para trabalhar a noite toda para fazerem para você este vestido que não tem par no universo.

Trouxeram então uma saia de uma peça única de cetim branco, que tinha bordada a primavera com todas as suas flores e o céu com todas as suas estrelas.

– Eu – disse o abelharuco – passei a noite correndo para encontrar para você esta rosa branca para você colocar nos cabelos.

– E eu – disse a rola – condensei gotas de orvalho e fiz um colar para você que brilha mais do que os diamantes.

– E eu – disse a alvéola-branca – trago para você este leque, que para ser feito cada pássaro deu sua mais bela pena.

Depois de vestir seus adereços únicos, Macieira ficou tão linda que todos os pássaros juntos começaram a cantar em homenagem à sua extrema graça. Somente ela continuava intranquila e pensativa.

– O que será de mim – disse – quando o rei falar comigo e perceber pelas minhas primeiras palavras que eu sou uma aldeã da montanha que não sabe nada do mundo?

– Não se preocupe com isso – respondeu o rouxinol. – Esta minha amiga coruja que você vê perto de mim tem seu ninho no telhado do palácio há cento e vinte anos e sabe tudo de lá, tanto as coisas abertas quanto as secretas. Eu a trouxe de propósito para instruir você. Em uma hora ela lhe ensinará tudo que basta para que você possa instruir o rei e os pais dele.

Com a moeda de dois francos do caçador, Macieira alugou de noite uma elegante carruagem e, às nove em ponto, apresentou-se no grande salão do palácio. A impressão causada pela beleza de seu rosto e o brilho de sua saia foi tão grande que todas as mulheres sem maquiagem amarelaram de inveja, e naquela noite revelou-se quais se pintavam e quais não.

O rei desceu de seu trono e foi até ela para recepcioná-la, coisa que não fazia nunca, exceto na visita da imperatriz do Levante. Sem se preocupar com as cerimônias, segurou-a pela mão e fê-la sentar-se ao seu lado, perguntando-lhe de que reino vinha, ou se caíra do céu, pois não acreditava que a terra pudesse gerar tão linda mulher.

Macieira enrubesceu e respondeu-lhe com muito recato e graça que é uma humilde aldeã e viera competir com os demais pelo prêmio.

– Você deve saber – disse-lhe o rei – que já me saciei e enjoei de toda diversão e festança, e nada mais me apraz. Faz anos já que não rio. Tudo me parece sem sentido, sem sal, aguado e enfadonho. E até essa sua beleza ofuscou meus olhos sem curar a fadiga e o marasmo de minha alma. Espero que sua habilidade de entreter se mostre tão grande quanto a sua beleza.

E tendo dito isso, ordenou que tivesse início a competição.

Suas palavras assustaram Macieira, que não sabia como conseguiria fazer aquele sisudo rei rir. Perderia a coragem, não tivesse o rouxinol vindo naquele instante chilrear em seu ouvido: "Não se preocupe, os pássaros arrumaram tudo".

O primeiro competidor que se apresentou vinha das terras dos francos, era um famoso ilusionista, ou, como chamam os mais doutos, escamoteador, tão matreiro que muitos o tomavam por bruxo, e ele se viu forçado a deixar seu local onde havia então o costume de queimarem bruxos. Ele adivinhou a

carta, ás de paus, que o rei tinha em sua mente, fritou ovos dentro do chapéu do chefe da guarda da corte e mandou a peruca loura da Grande Senhora cobrir a careca do cavalariço. Em seguida, conseguiu tirar do nariz do ministro da justiça uma corda de forca, e do bolso do marechal um coelhinho covarde. Tudo ia bem, só que o rei não tinha rido ainda. Com a esperança de obter êxito nisso também, inventou de escamotear a coroa real, coroando com ela uma cabeça de javali que estava de pé no meio da mesa da ceia. Entretanto, o rei não estava, como parecia, bem disposto. Ao invés de rir, achou a brincadeira sem graça e ordenou que o brincalhão fosse expulso com uma boa surra na parte do sujeito que fica abaixo das costas.

O segundo competidor era um filósofo sério, de barba branca, vindo das partes da Holanda. Ele trouxera consigo uma estranha máquina com uma espécie de caldeira de vidro na parte de cima. Abriu-a e atirou dentro carvão esmigalhado, uma colherada de azougue, um punhado de turquesas, um ramo de alecrim e um bolo de sal amoníaco. Misturou com uma colher de ouro e imediatamente tudo se aqueceu, se abrasou, flamejou, em seguida esfriou, cristalizou-se, e a caldeira se achava cheia de diamantes grandes como ovos de pombos. Todos da corte ficaram atônitos e todas as senhoras estendiam as mãos para pegar um dos diamantes, que o sábio da Holanda começou a distribuir. O rei, porém, enfureceu-se mais uma vez, ordenou às senhoras que devolvessem tudo que haviam recebido e disse, com fúria, ao químico: “Você não parou para pensar, mentecapto, que se os diamantes ficarem comuns como pedregulhos, os meus, que são os primeiros do mundo, perderão todo o valor, e se eu vier a necessitar de dinheiro, posso vender como quiser? Vá embora daqui, e se você fizer diamantes de novo, quebrarei junto com a sua máquina mais a sua cabeça”.

O terceiro era o primeiro cientista de um novo mundo que um tal Colombo havia descoberto além da grande massa de águas que chamam Atlântico. Esse novomundino conseguira, depois de muitos estudos e experimentos, encerrar os raios do sol dentro de garrafas, que se pareciam com pequenas peras, mas tão luzentes que o rei e todos da sua corte ofuscaram-se e piscavam como morcegos atingidos pelo sol da manhã antes de se enfiarem em sua caverna. Depois de deixar as pessoas meio cegas, o cientista pôs-se a explicar que essas peras luzentes são um novo sistema de iluminação e com a metade dos custos darão dez vezes mais luz do que lamparinas a óleo, cujo valor então cairá dez vezes, uma vez que não servirá para mais nada além de fritura e tempero de salada.

– Você não sabe, imprestável – interrompeu-o o rei, amarelo de raiva – que as propriedades de meu reino, tanto as minhas quanto as de meu povo,

são todas olivais, e vem agora fazer cair o preço do óleo! Suma da minha frente, e se amanhã você ainda se encontrar em meus territórios, besuntarei você com óleo e queimarei você vivo.

Era agora a vez de Macieira, e ela tremia toda vendo quão furioso estava o rei. Mas novamente o rouxinol chilreou algo para ela e encorajou-a. Os olhos de todos estavam cravados sobre ela e o silêncio era tão profundo que daria para escutar uma mosca voando ou a grama brotando.

Macieira então ordenou que abrissem as vinte janelas do salão. E imediatamente voaram para dentro passarinhos de todo tipo, abelhucos amarelos, priolos vermelhos, maçaricos prateados, melros-pretos, tordos plumados, pintassilgos malhados, tentilhões, bicos-grossudos, alvéolas-brancas, felosas-dos-juncos, chapins-reais, carruíras, cotovias, chascos-ruivos, pica-paus e picanços. Depois de esvoaçarem por um ou dois minutos, aqui e ali entre as lamparinas e os candelabros, como pássaros loucos que eram, formaram em seguida um grande círculo. O rouxinol parou no centro, marcando o ritmo com as asas como maestro, e foi ouvida então uma sinfonia jamais antes ouvida, tão doce que se poderia dizer que fora criada pela compositora do Paraíso, Santa Cecília. De todos os movimentos, o que mais agradou foi um melodioso quarteto de tentilhões, que fez todos irem às lágrimas, e a ária cômica do gaio, tão saltitante e vívida que fez todos na corte começarem a se remexer e agitar as pernas, como se suas meias tivessem se enchido de formigas.

– Dancem agora, meus pássaros – comandou Macieira.

Vinte casais de canários começaram então a dançar uma valsa estranha e original. Com uma asa os dois pássaros se seguravam, e com a outra voavam. Os casais davam voltas como o vento e circulavam dez vezes pelo salão. Em seguida, as poupas dançaram no solo, andando, uma deleitosa quadrilha, e ainda melhor o cotilhão, com todos os seus gracejos. Nisso, o charme que uma canarinha fazia ao recusar dez dançarinos, um após o outro, pois não gostou de nenhum, fez todos perderem o fôlego de tanto rir; olhava-os com desprezo e dizia não com a cabeça. O décimo primeiro acabou por agradá-la; para demonstrar sua aprovação a ele, deu-lhe uma mosca que apanhara. Aquele a devorou e, em seguida, abraçou sua dançarina, e começaram a dar voltas com graça e arte única.

Eu não acabaria nunca, se quisesse contar tudo. A diversão se encerrou com uma chuva de flores raras que os rouxinóis tinham trazido de terras estrangeiras. A mais rara de todas era um lótus azul do Alto Nilo, que Macieira ofereceu ao rei.

Aquele era agora todo vida e alegria. O sangue subiu para tingir seu rosto pálido e os olhos lançavam faíscas. Sem pensar nem em sua grandeza nem em seus antepassados, e nem sequer no que os príncipes, duques, marechais, ministros e reverendos à sua volta diriam, curvou-se e beijou Macieira na fronte, nas duas bochechas e no queixo. Aquele beijo em cruz, como diziam, equivalia então na Magna Grécia a um noivado oficial. Não posso dizer se aquele noivado agradou a todos da corte ou a uma na corte ao menos. Todos, porém, viram-se forçados, querendo ou não, a gritar: Viva a nossa rainha! O mesmo gritaram, em sua língua, os pássaros, e, vendo que Macieira chorava enquanto despediam-se dela, prometeram-lhe que a veriam frequentemente.

As núpcias foram celebradas na semana seguinte com extrema grandeza e pompa. Foram convidados também os pais adotivos de Macieira, o velho e a velha, que a alegria fez parecerem dez anos mais jovens.

O rei, para que sua amada esposa os tivesse sempre perto, pediu que lhes arranjassem algum posto público em sua capital. Vendo o quanto a velha era sensata, parcimoniosa, prendada, comedida na hora de comer e organizada em tudo, nomeou-a ministra da economia. O velho, porém, era mais difícil de acomodar. O homem não sabia nem escrever nem ler. O rei quebrava a cabeça para achar um modo de encarregá-lo em um cargo, quando morreu o ministro da educação pública. Não tendo outro posto facilmente disponível, deu ao velho o cargo do falecido, e foi então que nasceu o hábito que ainda persiste em muitos lugares de se dar ao mais iletrado o ministério da educação.

❧

LIVRO DE RECEITAS
GRIGORE CUGLER

O TEXTO: As "receitas culinárias" que integram o *Livro de Receitas*, de Grigore Cugler, viram a luz do dia em 1951 e 1952, no Rio de Janeiro, na revista *Înşir´te Mărgărite*, primeira revista romena de literatura e cultura da América do Sul, mantida por romenos fugidos do regime comunista que assolou a Romênia após a 2ª Grande Guerra. Anos mais tarde, as "receitas" foram republicadas na *Revista Scriitorilor Români*, da comunidade romena de Munique. Só em 1998 foram publicadas pela primeira vez na Romênia, na revista *Manuscriptum*, de Bucareste.

Texto traduzido: Cugler, Grigore. *Apunake şi alte fenomene & Afară-de-unu-singur*. Bucureşti: Compania, 2005.

O AUTOR: O escritor romeno Grigore Cugler (1903-1972) era descendente da nobreza austríaca. Recebeu fina educação em seu vilarejo natal, Roznov, onde aprendeu romeno, alemão, espanhol e francês. Em Bucareste, formou-se em Direito e no Conservatório de Música. Foi compositor, violinista, diplomata, ilustrador, escritor e poeta. Em 1934, publicou, sem qualquer eco no meio literário, seu único volume em vida na Romênia, *Apunake şi alte fenomene*. Em 1947, na iminência da instauração do regime comunista na Romênia, Cugler exilou-se no Peru, onde se tornou primeiro-violinista da Filarmônica de Lima. Até hoje escritor marginal em seu próprio país, é considerado um dos grandes e mais excêntricos expoentes da literatura vanguardista romena.

O TRADUTOR: Fernando Klabin, paulistano, morou 16 anos em Bucareste, onde se formou em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Atualmente prepara uma dissertação de mestrado em Letras, na USP, sobre Max Blecher.Além de traduzir do alemão e do inglês, tem procurado difundir no Brasil a boa literatura escrita em romeno. Nesse contexto, já traduziu para a (n.t.) poemas de Max Blecher e textos de Eugen Ionescu, George Bacovia, Urmuz, Ciprian Vălcan, Oscar Lemnaru e Paul Celan. Entre suas traduções, estão *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo* (1999) de Constantin Noica, *Senhorita Christina* (2011) de Mircea Eliade, *Acontecimentos na Irrealidade Imediata* (2013) de Max Blecher, *Nos cumes do desespero* (2012), de Emil Cioran, e *A Barca de Caronte* (2012), de Lucian Blaga.

CARTE DE BUCATE

"Mi-am dat toată silința să pun la îndemâna iubitorilor de mâncări alese, câteva rețete puțin obişnuite."

GRIGORE CUGLER

Țin să se ştie că am scris această Carte de Bucate din proprie inițiativă. Gândul meu a fost să fiu de folos şi fruntaşilor şi nevoiaşilor, văzutelor tuturor şi nevăzutelor, femeilor tinere şi bune, copilelor, vădanelor, celor care au nevoie de sprijin şi îmbărbătare, lacomelor, domoalelor, roşcatelor, negricioaselor, celor cu brațele ca şerpii ispitei, celor cu ochii duşi, pătimaşelor cu somn zbuciumat şi visătoarelor.

Cel mai greu lucru, când scrii o carte de bucate, este să nu te îndepărtezi de subiect. În ce mă priveşte, pot afirma fără nici un fel de exagerare că, de obicei, am mai multă trecere la femeile cu picioare groase decât la cele cu picioare subțiri. Acest simplu detaliu este, cred, o dovadă suficientă de seriozitatea intențiilor mele culinare.

Limbă à la Princesse

Luăm o limbă, două, trei, patru – cu cât mai multe, cu atât mai bine – şi le legăm împreună, cu un fir de păr de cal smuls din căptuşeala hainei. Presărăm deasupra treizeci de grame, însă numai pe o parte. Dacă am presăra pe amândouă părțile, s-ar face şaizeci de grame, ceea ce ar fi prea mult. Aşternem limbile pe o foaie de hârtie bine unsă şi le desenăm conturul cu creionul. Punem hârtia cu desenul în sus, pe un grătar bine încins, şi o frigem. Când a căpătat culoare, subțiem culoarea cu vin alb, iar restul îl

lăsăm pe a doua zi. Unii servesc acest fel însoțit de o traducere în limba respectivă.

Am simțit întotdeauna o atracție specială față de femeile cu ochi de culoare deschisă. Cred că aceasta se datorează faptului că cele cu ochi negri nu pot observa cu aceeaşi uşurință toate detaliile avantajelor mele fizice, ca, de pildă, firul unic de păr dintre sprâncene, tremurul uşor, ca de frunză, al urechii drepte, încordarea pătimaşă a vinelor gâtului când rostesc anumite cuvinte, cu glas de berbec, forma de ghioc a unghiilor şi darul lor de a prezice viitorul etc. Chiar spaniola – singura spaniolă de până acum – avea ochi albaştri. (De la scrierea acestor rânduri şi până la publicarea lor, a mai apărut o spaniolă, însă cu ochi negri).

Proporțiile reduse ale acestei lucrări mă obligă să nu am nici o milă pentru diabetici, nici o îndurare pentru vegetarieni şi nici o considerație pentru abstinenți. A ataca o femeie direct nu înseamnă că o desconsideri; înseamnă pur şi simplu că vrei să o scuteşti de o pierdere de timp, mult mai gravă pentru ea decât pentru tine. În schimb, când dăruieşti flori unei femei frumoase, înseamnă că ai avut timp să te gândeşti că este politicos să-i dăruieşti flori – şi această atitudine poate fi privită de ea ca o insultă.

Nu-mi plac femeile scunde, deoarece, când dansez cu ele, le lovesc cu genunchiul sub bărbie. Odată, una şi-a muşcat limba şi mi-a scuipat-o în buzunarul vestei.

Colțunaşi cu Şteregoaie

Şteregoaia creşte în Bucegi. Dacă n-ar creşte, ar fi o mare pierdere pentru bucătăria românească.

Alegem câteva frunze mai mari de şteregoaie şi înfăşurăm cu ele, pe dinafară, cratița în care vrem să gătim. Apoi gătim. Când mâncarea este gata, tăiem în pătrățele trei capete de acuzație şi unul de prisos. Adăugăm, în momentul când servim, buchetul de care am vorbit mai sus.

Cu o strângere de mână şi o privire languroasă poți cuceri femeia care te doreşte. Pe cea care o doreşti tu, nu o poți cuceri cu nimic. Tot atât de tare ca bărbații născuți pentru a rămâne burlaci, sunt femeile născute să fie soții reglementare. Sfatul bătrânesc: "Fă altuia ce ți-ar place să ți se facă ție" trebuie urmat cu sfințenie. Un fel de bucate foarte apreciat de amatorii de muzică este:

Curcanul cu Surdină

E destul de greu de preparat, din cauza formei lui puțin comode, dar naționalitatea nu are o influență determinantă asupra manifestărilor erotice. Elvețianca de acum şase ani, căruia îi spusesem că sunt argentinian; sau americanca de la Karlsbad, care avea o cățea numită Femina, şi care mă credea suedez; sau daneza din balet, la Paris, căreia îi spusesem că sunt inginer persan...

Mă întreb, de multe ori, dacă nu sunt mai tânăr astăzi decât eram acum treizeci de ani? Mă întreb: dacă aş ridica un turn din toate iubirile trecute – mari şi mici – şi dacă m-aş sui în vârful lui, aş putea rezista oare dorinței de a mă arunca jos, invocând pretextul că nu este destul de înalt?

... sau slovaca ce mă credea francuz; sau franțuzoaica ce mă credea grec; sau romåncele de pe vapor, pe care le lăsasem să-mi ghicească naționalitatea şi care în fiecare zi mă credeau altceva; sau unguroaicele ce mă credeau ziarist elvețian; sau evreica pianistă, care mă credea evreu; sau bulgăroaica de la Mangalia, care ştia foarte bine cine sunt (pe unde vei fi şi ce vei fi făcând acum, căprioară sperioasă?)...

Costițe Sultanine

Alegem o bucățică tânără, cu pielea subțire şi carnea pietroasă. Împărțitul şi prepararea ei mă privesc personal. De asemenea, cheltuielile ocazionate de pregătirea acestui fel. Un singur lucru vă pot spune, care poate să vă folosească: anume, că o bucățică de calitate superioară poate fi servită de mai multe ori.

...dar mexicana ce vroia să mă convertească la catolicism; dar pictorița engleză, căreia i-am pozat pentru un tablou intitulat "Revelație"; dar rusoaica ce nu ştia decât limba ei – pe care eu n-o vorbesc – şi care plângea de înduioşare când îi răspundeam da! da! la toate întrebările; dar belgianca ce rămânea leşinată, de mă temeam regulat că n-o să se mai trezească; dar brăileanca ce se băga sub scaun, la cinematograf, de credea lumea că locul e liber şi vroia să se aşeze tocmai acolo...

E dureros că o iubire împărtăşită trebuie neapărat să se sfârşească, pe când una de care nu vrem să ştim nimic durează, adesea, până la moarte.

Țiparul cu Mătănii

Țiparul ales trebuie să fie destul de lung; altfel s-ar putea crede că este omidă. Apucăm țiparul de cele două extremități şi-i facem un nod la mijloc. Tăiem căpătâiele şi cufundăm nodul într-un vas cu acvaforte care, când se răceşte, fluieră. În lipsă de țipar, ne putem servi de un şirag de mătănii de chihlimbar. Rupem ața între a zecea şi a unsprezecea mătanie şi deşirăm pe cele rămase pe fir, într-o farfurioară. Cântărim, iar deosebirea de greutate între țipar şi mătănii o întrebuințăm ca garnitură. Este un fel de mâncare ce trebuie tratat cu reciprocitate: dă el în clocot, dăm şi noi în clocot. Fără multă vorbă.

Nu am îndrăzneala să pretind că această Carte de Bucate poate face față tuturor cerințelor; dar, scriind-o, mi-am dat toată silința să pun la îndemâna iubitorilor de mâncări alese, câteva rețete puțin obişnuite.

Şi acum, ca încheiere, câteva cuvinte despre:

Sosuri

Sosurile joacă, în bucătăria modernă, un rol foarte important. Cunoscând acest adevăr, bătrânul cusurgiu, de la care am învățat unele din rețetele de față, spunea "Ne mulțumim cu ceea ce ne place şi preferăm ceea ce dorim".

Primul sos al vieții mele a fost Sozu-Masozu, un cotoi negru, cu pete tot negre. Cotoiul se numea, în realitate, Massencu – după numele unei mătuşe de la care îl primisem, şi care se numea Massinca. Îmi aduc foarte bine aminte că Sozu-Masozu nu era întrebuințat decât în anumite epoci ale anului, şi niciodată în nopțile cu lună plină. De aceea, în casă la noi se gătea de obicei cu sos de roşii.

Alt sos, cât se poate de recomandabil, este Sosul Căpitan. Femeilor însă le cade greu. Multe fete tinere s-au aruncat în fața trenului din pricina Sosului Căpitan. Sosul Căpitan este adus în sufragerie pe un afet de tun. Vistavoi sperioşi, cu mişcări stângace, toarnă lichidul cazon prin farfurii, pătând fața de masă. Comesenii gâfâie, dar nu se lasă. Eu nu l-am gustat niciodată, fiindcă am fost reformat.

LIVRO DE RECEITAS

“Dediquei todo o meu esforço no intuito de disponibilizar aos amadores de iguarias finas algumas receitas invulgares.”

GRIGORE CUGLER

Faço questão de tornar público o fato de que escrevi por iniciativa própria o presente Livro de Receitas. Minha intenção foi a de ser útil aos mais ricos e mais pobres, aos mais famosos e aos mais insignificantes, às mulheres jovens e bondosas, às meninas, às viúvas, às que necessitam de consolo e incentivo, às sôfregas, às brandas, às ruivas, às azeitonadas, às de braços que parecem serpentes da tentação, às de olhos insanos, às apaixonadas com sono agitado e às sonhadoras.

O mais difícil, ao se escrever um livro de receitas, é não se distanciar do tema. No que diz respeito a mim, posso afirmar, sem o mínimo exagero, que, em geral, tenho mais sucesso com as mulheres de perna grossa do que com as de perna fina. Esse simples detalhe constitui, a meu ver, prova bastante da seriedade de minhas intenções culinárias.

Língua à la Princesse

Pegamos uma língua, duas, três, quatro – quanto mais, melhor – e as amarramos juntas com um fio de cabelo de cavalo arrancado do forro do casaco. Temperamos com trinta gramas de sal, mas só de um lado. Se temperarmos ambos os lados, teremos sessenta gramas, o que seria demais. Estendemos as línguas sobre uma folha de papel bem untada e desenhamos, a lápis, o seu contorno. Colocamos o papel, com o desenho para cima, sobre uma grelha bem quente e o fritamos. No que ele ganhar cor, diluímos a cor

com vinho branco, ao passo que o resto deixamos para o dia seguinte. Há quem sirva esse prato acompanhado de uma tradução na língua respectiva.

Sempre senti uma atração especial por mulheres de olhos claros. Creio que isso se deve ao fato de que as de olhos negros não podem observar com a mesma facilidade todos os detalhes de minhas vantagens físicas, como, por exemplo, meu único fio de cabelo entre as sobrancelhas, o leve tremor, como o de uma folha, da orelha direita, a tensão apaixonada das veias do pescoço sempre que pronuncio determinadas palavras, com voz de carneiro, a forma de concha das unhas e o dom delas de predizer o futuro, etc. Até a espanhola – única até agora – tinha olhos azuis. (Desde a escrita destas linhas até a sua publicação, apareceu outra espanhola, mas de olhos negros).

As reduzidas proporções desta obra me obrigam a não ter nenhuma misericórdia pelas diabéticas, nenhuma clemência pelas vegetarianas e nenhuma consideração pelas abstinentes. Atacar diretamente uma mulher não significa desconsiderá-la, significa simplesmente querermos poupá-la de uma perda de tempo, algo muito mais grave para ela do que para nós. Por outro lado, ao oferecermos flores a uma mulher bonita, significa termos tido tempo de pensar que é apropriado oferecer-lhe flores – e tal gesto pode ser percebido por ela como um insulto. Não gosto de mulheres baixinhas, pois, ao dançar com elas, bato com o joelho nos seus queixos. Certa vez, uma delas mordeu a própria língua e a cuspiu no bolso do meu colete.

Bolinhos de Heléboro-branco

O heléboro-branco nasce nos montes Bucegi[1]. Se não nascesse, seria uma grande perda para a cozinha romena.

Escolhemos algumas folhas maiores de heléboro-branco e embrulhamos com elas, por fora, a panela com a qual queremos cozinhar. Em seguida, cozinhamos. Assim que a comida estiver pronta, cortamos em quadradinhos três cabeças de comarca e uma de sobra. Acrescentamos, no momento de servir, o buquê sobre o qual falamos acima.

Com um aperto de mão e um olhar lânguido podemos conquistar a mulher que nos deseja. Aquela que desejamos, porém, não podemos conquistar de jeito algum. Assim como há homens que nascem para ficar solteiros, há mulheres que nascem para ser esposas regulamentares. O conselho dos mais ve-

[1] Os montes Bucegi fazem parte dos Alpes Transilvanos, que formam a parte meridional da cadeia dos Cárpatos, em território romeno. (n.t.)

lhos “Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você” deve ser seguido com fervor.

Um prato muito apreciado pelos amantes da música é o:

Peru com Surdina

É bastante difícil de preparar por causa de sua forma um pouco incômoda, embora a nacionalidade não exerça nenhuma influência determinante sobre as manifestações eróticas. A suíça de seis anos atrás, a quem eu disse que era argentino; ou a americana de Karlsbad, que tinha uma cadela chamada Femina, e que achava que eu era sueco; ou a dinamarquesa do balé, em Paris, a quem eu disse que era um engenheiro persa...

Pergunto-me, com frequência, se não seria hoje mais jovem do que há trinta anos. Pergunto-me: se eu construísse uma torre de todos os amores passados – grandes e pequenos – e se eu subisse até o seu topo, será que eu seria capaz de resistir ao desejo de me atirar de lá de cima, invocando o pretexto de não ser alta o bastante?

... ou a eslovaca que achava que eu era francês; ou a francesa que achava que eu era grego; ou as romenas do navio, que a meu pedido tentavam adivinhar minha nacionalidade e que, a cada dia, achavam que eu era uma coisa diferente; ou as húngaras que achavam que eu era um jornalista suíço; ou a pianista judia, que achava que eu era judeu; ou a búlgara de Mangalia[2], que sabia muito bem quem eu era (por onde estará e o que estará fazendo agora, sua cabritinha assustada?)…

Toucinho Sultanino

Escolhemos uma peça tenra, de pele fininha e carne pedrenta. Ficarei diretamente responsável por sua divisão e preparação. Assim como pelas despesas ocasionadas por seu preparo. Posso-lhes dizer uma só coisa, que talvez lhes seja útil: uma peça de qualidade superior pode ser servida várias vezes.

... mas a mexicana que queria me converter ao catolicismo; mas a pintora inglesa, para quem posei para um quadro intitulado “Revelação”; mas a russa que só sabia a língua dela – e que eu não falo – e que chorava enternecida

[2] Cidade romena às margens do Mar Negro, com significativas minorias turca e tártara, a menos de 20 quilômetros da fronteira com a Bulgária. (n.t.)

quando eu lhe respondia da! da![3] a todas as perguntas; mas a belga que ficava desmaiada, fazendo-me sempre temer que nunca mais despertaria; mas a braileana[4] que se metia embaixo da cadeira, na sala de cinema, fazendo todo o mundo achar que o assento estava livre e querer ocupar justamente aquele...

É doloroso que um amor recíproco tenha mesmo de terminar, ao passo que um amor do qual nada queremos saber dura, muitas vezes, até a morte.

Peixe-do-tempo com Rosário

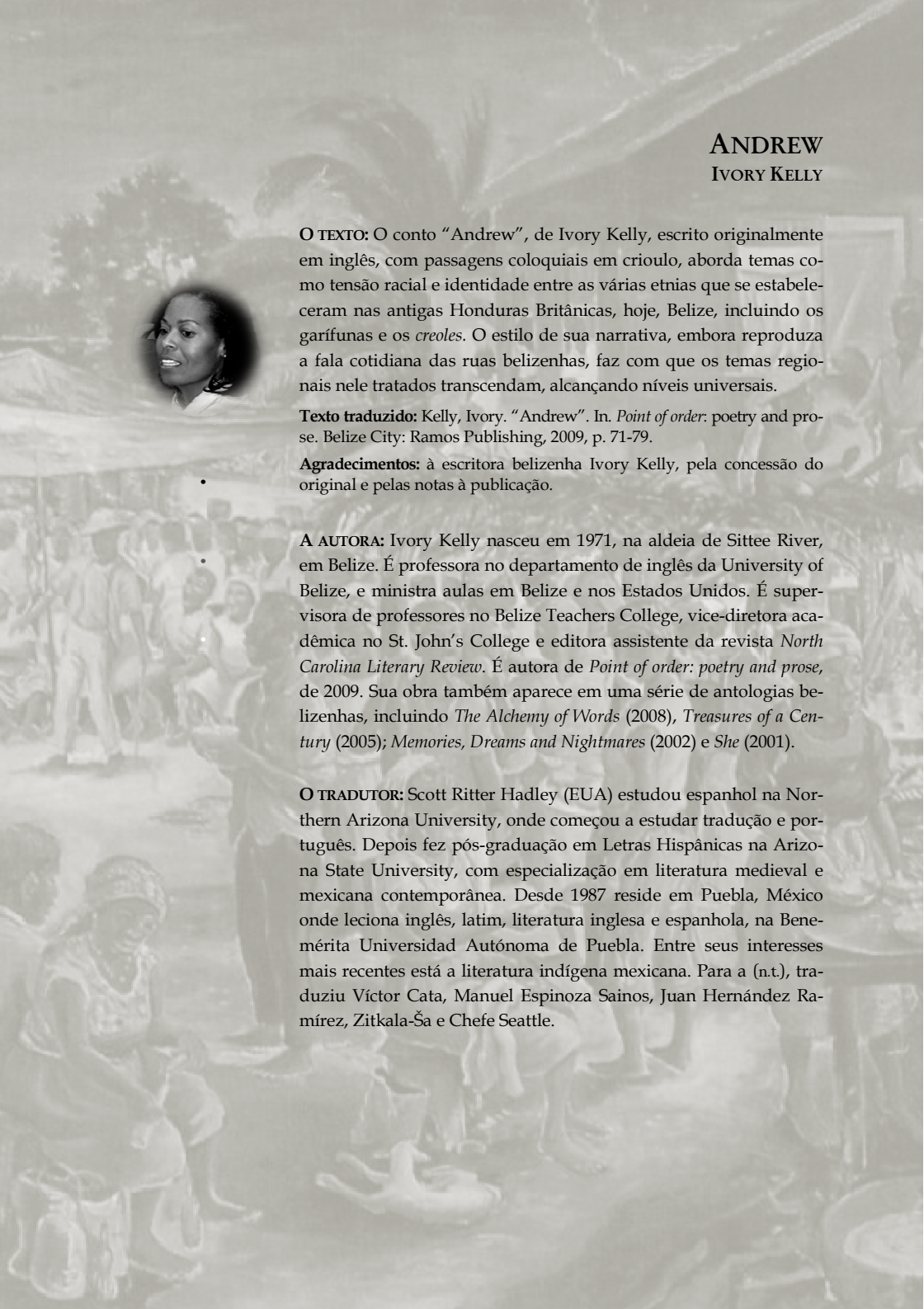
O peixe-do-tempo escolhido deve ser bastante comprido, senão corremos o risco de confundi-lo com uma lagarta. Seguramos o peixe-do-tempo nas duas extremidades e damos um nó no meio. Cortamos as pontas e mergulhamos o nó numa vasilha de água-forte que, ao esfriar, assobia. Na falta de um peixe-do-tempo, podemos nos utilizar de um rosário com contas de âmbar. Rompemos o barbante entre a décima e a décima primeira conta e esparramamos em um pratinho as contas restantes. Colocamos tudo em uma balança e a diferença de peso entre o peixe-do-tempo e o rosário utilizamos como guarnição. É uma espécie de comida que deve ser tratada com reciprocidade: ela ferve, fervemos nós também. Sem muita conversa.

Não nutro a ousada pretensão de que este Livro de Receitas possa atender a todas as exigências; ao escrevê-lo, porém, dediquei todo o meu esforço no intuito de disponibilizar aos amadores de iguarias finas algumas receitas invulgares.

E, agora, para finalizar, algumas palavras sobre:

Molhos

Os molhos, na cozinha moderna, desempenham um papel importantíssimo. De posse dessa realidade, o velho ranzinza, de quem aprendi algumas destas receitas, costumava dizer “Contentamo-nos com o que amamos e preferimos o que desejamos”.

O primeiro molho da minha vida foi o Sozu-Massozu, um gato preto com manchas igualmente pretas. O gato, na verdade, se chamava Massencu – em homenagem à tia que me havia presenteado com ele, e que se chamava Mas-

[3] O advérbio “da” (sim) é o mesmo tanto em russo quanto em romeno. (n.t.)
[4] Natural de Brăila, cidade romena às margens do Danúbio. (n.t.)

sinca. Recordo muito bem que Sozu-Massozu só era utilizado em determinadas épocas do ano, e jamais em noites de lua cheia. Por isso, em nossa casa, costumava-se cozinhar com molho de tomate.

Outro molho, também altamente recomendável, é o Molho Capitão. Muito pesado, porém, para as mulheres. Muitas jovens se atiraram na frente do trem por causa do Molho Capitão. O Molho Capitão deve ser trazido à sala de jantar em cima de um afuste de canhão. Ordenanças assustados, de gestos desastrados, derramam o belicoso líquido nos pratos, manchando a toalha de mesa. Os comensais ofegam, mas não desistem. Jamais o experimentei, pois fui reformado.

ANDREW

IVORY KELLY

O TEXTO: O conto "Andrew", de Ivory Kelly, escrito originalmente em inglês, com passagens coloquiais em crioulo, aborda temas como tensão racial e identidade entre as várias etnias que se estabeleceram nas antigas Honduras Britânicas, hoje, Belize, incluindo os garífunas e os *creoles*. O estilo de sua narrativa, embora reproduza a fala cotidiana das ruas belizenhas, faz com que os temas regionais nele tratados transcendam, alcançando níveis universais.

Texto traduzido: Kelly, Ivory. "Andrew". In. *Point of order*: poetry and prose. Belize City: Ramos Publishing, 2009, p. 71-79.

Agradecimentos: à escritora belizenha Ivory Kelly, pela concessão do original e pelas notas à publicação.

A AUTORA: Ivory Kelly nasceu em 1971, na aldeia de Sittee River, em Belize. É professora no departamento de inglês da University of Belize, e ministra aulas em Belize e nos Estados Unidos. É supervisora de professores no Belize Teachers College, vice-diretora acadêmica no St. John's College e editora assistente da revista *North Carolina Literary Review*. É autora de *Point of order: poetry and prose*, de 2009. Sua obra também aparece em uma série de antologias belizenhas, incluindo *The Alchemy of Words* (2008), *Treasures of a Century* (2005); *Memories, Dreams and Nightmares* (2002) e *She* (2001).

O TRADUTOR: Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. Depois fez pós-graduação em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana. Para a (n.t.), traduziu Víctor Cata, Manuel Espinoza Sainos, Juan Hernández Ramírez, Zitkala-Ša e Chefe Seattle.

Andrew

"But no one ever got Andrew confused with anyone. He was singular."

IVORY KELLY

My little brother Andrew was in many ways the most unforgettable child in Sittee River Village when we were growing up. There were ten of us in all, and with so many children in one family, it was not unusual for folks to mistake one boy or girl for the other. But no one ever got Andrew confused with anyone. He was singular. In our family, the four older boys came first, then my four older sisters and I. Then six whole years after me, Andrew came along. Sort of like an afterthought or accident, but don't ever let Mama hear you say that. Mama was fiercely protective of her "Lee Andy" which was her pet name for Andrew. She spoiled that boy like rancid coconut oil, and so did Pa for that matter. I suppose that after raising the first nine of us by hand, they were worn out by the time Andrew came along. And then, of course, it could also be that because Andrew was so devilishly cute, they couldn't help spoiling him. He had fiery-red hair and big brown eyes, and he always had a look that seemed as though he knew some secret about you and was about to burst out laughing. Whenever he got away with some mischief or the other, our grand-aunt Vera, who lived with us, would shake her head at him and say, "Pretty pikni easy to spoil fi true." Then she would accuse Mama and Pa of sparing the rod and spoiling the child.

Since I was the only sibling left in school when Andrew started, it was my job to look after him at school. It was not all bad, really, because on our way home from school I could always rely on him to duck under Mr. Theodore's barb wire fence to pick me a couple of sweet navel oranges or blue mangoes, depending on the season. And, most of the time, I could trust him not to tell Mama about me holding hands on the road with George McDougal when I

thought no one else was watching. Andrew and I were very close, and we had a way of mutually blackmailing each other into keeping the other person's mischief out of Mama's hearing. But while my escapades were relatively harmless, Andrew's were so explosive that they often reached Mama's ears long before we got home. She usually handled his minor offences by taking off her slipper and registering a harmless swat to his behind. But serious matters she left for Pa to deal with, like when he brought our whole village to shame when he was six years old.

It was our first day back to school after the long summer holidays. Andrew was in Infant Two, and I was in Standard Six. The schoolyard was buzzing with nine weeks' worth of stories, gossip and the kind of eager anticipation that was typical of the first morning back to school. Most of us were at least half an hour early; we wanted to make much of our friends, some of whom we hadn't seen for the entire summer.

The bigger boys played football on the playfield some fifty yards north of the school building while the smaller children played under the pink grapefruit tree near the river to the south. We older girls from Standards Four, Five and Six stood around talking in small groups under the clinic that more or less shared the same yard space with the school. Everyone was in high spirits. Some of us had new uniforms and shoes, but most of us didn't, nor did we care too much. Most of us were poor, and things like new clothes or shoes didn't matter much in Sittee River in those days. We were more likely to compete over who could swim across the river the fastest or who was bad enough to run past Mr. Theodore's cow pen when the gate was left open.

When the morning bell rang at eight thirty, I quickly found Andrew and checked to make sure he was still wearing his green-bottomed canvas shoes instead of stuffing them into his school bag as was his habit. Then I made him tuck his white uniform shirt smartly into his khaki short pants. Teacher Castro was always particularly watchful on Monday mornings, and I was determined to help my little brother stay clear of his sash cord. Satisfied, I gave Andrew a nod of approval and sent him to line up with his class.

After our teachers' daily inspections of our fingernails, hair, teeth and general attire, we trooped into the school building and settled down for the morning devotion. We stood behind our desks in our respective classes. Teacher Castro was in his office waiting to make his grand entrance when all was quiet and the other three teachers were standing at attention with their classes. The school was housed in the Methodist Church building, and the various classes were partially separated from each other by blackboards, so when

we had whole-school activities such as morning devotions and afternoon math drills the older boys simply pushed the blackboards aside to create one open space.

When Teacher Castro emerged from his office and stood on the platform at the far west end of the building, we all chorused, "Good morning, Teacher Castro! Good morning, teachers and schoolmates!" The principal's reply was warm and friendly, but he did not smile. Teacher Castro rarely ever smiled, even in his best mood. "Good morning boys and girls," he replied, standing erect with his forehead high in the air like an army general. Teacher Castro had been our principal since I was in Standard Two. He had moved to our village with his family from Dangriga, and they were the only Garifuna family living in Sittee River Village. All the other families were Creole except for one Mestizo family. Teacher Castro was a very dedicated teacher who had taught in many rural schools throughout Belize, and our parents thought we were very lucky to have him as our principal. They didn't mind at all that he ruled us children with an iron thumb.

After the morning devotion came the principal's announcements. We all became excited as Teacher Castro reminded us to start bringing our soft drink bottles and eggs—our contribution toward the Independence Day treats. It was going to be our third Independence Day celebration, and the school had a big part to play in the activities. The whole school was in a good mood in anticipation of the upcoming festivities.

Then, just as we thought that Teacher Castro was going to bring his announcements to an end, he effected his sternest look and combed the room as if looking for someone in particular. "There is one more matter that I need to take care of this morning," he said. Then he took a sheet of paper from his shirt pocket, unfolded it, and announced: "I need the following people to come up to the platform and make a straight line: Edison Smith, Cassian Andrews, Angie Andrews, Christopher Lamb, Patrick Reynolds…" He continued to name about a dozen students from the list. Then finally, "Patricia McKenzie and Andrew McKenzie." My heart sunk to my belly. From his tone, I knew we were in some kind of trouble, but I couldn't imagine what. I looked at the others in line beside me, but from their puzzled looks, I could tell that they were equally baffled. Standing next to me, Andrew looked frightened, but he was trying hard to be brave. He was the only child from a lower division class among us. The rest of us were all older children from Standards Four, Five and Six. All eyes were fixed on Teacher Castro. The school was so quiet I could hear Christopher Lamb's rapid breathing to the left of me.

When Teacher Castro spoke again, he sounded like thunder. "You people will be punished this morning for playing in that dangerous floodwater the other day." Instantly my confusion turned to fear as it became clear that our wild frolic in the floodwater six weeks before was yet another forbidden pleasure on Teacher's Castro's long list of punishable offenses.

We had had a *tapgyalan* in July of that year as the seasonal heavy rains way upriver in the Maya Mountains had caused the river to flood the village, as it did every couple years or so. When the flood came that year, Andrew and I and about six other children from the High Sand area did what village children had been doing for generations: got into our families' dories and went exploring. We met up with five other children from the Middle Bank section of the village, and we all paddled and swam in areas that were usually roads or folks' yards. And, as was also customary, we ended our adventure at Thomas McDougal's house, which was on a hill high above the reaches of the floodwaters. We tied our dories to two coconut trees at the foot of the hill and spent hours splashing around and making a general racket in the flood water. Thomas's dad treated us to huge slices of watermelon from his farm. Then while we munched our melons, we monitored the rise of the floodwater by pushing a stick into the soft ground about a foot above the waterline farther up the hill, and we dared the flood to climb up to the stick. That day in July was the wildest, most joyous day of the summer, and the furthest thing from our minds was school or Teacher Castro with his thousands of rules.

But, there he was now, brandishing his thick sash cord, ready to make us pay. One by one, he gave each boy or girl six brutal strokes in the palms, three in the right and three in the left. As the principal worked his way down the line, the only sounds heard were the impact of his sash cord as it cut sharply into moist, taut flesh, and the involuntary gasps and suppressed moans that escaped from those upon whom he was inflicting his fury. No one cried out. This was a matter of pride and self-preservation. In our school, toughness was a badge of honor. It guaranteed a boy or girl respect in the schoolyard. So although Teacher Castro held nothing back, no one shed a tear.

He was breathing heavily by the time he got to me, but the fiery sting from his sash cord didn't betray his fatigue. As the cord whizzed past my face on its way down, I blinked involuntarily; then I winced and writhed as the pain penetrated my trembling hands.

When he came to Andrew, Teacher Castro broke his rhythm for the first time.

"Do you even know how to swim, boy?" he barked, bending at the waist to reach Andrew's eye level.

"Ye—yes, Sir," Andrew stammered. He had learned to swim when he was four.

"Well, if you are smart enough to know how to swim, then you should be smart enough to know how dangerous a flood can be. And you, Patricia," he turned to me, "I have a mind to give you your brother's share for not setting a better example. But he is old enough, and must learn his lesson," he said, turning back to my little brother. "Hold out your hand, Andrew!"

He did, and Teacher Castro gave him four vicious ones.

Then came the shocker.

"You big salt head Kerob[1]! I hate you!" Andrew yelled and ran bawling outside, toward the back of the school building.

Everyone was dumbfounded! Even Teacher Castro was speechless, but he quickly regained his composure and ordered everyone to get ready for the day's lessons. Everyone except me who he told to wait for him in his office.

As I waited in the principal's office, I tried to imagine what awful punishment he had in store for poor Andrew, for what Andrew did was unheard of. Sure, many times we had called Teacher Castro unflattering names after he had lashed us, but only behind his back. Never to his face! And certainly not the kind of slur that Andrew had just blurted out. One would have to be completely out of his mind to do such a thing.

Folks in our village didn't seem to like Garifuna people much, and as a child I never quite understood why. My grand-aunt Vera used to say that it was because they did obeah, but I had heard of Creole people in our village who did obeah too, like Mr. Barry who lived across the river. Although we children were too afraid to go anywhere near his house, the adults seemed to get along with him fine, so that couldn't have been the real reason.

Whatever the reason, Sittee River people seldom made friends with our Garifuna neighbors in the village nearby. And they didn't seem to like us much either for although their village was separated from ours by only a couple miles, they rarely ever came to our village.

With those thoughts adding to the weight on my mind, I was sure that Teacher Castro would have no mercy on my brother. When he came into his

---

[1] Kerob: a corruption of the word Carib, usually used derogatorily to insult people of the Garifuna ethnic group. (n.a.)

office, however, I was surprised by the tired look on his face instead of the fury that I had been expecting.

He seemed to have read my mind, for after a long sigh he said, “I will not whip your brother again today. Mind you, he deserves to be punished for what he just did, but I am not sure that I can hold him completely responsible for what he said. I believe he merely repeated what he had heard at home.”

I felt guilty and ashamed because I knew he was right. I wanted to defend my family and my village by telling Teacher Castro about the many good things our parents always said about him. Like how much our school had improved since he took over four years before. But somehow all that seemed irrelevant now.

Teacher Castro continued, “I will give you and Andrew a special assignment that is due one week from now. The two of you will find out the origin of the term ‘salt head’ and write a report on it. During devotion next Monday morning, Andrew will read the report to the school. You will take him home now, Patricia, and explain everything to your parents.”

I hesitated, wanting to ask where I could find such information. But I changed my mind when Teacher Castro gave me an impatient look and said, “Carry on now. Carry on smartly.”

Andrew and I were in the kitchen with Mama when Pa came in from the farm that evening. When Mama told him what had happened, Pa sent me to cut a whip so he could beat Andrew. But when Mama showed him the welts in Andrew’s hands, he changed his mind and said that he had probably been punished enough. However, Pa kept asking over and over in an incredulous way, “How could you say such a thing to the teacher, boy?” I could tell that Pa was embarrassed more than anything else.

Mama, on the other hand, was very cross, for she had spent all afternoon trying to help me and Andrew find out what salt head means. We had searched through the Belizean history book that I used in Standard Six, but we found nothing. Then she sent us to ask Grand-aunt Vera if she knew, but she was no help at all. She only laughed at us. Now, her patience wearing thin, Mamma said to no one in particular, “Where the hell Teacher expect them pikni to find such information? Why didn’t he just put Andrew to kneel in a corner and done?” Then she turned on Andrew, “And what the hell got into you to make you call Teacher such a thing, Andrew McKenzie?”

Andrew didn’t reply, but Pa did. “I can’t believe you just asked that last question, Louise.”

“What do you mean by that, Alfred?” Mama retorted hotly.

"You know, Louise," Pa said, shaking his index finger at Mama, "It's a good thing I'm not a ignorant man or I would have warmed that boy's backside long time. But I realize that what he said to the teacher was something he learned right here in this house. And you in particular, Louise, yu always using such words. You and your ma and all your people dem, you all like to cuss people 'Kerob.'"

Mama gave Pa a murderous look, but she didn't say anything. She sucked her teeth and flounced off to go check on the johnnycakes baking on the fire hearth behind the kitchen, leaving Pa to deal with Andrew and me.

Presently, Pa said, "Leave those books alone, you two. You shoulda know you wouldn't find no such thing in those school books." He scratched his head for a while and continued, "When I go into Town on Wednesday, the two of you will come with me. I will take you to see Mr. Castillo, the Education Officer. He is a Garifuna historian and should be able to help you. He buys pineapples from me sometimes."

The next day, I returned to school without Andrew. Pa took him to the farm where he spent the day clearing weeds in our pineapple patch.

Mama woke me and Andrew very early on Wednesday morning. We had a hasty tea and got dressed. Then we set off for Dangriga with Pa. Going to Town was usually a treat for me and Andrew, but that Wednesday morning as we rode beside Pa in the front of the old Chevy, he made no effort to entertain us with interesting stories as he usually did on our other trips. That day there were no stories about the old sugar mill that we passed about a mile away from our house, or stories about the old days when there was no Southern Highway and people had to travel all the way to Dangriga and Belize City on the Heron H boat. We drove along the dusty Sittee River road and onto the unpaved Southern Highway in silence. Pa made two stops in Silk Grass and Sarawee to sell his produce.

When we reached Dangriga, Pa drove straight to the government building in the Fore Shore area near the sea. The education office was next door to the post office on the upper flat of the two-story building. As Pa led us upstairs and down the veranda, he remained in his grave mood, tightening the muscles around his eyes and squinting slightly as was his habit when he was worried or concentrating very hard. When we stepped inside the education office a man behind a large desk looked up and beamed at us. "Good morning, Mr. McKenzie! What do you have for me today?" He rose from his desk with a big, sunny smile and walked over to shake Pa's hand. Mr. Castillo looked a lot like Teacher Castro, except that he was very dark and Teacher Castro was

golden brown. He had a high forehead with a receding hairline and the same dignified look as Teacher Castro, but right away I could tell that he was not as strict as our principal. Mr. Castillo had a hearty laugh, and he walked with quick, short steps that reminded me of a small boy trying to keep up with his mother.

Pa introduced us to him and sold him two pineapples. When I told him about our assignment, he threw his head back and laughed as if he had just heard the funniest joke. Andrew and I looked at each other, surprised at his jovial manner. I was glad that Pa didn't tell him about Andrew's trouble at school. I didn't want him to think that we were bad children. He seemed like a nice man, and I wanted him to like us.

Pa told us that when we were finished we should wait for him in the park near the Education Office. Then he left to go on his rounds.

Mr. Castillo didn't seem to have much work to do that morning, and he was the only person in his office. He showed us to two chairs at a long worktable, and he sat opposite us. "What do you know about the history of the Garinagu?" he asked.

I answered, "I know that they first came to Belize on the 19th of November in 1832. That's why—" "That's why we celebrate Garifuna Settlement Day," Andrew interrupted.

"Very good, except for one important thing: It is true that our history books teach that the largest group of Garinagu settled in Belize in 1832, but that's a mistake. Garifuna Settlement Day was actually on the nineteenth of November in 1823. But, really, our people had been coming to Belize, or British Honduras as it was called then, two decades before that."

Mr. Castillo folded his arms and slid down into his chair a little, making himself comfortable. "Yes," he continued, "After the British drove my ancestors out of their homeland, St. Vincent, in 1797, they were forced to settle on the island of Roatan, off the east coast of Honduras. Many of them didn't stay in Roatan, however. Some of them moved to the mainland of Honduras, as well as Nicaragua and British Honduras. And who did the Garinagu meet when they arrived in British Honduras?" he asked.

"The British slave masters and their African slaves," Andrew and I chorused.

"And the Mayas too!" Andrew shouted. He was pleased with himself for knowing the answers.

“Smart boy,” Mr. Castillo nodded at Andrew, “and there were also some Africans who used to be slaves but were then free.”

“The slaves and free Africans were our ancestors from Africa,” I offered.

“Correct. So when the Garinagu came to British Honduras, the Blacks whom they met here were really their distant cousins, because the Garinagu too had African ancestors who came from some of the same places in West Africa where the slaves’ ancestors were kidnapped from.”

“So,” Andrew asked, “the slaves and free Africans were happy to see their Garifuna cousins when they got here, true?”

“Nope!” Mr. Castillo exclaimed dramatically. “And that, my boy, brings us to this business about saal head or salt head. You see, by the time the Garinagu began to migrate to British Honduras, most of the Blacks who lived in the settlement—slaves and free Africans—had started to let go of their African ways. They were instead following the ways of their white masters. So when the Garifuna people arrived here and were still practicing many of the old ways of their African and Amerindian ancestors, the Creoles, as the Africans and their descendants came to be called, thought that the Garinagu were too backward and strange. To make matters worse, the slave masters who ruled the settlement did not allow the Garifuna people to live in Belize Town where most of the Creoles lived. They were called ‘saal head’ because they had just arrived, fresh off the salt water of the sea. The term was used to refer to any Black person who had recently arrived in the settlement.”

At this point, Mr. Castillo sat up in his chair, then he leaned over toward us in a gesture that reminded me of old Buddy Strappe, our village storyteller, when he was about to hit a punch line. “Both my ancestors and your ancestors were labeled ‘saal head’ if they insisted on practicing their African culture.”

At this point I looked at Andrew whose face reflected my own surprise.

“So how come nobody calls Creole people ‘saal head,’ while they still call Garifuna people so?” I asked.

“Because, my dear, over the years many of us Garifuna people have continued to hold on to our African and Amerindian culture. We are not ashamed to eat hudut, bundiga, and other traditional foods, and we are not ashamed to honor our dead ancestors. That’s our culture.”

“So,” Andrew asked with a sheepish look on his face, “you do not get vexed when someone calls you ‘saal head Kerob’?”

“No. Not at all,” Mr. Castillo laughed more loudly than ever. Then he added in a more serious tone, “Of course, nobody likes to be teased, but if

someone calls me a 'saal head Kerob' to try and make me feel ashamed, it's because that person doesn't know better, not like the two of you, right?" He winked at us as if we were old pals.

As we left Mr. Castillo's office and walked across the street to the park to wait for Pa, Andrew and I were both quiet. By then it was midmorning, and the sun was very hot, so we decided to wait in the shade of a small cement platform near the south end of the park. The platform was backed by a wall with a mural painted on it. Andrew was curious about the painting which showed a man standing next to a small dory. So he asked, "Who is that man in that there picture, Patricia?"

"That's Alejo Beni," I replied, reading the caption on the mural. "Teacher Castro taught us about him in Social Studies." As we sat there on the platform enjoying the gentle September breeze coming off the sea, I told Andrew the story of how Alejo Beni had led many Garinagu to safety in Dangriga after a civil war in Honduras.

"Alejo Beni was their hero," I added.

"Like Rambo?" he asked, his eyes big with admiration.

"Cho! Better than Rambo, boy." "How come?"

"Because, Andy, Rambo is make-believe, but Alejo Beni was real."

"Patricia," Andrew said thoughtfully, "in devotion on Monday, you think I can tell them about Alejo Beni too?"

"Yes, man," I assured him. I could see the excitement growing on his face, so I quickly added, "But don't you go exaggerating and adding on things that don't go so, you hear me? And don't you—"

But he bolted off, chasing after a pelican that had just landed on the beach a few feet outside the park.

On Monday morning, all eyes were on Andrew as he stood alone on the platform reading his report. It seemed like even the birds and crickets outside were listening, for not another sound was heard except Andrew's clear, high-pitched, six-year-old's voice. I had made him practice many times over the weekend, and he had memorized almost the whole thing, but he never took his eyes off the paper as he read. And not once did he stumble, not even on big words like discrimination and stereotype and tolerance.

When he was finished, he kept his eyes on the paper and his head bowed. Then he slowly lifted his eyes, ever so slightly, and cut a timid sidelong glance at me. I gave him a nod and wrinkled my face at him to let him know he had

done fine. Then he slowly lifted his head and looked up at Teacher Castro who was standing at the far end of the building, opposite him.

It was Teacher Castro who began the applause. His face remained expressionless, but his eyes were smiling. Then the whole school erupted into loud, enthusiastic applause for Andrew. He looked around, and his face broke into a wide grin. He had redeemed himself. Andrew made all of Sittee River proud that day.

ANDREW

"Mas ninguém esquecia quem era Andrew. Ele era singular."

IVORY KELLY

Meu irmão caçula, em muitos aspectos, foi o menino mais inesquecível de Sittee River Village quando éramos crianças. No total, éramos dez, e com tantos pequenos em uma família só, com frequência, a gente não lembrava quem era quem. Mas ninguém esquecia quem era Andrew. Ele era singular. Em nossa família, os quatro meninos maiores foram os primeiros. Logo, minhas quatro irmãs e eu. Logo, seis anos depois de mim, Andrew chegou. Foi como um pensamento tardio ou um acidente, mas nunca digo isso à Mamãe. Ela protegia muito seu "Lee Andy", que era o nome carinhoso de Andrew. Ela o mimou como se fosse algo delicado, e também meu pai fazia o mesmo, para dizer a verdade. Acho que, após criar de forma tradicional a todos nós, que éramos nove, estavam já esgotados quando chegou Andrew. Pode ser também que Andrew era tão belo que não conseguiam fazer outra coisa que mimá-lo. Tinha cabelos vermelhos como fogo e olhos grandes, cor de café, e sempre tinha uma expressão no rosto, como se soubesse o segredo de alguém, estando a ponto de rir de maneira explosiva. Quando conseguiu realizar alguma travessura sem castigo, Vera, nossa tia-avó que vivia conosco, moveu a cabeça como sinal de desaprovação e disse: "É verdade que é fácil mimar um belo *pikni*[1]". Logo, acusaria mamãe e meu pai por não lhe dar uma boa surra.

Já que eu era a única de meus irmãos que ainda estava na escola quando Andrew começou a ir, era minha responsabilidade cuidá-lo lá. Realmente, não foi tão desagradável, porque, a caminho de casa, Andrew sempre se metia debaixo da cerca de arame farpado para pegar laranjas doces ou umas mangas

[1] "Pikni", palavra crioula que significa menino ou criança. A palavra não tem uso depreciativo, mas aqui a tia-avó usa-a em tom sarcástico. (n.a.)

azuis, segundo a estação. E a maior parte do tempo, eu podia confiar nele para que não me entregasse à mamãe por dar as mãos, na rua, a George McDougal, quando pensei que não havia gente espionando. Andrew e eu tínhamos uma relação muito próxima, e tínhamos uma maneira de nos chantagear mutuamente a fim de que mamãe não se inteirasse de nossas travessuras. No entanto, enquanto minhas peripécias não tinham maiores consequências, as de Andrew eram tão explosivas, que mamãe já tinha notícias delas antes de chegarmos em casa. Geralmente, tratava suas ofensas menores com uma palmada leve no traseiro. Porém, os assuntos importantes, deixava-os com meu pai, tal quando envergonhou todo o vilarejo ainda com seis anos de idade.

Era o primeiro dia de escola depois das longas férias de verão. Andrew estava na etapa Criança Dois, e eu, no Standard Seis. O pátio da escola zum-bia com as nove semanas de histórias, mexerico e todo o tipo de expectativas ansiosas, típicas na primeira manhã de escola. A maioria dos alunos chegou meia hora antes porque queria aproveitar o tempo com os amigos, que não tinham se visto durante todo o verão. Os meninos maiores jogavam futebol no campo que ficava a uns 50 metros, ao norte dos edifícios da escola, enquanto os pequenos jogavam debaixo da árvore de toranja rosada, perto do rio, ao sul. As meninas maiores de Standard Quatro, Cinco e Seis, batíamos papo em pequenos grupos debaixo da clínica que dividia, mais ou menos, o mesmo espaço do pátio com a escola. Todos estavam de bom ânimo. Alguns alunos tinham novos uniformes e sapatos, mas a maioria, não, pois isso não nos importava. A maioria de nós era pobre, e coisas como roupa e sapatos novos não tinham importância naquele tempo em Sittee River. Melhor que isso, competíamos para saber quem cruzava o rio mais rápido ou quem era valente o suficiente para atravessar o curral de vacas do Sr. Theodore quando a porta estava aberta.

Quando o sino da manhã soou às oito e meia, eu encontrei Andrew rapidamente e me certifiquei de que ainda usava seus sapatos de lona com as solas verdes, em vez de pô-los em sua mochila da escola, como era seu costume. Logo, obriguei-o a meter ordenadamente sua camisa branca do uniforme dentro das calças curtas de cor caqui. O professor Castro era sempre mais vigilante às segundas-feiras, e eu, mais do que nunca, queria ajudar meu pequeno irmão a se esquivar de sua corda torcida. Satisfeita, fiz um aceno de aprovação com a cabeça e o mandei à fila de sua classe.

Depois das inspeções diárias do professor das unhas, cabelos, dentes e roupas, em geral, fomos juntos ao edifício e sentamo-nos para as orações matutinas. Ficamos parados atrás de nossas escrivaninhas, em nossas respectivas classes. O professor Castro estava em seu gabinete esperando a oportunidade para sua entrada espalhafatosa quando tudo estivesse calmo, e os outros três

professores estavam em posição de sentido, com suas turmas. A escola ficava dentro do edifício da Igreja Metodista e várias salas foram parcialmente afastadas por quadros negros. Desta forma, quando tínhamos atividades para toda a escola, como as orações da manhã e os exercícios de matemática, os meninos maiores simplesmente empurravam os quadros negros para um lado, a fim de abrir um espaço.

Quando o professor Castro saiu de seu gabinete e parou na plataforma, no extremo oeste do edifício, proferimos em coro: "Bom dia, professor Castro! Bom dia, mestres e companheiros da escola!" A resposta do diretor foi cálida e amigável, mas não sorriu. O professor Castro raramente sorri, mesmo estando de bom humor. "Bom dia, meninos e meninas", respondeu de pé, erguido, com sua testa alta, como um general do exército. O professor Castro tinha sido nosso diretor desde que eu estava em Standard Dois. Chegou ao povoado com sua família desde Dangriga, sendo que eram a única família garífuna em Sittee River Village. Todas as demais famílias eram crioulas, sem contar a família mestiça. O professor Castro era um mestre bem dedicado e tinha ensinado em muitas escolas rurais por todas as partes de Belize, e nossos pais pensavam que tínhamos muita sorte ao tê-lo como diretor, e não lhes importava que regesse com severidade.

Após as rezas da manhã, seguiam os avisos do diretor. Todos nos emocionamos quando o professor Castro lembrou-nos que tínhamos que trazer refrigerante e ovos, nossa contribuição para as guloseimas do Dia da Independência. Ia ser a terceira celebração do Dia da Independência e a escola tinha um papel muito importante nas atividades. A escola inteira estava de bom humor, pensando nas festividades futuras.

Mas, precisamente no momento em que pensávamos que o professor Castro ia concluir seus avisos, ele olhou mais asperamente e varreu toda a sala como se buscasse alguém em particular, e disse: "Há outro assunto que eu preciso resolver esta manhã". Em seguida, tomou uma folha de papel do bolso de sua camisa, desdobrou-a, e disse em voz alta: "preciso que as seguintes pessoas venham à plataforma e que formem uma linha reta: Edison, Smith, Cassian, Andres, Christopher Lamb, Patrick Reynolds..." Ele seguiu nomeando uma dúzia de alunos da lista, e finalmente: "Patricia McKenzie e Andrew McKenzie". Meu coração afundou-se até o estômago. Segundo o tom, eu sabia que tínhamos um problema, mas não podia imaginar qual. Eu os olhava alinhados, ao meu lado, mas, segundo seus olhares confusos, era evidente que estavam perplexos. De pé, junto a mim, Andrew parecia espantado, mas tentava armar-se de coragem. Era o único aluno da classe da divisão baixa entre nós. Os demais eram do Standard Quatro, Cinco e Seis. Todos os olhos estavam cravados

no professor Castro. A escola estava tão silenciosa que eu poderia ouvir a respiração ofegante de Christopher Lamb à minha esquerda. Quando o professor Castro falou outra vez, soou como trovão: “Vocês serão castigados esta manhã por terem se divertido na água da inundação”. Instantaneamente, meu estado de confusão tornou-se medo quando compreendi que nossas brincadeiras desenfreadas na água, seis semanas atrás, eram outro prazer na longa lista de ofensas castigáveis.

Chegamos a ter um *tapgyalan*[2] em julho daquele mesmo ano, enquanto as fortes chuvas da estação, que caiam muito mais acima no rio, nas Montanhas Maia, tinham causado a inundação do povoado, como acontecia a cada dois anos, mais ou menos. Quando, naquele ano, veio a inundação, Andrew, eu e uns seis meninos da zona de High Sand fizemos o mesmo que os meninos do vilarejo haviam feito por gerações. Subimos nos barquinhos de nossa família e saímos para explorar. Reuníamos mais cinco meninos de nosso vilarejo, da seção de Middle Bank, e todos remamos e nadamos em lugares onde normalmente havia ruas ou jardins. E também, como era o costume, terminamos nossa aventura na casa de Thomas McDougal, que ficava acima de uma colina fora do alcance das águas da inundação. Amarrávamos nossos barquinhos em dois coqueiros no pé da colina e passávamos horas salpicando e fazendo muito barulho na água da inundação. O pai de Thomas nos dava fatias de melancia de sua granja. E assim, enquanto devorávamos nossa melancia, revisávamos a altura da água com um pau que empurrávamos na terra macia, cerca de trinta centímetros além da borda d’água, mais acima, na colina, e víamos a inundação subir até o pau. Aquele dia de julho foi o dia mais bravo e mais alegre do verão, e nos esquecemos da escola, do professor Castro e de suas muitas regras.

Mas, lá estava agora, brandindo sua grossa corda, pronto para nos castigar. Um por um, deu seis golpes brutais nas palmas da mão. Três na direita e três na esquerda, enquanto o diretor seguia a linha, os únicos sons foram a corda que cortava dentro da carne úmida e tensa e os gritos e gemidos sufocados e involuntários que escapavam das vítimas de sua fúria. Ninguém gritava. Foi questão de orgulho e autoconservação. Em nossa escola, a rudeza era uma insígnia de honra que garantia a um menino ou menina o respeito no pátio da escola. Ninguém derramava uma lágrima, mesmo se o professor Castro batesse sem piedade.

Ele respirava ofegante, devido ao esforço, quando chegou à minha frente, mas a mordacidade abrasadora de sua corda não delatou sua fatiga. Enquanto a

[2] *Tapgyalan* é uma inundação que faz com que o rio transborde. Ocorre a cada dois anos e o nome alude às velas mais altas do navio (*topgallants*). (n.a.)

corda zumbia na minha cara durante sua queda, pisquei involuntariamente, e logo, pestanejei de dor, retorcendo-me, enquanto a dor penetrava as minhas mãos trêmulas. Quando chegou diante de Andrew, o professor Castro rompeu seu ritmo pela primeira vez.

"Sabe nadar, menino?" Vociferou, inclinando a cintura para ficar ao nível dos olhos de Andrew.

"S-sim senhor", balbuciou Andrew, que havia aprendido a nadar aos quatro anos.

"Então, se você é suficientemente esperto para nadar, deve estar o suficiente esperto para saber dos perigos de uma inundação. E você, Patricia", virou-se na minha direção, "Acho que seria melhor receber os golpes de seu irmão, por não servir de exemplo para ele, mas ele já é suficientemente grande e deve aprender a lição". Ao dizer isso, virou-se de novo para o meu irmão. "Estende a mão, Andrew!"

Andrew estendeu a mão e o professor Castro lhe deu quatro golpes brutais.

E logo, ocorreu o impensável.

"Você é um Kerob[3] grande com cabeça de sal! Eu o odeio!" Gritou Andrew ao sair correndo e chorando para fora, para detrás do edifício da escola. Todos ficaram pasmos! O professor Castro não conseguia falar, mas recuperou a calma e mandou todos prepararem as lições daquele dia. Todos, menos eu, que deveria esperá-lo em seu gabinete.

Enquanto esperava no gabinete do diretor, tentei imaginar o castigo horrível que planejava para Andrew, porque o que ele havia feito era inacreditável. De fato, colocamos nomes depreciativos nele muitas vezes depois dos açoites, mas somente quando ele não ouvia e nunca diante dele! E com certeza, não o tipo de insulto que Andrew havia proferido. Para fazer isso, uma pessoa precisa estar completamente maluca.

Parece que as pessoas de nosso vilarejo não querem muito os garífunas, e quando eu era menina, não entendia por quê. Vera, minha tia avó, costumava dizer que era porque faziam *obeah*[4], mas eu tinha ouvido que a gente crioula em nosso vilarejo também praticava *obeah*, como o senhor Barry, que residia na outra beira do rio. Embora nós, as crianças, tivéssemos muito medo de nos aproximar de sua casa, parecia que os adultos eram amistosos com ele; portanto, a prática de *obeah* não podia ter sido o verdadeiro motivo.

---

[3] *Kerob*: variação da palavra Carib, que geralmente era usada de maneira depreciativa para insultar as pessoas do grupo étnico garífuna. (n.a.)
[4] *Obeah*: práticas espirituais e mágicas dos escravos das Antilhas e do sul dos Estados Unidos. (n.t.)

Seja qual for a razão, a população de Sittee River poucas vezes travava amizade com nossos vizinhos garífunas do vilarejo próximo, e parece que eles tampouco nos estimavam, porque, mesmo que seu vilarejo ficasse a uns quilômetros do nosso, raramente apareciam. Com esses pensamentos aumentando o peso da minha mente, tinha a certeza de que o professor Castro não teria nenhuma misericórdia de meu irmão. Porém, quando entrou em seu gabinete, surpreendeu-me o olhar cansado em sua cara, em vez da fúria que eu esperava.

Parecia ter adivinhado meus pensamentos, porque, depois de um longo suspiro, disse: "Eu não vou açoitar outra vez o seu irmão hoje. Entenda bem, merece um castigo pelo que fez, mas eu não estou convencido que é completamente responsável pelo que disse. Acho que somente repetiu o que tinha ouvido em casa". Eu senti culpa e vergonha porque sabia que ele tinha razão. Eu queria defender minha família e meu vilarejo, e contar-lhe as inúmeras coisas boas que nossos pais haviam dito a seu respeito. Coisas como o quanto a escola havia melhorado desde que ele assumira a direção há quatro anos; mas, de alguma maneira, tudo isso tinha pouca importância agora.

O professor Castro continuou: "Eu vou dar a você e ao Andrew uma tarefa especial, e vocês terão uma semana para entregá-la. Os dois irão investigar a origem da frase 'cabeça de sal' e escrever um relato sobre isso. Na manhã da próxima segunda-feira, durante as orações, Andrew o lerá a toda a escola. Leva-o para casa agora, Patricia, e explique isso tudo a seus pais".

Eu hesitei, e queria perguntar onde iria encontrar tal informação, mas me calei quando o professor Castro olhou-me com impaciência, dizendo: "Siga com suas atividades; rápido".

Andrew e eu estávamos na cozinha com mamãe quando papai chegou da granja naquela tarde. Quando mamãe contou o que ocorreu, ele me mandou cortar um chicote para bater em Andrew. Mas quando ela lhe mostrou as feridas nas mãos de Andrew, mudou de opinião e disse que provavelmente teve suficiente castigo, porém, perguntava uma e outra vez, de maneira incrédula: "Como pudeste dizer tal coisa a um professor, menino?" Eu podia ver que papai estava envergonhado, mais do que qualquer outra coisa. Por outro lado, mamãe estava muito aborrecida, porque tinha perdido toda a tarde tratando de ajudar o Andrew, e também a mim, para averiguar o que significava "cabeça de sal". Começamos pelo livro de história de Belize que eu usava em Standard Seis, mas não encontramos nada. Logo nos pediu para perguntar a Vera, a Tia-avó, se ela sabia, mas não nos ajudou em nada. Só zombou de nós. Agora, a paciência de mamãe estava se esgotando e ela disse a ninguém em particular:

"Onde diabos o professor quer que estes *piknis* encontrem essa informação? Por que ele não pôs Andrew fincado em um canto e pronto?" Logo, se virou para Andrew e disse: "e porque diabos você chamou o professor assim, Andrew McKenzie?"

Ele não respondeu, mas meu pai, sim: "Eu não posso crer que você fez essa última pergunta, Louise".

"O que quer dizer com isso, Alfred?", contestou mamãe com raiva.

"Você sabe, Louise", disse meu pai, agitando seu dedo indicador na direção de minha mãe, "Que bom que eu não sou um homem ignorante ou teria esquentado as nádegas desse menino faz muito tempo. Mas eu entendo que o que ele disse ao professor é algo que aprendeu aqui, nesta casa, particularmente de você, Louise, que usa essas palavras. Você, sua mãe e toda a sua família. Todos gostam de chamar a gente de 'Kerob'".

Mamãe olhou papai com raiva, mas não disse nada. Rangeu os dentes e saiu rapidamente para ver os *johnnycakes*[5] assando na fogueira atrás da cozinha, e também para deixar papai responsável por Andrew e eu.

Logo, ele disse: "Larguem esses livros, vocês dois. Devem saber que não há nada disso nesses livros". Raspou a cabeça vários minutos e continuou: "Quando eu for ao vilarejo na quarta-feira, vocês irão me acompanhar. Vou levá-los ao senhor Castillo, o Ministro da Educação. Ele é um historiador dos garífunas, e estou certo de que ele poderá ajudar. Ele compra meus abacaxis algumas vezes".

No dia seguinte, eu regressei à escola sem o Andrew. Papai levou-o à granja onde ficou o dia inteiro arrancando o mato de nossa horta de abacaxis.

Mamãe despertou a mim e a Andrew muito cedo na manhã da quarta-feira. Tomamos nosso chá rapidamente e nos vestimos. Depois partimos para Dangriga com papai. Ir ao vilarejo era divertido para mim e para Andrew, mas naquele dia pela manhã, enquanto viajávamos ao lado de papai, no assento dianteiro do Chevrolet antigo, ele não tentou nos entreter com histórias interessantes, como sempre fazia em outras viagens. Naquele dia não havia histórias sobre o antigo moinho de açúcar que passamos a um quilômetro e meio de casa, ou então, os contos dos tempos passados quando não havia a Estrada do Sul e tínhamos que viajar até Dangriga e à Cidade de Belize, no barco Heron H. Viajamos através do caminho empoeirado do rio Sittee, e logo, pela Estrada do Sul sem pavimento, tudo em silêncio. Papai parou duas vezes: uma vez em Silk Grass, e outra, em Sarawee, para vender seus produtos.

[5] Pão feito de milho. (n.t.)

Quando chegamos a Dangriga, papai foi direito ao edifício do governo, no Fore Shore, perto do mar. A sala de educação ficava ao lado do escritório de correios, no andar superior de um edifício de dois pisos. Enquanto papai nos levou para cima, subindo a escada e pela varanda, manteve seu humor grave, apertando levemente os músculos ao redor dos olhos curvados, como era seu costume quando estava preocupado ou quando se concentrava intensamente. Quando entrou na sala, um homem atrás de uma grande escrivaninha olhou para cima com alegria. “Bom dia, senhor McKenzie! Que me traz hoje?” Levantou-se da escrivaninha com um sorriso grande e fulgente e caminhou em direção a papai para lhe dar a mão. O senhor Castillo parecia muito o professor Castro, mas era muito escuro, enquanto o professor tinha uma pele de cor café dourado. Tinha uma testa muito grande, com as marcas da calvície, e a mesma atitude solene que o professor Castro, mas percebi que não era tão severo quanto o nosso diretor. O senhor Castillo tinha uma risada forte e caminhava com passos rápidos e curtos que me lembravam os de uma criança pequena tentando manter o mesmo passo que sua mãe.

Papai nos apresentou a ele e logo lhe vendeu dois abacaxis. Quando lhe disse sobre a tarefa, inclinou a cabeça atrás e riu como se tivesse ouvido a piada mais engraçada. Andrew e eu nos olhamos surpresos por seu jeito jovial. Alegrou-me que papai não tivesse dito nada sobre os problemas de Andrew. Eu não queria que ele pensasse que éramos crianças malcriadas. Parecia um bom homem e queria que lhe agradássemos. Papai nos disse que, quando terminássemos, devíamos esperá-lo no parque, perto do edifício, e logo partiu para suas vendas.

O senhor Castillo não parecia estar muito ocupado naquela manhã, e era a única pessoa na sala de educação. Ofereceu-nos duas cadeiras perto de uma mesa longa e sentou-se diante de nós. “O que sabem da história dos garinagu?”, perguntou.

Eu respondi: “Sei que chegaram, pela primeira vez, a Belize, em 19 de novembro de 1832. Por isso—”

“Por isso, celebramos o Dia do Estabelecimento dos garífunas”, interrompeu Andrew.

“Muito bem! Só há uma coisa importante: de fato, os livros de história nos ensinam que um grande grupo de garinagus estabeleceu-se em Belize em 1832, mas isso é um erro. O Dia do Estabelecimento dos garífunas foi, na realidade, em 19 de novembro de 1823. Mas, na verdade, nossa gente tinha chegado a Belize ou às Honduras Britânicas, como era chamada naquela época, duas décadas antes disso”.

O senhor Castillo cruzou os braços e deslizou-se na cadeira para ficar mais cômodo. “Sim”, continuou, “após os ingleses arrancarem meus ancestrais de sua terra, St. Vincent, em 1797, foram obrigados a estabelecer-se na ilha de Roatan, na costa oriental de Honduras. Por alguma sorte, muitos deles não ficaram em Roatan. Alguns partiram para Honduras, Nicarágua e também para as Honduras Britânicas. E com quem toparam os garinagus quando chegaram às Honduras Britânicas?”, perguntou.

“Os senhores ingleses com seus escravos africanos”, respondemos Andrew e eu, em uníssono.

“E os maias também!”, gritou Andrew. Estava orgulhoso de saber as respostas.

“Um menino inteligente”. O senhor Castillo afirmou com a cabeça, ao que Andrew disse, “e havia também alguns africanos que eram escravos, mas que já eram livres”.

“Os escravos e africanos livres eram nossos antepassados na África”, acrescentei.

“Correto. Então, quando os garinagus chegaram às Honduras Britânicas, os negros que aqui conheceram eram realmente seus primos distantes, porque os garinagus também tinham ancestrais africanos oriundos dos mesmos lugares da África Ocidental, onde os ancestrais dos escravos foram sequestrados.”

“Então”, perguntou Andrew, “os escravos e africanos livres estavam felizes quando viram seus primos garífunas ao chegar aqui, verdade?”

“Não!” proferiu enfaticamente. “E isso, meu filho, nos leva a tudo o que tem a ver com o *saal head* ou cabeça de sal. Quando os garinagus começaram a migrar para as Honduras Britânicas, a maioria que vivia na colônia, os escravos e africanos livres, começou a perder seus costumes africanos. Em vez disso, passou a seguir os modos de viver de seus patrões brancos. Portanto, quando o povo garífuna chegou aqui, e quando ainda fazia uso de muitos dos costumes antigos dos seus antepassados africanos e ameríndios, os crioulos, como seriam chamados os africanos e seus descendentes, pensavam que os garinagus eram muito atrasados e estranhos. E ainda pior, os patrões que governavam as colônias não permitiam que os garífunas vivessem na Cidade de Belize, onde a maioria dos crioulos vivia. Eram chamados de ‘cabeças de sal’ porque haviam recém-chegado da água salgada do mar. Usava-se esse nome para qualquer pessoa negra que acabava de chegar à colônia.”

Nesse momento, o senhor Castillo levantou-se de sua cadeira, inclinando--se em nossa direção com um gesto que me lembrou Buddy Strappe, o contista do nosso vilarejo quando estava alcançando o ponto culminante da narrativa.

"Meus antepassados e os seus levavam o invólucro de 'cabeça de sal', se insistíssemos em praticar nossa cultura africana."

Imediatamente, olhei para Andrew e sua cara refletiu minha própria surpresa.

"Então, por que ninguém chama os crioulos de 'cabeça de sal', mas sim, os garífunas?", perguntei.

Porque, querida, durante muitos anos, nós, os garífunas, ainda nos aferrarmos à nossa cultura africana e ameríndia. Não sentimos vergonha de comer *hudut*, *bundiga* e outras comidas tradicionais, e não sentimos vergonha de honrar nossos antepassados mortos. É nossa cultura.

"Então", perguntou Andrew com um olhar tímido na cara, "você não se incomoda quando alguém o chama de 'Kerob de cabeça de sal'?"

"Não, de modo algum", o senhor Castillo riu-se mais forte que nunca e logo continuou com um tom mais sério, "obviamente, ninguém gosta de ser incomodado, mas se alguém me diz: 'Kerob de cabeça de sal', a fim de me envergonhar, é porque essa pessoa não sabe muito, não como vocês dois, não é?" Piscou em nossa direção, como se fôssemos velhos amigos.

Quando saímos da sala do senhor Castillo, e caminhamos para o outro lado da rua, onde estava o parque para esperar papai, Andrew e eu estávamos silenciosos. Naquele instante, a manhã estava na metade e o sol muito quente, então, decidimos esperar à sombra de uma pequena plataforma de cimento, perto do extremo sul do parque. A plataforma era mantida por uma parede com um mural pintado sobre ela. Andrew estava interessado no mural que mostrava um homem parado junto a um barco de pesca. Então, perguntou: "Quem é o homem no mural, Patricia?"

"É Alejo Beni", respondi ao ler a legenda no mural: "O professor Castro nos ensinou sobre ele em Ciências Sociais". Enquanto estávamos sentados na plataforma, desfrutando da brisa leve de setembro que vinha do mar, eu contei a Andrew a história de como Alejo Beni guiou a muitos garinagus a um lugar seguro após uma guerra civil em Honduras.

"Alejo Beni foi seu herói", esclareci.

"Como Rambo?", perguntou com os olhos cheios de admiração.

"Ui! Melhor que Rambo, menino."

"Por quê?"

"Porque, Andy, Rambo é fictício, mas Alejo Beni foi real."

“Patricia”, disse Andrew pensativo, “nas orações de segunda-feira, você acha que poderia falar também de Alejo Beni?”

“Claro, maninho”, afirmei. Podia ver a emoção crescer em sua cara, então, acrescentei rapidamente: “Mas não vai exagerar e imaginar coisas que não ocorreram, entende? E tampouco—”, mas ele saiu correndo perseguindo um pelicano que acabava de aterrissar na praia, um metro fora do parque.

Na segunda-feira de manhã, todos os olhares se fixavam em Andrew enquanto ele, de pé, sozinho na plataforma, lia seu relato. Parecia que os pássaros e os grilos lá fora estavam escutando, porque não se ouvia nenhum outro ruído, exceto a voz de seis anos de Andrew, clara e de bom tom. Eu o obriguei a praticar muitas vezes durante o fim de semana, e ele memorizou quase tudo, mas nunca havia tirado os olhos do papel enquanto lia. E em nenhum momento gaguejou, nem mesmo com palavras compridas como *discriminação*, *estereótipo* e *tolerância*.

Quando terminou, mantinha seus olhos no texto e a cabeça inclinada. Logo, levantou os olhos lenta e sutilmente, olhando-me de soslaio. Fiz um sinal com a cabeça e enruguei a cara para que soubesse que fez bem. Em seguida, levantou devagar a cabeça e olhou o professor Castro que estava de pé, no extremo oposto do prédio.

Foi o professor Castro que começou a aplaudir primeiro. Sua cara ainda não tinha expressão, mas os olhos estavam sorrindo. Depois, a escola inteira irrompeu com um aplauso forte e entusiasta para Andrew. Olhou ao redor e sua cara formou um sorriso grande. Tinha se redimido. Andrew fez com que toda a população de Sittee River sentisse orgulho dele naquele dia.

ensaios

(n.t.) | Blumenau

Sobre o cômico

Wisława Szymborska

O texto: Os textos que seguem foram escolhidos dentre resenhas que Szymborska publicou ao longo de vários anos na revista polonesa *Życie Literackie* ("Vida Literária"). Ao empreender crítica das mais diversas publicações – que abrangem cultura, história, ciência, mas também o cotidiano em sua dimensão prática –, a poeta aproveitou a variedade temática para se debruçar sobre a atualidade. Suas críticas foram posteriormente reunidas sob o título *Lektury nadobowiązkowe* (*Leituras extracurriculares*). A presente seleção foi motivada pelo tema do cômico que surge por sua relação com o *kitsch*.

Texto traduzido: Szymborska, Wisława. *Lektury nadobowiązkowe. Część druga*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1981.

A autora: Poeta polonesa, Wisława Szymborska (1923-2012) ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1996. Passou grande parte da vida na Cracóvia. Começou a publicar poesia em 1945, influenciada pelos ideais socialistas. Mais tarde tornou-se amplamente lida, desafiando a ideia de uma poesia hermética e reservada a poucos. Subvertendo também a visão da poesia feminina dedicada à efusão emocional, praticou, sobretudo, uma sutil ironia em seus versos.

A tradutora: Olga Kempińska é graduada e mestre em Filologia Românica pela Uniwersytet Jagielloński de Cracóvia, com doutorado em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Atualmente é professora de Teoria da Literatura da UFF. Sua experiência como tradutora começou em 2000, com a tradução de trechos de livros premiados na Edição Polonesa do Prêmio Goncourt. Para a (n.t.), traduziu poemas de Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, Kazimiera Iłłakowiczówna e Anna Świrszczyńska.

O komizmie

"Komizm to duch niestały, wędrowny, z jednej sytuacji przeskakuje na drugą, z jednej właściwości w inną."

WISŁAWA SZYMBORSKA

Maciej Gutowski: **KOMIZM W POLSKIEJ SZTUCE GOTYCKIEJ,** Państwowe Wydawnictwo Naukowe, Warszawa 1973.

Komizm to duch niestały, wędrowny, z jednej sytuacji przeskakuje na drugą, z jednej właściwości w inną. Doprawdy bardzo rzadko zastać go można w tym samym miejscu, w jakim kilka wieków temu artysta go zaplanował. Kiedy patrzę na *Wypędzenie kupców ze świątyni* z poliptyku augustiańskiego, nic właściwie komicznego nie widzę w zdumieniu handlarzy, nad którymi Chrystus gwałtownie potrząsa powrozem, choć intencją malarza było ich ośmieszenie. Natomiast komiczne wydają mi się zwierzątka brykające pod stołem w świątyni, baran, osioł i wół, nieproporcjonalnie małe w stosunku do ludzkich postaci, trzódka w kieszonkowym wymiarze, urocza w niewinności i nieświadomości tego, co się dzieje – a przecież wiem, że pierwotnie nic w tych czworonogich miniaturach śmiesznego nie widziano, ich maleńkość wynikała po prostu z drugorzędnej roli w obrazie. Nie jest to jeszcze przykład krańcowy, bo ostatecznie komizm dzieła nie opuścił, tylko się przemieścił i cokolwiek odmienił: z satyrycznego stał się humorystyczny, z zamierzonego – nie zamierzony. Są jednak rzeźby i malowidła, z których komizm wyparował bez śladu. Jak rozpoznać, że kiedyś w nich przebywał? Tej trudnej sztuki rozpoznawczej dokonuje Maciej Gutowski w swojej pionierskiej pracy o komizmie w średniowiecznej sztuce polskiej. Nie jest winą uczonego i sympatycznego autora, że w czasie czytania książki ogarnął mnie smutek. No bo czy to nie smutne, że to, co niegdyś

śmieszyło bez żadnych pomocniczych kometarzy, nie może dziś obejść się bez objaśnień, a objaśnione w dalszym ciągu nie śmieszy? Przygnębienie wszakże długo nie trwało, po przeczytaniu książki wpadłam z kolei w entuzjazm (zapewne też przesadny): jak to się jednak dobrze składa, że straciliśmy zdolność rozumienia średniowiecznego komizmu! Nie ma czego żałować. Śmiano się wówczas z kalek, debilów i wariatów, brzydotę fizyczną uważano za przejaw brzydoty duchowej, na dworach trzymano karłów dla zabawy – prymitywny humorek zaiste. I tu przypomniał mi się hrabia d'Armagnac i zabawa, jaką w swoim paryskim pałacu wyprawił, a wiek był już, bądź co bądź, piętnasty. Sprosił ów hrabia gości, a na dziedziniec wypuścił wieprzka i czterech ślepców z kijami. Ślepcy mieli wieprzka zatłuc na śmierć; nagrodą było mięso. Podobno można było boki zrywać, kiedy ślepcy goniąc za kwiczącym wieprzkiem walili kijami przeważnie po sobie. He, he, hy, hy. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga*, 1981, pp. 13-14)

Janusz Dunin: **PAPIEROWY BANDYTA,** Dzieje książki kramarskiej i brukowej w Polsce, Wydawnictwo Łódzkie, Łódź 1974.

Z kiczem jak z tygrysem. Póki żyw, przepędza się go bezlitośnie. Kiedy już martwy, jego wyprawiona skóra staje się ozdobą salonu, wszyscy cmokają, jaki wspaniały tygrys, i głaszczą go po głowie. Na tej zasadzie wydano niedawno *Trędowatą*, która natychmiast została wykupiona przez miłośników Joyce'a. Kicz im gorszy, tym lepszy, to znaczy zabawniejszy. Autor niniejszej monografii wydawnictw tandetnych musiał się kiczów naczytać sporo, czego mu zazrdoszczę. Zaprezentował nawet jedno powieścidło w całości, żebyśmy sobie też poczytali. Szkoda, że wybrał rzecz względnie poprawną, płód wyobraźni niezbyt rozhulanej. Przypominam sobie nie bez nostalgii dużo wspanialszą, czytaną w dzieciństwie opowieść o pewnym wyrodnym mężu, który otruł żonę i urządził jej piękny pogrzeb. Żona jednak po pochówku zbudziła się z letargu, jakoś wydostała się z trumny i grobowca, po czym w cienkiej czarnej sukience, w mróz i zawieruchę, wyruszyła pieszo do domu. Pieszo, ponieważ ze zrozumiałych względów nie miała przy sobie drobnych na tramwaj. Opowieść urywa się akurat w chwili, kiedy niedoszła nieboszczka dzwoni do drzwi, zza których dochodzą odgłosy wesołej stypy. Co było dalej, tego nigdy się nie dowiedziałam. Oprócz nie zaspokojonej ciekawości pozostał mi na zawsze gust do tego rodzju lektur. Podbudowany później przekonaniem, że między arcydziełem a kiczem istnieje mocny związek, dla obu stron zresztą życiodajny. Epoka, w której skutecznie zlikwidowano by kicz, byłaby epoką bez szansy na arcydzieła. Panowałaby powszechnie sztuka średnia, czyli niepłodna, czyli żadna. Na szczęście to jeszcze nam nie grozi. Zaraz po wojnie położono co prawda kres rozmaitym „dzikim" wydawnictwom, które tradycyjnie zajmowały się publikacjami literatury brukowej (w tym również senników, przepowiedni, przebojów itp.) – nie znaczy to jednak, żeby automatycznie to przygruntowe piśmiennictwo przestało istnieć, ma ono bowiem żywot twardy, cudowną zdolność mimikry, łatwość przystosowywania się do odmiennych warunków, mód i nowoczesnych technik. Poza słowem drukowanym prosperuje w piosence, telewizji, w filmie. I jeden tylko z nim kłopot: aby masowy odbiorca nie traktował go już – jak to niegdyś bywało – z pełną ufności powagą, jako skarbnicę wszelakiego piękna, wiedzy o świecie i życiowych wskazówek. Może temu zaradzić stałe podnoszenie poziomu oświaty. Żadne jednak, nawet najwyższe wykształcenie nie zabroni

nikomu mieć złego smaku. W najlepszym razie – od czasu do czasu, dla urozmaicenia. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga,* 1981, pp. 85-86)

KSIĘGA NONSENSU, Rozsądne nierozsądne i wierszyki wymyślone po angielsku przez Edwarda Leara, Lewisa Carrolla, Williama Gilberta, Hilarego Belloca, Waltera de la Mare, Harry'ego Grahama, Alana A. Milne'a, Tomasza S. Eliota i innych, napisane po polsku przez Antoniego Marianowicza i Andrzeja Nowickiego, Wydawnictwa Artystyczne i Filmowe, Warszawa 1975.

W porównaniu z pierwszym wydaniem (sprzed lat) *Księga nonsensu* ukazuje się wzbogacona o kilkanaście nowych przekładów i ilustracje Janusza Stannego, który tak sportretował urocze twory angielskiego humoru, jakby przez wiele lat przebywał z nimi za pan brat w krainie niedorzeczności. Piękna to kraina. Sprawują w niej rządy pisarze angielscy, ale dla ścisłości dodać trzeba, że nie oni ją wymyślili. Istniała od niepamiętnych czasów, jak od niepamiętnych czasów istnieje humor nonsensowy. Tyle tylko że rzadko istniał sam dla siebie – przeważnie stosowano go w oględnych dawkach jako okrasę satyry i umoralniających bajek. W postaci czystej przechował się jednak w poezji ludowej. Osobniki takie, jak np. szewczyk wyrabiający buty z „wołowego ryku" lub Kusy Jan, co „na piecu studnię miał, ryby z niej wybierał, piasek grabił grabiami, makiem ptaki strzelał", to już pełnoprawni obywatele krainy niedorzeczności. Zasługi Anglików są jednak znaczne. Oni to doprowadzili krainę do rozkwitu, zagospodarowali ją z rozkoszną pedanterią i podwolili liczbę jej mieszkańców. Jedyny znany mi przykład kolonializmu pozytywnego! Kraina jest chętnie odwiedzana przez dzieci i myślicieli oraz ma zalety leczniczo-wypoczynkowe. Wszystko tam dzieje się inaczej niż na świecie rzeczywistym. Raczej prawie wszystko. I jeśli przypadkiem coś dzieje się tak samo jak na świecie rzeczywistym, to prawem kontrastu staje się nonsensem do kwadratu. W krainie, gdzie niezwykłość jest zasadą, zwykłość zawiera najsilniejszy ładunek humorystyczny. Posłuchajmy: „Raz małpa na drzewo wspinała się duże / gdy spadła, nie było już małpy na górze"... No cóż, to całkiem logiczne, a jednak ta logika objawia się nam nagle jako ansurdalna. Albo inny wierszyk: „Tak to już się dzieje / bardzo dziwnie, że / wszystko co Panna B. je / staje się Panną B." – znów racja, ale jakże zastanawiająca! Humorystyczny efekt oczywistości – i on znany jest dobrze poezji ludowej: „Kobyłeczka siwa / ogoneczkiem kiwa / jakże ma nie kiwać / kiedy jeszcze żywa"... Czy przypadkiem nie śmiejemy się tu z najbardziej niewzruszonych praw natury? Zastanawiam się, jak często w poezji zwanej poważną stosowano ten prosty chwyt, o wcale nieprostych filozoficznych następstwach. Chyba dość rzadko. Przypomina mi się w tej chwili jeden taki wiersz, którego jestem wielbicielką, a mianowicie *Ballada o zejściu do sklepu* Mirona Białoszewskiego. Polecam. Życie wyda się raptem nieobliczalną

przygodą. Nawet to, które bezmyślnie zwiemy nudnym. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga,* 1981, pp. 89-90)

Anna Lipińska: **WSZYSTKO O GOSPODARSTWIE DOMOWYM,** Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne, Warszawa 1976.

Dobre są te stoły w księgarniach. Człowiek sobie buszuje w nowościach, kartkuje, obrazki ogląda i czyta pod nimi podpisy. W tym wypadku o kupnie książki zadecydował obrazek. Przedstawia chłopca, który się przewrócił i wypuścił z rąk tacę ze śniadaniem. „Żeby tego uniknąć – głosi podpis – lewą ręką trzeba tacę podtrzymywać od spodu, a prawą trzymać brzeg tacy". Poczułam się jak ta stonoga, która chodziła sobie żwawo, dopóki jej nie zapytano, którą nogą rusza z miejsca. Czy niosąc tę tacę ze śniadaniem potrafię harmonijnie łączyć praktykę z teorią? Ba, gdyby to tylko szło o tacę. Lektura uzmysłowiła mi, że mnóstwo czynności wykonywałam do tej pory jak głupia. Np. mój kierunek zmywania naczyń bywał rozmaity. A przecież należy je zmywać „w kierunku od strony prawej do lewej, a nie odwrotnie". Za to w prasowaniu bliska jestem wymaganej normy. Przesuwam żelazkiem rzeczywiście od strony prawej do lewej, niestety nie dlatego, że tak trzeba, tylko dlatego, że nie jestem mańkutem. Książka zawiera pewną ilość wskazówek pożytecznych dla niedoświadczonych gospodyń i zgoła młodzieży, ale wyłowienie ich z potopu oczywistości łatwe nie jest. Przypuszczam jednak, że taka jaka jest zachwyciłaby przybyszów z kosmosu. Dla zrzutków wszystko tu będzie prawdziwą nowiną. „Każdy żywy organizm wymaga pożywienia, którego jakość ma duży wpływ na jego rozwój fizyczny"... „Posiłek składa się z jednej lub wieku potraw. Zestaw kilku potraw stanowi jadłospis"... „Jesień to okres obfitujący w warzywa, owoce i grzyby"... „Największe zużycie energii oświetleniowej wypada na okres jesienny"... „Podczas używania bielizna ulega zabrudzeniu"... Na koniec nadmienić muszę, że pisałam to na papierze białym, układając wyrazy od strony lewej do prawej. Długopis zakupiony w kiosku „Ruchu" trzymałam w prawej ręce, między palcem wskazującym a kciukiem. Wolną ręką lewą z lekka podtrzymywałam papier, żeby mi po stole nie jeździł. Światło dzienne, będące jednym z dobrodziejstw słonecznego promieniowania, przenikało przez oszklony otwór w murze, zwany oknem. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga,* 1981, pp. 143-144)

SOBRE O CÔMICO

"O cômico é um espírito instável, ambulante, que salta de situação em situação, de uma característica para outra diferente."

WISŁAWA SZYMBORSKA

Maciej Gutowski. **O CÔMICO NA ARTE GÓTICA POLONESA**, Varsóvia: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1973.

O cômico é um espírito instável, ambulante, que salta de situação em situação, de uma característica para outra diferente. De fato, é muito raro encontrá-lo no mesmo lugar onde o artista o planejara alguns séculos atrás. Quando olho *A Expulsão dos vendilhões do templo,* no políptico agostiniano, nada de cômico vejo no espanto dos comerciantes que Cristo ameaça violentamente com o chicote, mesmo que o escárnio dele tivesse sido a intenção do pintor. Parecem-me, por sua vez, cômicos os animaizinhos que brincam embaixo da mesa do templo, aquele carneiro, burro e boi, desproporcionalmente pequenos em comparação aos humanos, um rebanho de bolso, charmoso em sua inocência e ignorância dos eventos – e, no entanto, sei que, na primeira recepção, nada de engraçado se via nesses quadrúpedes em miniatura, pois seu tamanho minúsculo decorria simplesmente do seu papel secundário no quadro. Isso nem é ainda o exemplo extremo, dado que o cômico não abandonou a obra, apenas deslocou-se e mudou um pouco: de satírico tornou-se humorístico, de intencional, não intencional. Existem, no entanto, esculturas e pinturas das quais o cômico evaporou completamente. Como saber que jamais esteve aí? A arte desse reconhecimento difícil é praticada por Maciej Gutowski em seu trabalho pioneiro sobre o cômico na arte gótica polonesa. Não é culpa do sábio e simpático autor que fiquei triste durante a leitura do livro. Pois não é triste que, aquilo que outrora fazia rir sem nenhum comentário explicativo, hoje necessite de explanações, e que mesmo

explicado, continue sem graça? Meu abatimento, no entanto, durou pouco e, leitura feita, fiquei eufórica (certamente, um novo exagero): como é bom que tenhamos perdido a capacidade de compreender o humor medieval. Ria-se naquela época de deficientes, idiotas e loucos, a feiura física era considerada reflexo da feiura espiritual, e nas cortes, mantinham-se anões para diversão – que humorzinho mesmo primitivo. E lembrei, então, do conde d'Armagnac e da brincadeira que organizou em seu palácio, já no avançado século XV. O conde chamou os convidados e fez soltar no pátio um porco e quatro cegos com paus. Os cegos tinham que matar o porco a pauladas, a carne era o prêmio. Parece que era de rolar de rir quando os cegos corriam atrás do porco grunhindo e acertavam com os paus, sobretudo uns aos outros. Ha, ha, ha... (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga*, 1981, pp. 13-14)

Janusz Dunin. **UM BANDIDO DE PAPEL**. História do livro barato e popular na Polônia. Łódź: Wydawnictwo Łódzkie, 1974.

Com o *kitsch* é como um tigre. Enquanto vivo, é posto para fora sem piedade. Uma vez morto, sua pele torna-se o adorno da sala, todo mundo se deleita, que tigre maravilhoso, fazendo carinho em sua cabeça. De acordo com essa regra, saiu recentemente *A Leprosa* e a edição se esgotou na hora, comprada pelos admiradores de Joyce. O *kitsch*, quanto pior tanto melhor, ou seja, mais engraçado. O autor da presente monografia sobre as edições baratas deve ter lido muito *kitsch*, o que invejo. Apresentou até um novelão na íntegra, para que também possamos ler. Uma pena ele ter escolhido uma coisa relativamente comportada, fruto da imaginação nem tão descabelada. Lembro-me, não sem nostalgia, de uma história bem mais impressionante, lida na infância, sobre um marido malvado que envenenou sua esposa e organizou um belo funeral. A esposa, no entanto, acordou do coma depois do enterro, deu um jeito de sair do caixão e da tumba, e, em um fino vestido preto, sob o tempo gelado e a nevasca, voltou para casa. A pé, pois, devido a motivos óbvios, não tinha trocado para pegar o bonde. A história interrompia-se justamente no momento em que a quase-falecida batia na porta, detrás da qual dava para ouvir o barulho de uma alegre festa. O que aconteceu depois, eu nunca soube. Além da curiosidade não satisfeita, ficou-me para sempre o gosto desse tipo de leitura. Fortalecido mais tarde pela convicção de que entre uma obra-prima e o *kitsch* existe uma relação forte, vital, aliás, para ambos. Uma época na qual o *kitsch* fosse efetivamente abolido, não teria chance de produzir uma obra-prima. Seria o governo geral da arte média, ou seja, estéril, ou seja, nula. Felizmente, ainda estamos a salvo dessa ameaça. É verdade que logo depois da guerra fecharam diversas editoras “selvagens” que costumavam publicar literatura barata (inclusive, livros de sonhos, premonições, os mais vendidos, etc.). Isso, no entanto, não quer dizer que essa escrita baixa tenha deixado de existir, pois ela tem uma vida robusta, um enorme talento mimético, uma boa capacidade de adaptação a condições instáveis, modas e novas tecnologias. Além da palavra impressa, ela floresce na canção, na televisão, no filme. E existe apenas um problema: que o público de massa não a trate, como era de costume antigamente, com aquela confiante seriedade, como fonte de toda beleza, de saber sobre o mundo e como guia da existência. Podemos evitar isso melhorando constantemente o nível da educação. Nenhuma formação, porém, nem mesmo a superior, impedirá que alguém tenha mau gosto. No melhor dos casos,

apenas de vez em quando, só para variar. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga*, 1981, pp. 85-86)

O LIVRO DO NONSENSE, Versos sensatos e insensatos inventados em inglês por Edward Lear, Lewis Carroll, William Gilbert, Hilary Belloc, Walter de la Mare, Harry Graham, Alan A. Milne, Thomas S. Eliot e outros, escritos em polonês por Antoni Marianowicz e Andrzej Nowicki. Varsóvia: Wydawnictwa Artystyczne i Filmowe, 1975.

Comparado com sua primeira edição (há anos), *O Livro do nonsense* sai enriquecido em mais de dez novas traduções e em ilustrações de Janusz Stanny, que retratou as irresistíveis criações do humor inglês como se tivesse passado vários anos convivendo com elas no país do absurdo. É mesmo um belo país. Governam-no escritores ingleses, mas, para sermos exatos, devemos dizer que não foram eles que o inventaram. Ele existe desde tempos imemoráveis, como desde tempos imemoráveis existe o humor *nonsense*. Contudo, ele raramente existia enquanto tal, sendo mais frequentemente usado em quantidades limitadas, como tempero da sátira e de fábulas moralizantes. Em estado puro, conservou-se, porém, na poesia popular. Personagens tais como o sapateiro que confeccionava sapatos de "mugido de boi", ou Joãozinho que "uma poça na lareira possuía, peixes nela pescava, areia com um ancinho varria e com papoula os pássaros acertava", já são legítimos cidadãos do país do absurdo. Mesmo assim, os méritos dos ingleses são consideráveis. Eles foram os primeiros a levar o país à prosperidade e a duplicar o número de seus habitantes. O único exemplo de um colonialismo positivo que conheço! O país é com entusiasmo visitado por pensadores e crianças, comprovando também suas qualidades curativo-recreativas. Tudo aí acontece de um jeito diferente do que no mundo real. Ou quase tudo. Se algo por acaso acontecer do mesmo jeito que na realidade, então, em virtude da lei do contraste, torna-se um absurdo até a quinta potência. No país onde o inusitado é a regra, o usual contém a mais forte carga humorística. Vejamos: "Uma vez um mico subiu numa árvore bem alta, / caiu e no alto o mico fez falta"... Bem, é muito lógico e, ainda assim, essa lógica se nos revela de repente absurda. Ou este outro poeminha: "Você pode não crer / como bem quiser / mas tudo que a Ester comer / torna-se a Ester" – é verdade, de novo, mas que espanto! O efeito humorístico do óbvio, também este é bem conhecido na poesia popular: "O cavalinho / mexe o rabinho / por que pararia / se ainda vivo"... Será que, por acaso, estaríamos rindo aqui das mais firmes leis da natureza? Pergunto-me quantas vezes, na poesia denominada séria, lançou-se mão desse procedimento simples, cujas consequências filosóficas de simples não têm nada? Parece que raramente. Lembrei-me, neste momento, de um poema que adoro, da *Balada sobre a descida na padaria*, de Miron Białoszewski. Recomendo. A vida

parecerá de repente uma imprevisível aventura. Até aquela que, sem pensar, chamamos de chata. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga,* 1981, pp. 89-90)

Anna Lipińska: **TUDO SOBRE A ECONOMIA DOMÉSTICA**, Varsóvia: Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne, 1976.

Gosto das mesas nas livrarias. Dá para bisbilhotar entre novidades, folhear, ver as imagens e ler as descrições abaixo. Neste caso, foi uma imagem que me levou a comprar o livro. Ela mostra um menino que tropeçou, caiu e derrubou uma bandeja com o café da manhã. "Para evitar isso, reza a descrição, é preciso apoiar a bandeja embaixo com a mão esquerda, e com a direita, segurar a borda dela". Senti-me como uma centopeia que costumava andar com muito jeito até ser interrogada com que pata dava o primeiro passo. Será que, ao levar a bandeja com o café da manhã, consigo combinar harmoniosamente a teoria com a prática? Bem, se fosse apenas a bandeja. Mas a leitura evidenciou-me que até agora muitas coisas eu fazia como uma ignorante. Minha direção de lavar a louça, por exemplo, variava toda hora, enquanto é preciso lavar "da direita para a esquerda, e não na direção contrária". Em passar roupa fico, contudo, perto da norma exigida. De fato, movimento o ferro da direita à esquerda, infelizmente, não porque isso está certo, mas porque não sou canhota. O livro contém uma porção de dicas para donas de casa com pouca experiência, a bem dizer, para adolescentes, mas é difícil pescá-las no oceano das obviedades. Mas, assim como está, parece-me, seria amado por visitantes do espaço sideral. Para os extraterrestres tudo aqui será uma verdadeira novidade. "Todo organismo vivo precisa de alimento, da qualidade da qual, em grande medida, depende seu desenvolvimento físico"... "Uma refeição consiste em um ou vários pratos. Um conjunto de vários pratos compõe um cardápio"... "O outono é a época rica em legumes, frutas e cogumelos"... "O maior consumo de energia tem lugar no período do outono"... "Ao ser usada, a roupa de baixo fica suja"... Para terminar, devo mencionar que escrevi tudo isso em um papel branco, colocando palavras da esquerda para a direita. A caneta, comprada na banca de jornal, segurava-a na mão direita entre o indicador e o polegar. Com a mão esquerda livre, apoiava o papel para que não corresse pela mesa. A luz diurna, que é uma das bençoes da radiação solar, entrava pela abertura vidrada na parede, chamada janela. (*Lektury nadobowiązkowe. Część druga,* 1981, pp. 143-144)

epístola

(n.t.) | Brasília

DAS CARTAS DE AMOR

UGO FOSCOLO

O TEXTO: Entre 1801 e 1803, Ugo Foscolo (1778-1827) manteve um romance com a bela e culta Antonietta Fagnani Arese (1778-1847), casada com um nobre lombardo. O turbulento convívio entre eles é conhecido pelas 136 cartas que Foscolo endereçou à jovem. Ela, porém, devolveu-as a ele quando o escritor descobriu uma traição, momento em que a relação amorosa acabou. Nas 10 cartas aqui apresentadas, sem data e ordenadas de acordo com o estudo realizado por Plinio Carli, é possível visualizar a força emotiva, a variedade de tons e a capacidade foscoliana de criação artística da própria imagem. Vale lembrar que alguns trechos das cartas foram utilizados na primeira edição do romance epistolar *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*.

Texto traduzido: Foscolo, Ugo. *Lettere d'amore*. A cura di Guido Bezzola. Milano: BUR, 2006.

O AUTOR: Ugo Foscolo (1778-1827), nascido na Grécia, viveu a maior parte da sua vida na Itália, onde escreveu poesia, teatro, ensaios, cartas e o romance *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*. Teve uma vida desregrada e empenhou-se constantemente com as questões políticas do seu tempo, motivo que lhe causou vários desafetos até o seu exílio definitivo em Londres, onde faleceu.

A TRADUTORA: Karine Simoni é professora do curso de Letras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem formação na área de História e de Letras e concentra suas pesquisas no estudo e tradução de autores do século XIX. Para a (n.t.), traduziu *Princípios de crítica poética*, de Ugo Foscolo.

DALLE LETTERE D'AMORE

A Antonietta Fagnani Arese

"Oh!…si, io t'amo quanto posso amare; il mio cuore non può reggere più alla piena di tante sensazioni."

UGO FOSCOLO

11

Giovedì a sera

Nel mio misero stato io non ho altro conforto che la tua vista; e quest'unico conforto m'è ancora rapito. Che inferno stasera! Io mi sono prefisso di non turbare nè i tuoi riguardi domestici, nè la tua pace; e sfuggo di vederti quando Cecco è con te... e quando mai non è con te? Ma tu mi piangeresti se potessi immaginare quanto è doloroso per me questo sacrificio. Poco fa io mi sarei sbranato il cuore: girava di qua di là, di palco in palco, e sempre fremendo. Oh! sento che l'amarti mi costa pur de' tormenti: ma non importa: una tua sola occhiata mi compensa di tutto. – E come eri tu bella questa sera! La tua fisonomia era così passionata, i tuoi occhi sì vivaci, e le tue labbra... quante volte ho ritirato i miei occhi da te pieno di spavento! Sì, la mia fantasia e il mio cuore cominciano a crearsi di te una divinità... e... soffri ch'io te lo ripeta... io temo che quando tu ti vedrai onnipotente con me io diverrò la tua vittima, e maledirò i miei giorni. Intanto io devo amarti, sì... e amarti, per quanto starà in me, sino all'ultimo sospiro. – Quando tu nel tempo del ballo ti sei per alcuni minuti chinata su la tua mano, io ti guardava e mi sembrava di leggere nel tuo cuore gli stessi miei mali. Una illusione, forse ingannatrice, mi facea credere che tu mi amassi quanto io t'amo.... Le lagrime mi vennero su gli occhi, e mi sono allontanato per non farmi scorgere da quei che mi attorniavano. Buona notte.

16

Come tutto l'universo si va perdendo a questi occhi, e tutto quello che mi sta intorno m'annoia! Iersera madama Monti mi sgridò nel suo palco; e da tanti anni avvezzo a vederla, e tutti i giorni, è quasi una settimana ch'io non vado a trovarla. E in verità, io devo una somma riconoscenza e a lei e a suo marito. Ella mi ha dato quella poca amicizia che il suo cuore può dare; – ma io non ho avuto, né avrò forse mai un amico più caldo e più leale di Monti. Egli ha un'anima di foco: e son certo che morrebbe di dolore se io gli facessi credere ch'egli ha qualche ragione di non amarmi. – Eppure io mi son dimenticato di tutti! La mia esistenza, i miei pensieri, tutto tutto è consacrato a te sola. Hai fatto bene, mia dolce amica, a non venire in giardino: faceva freddo; io ho tremato nell'idea che tu facessi la faccia di venirci. Conserva la tua gioventù e la tua bellezza: tu sei degna dipossederle. Passeranno! pur troppo; ma il tuo cuore resterà sempre, ed io lo amerò sempre, e lo cercherò sempre. Prima di conoscerti da vicino io desiderava i tuoi sguardi, ma adesso talvolta non ci penso nemmeno... io m'immergo nella cara illusione di averti fatto sentire che hai un'anima, di cui non hai forse fatto per lo passato tutto il buon uso che potevi farne, e che io, io l'ho destata e la possedo. Dimmi; posso io abbandonarmi di buona fede a questa illusione? Ti ho scritto ier l'altro e ieri; ma non ho avuto alcuna risposta. Son forse questi importuni? Guai a me s'io potessi crederlo. Chiamami *romanzo*, ed hai forse ragione; ma non lo sono per elezione... io devo alla natura questa ardente immaginazione e questo cuore, che mi hanno fatto soffrire tanti tormenti, ma che non sono stati mai domati, nè dall'esperienza, nè dalle sventure. Addio. Addio. Ho da scriverti molte altre cose, ma non mi sento bene. Mi duole assai la testa, e temo che stasera ti farò cattiva compagnia. Per domani non c'è niente: te ne dirò il perchè, e converrai meco ch'io ho ragione. Spero di aver trovato per domani l'altro um luogo stabile e secretissimo. Domani sera te ne saprò dire. Se sarà bel tempo io sarò al giardino verso le dieci; ma non t'arrischiare se la giornata non è calda e se non ti senti veramente bene. Da madama Delac non ci pensare nemmeno. Addio. Addio.

18

Venerdì, ore 5...

Preparami un migliaio di baci, ch'io verrò stasera a succhiarli dalla tua bocca celeste. O momenti di paradiso! io vi aspetto con tanta ansietà; durate così

poco! e poi mi abbandonate di nuovo a questo vuoto terribile, a questa cupa tristezza, a questa dimenticanza di tutto il mondo... – Sai tu che mercoledì è partita la posta senza lettere per mia madre?

O mia filosofessa! tu mi hai tanto commosso ier l'altro con la tua lettera scritta fra i dolori: e veramente hai ragione: il fiore della vita si scolora così presto! E a noi due, mia Antonietta, restano ancora pochi anni; sentiamo troppo; e l'anima ci divora il corpo, mentre ai più dei mortali il corpo seppellisce l'anima. D'altra parte la tua infelice salute, che pur mi ti fa più cara, non ti promette molte ore felici..., e a me le disavventure, e la trista esperienza, e la perfidia degli uomini, e la malinconia che mi domina tutte le facoltà, mi avvertono che il tempo del piacere è quasi finito per me. Non importa: noi ci amiamo, e lealmente, ardentemente; non basta? Devo io dirti il mio unico voto?... quando i tuoi sospiri si trasfondono nella mia bocca, e mi sento stretto dalle tue braccia... e le tue lacrime si confondono alle mie... e... sì; io invoco la morte! il timore di perderti mi fa desiderare che la vita in quel sacro momento si spenga in noi insensibilmente, e che un sepolcro ci serbi congiunti per sempre... – Lascia lascia ch'io t'allontani da questi pensieri... perché devo io amareggiare la gioia della tua gioventù?... perché devo io spargere la mia malinconia sulla voluttà fatta per la tua anima angelica e per la tua celeste bellezza?

Che opinione ti eri formata della mia maniera di amare? si è ella migliorata, o sei restata delusa? mi credevi più ardente? più discreto? ti sei impegnata con me più per fatalità che per vocazione? E adesso cosa ne pensi? – Che turba d'interrogazioni! Ma ci si risponde così presto ch'io spero che non t'annoieranno; e tu sei tanto ingenua che tu non ti troverai intricata a dirmi la verità. Per me, io trovo in te più di quello che mi aspettava: credeva in te moltissimo capriccio e poco sentimento, e mi sono ingannato... Io trovo ancora una certa delicatezza che non ho scoperta in niuna altra donna, e una bontà che non so come si combini col tuo ingegno. Addio. Addio. Volta, e leggi con più attenzione queste altre due righe.

Prima delle otto io passerò... Se la prima finestra sarà aperta entrerò nella stanza della Teresina... e se non... – la finestra sarà aperta, me lo dice il cuore... Se fosse chiusa, io... verrò ad ogni modo.

19

Sabbato, prima di desinare

Tu sei certa dunque ch'io t'amo, o celeste creatura? Oh!…si, io t'amo quanto posso amare; il mio cuore non può reggere più alla piena di tante sensazioni. Io

sento la passione onnipotente dentro di me…eterna! Si io t'amo. Io sperava da' tuoi baci un qualche ristoro; ma io invece ardo ognor più… ll sorriso è fuggito dalle mie labbra; e la profonda malinconia che mi domina non mi lascia se non quando io ti vedo…e ti vedo venire così amorosa verso di me a farmi confessare come, ad onta di tanti mali, la vita è preziosa. Ma io …tremo! Che farai di me ora che sei sicura del tuo potere? Mi abbandonerai tu alle lagrime e alla disperazione? ti raffredderai tu con me? – Io so che mi sarebbero utili le arti del libertinaggio per farmi amare di più: dovrei fingere meno ardore per irritare il tuo amor proprio, dovrei…ah! La mia ragione le conosce tutte queste arti, ma pur troppo il mio povero cuore non sa fare alleanza con la mia ragione. Io lo abbandono tutto a te… io spero che tu non sarai capace di tradirlo. È vero, mia cara, ch'io temo del tuo amore perché ne' suoi principi è stato troppo impetuoso, perché tu sei troppo bella, o troppo circondata dal bel-mondo in cui ti perdi, perché… ma con tutto ciò io non ti credo così cattiva da lasciarmi crudelmente: quando l'amore si raffredderà in te, posso io lusingarmi, o Antonietta, che la compassione e la riconoscenza ti parleranno in favore del tuo amico? Si, io me ne lusingo, perché il tuo cuore è ben fatto… perché io non merito di essere tradito. T'amai e t'amo con tutta la lealtà e la delicatezza della virtù… Io mi sono confidato tutto a te… nelle mie stesse diffidenze io ho prescelto di essere piuttosto tradito che di non credere ai tuoi giuramenti. Rispondimi lealmente, o mia amica; e rispondimi con tutta l'effusione della tua anima. La tua passione per me s'è ella raffreddata?… Oh terribile idea! Ma tu rispondimi. Non temer dal mio canto né rimproveri, né eccessi… Io piangerò, io morirò, ma rispettando sempre la tua fama. Io verserò l'ultimo respiro su le tue lettere. E dirò leggendole: la mia Antonietta mi ha pur qualche volta dato tutto il suo cuore e ha confuso le sue lagrime alle mie. Intanto odilo: niuna donna può vantarsi di essere stata tanto amata da me. Ho amato, è vero, ma non sapeva di poter amare tanto; i miei passati amori hanno avuto o i caratteri romanzeschi, o con qualche donna del gran mondo quei del libertinaggio; ma con tanta passione, con tanta ingenuità, con tanta verità di amore non ho amato mai. E non amerò più! Io te lo ripeto, o Antonietta, questo giuramento: tu sarai l'ultima donna ch'io amerò: e dopo di te non mi avrà che la solitudine, o la sepoltura. Rispondimi. Addio.

22

Lunedì, ore 11

Pace col povero Ortis; e non potresti tu, mia donna, farne nascere un altro... e forse migliore? io ti ringrazio, celeste creatura, delle sensazioni che tu mi fai

provare; le raccolgo nel mio cuore come cose preziose; un giorno mi saranno compagne nella solitudine... io scriverò con la fantasia tutta piena di questi giorni beati ch'io vivo con te; e tutte le mie idee e le mie parole avranno quella verità e quel calore che si cerca invano studiando, e che non si trova se non dopo avere sentite le passioni.

Eppure conviene che io ricominci a studiare. Me lo prometto ogni giorno, e poi ricorro sempre al domani. Sai tu ch'io non fo nulla? propriamente nulla. Non mi accorgo per altro di essere ozioso... ma quando il cuore ti fa dimenticare le noie della vita, perchè ricorrere all'ingegno? – E la gloria? per adesso la lascio a Bossi.

Piano, Antonietta; non ti ho detto bugia in quest'ultima riga, ma non ti ho detto nemmeno la verità. Io amo la gloria... io ne sento spesso il furore... – Conviene insomma ch'io studi...: poiché non si può diventar grandi con i fatti, tentiamolo con gli scritti. – Ma che dissertazione fuor di proposito!

Se tu ricevendo questa lettera l'hai strofinata per nasconderla... hai fatto male. C'è dentro il profilo dell'Ortis: ci vedrai il contorno di Ugo Foscolo, e la filosofia di San Luigi. – Adio intanto... il tè comincia a diventar freddo. Addio.

Il tuo amico.

24

Dalle dodici piove piove... e son quasi le tre e continua a piovere. Non sono venuto, certo che tuo marito avrà avuto poca intenzione di uscire, e che la Generalessa ti avrà seccato tutta la mattina. D'altra parte tutta notte non ho dormito; mi sono addormentato su l'alba, e mi sono svegliato poco prima delle undici, e non troppo bene.

Oh come, mia dolce amica, ho delirato soavemente tutta notte con te! La veglia non mi è sembrata nè dolorosa nè lunga, perchè tutti i miei pensieri erano pieni di te. Io ho errato sempre di illusione in illusione benedicendoti; quante volte ho sospirato al tuo nome, e ho ripetuto molti periodi delle tue lettere ch'io so a memoria, ringraziandoti, mia Antonietta, con le mie lagrime. Follie false! Le consideri tu follie? ma io t'amo... sì, odilo, t'amo; odilo mille volte. Né il cielo, né gli uomini, né la fortuna potranno rapirmi neppure una scintilla del fuoco celeste di cui tu hai infiammato il mio cuore... Mi sarà caro il pianto per te; e sceglierei piuttosto di unire il mio cadavere al tuo, anziché sopravviverti glorioso e felice.

E sai tu, mia cara, che io temo il diluvio in questa vera valle di lagrime?... Tredici giorni che piove; i fiumi sono disalveati: diavolo! che bella cosa è la natura! annega in pochi minuti gli uomini ch'ella ha preteso di beneficare per tanti anni. Se Milano fosse allagato, io vorrei in quel punto trovarmi a casa tua. Noi avremmo l'Arca di Noè nella tua stanza.

E domani? Piova quanto vuole io verrò a vederti; ricordati di farci porre il nastro. Forse anche oggi ci sarà, e mi aspetta. Ma spero che non ti dorrà, s'io non sono venuto, massime con que' mal umori di iersera. Domani è venerdì; s'io potessi profittare della mancanza del teatro ed insinuarmi nella stanza della tua cameriera? Se la cosa ti pare possibile, fammelo sapere dalla Teresina con un bigliettino; l'attenderò al solito caffè, a mezzodì in punto. Scrivimi il come, e il quando; ma bisognerebbe liberarsi per tutta la sera del marito; e assicurarsi dell'uscita e dell'entrata della porta. Sciagurate quelle due portinaie; paiono le nutrici del cane Cerbero all'inferno. Comincio a vedere che l'affare sarà disastroso: io farò quello che vorrai; in ogni caso, dopo che la Teresina mi avrà lasciato domani mattina, non trascurare il nastro ch'io ne profitterò. Concerteremo meglio. – Ma se tuo marito non volesse uscire? Oh mia Antonietta! anche le speranze, unico conforto della misera vita, mi si vanno amareggiando. Se non volesse uscire, andrò dal Greco: avrò pazienza; starò almeno fra le stesse mura. Per non dargli troppo nell'occhio, io non credo di venire pubblicamente prima di domenica. Coglierò il tempo della messa: se facesse buon tempo ci vedremo altrove. Te ne scriverò. In somma io te lo ripeto; scegli quale di questi progetti tu vuoi; io farò sempre quello che vorrai.

Spero che mi avrai scritto, e mi farai sapere più diffusamente la tua conversazione con quel faccia-di-cane. Nè dovrebbe lagnarsene, poichè lo tratto all'omerica con le frasi; non vorrei che m'inducesse a trattarlo da Tersite, come egli è, con l'opere: quegli eroi erano assai pronti di mano: ed io ho che fare co' Greci, e ho letto ch'io ho i capelli e la collera di Achille. – Addio intanto. Amami; ricordati che abbandonandomi mi perderesti per sempre, o s'io potessi sostenere la vita, la sosterrei perpetuamente infelice. Addio, addio, mia cara e unica amica. Addio, mio eterno amore.

27

Tu non vorrai confidarmi i tuoi dispiaceri, Antonietta; tu vorrai piuttosto gemere nel tuo secreto anzichè dividere con me le tue lagrime. Ho io meritato questa diffidenza? puoi tu accusarmi di poca delicatezza, anche ne' miei trasporti? la mia indole fiera e veemente non s'è ammansata ad una tua parola?

Io temo che il tuo marito ti abbia parlato spesso di me; e parlato da marito,... ma oggi... io sono sicuro ch'ei dopo la mia partenza ti abbia rimproverato la lunguezza della mia visita. Nel suo malumore improvviso, nelle sue risposte brevi, interrotte, nella sua stessa fisionomia io leggeva l'impazienza ch'io partissi. Ecco perché io ti ho lascito appena siamo rimasti soli... perch'egli in que' pochi minuti non avesse campo di avvelenare ancor più i suoi sospetti. – Ma tu crudele, vuoi tacermi tutto,... ahi; sento pure la mia infelicità quando penso al modo ombroso e cauto con cui mi tratti. Tu mi abbandoni in mille dubbi più dolorosi di quante sventure tu mi narrassi. Non oso rimproverarti più: ma sarei dissimulatore s'io non ti dicessi ch'io temo... il tuo amore è egli ardente come dianzi? Il mio è tale che se tu non mi amassi più... io non so cosa sarebbe di me... ma se ti sei raffreddata, per carità avvertimi... io te ne scongiuro per l'amore che mi hai tante volte promesso, avvertimi: non temere. Io sarò l'amante più sventurato che tu abbia mai avuto, ma l'amico più discreto.

Domani sera a teatro.

30

Vederti sempre sempre... o s'io dovessi vivere così allontanato da te rinunzierei volentieri a tutte le altre speranze della vita... — Che ti senti tu oggi? — per me, non è ancora illanguito quel fuoco terribile che mi divorava... Mi sento ardere sempre di più, e mi par di avere uno stringimento al cuore... ohimè! che ora divina! e com'è fuggita!

Se tu mi vedessi io sembro uno smemorato, o un sonnambulo che sogni. Rido talvolta da me... e talvolta mi vengono le lagrime... Diavolo! sai tu che ho paura d'impazzire! Non so come io scriva... Ho girato tutt'oggi per la città. Eccomi a casa alle cinque passate. Hanno pranzato... ed io aveva detto di ritornare a casa dopo le due... mi sono perduto invece a giuocare al bigliardo col Greco, perchè la pioggia mi confinò in un caffè dove egli politicava tabaccando. Aspettami a casa senz'avere pranzato; quantunque il mio povero ragazzo s'inquieti perch'io mangi... – E domani sera? Ah!... ohimè!... un altro tuo bacio... mille... non reggo più... conviene ch'io m'immerga nella volutà di questa mattina... ch'io t'adori, ti baci, ti benedica... Addio Antonietta; non v'ha più riparo... tu devi amarmi per sempre, ed io... sacrificarmi tutto tutto a te eternamente. – Addio. Addio.

Il tuo amico, ecc.

40

Ascoltami, Antonietta; ti scongiuro di leggere attentamente queste poche righe e di rispondermi. Non posso più soffrire i miei tormenti; ragionevoli o irragionevoli non so, ma sento ch'io non li posso più soffrire. Io t'amo ardentemente e credo di non essere amato. Tu me l'hai predetto che la morte mi è necessaria, ed io nelle mie afflizioni e nella tua condotta vedo ogni giorno di più che mi conviene abbandonare tutte le speranze della vita. Ma v'è ancora un solo mezzo che mitigherebbe i miei mali. O il tuo amore di prima, o la tua schietta confessione. Forse nella disperazione di più possederti potrei darmene pace, e certamente ti lascerei quieta: tu saresti libera, e in quanto a me il tempo, la ragione e le disgrazie che forse mi aspettano potrebbero illanguidire questa tremenda passione che mi divora. No, mia Antonietta: io sono il tuo amante non già il tuo tiranno; sei pur troppo infelice, né meriti che l'uomo da te amato esacerbi i tuoi mali. Se hai bisogno di un nuovo amore io sono pronto a lasciarti libera, e morire, ma lasciarti libera. Devo io pretendere che tu comandi al tuo cuore, mentre io non posso comandare al mio, che ad onta di tante lagrime t'ama e t'amerà eternamente? Ma non mi rendere nemico a me stesso, noioso a te, ridicolo al mondo, trattandomi con un amore freddo, interrotto... peggiore per quest'anima veemente, sì peggiore dell'indifferenza e dell'odio. Amami dunque, o abbandonami. Ma s'io continuo in questo stato di sospetti, e di martirj... conviene ch'io prenda un partito; la morte: in verità non posso più. Tutte le mie forze sono prostrate, la mia ragione è morta, ed io sono in uno stato di malattia e di consunzione. Io so che tu non odj questo misero avanzo di vita, e forse ti è caro; ma se vuoi serbarlo, dammi la mia sentenza. Se tu mi confesserai di non amarmi più, io rispetterò la tua passione e la tua fama. Che se tu mi lasci ancora il tuo cuore, io m'abbandonerò a te con una cieca confidenza; bada però ch'io allora non mi veda umiliato o tradito: io morirò ed eseguirò i tuoi consigli. Addio intanto. Ti domando per l'ultima volta il tuo ritratto, non perch'io creda d'essere esaudito, ma per obbedire al mio cuore. Ricordati ch'io sono il piú sventurato degli uomini, ma ricordati nel tempo stesso ch'io sarò sempre e in tutti i casi il tuo più tenero e più leale amico. Addio. Addio.

45

Domenica ore cinque...

Vivendo con te, e scrivendoti, ti ho aperto tutto il mio cuore, e tu lo conosci; non ti annoierò più dunque nè con le mie lunghe lettere, nè co' miei lamenti,

perchè potrei involontariamente recarti dispiacere che non meriti. Beverò le mie lacrime nel mio secreto, e ti amerò aspettando la tua sentenza. Non oso crederti capace di mentire dopo la promessa fatta di non ritormi il tuo cuore che mi hai spontaneamente donato. Spero che la mia amicizia non ti avendo creato disonore, e conoscendo tu il mio carattere, non tenterai di avvilire né l'una né l'altro. Tu mi hai assicurato della tua lealtà, ed io riposo tranquillo, perchè tu non mi tacerai il giorno del tuo raffreddamento. Sei buona di cuore e non renderai infelice l'uomo che tu hai amato, e che ti amò con ingenuità, e ti amerà eternamente. Lo pagheresti di una profonda ingratitudine, mentr'egli nell'entusiasmo della tua passione per lui, ti ha ricompensato di riconoscenza e di amore. Addio; domani sarò forse da te; addio mio angelo, addio.

DAS CARTAS DE AMOR

À Antonietta Fagnani Arese

"Oh!... sim, eu a amo por quanto posso amar;
o meu coração não pode mais suportar tantas sensações."

UGO FOSCOLO

11

Quinta-feira à noite

No meu mísero estado eu não tenho outro conforto além de sua visão; e esse único conforto me foi mais uma vez roubado. Que inferno esta noite! Prometi a mim mesmo não perturbar nem as suas preocupações domésticas, nem a sua paz; e me esquivo de vê-la quando *Cecco*[1] está com você... e quando não está? Mas você choraria por mim se pudesse imaginar o quão doloroso é para mim este sacrifício. Há pouco tempo atrás eu teria rasgado meu coração: vagava de lá para cá, de palco em palco, e sempre tremendo. Oh! sinto que amar você me custa também alguns tormentos: mas não importa: um único olhar seu compensa tudo. – E como você estava linda essa noite! A sua fisionomia era apaixonante, os seus olhos tão brilhantes, e os seus lábios... quantas vezes tirei os meus olhos de você cheio de medo! Sim, minha imaginação e meu coração começam a fazer de você uma divindade... e... sofra que eu lhe repito isso... eu temo que, quando você se ver onipotente comigo, eu me tornarei a sua vítima, e amaldiçoarei os meus dias. Enquanto isso, eu devo lhe amar, sim... e lhe amar por tudo o que estará em mim, até o último suspiro. – Quando você, ao dançar, inclinou-se durante alguns minutos sobre a sua mão, eu olhava para você, e me parecia ler em seu coração os meus próprios males. Uma ilusão, talvez enganosa, me fazia acreditar que você me amasse

[1] Francesco Teodoro Arese, conde e cunhado de Antonietta. (n.e.)

como eu amo você... As lágrimas me vieram aos olhos, e eu me afastei para não ser visto por aqueles que estavam ao meu redor. Boa noite.

16

Como todo o universo vai se perdendo diante desses olhos, e tudo o que está ao meu redor me aborrece! Ontem à noite, Madame Monti[2] me repreendeu no seu palco; por muitos anos acostumado a vê-la, e todos os dias, faz quase uma semana que eu não vou ao encontro dela. E, na verdade, eu tenho uma grande gratidão a ela e ao seu marido. Ela me deu aquela pouca amizade que o seu coração pode dar; – mas eu não tive, nem jamais terei talvez um amigo mais caloroso e mais leal que Monti. Ele tem uma alma de fogo: e estou certo de que ele morreria de dor se eu lhe fizesse acreditar que ele tem alguma razão para não me amar. – E ainda assim eu me esqueci de todos! A minha existência, os meus pensamentos, tudo, tudo é consagrado somente a você. Você fez bem, minha doce amiga, em não vir ao jardim: estava frio; eu tremi só de pensar que você tivesse coragem de vir aqui. Conserva a sua juventude e a sua beleza: você é digna de possuí-las. Passarão! infelizmente; mas o seu coração ficará para sempre, e eu sempre vou amá-lo, e sempre vou procurá-lo. Antes de conhecer você de perto eu desejava o seu olhar, mas agora, por vezes, nem sequer penso nisso... Eu mergulho na querida ilusão de ter lhe feito sentir que você tem uma alma, da qual você talvez não tenha feito no passado todo o bom uso que poderia fazer, e que eu, eu a despertei e a possuo. Diga-me; posso eu abandonar-me de boa fé nessa ilusão? Escrevi a você anteontem e ontem; mas não tive qualquer resposta. Serão estes talvez importunos? Ai de mim se eu pudesse acreditar. Você me chama de *romance*[3], e talvez você tenha razão; mas não o sou por escolha... eu devo à natureza essa ardente imaginação e este coração, que me fizeram sofrer tantos tormentos, mas que jamais foram domesticados, nem pela experiência, nem pelos infortúnios. Adeus. Adeus. Tenho que lhe escrever muitas outras coisas, mas não me sinto bem. Estou com muita dor de cabeça, e temo que esta noite eu seja uma péssima companhia. Para amanhã não há nada: direi a você o porquê, e você vai concordar comigo que eu tenho razão. Espero ter encontrado para depois de amanhã um lugar estável e secretíssimo. Amanhã à noite saberei lhe dizer. Se o tempo estiver bom eu vou estar no jardim por volta das dez horas; mas você não se arrisque se o dia não

---

[2] Teresa Pickler Monti, esposa do poeta Vincenzo Monti. (n.t.)
[3] Provavelmente um dos epítetos afetuosos que Antonietta dava a Foscolo. (n.e.)

for quente e se você não se sente realmente bem. Sobre Madame Delac não pense também. Adeus. Adeus.

18

Sexta-feira, cinco horas...

Prepara-me mil beijos, que eu virei hoje à noite para sugá-los de sua boca celestial. Oh, momentos de paraíso! Eu vos espero com grande ansiedade; durais tão pouco! e depois me abandonais novamente a este terrível vazio, a esta profunda tristeza, a este esquecimento de todo o mundo... – Você sabe que quarta-feira o correio partiu sem cartas para minha mãe?

Oh, minha filósofa! Você me comoveu tanto no outro dia com a sua carta escrita em meio às dores, e realmente você está certa: a flor da vida se descolore tão cedo! E a nós dois, minha Antonietta, restam ainda poucos anos; sentimos muito; e a alma nos devora o corpo, enquanto para a maioria dos mortais o corpo enterra a alma. Por outro lado, a sua saúde infeliz, que também faz de você mais amada para mim, não lhe promete muitas horas felizes... e para mim os infortúnios, e a triste experiência, e a maldade dos homens, e a melancolia que domina todas as minhas faculdades, me advertem que o tempo do prazer está quase no fim para mim. Não importa: nós nos amamos, e honestamente, ardentemente; não basta? Devo dizer a você a minha única promessa?... quando os seus suspiros se transfundem em minha boca, e eu me sinto premido pelos seus braços... e as suas lágrimas se confundem com as minhas... e ... sim; eu invoco a morte! o medo de perder você me faz desejar que a vida naquele momento sagrado se apague em nós insensivelmente, e que um túmulo nos mantenha unidos para sempre... – Deixa, deixa que eu distancie você desses pensamentos... por que eu devo amargar a alegria de sua juventude?... por que devo eu derramar a minha melancolia sobre a volúpia feita para a sua alma angelical e para a sua celestial beleza?

Que opinião você tinha formado a respeito da minha maneira de amar? ela melhorou ou você ficou decepcionada? você me acreditava mais ardente? mais discreto? você se ocupou comigo mais por fatalidade do que por vocação? E agora o que você pensa disso? – Quantas perguntas! Mas é tão fácil respondê-las que eu acho que não vão entediar você; e você é tão ingênua que não ficará constrangida ao me dizer a verdade. Para mim, eu encontro em você mais do que eu esperava: acreditava ver em você muito capricho e pouco sentimento, e eu me enganei... Eu encontro ainda uma certa delicadeza que não descobri em nenhuma outra mulher, e uma bondade que não sei como se combina com a

sua inteligência. Adeus. Adeus. Espere, leia com mais atenção essas outras duas linhas.

Antes das oito eu vou passar... Se a primeira janela estiver aberta entrarei na sala da Teresina[4]... e se não... – a janela estará aberta, meu coração me diz isso... Se estivesse fechada, eu... irei de qualquer maneira.

19

Sábado, antes do jantar

Você está certa, portanto, que eu a amo, ó celestial criatura? Oh!... sim, eu a amo por quanto posso amar; o meu coração não pode mais suportar tantas sensações. Eu sinto a paixão onipotente dentro de mim... eterna! Sim, eu amo você. Eu estava esperando dos seus beijos algum alívio; mas, pelo contrário, ardo cada vez mais... O sorriso fugiu dos meus lábios; e a profunda melancolia que me domina não me deixa a não ser quando eu vejo você... e vejo você vir tão amorosa em minha direção para me fazer confessar como, apesar de tantos males, a vida é preciosa. Mas eu... tremo! O que você fará comigo agora que você está segura de seu poder? Abandonar-me-á às lágrimas e ao desespero? você se tornará fria para comigo? – Eu sei que me seriam úteis as artes da libertinagem para me fazer amar mais: eu deveria fingir menos ardor para irritar o seu amor próprio, eu deveria... ah! A minha razão conhece todas estas artes, mas, infelizmente, o meu pobre coração não sabe fazer aliança com a minha razão. Eu o entrego inteiro a você... eu espero que você não seja capaz de traí-lo. É verdade, minha cara, eu tenho medo do seu amor, porque em seus princípios foi muito impetuoso, porque você é muito bonita, ou muito rodeada pelo belo mundo no qual você se perde, porque... mas com tudo isso eu não acredito que você seja tão má para me deixar cruelmente: quando o amor se esfriará em você, eu posso me iludir, ó Antonietta, que a compaixão e a gratidão falarão a você em favor de seu amigo? Sim, eu me iludo disso, porque o seu coração é bem feito... porque eu não mereço ser traído. Amei você e amo você com toda a lealdade e a delicadeza da virtude... Eu me entreguei inteiro a você... em minhas próprias desconfianças eu escolhi antes ser traído do que não acreditar em seus juramentos. Responda-me honestamente, ó minha amiga; e responda-me com toda a efusão de sua alma. Sua paixão por mim esfriou?... Oh, terrível ideia! Mas me responda. Não tema, de minha parte, nem censuras, nem excessos... Eu chorarei, eu morrerei, mas sempre respeitando a sua re-

---

[4] Teresina Borroni: camareira de Antonietta. (n.e.)

putação. Eu derramarei o último suspiro sobre as suas cartas. E direi, lendo-as: minha Antonietta algumas vezes também me deu todo o seu coração e confundiu suas lágrimas com as minhas. Enquanto isso, ouça: nenhuma mulher pode gabar-se de ser tão amada por mim. Amei, é verdade, mas não sabia que podia amar tanto; os meus amores passados tiveram ou personagens romanescos, ou com alguma mulher da alta sociedade, as de libertinagem; mas com tanta paixão, com tanta ingenuidade, com tanta verdade eu nunca amei. E não amarei jamais! Eu vou repetir, ó Antonietta, este juramento: você será a última mulher que eu amarei, e depois de você, nada mais me terá senão a solidão, ou a sepultura.

Responda-me. Adeus.

22

Segunda-feira, onze horas

Paz com o pobre Ortis[5]; e não poderia você, minha mulher, fazer nascer um outro... e talvez melhor? Eu agradeço a você, celestial criatura, pelas sensações que me faz sentir; recolho-as no meu coração como coisas preciosas; um dia me serão companheiras na solidão... eu escreverei com a imaginação inteiramente cheia desses dias abençoados que eu vivo com você; e todas as minhas ideias e minhas palavras terão aquela verdade e aquele calor que se busca em vão estudando, e que não se encontra a não ser depois de se sentir as paixões.

No entanto, convém que eu recomece a estudar. Prometo-me isso todos os dias, e depois volto sempre ao amanhã. Você sabe que eu não faço nada? exatamente nada. Além disso, não percebo estar ocioso... mas quando o coração faz você esquecer os tédios da vida, por que recorrer à inteligência? – E à glória? por ora, deixo-a para Bossi[6].

Devagar, Antonietta; não lhe disse mentira nesta última linha, mas também não disse a verdade. Eu amo a glória... eu, muitas vezes, dela sinto a fúria... – Convém, em suma, que eu estude...: uma vez que não podemos nos tornar grandes pelos fatos, tentemos com os escritos. – Mas que escritura sem propósito!

Se você, ao receber esta carta, esfregou-a para escondê-la... você fez errado. Existe dentro dela o perfil do Ortis: nela você verá o contorno de Ugo Fos-

---

[5] Jacopo Ortis, personagem do romance epistolar *Ultime lettere de Jacopo Ortis* [As últimas cartas de Jacopo Ortis]. Clara evidência da intersecção entre autor e personagem. (n.t.)

[6] Giuseppe Bossi (1777-1815), secretário da Academia de Belas Artes de Milão, pintor e poeta. (n.e.)

colo, e a filosofia de São Luís. – Adeus por ora... o chá começa a ficar frio. Adeus.

24

Desde as doze, chove, chove... e são quase três e continua a chover. Não vim, certo de que seu marido teve pouca intenção de sair, e que a General[7] importunou você durante toda a manhã. Por outro lado, não dormi durante toda a noite; adormeci na madrugada e acordei um pouco antes das onze, e não muito bem.

Oh, como, minha doce amiga, delirei suavemente toda a noite com você! A vigília não me pareceu nem dolorosa nem longa, porque todos os meus pensamentos estavam repletos de você. Eu errei sempre de ilusão em ilusão bendizendo você; quantas vezes suspirei diante de seu nome, e repeti muitas partes de suas cartas que eu sei de cor, agradecendo-lhe, minha Antonietta, com as minhas lágrimas. Loucuras, talvez! Você as considera loucuras? mas eu amo você... sim, ouça-o, eu amo você; ouça-o mil vezes. Nem o céu, nem os homens, nem a fortuna poderão roubar-me nem mesmo uma centelha do fogo celestial com o qual você inflamou meu coração... Será magnífico para mim o pranto por você; e escolherei, de preferência, unir meu cadáver ao seu, antes que sobreviver glorioso e feliz sem você.

E você sabe, minha querida, que eu tenho medo do dilúvio neste *verdadeiro vale de lágrimas*?... Treze dias que chove; os rios estão transbordando: diabos! que bonita é a natureza! afoga em poucos minutos os homens que ela pretendeu beneficiar por tantos anos. Se Milão ficasse inundada, eu gostaria naquele momento de estar em sua casa. Teríamos a Arca de Noé em seu quarto.

E amanhã? Chova quanto quiser, eu irei vê-la; lembre-se de ficar de prontidão. Talvez hoje você também estará lá, esperando por mim. Mas espero que não doa em você, se eu não vir, especialmente com aqueles maus humores de ontem à noite. Amanhã é sexta-feira; se eu pudesse aproveitar a falta do teatro e insinuar-me no quarto de sua serviçal? Se isso lhe parece possível, faça-me saber pela Teresina com um bilhetinho; a esperarei no mesmo café, ao meio-dia em ponto. Escreva-me como e quando; mas precisaria se livrar de seu marido por toda a noite; e assegurar-se da entrada e da saída da porta. Infelizes aquelas

---

[7] Não existe uma indicação precisa a respeito de quem se trata. Provavelmente refere-se à esposa do General Claude Petit, que morava próximo à Antonietta e sabia da relação amorosa entre Foscolo e Antonietta. (n.t. a partir de n.e.)

duas porteiras; parecem as nutrizes do cão Cérbero no inferno. Começo a ver que o empenho será desastroso: eu farei o que você quiser; de todo modo, depois que a Teresina me deixar amanhã de manhã, não deixe passar que eu aproveitarei. Combinaremos melhor. – Mas se o seu marido não quisesse sair? Oh, minha Antonietta! também as esperanças, único conforto da vida miserável, vão se amargando para mim. Se ele não quisesse sair, irei até o Greco[8]: terei paciência; estarei pelo menos entre as mesmas paredes. Para não dar muito na vista, eu acho que não virei *publicamente* antes de domingo. Aproveitarei o tempo da missa: se fizer bom tempo, nos veremos em outro lugar. Escreverei a você. Em suma, eu vou dizer outra vez; escolha qual desses projetos você quer; eu sempre vou fazer o que você quiser.

Espero que você tenha escrito para mim, e me faça saber com mais detalhes a sua conversa com aquele cara de cão[9]. Não deveria queixar-se, pois o trato à *homérica* com as frases; não gostaria que me induzisse a tratá-lo como Tersites[10], como ele é, com as obras: esses heróis estavam sempre prontos, e eu tenho o que fazer com os Gregos, e li que tenho os cabelos e a ira de Aquiles. – Adeus por ora. Ama-me; lembre-se de que me abandonando você me perderia para sempre, ou, se eu pudesse sustentar a vida, a sustentaria perpetuamente infeliz. Adeus, adeus, minha querida e única amiga. Adeus, meu eterno amor.

27

Você não vai querer me confiar as suas tristezas, Antonietta; pelo contrário, você vai querer gemer em segredo, em vez de dividir comigo suas lágrimas. Mereci eu essa desconfiança? pode você me acusar de pouca delicadeza, mesmo nos meus ímpetos da alma? a minha índole selvagem e veemente não se amansou com uma palavra sua? Eu temo que o seu marido lhe tenha falado de mim com frequência; e falado como marido,... mas hoje... eu tenho certeza que ele, depois da minha partida, tenha reprovado a minha longa visita. No seu súbito mau humor, em suas respostas curtas, interruptas, na sua própria fisionomia, eu lia a impaciência para que eu partisse. É por isso que eu deixei você logo que ficamos a sós... para que ele, naqueles poucos minutos, não tivesse motivo para envenenar ainda mais as suas suspeitas. – Mas você cruel, não quer me dizer nada... ai; sinto também a minha infelicidade quando penso no modo obscuro e cauteloso com o qual você me trata. Você me abandona em

[8] Personagem recorrente nas cartas, provavelmente era um empregado e residia na casa Arese. (n.t. a partir de n.e.)
[9] Modo como Aquiles injuria Agamenon no canto I da *Ilíada*. Não se sabe a quem Foscolo se refere. (n.e.)
[10] Isto é, batendo nele, como Ulisses faz com Tersites no canto II da *Ilíada*. (n.e.)

mil dúvidas que são mais dolorosas do que todas as desventuras que você pudesse me contar. Não me atrevo a repreender-lhe mais: mas eu seria dissimulador se eu não dissesse a você que estou com medo... o seu amor, ele está ardente como antes? O meu é tal que se você não me amasse mais... eu não sei o que seria de mim... mas se você tiver esfriado, pelo amor de Deus, me avise... eu lhe suplico pelo amor que você tantas vezes me prometeu, me avise: não tenha medo. Eu serei o amante mais infeliz que você já teve, mas o amigo mais discreto.

Amanhã à noite no teatro.

30

Ver você sempre, sempre... se eu tivesse que viver assim longe de você, renunciaria de bom grado a todas as outras esperanças da vida... – O que você sente hoje? – para mim, ainda não definhou aquele fogo terrível que me devorava... me sinto queimar sempre mais, e me parece ter um aperto no coração... ai de mim! que hora divina! e como ela escapou!

Se você me visse, eu pareço um desmemoriado, ou um sonâmbulo que sonha. Às vezes, rio de mim... e às vezes, me vêm as lágrimas... Diabos! você sabe que eu tenho medo de enlouquecer! Não sei como eu escrevo... Andei o dia inteiro pela cidade. Aqui estou em casa depois das cinco.

Almoçaram... e eu tinha dito que voltaria para casa depois das duas... em vez disso, me perdi ao jogar bilhar com o Greco, porque a chuva me confinou em um café onde ele *politicava tabacando*. Espere por mim em casa sem almoçar; embora o meu pobre rapaz se inquiete para que eu coma... – E amanhã à noite? Ah!... ai de mim! ... um outro beijo seu... mil... não aguento mais... convém que eu mergulhe na volúpia desta manhã... que eu lhe adore, lhe beije, lhe bendiga... Adeus Antonietta; não há mais solução... você deve me amar para sempre, e eu... me sacrificar todo, todo a você eternamente. – Adeus. Adeus.

Seu amigo, etc.

40

Ouça-me, Antonietta; rogo-lhe que leia atentamente estas poucas linhas e responda-me. Não posso mais suportar os meus tormentos; razoáveis ou não, não sei, mas sinto que eu não posso mais suportá-los. Eu amo você ardentemente e eu acredito não ser amado. Você me disse outrora que a morte me é

necessária, e eu, em minhas aflições e na sua conduta, vejo todos os dias, cada vez mais, que me convém abandonar todas as esperanças da vida. Mas ainda há uma única maneira que apaziguaria os meus males. Ou o seu amor de antes, ou a sua sincera confissão. Talvez no desespero de lhe possuir mais, eu poderia me dar paz, e certamente lhe deixaria quieta: você estaria livre, e, quanto a mim, o tempo, a razão e as desgraças que talvez me esperam poderiam enfraquecer esta tremenda paixão que me consome. Não, minha Antonietta: eu sou o seu amante, não o seu tirano; você é por demais infeliz, nem merece que o homem por você amado exacerbe os seus males. Se você precisa de um novo amor, eu estou pronto para deixar você livre, e morrer, mas deixar você livre. Devo eu exigir que você comande o seu coração, enquanto eu não posso comandar o meu, que, apesar de tantas lágrimas, ama e amará você eternamente? Mas não me faça um inimigo de mim mesmo, entediante para você, ridículo para o mundo, tratando-me com um amor frio, partido... pior para esta alma veemente, assim pior que a indiferença e o ódio. Ama-me, portanto, ou me abandone. Mas se eu continuo neste estado de suspeita e de martírios... convém que eu tome uma parte; a morte: na verdade, eu não posso mais. Todas as minhas forças estão prostradas, a minha razão está morta, e eu estou em um estado de doença e destruição. Eu sei que você não odeia este miserável resto de vida, e talvez lhe seja de estima; mas se você quer preservá-lo, dá-me a minha sentença. Se você me confessar que não me ama mais, eu respeitarei a sua paixão e a sua reputação. Se você ainda me deixa o seu coração, eu me abandonarei a você com uma cega confiança; cuide, porém, para que eu não me veja, então, humilhado ou traído: eu morrerei e seguirei os seus conselhos.

Adeus, por enquanto. Peço-lhe, pela última vez, o seu retrato, não porque eu acredite ser atendido, mas para obedecer ao meu coração. Lembre-se que eu sou o mais infeliz dos homens, mas lembre-se, ao mesmo tempo, que eu serei sempre, e em todos os casos, o seu mais terno e mais leal amigo. Adeus. Adeus.

45

Domingo, cinco horas...

Vivendo com você, e escrevendo-lhe, abri todo o meu coração, e você o conhece; não lhe aborrecerei mais nem com as minhas longas cartas, nem com os meus lamentos, porque eu poderia inadvertidamente trazer para você desprazeres que você não merece. Beberei as minhas lágrimas no meu segredo, e amarei você, esperando a sua sentença. Não me atrevo a acreditar que você seja capaz de mentir depois da promessa feita de não retirar de novo o seu coração

que você espontaneamente me doou. Espero que a minha amizade, não lhe tendo criado desonras, e conhecendo você o meu caráter, não tentará humilhar nem uma coisa nem outra. Você me assegurou a sua lealdade, e eu descanso tranquilo, porque você não deixará de me falar no dia que você esfriar. Você é boa de coração e não tornará infeliz o homem que você amou, e que amou você com ingenuidade, e amará você eternamente. Você o pagaria com uma profunda ingratidão, enquanto ele, entusiasmado pela sua paixão por ele, recompensou você com gratidão e amor. Adeus; amanhã talvez estarei na sua casa; Adeus, meu anjo, adeus.

memória

(n.t.) | Ouro Preto

Vozes do Esperanto

Antologia

O texto: "Vozes do Esperanto" reúne 14 poetas e escritores em esperanto, de diversas nacionalidades, mediante uma seleção que abarca mais de um século de literatura produzida em Esperanto, língua criada em 1887 por Ludwik Lejzer Zamenhof.

Textos traduzidos: de H. Dresen, *Norda Naturo* (1967); A. Logvin, *Sur la vivovojo* (1964); V. Skaljer-Race, *Maristo surmaste* (1969); C. Conterno Guglielminetti, *Eta vivo* (1969); E. Urbanová, *Nur tri kolorojn* (1960), W. Auld, *Unufingraj melodioj* (1960); R. Passos Nogueira, *Vojo kaj vorto* (1972); J. Camacho, *En la profundo* (2013); B. Philippe, *Verse reversi* (2015); N. Ruggiero, *Kanto de l' korvo* (2014). E também: *Esperanta Antologio 1987-1981*, redigido por William Auld, e publicado em 1984.

Os autores: A literatura em esperanto costuma ser dividida em períodos, que variam segundo os críticos. Nesta pequena antologia aparecem poetas que floresceram entre as duas guerras mundiais, como o popular poeta húngaro Julio Baghy (1891-1967), a poeta da natureza, a estoniana Hilda Dresen (1896-1981), o ucraniano Aleksandr Logvin (1903-1980), cuja obra apenas pôde ver a luz décadas mais tarde, e o vanguardista letão Nikolai Kurzens (1910-1959). Após a 2ª Guerra Mundial, a poesia moderniza-se nas formas e temas: a iugoslava Vesna Skaljer-Race (1911-2000), a italiana Clelia Conterno Guglielminetti (1915-1984), a tcheca Eli Urbanová (1922-2012) e o grande poeta escocês William Auld (1924-2006) são bons exemplos. Nos anos 1970 publicaram a poeta grega Despina Patrinu (1930-), a húngara Éva Tófalvi (1947-) e o brasileiro Roberto Passos Nogueira (1949-). Finalmente, o alemão Benoît Philippe (1959-), o espanhol Jorge Camacho (1966-) e o italiano Nicola Ruggiero (1986-) mostram a poesia atual.

O tradutor: Suso Moinhos (Vigo, Galícia) é graduado em Filologia Galega pela Universidade de Santiago de Compostela, onde ministrou aulas de esperanto. Atualmente é estudante de pós-graduação de Interlinguística na AMU em Poznań, Polônia. É um dos redatores da revista literária *Beletra Almanako* e acaba de publicar seu primeiro livro de poemas, *Laminarioj*.

Contato: http://suso-moinhos.webnode.pt/

VOZES DO ESPERANTO

VOĈOJ DE ESPERANTO

VOĈOJ DE ESPERANTO

"Kiu kunligis al mi la manojn,
je libero se pleje mi sopiras."

POEZIA ANTOLOGIO

[Julio Baghy]

RAN-KVARTETO

Dediĉata al la plendantaj nenifarantoj

Sub tegmento staris kuvo
dum somera densa pluvo,
sed tegmento baris pluvon,
pluvo falis apud kuvon,
ĉar el pluvo kuv' ne havis,
pro l' soifo ranoj kvakis:

Kvavak kvavak kvak kvak
akva kuvo, akva kavo
kvak kvak kvak
kvakas ni al Akvoavo
kvak kvak kvak
kvar kvakantoj kvardekvoĉe
kvartet-kvakas plenriproĉe
pro mankhav' de l' kava kuvo
en la akvokuv' sen pluvo
kvak kvak kvak!!!!!

Kvavak kvavak kvak kvak
kava kuvo vane vakas
kvak kvak kvak
Kvankam ni por pluvo kvakas
kvak kvak kvak
kvodlibet' de hor' kvakanta
en la kuva kav' vakanta
kvakas kvere: Akvoavo,
akvon al la kuvokavo
kvak kvak kvak!!!!!

Tio pruvas, se dum pluvo
staras sub tegment' la kuvo,
ranoj vane kvaki povas,
se je salto sin ne movas.
Do ne kvaku kiel ranoj,
karaj gesamideanoj!

[Hilda Dresen]

ERIKO

Floras la eriko, floras la eriko!
Bonodoro rava kaj abela zum'.
En kviet' mirinda sole ĉi muziko
kaj kareso milda de l' aŭtuna sun'.

Sidu nun aŭ kuŝu, kaj vi kvazaŭ dronas
en la lilaj ondoj de l' eriko-mar'.
Tuta erikejo nun por vi aromas,
dum vi tiel kuŝas meze de l' florar'.

Sed memor' min kaptas kaj kun ĝi doloro
ŝiriĝanta kiel vea kri' el mi:
Ho, se povus iu, kiun baras foro,
sur la erikejo kuŝi kiel mi.

[**Aleksandr Logvin**]

PAPILIOJ

Estas mi papili'...
MIHALSKIJ

Legis mi, ke estas
la anim' — senmorta,
kaj de tiam, strange,
sentis min pli forta.

Tiel same sentas
ankaŭ papilioj
kiuj petoladas
super la lilioj.

Jes, la homo scias,
ke la viv' surtera
de la papilioj
estas efemera,

li sin okupadas
tamen pri vantaĵoj,
inter ili ankaŭ
pri esperantaĵoj.

[Nikolai Kurzens]

ESTI BESTO POR HORO!

Lasu,
ja lasu min foje!
Vi vidas ja:
hodiaŭ
deprenis mi
kaj disŝiris
la blankan, rigidan kolumon de l' Deco,
kaj la Moralo-kravaton
pendigis ĉe l' mur' de l' Forgeso.
Lasu!
Finfine
ja hom' nur mi estas,
ja
deziras mi ankaŭ
esti besto por horo
kaj leki sangon!

[Vesna Skaljer-Race]

"Kiam eniris mi ĉi talpokoridoron"

KIAM eniris mi ĉi talpokoridoron,
se tiom la sunon mi ŝatas.

Kiu kunligis al mi la manojn,
je libero se pleje mi sopiras.

Ĉirkaŭ mi mallumo,
eĉ lumstrio ne penetras ĝin,
ne forĝas steletojn el polveroj,
ja eĉ polvo ne ekzistas,
ĉio estas peza,
densa,
sufokas la mallum'.

Mi neniam eniris ĉi talpokoridoron.
La sunon ja ŝatas mi tiom.

Kaj tamen
ie subtere mi estas.

Sen lumo, sen brilo,
nur ĉie mallum'.

[Clelia Conterno Guglielminetti]

LAJKA

1957

Lajka, hundino kun rigardo sprita,
vojaĝas tra la steloj kaj ne scias:
kion ŝi vidas, restos en sekreto...
Lajka, simpla kaj eta kaj naiva,
ho terurege sola estulino,
al vi similas
infano mia, kiam li dormadas
kaj vojas tra la steloj kaj ne scias:
kion li vidas, restos en sekreto.
En timiga soleco
la estaĵeto mia
vivas l'intiman dramon de la dormo,
ŝvebante en senlimo,
subtila sendefenda kreitaĵo.
Kaj kiam li revenas,
kiel vi, Lajka, se vi do revenos,
li havas la sekretojn de la steloj
en la pupila nigro,
li havas en l'oreloj,
konketoj rozkoloraj,
la zumon eternantan de la kosmo,
sed li ne povas diri,
li scias ĉion kaj nenion scias,
kiel vi, Lajka.

[Eli Urbanová]

ANSTATAŬ DORMI

Matene en la tramo,
sur strato, sed plej ofte
dum maldormado nokte
mi pensas pri la amo...
Matene en la tramo,
sur strato...

Kaj ju pli da abrupto
mi aŭdas dissplitiĝi,
des pli mi pensas pri ĝi...
Pri amo, ne volupto...
Kaj ju pli da abrupto
mi aŭdas...

Kaj urbo apatie
mienas jen kaj homoj
parolas nur pri mono...
Mi pensas pri ĝi... Tiel...
Kaj urbo apatie
mienas...

Pri amo, kiu ligi
nin ŝajnas plu, pri tiu...
Kaj mi ĝojegas, sciu,
kaj povus min mortigi...
Pri amo, kiu ligi
nin ŝajnas...

[William Auld]

VI ESTAS MARO

Vi estas maro, kiun mi navigas
sen kompasnadlo, sed kun gvidaj steloj;
sur via sino hula min kavigas
ventegoj, aŭ min lulas zefirpeloj...

Kaj malgraŭ fridoj, spite al la tromboj,
animo mia ĝojas sur l' ondaro:
Mi volas veli plu sur viaj ondoj,
kaj fine droni, droni en la maro...

[**Despina Patrinu**]

ABELO KISIS MIN

L'animoj turmentitaj kien iras?
Kien la juneco subpremita?
La perfiditaj revoj kie vagadas?
La larmoj de la laca maljunulo?
Kruda la tero kiu absorbas ĉion?
Pezaj la muroj estas de mia domo.
Timemaj paseroj al mi teraso alvenas,
trinkas akverojn kaj forflugas:
– Homo ŝi estas, fratoj, rapidu,
homo ŝi estas, fratoj, ne fidu. –
Hundon fidelan iam mi havis...
Kien l'animoj de la hundoj iras?
De senhejmaj hundoj la plendon kiu konsolas?
Peza la vivo pasas kaj perdiĝas.
Paseroj superflugas kaj foriras.
Tamen hieraŭ, jen, abelo alvenis,
trinkis el la telero akveron,
tuŝis al mi la lipojn, kaj tiel zumis:
– Mi scias la serenan landon,
kie l'animoj iras de la hundoj.
Nenio perdiĝas.
La tero larmojn ne absorbas nek sopirojn.
Larmoj, sopiroj, velkintaj floroj,
plendo pro la perdita vivo,
ĉio verŝiĝas en riveron de dolĉeco, tie,
kie feliĉa flosas ĉiu subpremita sento,
en tiu mistika lando,
kiun mi konas,
de profanaj okuloj fore, fore... –
L'abelo tiun sekreton al mi flustris
pro nura guto da akvo,
kisis al mi la lipojn
kaj promesis:

– Kiam vi mortos
per mia flugilo la okulojn al vi mi fermos
tiel tenere kiel mia kiso,
kaj kondukos vin al la mistika lando
al profanaj okuloj kaŝita.
Tie la vento
la forton havas nur de mia zumo.
Vian amatan hundon tie vi trovos.
Ĉiuj larmoj tie forgesitaj,
gutoj estas en la rivero de dolĉeco. –
Abelo al mi la lipojn kisis
pro guto da akvo en telereto,
abelo kisis min kaj promesis.

[Éva Tófalvi]

MALANTAŬ LA FENESTRO

Vesperiĝas
Sur nekonataj vojoj
vagabondas l' animo
sur benitaj stelhavaj vojoj
kie ne devas
ruĝiĝi vangoj
balbuti lipoj
pro sentoj hontindaj
pro sopiroj kaŝindaj
Trapasas ĝi la loĝkvartalon
uniformitajn blokojn
polmograndajn parkojn
kure atingas
larĝan prerion
kie ĝi paciĝas
brakumas la tutan firmamenton
kaj rememoras
rememoras pri libereco
Sed baldaŭ malfermiĝas pordo
la edzo
petas vespermanĝon
la infanoj
ekgapas televidon
Finiĝas la tago

[Roberto Passos Nogueira]

PEJZAĜO DE NORDORIENTO

I

Ĉi tie la grundo sekas
Kiel lango de fihundo
Soife mortinta.

Trosomere
La arbedoj blankas
Tordiĝe, ŝparas foliojn.
Ostaj bovoj snufas
Kie antaŭe kreskis saliko.
Sur la griza gruzo
Eĉ fiherboj mankas.

Verdas nur la dornaj kaktoj
Kiuj tenas intime l' akvon.

II

Ĉi tie la vivo akras
Kiel klingo de tranĉilo
Portita ĉe l' zono.

Trosomere
La kampuloj flavas
Tordiĝe, ŝparas parolojn.
Ostaj knaboj ludas
Kie antaŭe kreskis manioko.
En la pajla domaĉo
Eĉ fivermoj fastas.

Nur festas la grandaj bienoj
Kiuj l' akvon avare rezervis.

III

La kampulo el kakto trinkas
Por la bienisto eklaboras.

Trosomere
Nur bienoj floras.

[Benoît Philippe]

LA VIVO

al Nicolino Rossi

de faltuloj al junuloj
flegme sensinue
devas la vivo nomadi plue
senadiaŭe senenue

kion vi ĵus ekregis
tion jam morgaŭ regos
la aliaj
la kunlanugaj

la kanto kiun vi hieraŭ
zumis venko-fiere
volas jam morgaŭ
de pli lindaj lipoj disflugi

kaj momentojn de vi foriĝintajn
vi povas vidi
kiel ekzalte ili reeruptas
lafo-fonte de la kokso-lululoj

pro tio vi kor-krize
devas vane almozi
devas suferi
ke vi mudas kaj disdrivas

la vivo — iam ĝi venis kapriole
kaco-kaĵole
nun ĝi salutas
nur obole fuŝ-evite

kaj tuj galopas al junuloj

[Jorge Camacho]

LA REVOLUCIO

[*La revolucion oni ne televidigos.*
Gil Scott-Heron]

ĝi

okazos senatende

la ŝtalaj piramidoj disfalos

iuj rekomencos tajli ŝtonan plugilon
aŭ eble nur ŝtonan vundilon

homoj mencios la multajn mortojn, la multajn perdojn
sed neniu nomos tion revolucio

la revolucion neniu alportos kiel torĉon

ĝi venos unu matenon
senpionire

la granda ĉeso

[Nicola Ruggiero]

OKAZIS IAM

Okazis iam ĉe la mateniĝoj
ke mi nur randis side ĉe la lito
rigardis ĉion, ĉirkaŭ mi, sengusta.
Mi mortis, kun aliaj kadavraĉoj
mi kredis atingita jam la vivon:
salajro kaj loĝejo kaj manĝaĵoj,
kaj ĉio brakumata de l' vakuo,
mi iom sentis, mi neniom amis,
kaj nul signifis, kaj nenion celis.

Okazis tiam ke mi vundis vorte,
forlasis revojn kaj mil ambiciojn,
forgesis ĉarmi kaj rideti iel,
mi volis formortigi mian patron
kaj ĉiun kiu ne samopiniis,
ĉar ĉiuj dioj kaj esperoj mortis,
jen mi sen li, sen ŝi kaj for de ĉio,
kun Dylan Thomas sur la lipoj vinaj,
kor' mia dezertiĝis en mallumo.

Mi sidis rande de la fenestrego
direkta al la nordo, kaj fumaĉis,
mispensis pri la vivo, pri la sorto,
rimarkis ke mi iam povis flugi
same leĝere kiel fum' cigareda
kaj l' emo salti, sekvi la ventegon
tentaĉis emocie kaj altire:
sed mi stultul' forĵetis cigaredon
kaj fek al viv', decidis mi pluvivi.

VOZES DO ESPERANTO

“Quem me atou as mãos,
se desejo mais que nada a liberdade.”

ANTOLOGIA POÉTICA

[Julio Baghy]

QUARTETO DE RÃS

Dedicado aos que reclamam e não fazem nada

Sob as telhas uma tina
na chuvada matutina
não se enche, pois da esquina
a pingada não atina,
e protestam contra a seca
as sedentas pererecas:

Coá-coá coá-coá coá coá
quão aquático é o quadro
coá coá coá
quanto chove aí no adro
coá coá coá
quatro equânimes batráquios
em quarteto no seu pátio
consequentes, água à sina
pedem para a sua tina
coá coá coá!!!!!

Coá-coá coá-coá coá coá
neste esquálido aquário
coá coá coá
com compasso quaternário
coá coá coá
cantam quatro rãs loquazes,
contra a quarentena a frase
de antiquada sonatina:
Deus da Água, enche a tina
coá coá coá!!!!!

Isto prova que se chove
e o telhado o balde cobre,
coaxando nada mudam
as rãzinhas se não pulam.
Deixem pois as coaxadas,
meus queridos camaradas!

[Hilda Dresen]

QUEIROGA

Floresce a queiroga, floresce a queiroga!
O arroubo do aroma, abelhas na flor.
Numa paz sublime a harmonia joga
com leves carícias do outonal calor.

No meio, deitada, abalo submersa
no mar de ondas roxas do meu queirogal.
O doce perfume o campo dispersa
pra mim, estendida entre flores no val.

Mas volta a lembrança e uma dor arrasta
que me rasga a gorja c'um lamento ruim:
se pudesse aquele que a distância afasta
aqui nas queirogas jazer junto a mim!

[Aleksandr Logvin]

BORBOLETAS

Sou uma borboleta...
MIHALSKIJ

Li que é a alma
algo que não morre;
desde então, é estranho,
sinto-me mais forte.

E o mesmo sentem
essas borboletas
revoando alegres
entre as violetas.

Sim, o homem sabe
que a vida sucede
para as borboletas
dum jeito bem breve,

e no entanto trata
de vaidades vagas,
como, por exemplo,
das esperantadas.

[Nikolai Kurzens]

SER BESTA POR UMA HORA!

Deixe,
vai, me deixe em paz!
Veja só:
hoje
eu tirei
e rachei
o branco e rijo colar da Decência
e a gravata da Moral
pendurei-a no muro do Olvido.
Deixe!
Afinal
apenas sou um homem
e
queria no entanto
ser besta por uma hora
e lamber sangue!

[Vesna Skaljer-Race]

"Quando entrei nesta toca"

QUANDO entrei nesta toca,
se gosto tanto do sol.

Quem me atou as mãos,
se desejo mais que nada a liberdade.

Escuridão a meu redor,
nem um raio de luz a fende,
nem forja estrelinhas com pó,
pois o pó mesmo não existe,
tudo é pesado,
denso,
escuridão abafante...

Nunca entrei nesta toca.
Adoro tanto o sol.

E porém
jazo algures debaixo da terra.

Sem sol, sem luz,
apenas trevas.

[Clelia Conterno Guglielminetti]

LAIKA

1957

Laika, cadela de olhares vivos,
viaja entre as estrelas sem sabê-lo:
o que ela espreita ficará em segredo...
Laika, ingênua e simples e inocente,
terrivelmente sozinha na vida,
a você assemelha
meu menino quando está dormindo
e vai pelas estrelas sem sabê-lo:
o que ele enxerga ficará em segredo.
Numa solidão atroz
o meu nenenzinho
vive o íntimo drama do sono,
pairando no infinito,
frágil criatura indefesa.
E quando então regressa,
como você, Laika, se você voltar,
ele guarda os segredos das estrelas
nas suas pupilas negras,
e guarda nas orelhas,
conchinhas cor-de-rosa,
a música eterna do espaço,
mas não pode dizê-lo,
ele sabe tudo e não sabe nada,
como você, Laika.

[Eli Urbanová]

SEM DORMIR

Naquele bonde, bem cedo,
naquelas ruas abertas,
ou pelas noites, desperta,
é no amor que eu só penso...
naquele bonde, bem cedo,
naquelas ruas...

E quanto mais eu vejo
desatinos, contrassensos,
tanto mais no amor eu penso...
No amor, não no desejo...
E quanto mais eu vejo
contrassensos...

E a cidade de apatia
mostra a face, e a gente
só nos cobres tem a mente...
E eu penso... Só queria...
E a cidade de apatia
mostra a face...

No amor que se diria
nos unir ainda; escuta:
eu contente e resoluta,
mesmo a vida tiraria...
No amor que se diria
nos unir...

[William Auld]

VOCÊ É MAR

Você é mar por onde eu navego
levando estrelas tão só como guia;
no colo teu procuro o aconchego
enquanto sopra forte a nordestia...

Quer bata o frio, quer as fortes trombas,
a minha alma goza-se vogando:
eu vou singrar além nas tuas ondas
e afogar no fundo do oceano...

[Despina Patrinu]

ME BEIJOU UMA ABELHA

As almas aflitas aonde irão?
Aonde a juventude pisada?
Os sonhos traídos por onde vagam?
As lágrimas daquele ancião cansado?
Suga tudo a terra crua?
Pesam as paredes de minha casa.
Alguns pardais medrosos chegam à janela,
bebem umas pingas e esvoaçam:
– É uma pessoa, irmãos, depressa,
É uma pessoa, irmãos, avessa –
Eu tinha um cachorro fiel...
Aonde vão as almas dos cachorros?
Quem consola os gemidos dos cães sem lar?
Passa a vida plúmbea e se perde.
Os pardais sobrevoam e fogem.
Ontem, porém, chegou uma abelha,
bebeu umas gotas do prato,
me acariciou os lábios
e zumbiu assim:
– Conheço a terra plácida
aonde vão as almas dos cachorros.
Nada se perde.
A terra não suga lágrimas nem desejos.
Lágrimas, desejos, flores murchas,
queixas da vida que se foi,
tudo se entorna num rio de doçura,
onde flutua feliz cada sentimento reprimido,
naquela terra oculta
que conheço
tão afastada dos olhos profanos... –
A abelha me sussurrou o segredo
por uma gotinha d'água,
me beijou nos lábios
e prometeu:

– Quando morreres
fecharei os teus olhos com minhas asas
com a mesma ternura de meu beijo
e te levarei à terra oculta
escondida aos olhos profanos.
Ali o vento
apenas tem a força do meu voo.
Ali verás o cachorro que amas.
Todas as lágrimas ali esquecidas
são gotas no rio de doçura. –
Uma abelha me beijou nos lábios
por uma gotinha d'água num prato,
me beijou uma abelha e me deixou uma promesa.

[Éva Tófalvi]

ATRÁS DA JANELA

Anoitece
Por caminhos sem nome
a sua alma vagueia
por benditos caminhos de estrelas
onde não têm
que corar as bochechas
que tremer os lábios
por sentir vergonha
por esconder desejos
Atravessa o bairro
blocos uniformes
parques diminutos
chega correndo
a um vasto prado
onde encontra a paz
abraça o firmamento todo
e se lembra
se lembra da liberdade
Mas logo se abre a porta
o marido
pede seu jantar
os filhos
vendo a tevê absortos
Acaba o dia

[Roberto Passos Nogueira]

PAISAGEM NORDESTINA

I

Aqui o chão é tão seco
Como a língua dum pé-duro
Que morreu de sede.

No verão
Os brancos arbustos
Contorcidos, poupam folhas.
Bois ossudos bufam
Onde houve um salgueiro.
Nem sequer ervas daninhas
Crescem no cascalho adusto.

Apenas verdejam os cactos
que guardam para si a água.

II

Aqui a vida é cortante
Como o gume duma faca
Metida no cinto.
No verão
Os lavradores amarelos,
Contorcidos, poupam vozes.
Moleques ossudos brincam
Onde houve macaxeira.
Na choça de palha
Mesmo o verme está com fome.

Tão só as herdades festejam
A água que açambarcaram.

III

O lavrador bebe do cacto,
Trabalha para o dono da terra.

No verão
Só florescem as fazendas.

[Benoît Philippe]

A VIDA

a Nicolino Rossi

dos caducos para os jovens
reta e indiferente
deve a vida fluir para a frente
sem adeuses e sem tédios

o que você hoje entendeu
amanhã será dominado
por aqueles que ainda
estão na casca do ovo

a canção que ontem
você sussurrava na vitória
quer amanhã voar
de lábios mais bonitos

e os momentos que fugiram
você pode observá-los
a explodirem como a lava
nos que abanam as cadeiras

assim, com o peito aflito,
tem em vão que pedir esmola
e tem que sofrer
que muda a pele e vai à deriva

a vida (chegou um dia com chocalhos
afagando caralhos)
hoje cumprimenta
esquivando com gorjetas

e galopa depressa rumo aos jovens

[Jorge Camacho]

A REVOLUÇÃO

[*A revolução não será televisionada.*
Gil Scott-Heron]

acontecerá de improviso

as pirâmides de aço cairão

alguns voltarão a talhar um arado de pedra
ou talvez apenas uma arma de pedra

as pessoas mencionarão as muitas mortes, os muitos danos
mas ninguém lhe chamará revolução

ninguém a trará como um facho

sem pioneiros
chegará uma manhã

o grande fim

[Nicola Ruggiero]

NAQUELA ALTURA

Naquela altura ao raiar o dia
ficava só sentado ao pé da cama
olhando tudo a meu redor sem jeito.
Estava morto e com mais defuntos
acreditava ter chegado à vida:
salário, habitação e mais comida,
e tudo isso envolto no vazio,
apenas eu sentia, não amava,
ninguém eu era, nada eu queria.

Naquela altura magoei com frases,
deixei os sonhos, ambições a eito,
meiguices e sorrisos pus bem longe,
meu pai eu quis matar, e além dele,
também aqueles que de mim discordam,
pois deuses e esperanças já findaram,
de todos me afastei, e deixei tudo
com vinho e Dylan Thomas nos meus lábios,
e o coração vagando só nas trevas.

Sentei-me então na beira da janela
que olhava para o norte, e fumando,
na vida meditei, e mais na sorte,
e reparei que antes eu voava
nas mesmas asas leves da fumaça
e aquele salto, perseguindo o vento
tentava e atraía minha mente:
mas eu, babaca, atirei cigarros
e puxa, resolvi viver a vida.

Der Einzige

und

sein Eigenthum.

Von

Max Stirner.

Leipzig.

Verlag von Otto Wigand.

1845.

Quadrinhos de **Aline Daka**

Tradução e adaptação de **Gleiton Lentz** e **Miguel Sulis**

Ich hab' mein' Sach' auf Nichts gestellt[a]

Max Stirner

Was soll nicht alles Meine Sache sein! Vor allem die gute Sache, dann die Sache Gottes, die Sache der Menschheit, der Wahrheit, der Freiheit, der Humanität, der Gerechtigkeit; endlich gar die Sache des Geistes und tausend andere Sachen. Nur Meine Sache soll niemals Meine Sache sein. „Pfui über den Egoisten, der nur an sich denkt!"

Sehen Wir denn zu, wie diejenigen es mit ihrer Sache machen, für deren Sache Wir Uns hingeben sollen.

Ihr habt Jahrtausende lang „die Tiefen der Gottheit erforscht", so daß Ihr Uns wohl sagen könnt, wie Gott die „Sache Gottes", der Wir zu dienen berufen sind, selber betreibt. Und Ihr verhehlt es auch nicht, das Treiben des Herrn. Was ist nun seine Sache? – Nun, es ist klar, beschäftigt sich nur mit sich, denkt nur an sich und hat sich im Auge; wehe Allem, was ihm nicht wohlgefällig ist. Er dient keinem Höheren und befriedigt nur sich. Seine Sache ist eine – rein egoistische Sache.

Wie steht es mit der Menschheit, deren Sache Wir zur unsrigen machen sollen? Ist ihre Sache etwa die eines Andern und dient die Menschheit einer höheren Sache? Nein, die Menschheit sieht nur auf sich, die Menschheit will nur die Menschheit fördern, die Menschheit ist sich selber ihre Sache. Damit sie sich entwickle, läßt sie Völker und Individuen in ihrem Dienste sich abquälen, und wenn diese geleistet haben, was die Menschheit braucht, dann werden sie von ihr aus Dankbarkeit auf den Mist der Geschichte geworfen. Ist die Sache der Menschheit nicht eine – rein egoistische Sache?

Ich brauche gar nicht an jedem, der seine Sache Uns zuschieben möchte, zu zeigen, daß es ihm nur um sich, nicht um Uns, nur um sein Wohl, nicht um das Unsere zu tun ist. Begehrt die Wahrheit, die Freiheit, die Humanität, die Gerechtigkeit etwas anderes, als daß Ihr Euch enthusiasmiert und ihnen dient?

Und an diesen glänzenden Beispielen wollt Ihr nicht lernen, daß der Egoist am besten fährt? Ich Meinesteils nehme Mir eine Lehre daran und will, statt jenen großen Egoisten ferner uneigennützig zu dienen, lieber selber der Egoist sein.

Gott und die Menschheit haben ihre Sache auf Nichts gestellt, auf nichts als auf Sich. Stelle Ich denn meine Sache gleichfalls auf Mich, der Ich der Einzige bin.

Hat Gott, hat die Menschheit, Gehalt genug in sich, um sich Alles in Allem zu sein: so spüre Ich, daß es Mir noch weit weniger daran fehlen wird, und daß Ich über meine „Leerheit“ keine Klage zu führen haben werde. Ich bin [nicht] Nichts im Sinne der Leerheit, sondern das schöpferische Nichts, das Nichts, aus welchem Ich selbst als Schöpfer Alles schaffe.

Fort denn mit jeder Sache, die nicht ganz und gar Meine Sache ist! Ihr meint, Meine Sache müsse wenigstens die „gute Sache“ sein? Was gut, was böse! Ich bin ja selber Meine Sache, und Ich bin weder gut noch böse. Beides hat für Mich keinen Sinn.

Das Göttliche ist Gottes Sache, das Menschliche Sache „des Menschen“. Meine Sache ist weder das Göttliche noch das Menschliche, ist nicht das Wahre, Gute, Rechte, Freie usw., sondern allein das Meinige, und sie ist keine allgemeine, sondern ist – einzig, wie Ich einzig bin.

Mir geht nichts über Mich!!

Fundei a minha causa sobre nada

O que deveria ser a minha causa? Primeiramente, a boa causa, depois, a causa de deus, da humanidade, da verdade, da liberdade, do humanismo, da justiça. E por fim, até mesmo, a causa do espírito e milhares de outras causas. Mas a minha causa nunca poderia ser a causa de *mim mesmo*! “Asco do egoísta que só pensa em si!”

Mas como se ocupam de suas causas aqueles por cujas causas deveríamos nos dedicar?

Vós, que dizeis coisas profundas sobre Deus e que examinastes os abismos da divindade, decerto poderíeis dizer como o próprio Deus trata a “causa de Deus”, que somos chamados a servir. E, de fato, vós não ocultais os desígnios do Senhor. Então, qual é a causa dele? Fica claro que Deus só se ocupa de si mesmo, só pensa em si e só vê a si. E ai daquilo que não lhe agrade! Ele não serve nenhuma instância superior e só se satisfaz a si mesmo. A sua causa é... uma causa puramente egoísta.

E como fica a humanidade, cuja causa devemos assumir como a nossa? É, por acaso, a sua causa, a de outrem? Serve a humanidade a uma causa superior? Não, a

↓

humanidade só olha para si, só quer promover a humanidade, é a sua própria causa. E para que ela se desenvolva, os povos e indivíduos a seu serviço devem sofrer, e após terem feito o que necessita, ela, então, como gratidão, atira-os ao estrume da história. Não é a causa da humanidade... uma causa puramente egoísta?

Não me cabe demonstrar a cada um daqueles que desejam nos empurrar a sua causa, que se trata apenas de si, não de nós; de seu bem, e não do nosso. Requerem a verdade, a liberdade, a humanidade e a justiça algo além de vosso entusiasmo e serviço? E vós não quereis aprender com esses brilhantes exemplos que o egoísta leva a melhor? Eu, de minha parte, tiro disso uma lição: ao invés de seguir servindo altruisticamente a esses grandes egoístas, é melhor ser o próprio egoísta.

Deus e a humanidade fundaram a sua causa sobre nada, sobre nada além de si mesmos. Do mesmo modo, eu fundo a minha causa sobre mim, que sou único.

Deus e a humanidade têm substância suficiente em si para serem tudo em tudo para si, então, sinto que me faltará muito menos, e que não hei de me queixar sobre o meu vazio. Eu não sou nada no sentido de vazio, mas sim, o nada criativo, a partir do qual eu próprio, como criador, crio tudo.

Por isso, chega de causas que não sejam inteiramente a minha causa! Vós pensais que a minha causa deveria ser, pelo menos, a boa causa? Que bom, que mau! Eu próprio sou a minha causa, e eu não sou bom nem mau. Ambos não têm nenhum sentido para mim.

O divino é a causa de deus; a causa humana, do homem. A minha causa não é o divino nem o humano, não é o verdadeiro, o bom, o justo, o livre, etc., mas apenas o que é meu, e não é geral, mas sim… única, como eu sou único.

Para mim, nada está acima de mim!

Max Stirner. "Ich hab' mein' Sach' auf Nichts gestellt". In. *Der Einzige und sein Eigenthum*. Leipzig: Otto Wigand, 1845 [Oktober 1844], p. 3-6.
Ilustração de Clifford Harper

FUNDEI A MINHA CAUSA SOBRE NADA
MAX STIRNER
O QUE DEVERIA SER A MINHA CAUSA? PRIMEIRAMENTE, A BOA CAUSA, DEPOIS, A CAUSA DE DEUS, DA HUMANIDADE, DA VERDADE, DA LIBERDADE, DO HUMANISMO, DA JUSTIÇA.
E POR FIM, ATÉ MESMO, A CAUSA DO ESPÍRITO E MILHARES DE OUTRAS CAUSAS. MAS A MINHA CAUSA NUNCA PODERIA SER A CAUSA DE MIM MESMO ? ! "ASCO DO EGOÍSTA QUE SÓ PENSA EM SI!"
MAS COMO SE OCUPAM DE SUAS CAUSAS AQUELES POR CUJAS CAUSAS DEVERÍAMOS NOS DEDICAR?

[aline daka]

VÓS,
QUE DIZEIS COISAS
PROFUNDAS
SOBRE DEUS E QUE
EXAMINASTES OS
ABISMOS DA
DIVINDADE,
DECERTO
PODERÍEIS
DIZER COMO O
PRÓPRIO
DEUS
TRATA
A
"CAUSA DE DEUS",
QUE SOMOS
CHAMADOS A
SERVIR. E, DE FATO,
VÓS NÃO OCULTAIS OS
DESÍGNIOS DO SENHOR.
ENTÃO, QUAL É A CAUSA DELE? FICA CLARO QUE DEUS
SÓ SE OCUPA DE SI MESMO, SÓ PENSA EM SI E SÓ VÊ A SI.
E AI DAQUILO QUE NÃO LHE AGRADE!
ELE NÃO SERVE NENHUMA INSTÂNCIA SUPERIOR
E SÓ SE SATISFAZ A SI MESMO.
A SUA CAUSA É...
UMA CAUSA
PURAMENTE
EGOÍSTA.

E COMO FICA A HUMANIDADE, CUJA CAUSA DEVEMOS ASSUMIR COMO A NOSSA?
É, POR ACASO, A SUA CAUSA, A DE OUTREM?
SERVE A HUMANIDADE A UMA CAUSA SUPERIOR?
NÃO,
A HUMANIDADE SÓ OLHA PARA SI,
SÓ QUER PROMOVER A HUMANIDADE, É A SUA PRÓPRIA CAUSA.
E PARA QUE ELA SE DESENVOLVA, OS POVOS E INDIVÍDUOS A SEU SERVIÇO DEVEM SOFRER, E APÓS TEREM FEITO O QUE NECESSITA, ELA, ENTÃO, COMO GRATIDÃO, ATIRA-OS AO ESTRUME DA HISTÓRIA.
NÃO É A CAUSA DA HUMANIDADE... UMA CAUSA PURAMENTE EGOÍSTA?
POW
POW
NÃO ME CABE DEMONSTRAR A CADA UM DAQUELES QUE DESEJAM NOS EMPURRAR A SUA CAUSA, QUE SE TRATA APENAS DE SI, NÃO DE NÓS; DE SEU BEM, E NÃO DO NOSSO.

[aline daka]

REQUEREM A VERDADE, A LIBERDADE, A HUMANIDADE E A JUSTIÇA ALGO ALÉM DE VOSSO ENTUSIASMO E SERVIÇO?
CIGARRINHOS DE CHOCOLATE
E VÓS NÃO QUEREIS APRENDER COM ESSES BRILHANTES EXEMPLOS QUE O EGOÍSTA LEVA A MELHOR?
EU, DE MINHA PARTE, TIRO DISSO UMA LIÇÃO: AO INVÉS DE SEGUIR SERVINDO ALTRUISTICAMENTE A ESSES GRANDES EGOÍSTAS, É MELHOR SER O PRÓPRIO EGOÍSTA.

DEUS E A HUMANIDADE FUNDARAM
A SUA CAUSA SOBRE NADA,
SOBRE NADA ALÉM DE SI MESMOS.
DO MESMO MODO,
EU FUNDO A MINHA CAUSA
SOBRE MIM,
QUE SOU ÚNICO.
OH!
DEUS E A HUMANIDADE
TÊM SUBSTÂNCIA SUFICIENTE EM SI
PARA SEREM TUDO EM TUDO PARA
SI, ENTÃO, SINTO QUE
ME FALTARÁ MUITO MENOS, E QUE
NÃO HEI DE ME QUEIXAR SOBRE O
MEU VAZIO.

EU NÃO SOU NADA NO SENTIDO DE VAZIO, MAS SIM, O NADA CRIATIVO, A PARTIR DO QUAL EU PRÓPRIO, COMO CRIADOR, CRIO TUDO. POR ISSO, CHEGA DE CAUSAS QUE NÃO SEJAM INTEIRAMENTE A MINHA CAUSA! VÓS PENSAIS QUE A MINHA CAUSA DEVERIA SER, PELO MENOS, A BOA CAUSA? QUE BOM, QUE MAU!
EU PRÓPRIO SOU A MINHA CAUSA, E EU NÃO SOU BOM NEM MAU. AMBOS NÃO TÊM NENHUM SENTIDO PARA MIM. O DIVINO É A CAUSA DE DEUS; A CAUSA HUMANA, DO HOMEM.
A MINHA CAUSA NÃO É O DIVINO NEM O HUMANO, NÃO É VERDADEIRO, O BOM, O JUSTO, O LIVRE, ETC., MAS APENAS O QUE É MEU, E NÃO É GERAL, MAS SIM... ÚNICA, COMO EU SOU ÚNICO.

PARA MIM, NADA ESTÁ ACIMA DE MIM!

Fim

CAPA:

Escrita Tifinagh – Argélia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
O Castelo, 2016
Grafite sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

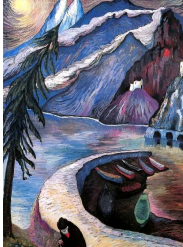
VINHETAS:

Fotos de:
Miguel Sulis (pp. 8, 151, 205, 269, 285 e 306)
Cidades brasileiras
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Ismaïl Shammut (p. 9)
Detalhe de *Jerusalém antiga*, 1997
Óleo sobre tela
WWW.ISMAIL-SHAMMOUT.COM

Odilon Redon (p. 26)
O Diabo leva uma cabeça no ar, 1876.
Carvão sobre papel
WWW.WIKIART.ORG

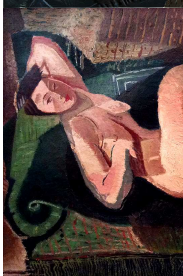
Willian Saphier (p. 71)
Lola Ridge, 1922
Ilustração para *A tree with a bird in it*, de M. Widdemer
ARCHIVE.ORG

Daniel Maclise (p. 82)
Morte de Arthur, 1857
Ilustração para *Poems*, de AlfredTennyson
ROBBINS LIBRARY DIGITAL PROJECTS

Vasily Perov (p. 101)
Detalhe de *A mulher afogada*, 1867
Óleo sobre tela
ТРЕТЬЯКОВСКАЯ ГАЛЕРЕЯ, MOSCOU

Arquipoeta (p. 124)
Detalhe de “Um bodegueiro da abadia prova seu vinho”, séc. XIII
Iluminura para *Li livres dou santé*, de Aldobrandino de Siena
BRITISH LIBRARY, LONDRES

Marianne von Werefkin (p. 152)
Detalhe de *O Abandonado*, 1920-29
Tempera sobre cartão
MUSEO COMUNALE D'ARTE MODERNA, ASCONA

Pablo Picasso (p. 173)
Homenagem a René Char, 1964
Litografia
WWW.ARTNET.COM

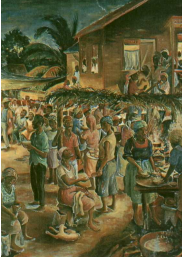
Pablo Picasso (p. 190)
O copo de dados, 1917
Litografia
WWW.ARTNET.COM

Templo Hōryū-ji (p. 206)
Detalhe de 100 Ienes japoneses, 1946
Numismática
THE BANK OF JAPAN

Alekos Fassianos (p. 219)
Detalhe de *Adejos*, 1987
Óleo sobre tela
ΕΘΝΙΚΉ ΠΙΝΑΚΟΘΉΚΗ, ATENAS

Max Hermann Maxy (p. 236)
Detalhe de *Nu deitado,* 1928
Óleo sobre tela
MUZEUL DE ARTĂ VIZUALĂ, GALAŢI

Pen Cayetano (p. 246)
Detalhe de *Belúria*, 1992
Óleo sobre tela
ATLANTIC BANK LTD, BELIZE

Wisława Szymborska (p. 270)
Sem título, 1995
Cartão postal colagem para Wiktora Woroszylskiego
NOBELMUSEET, ESTOCOLMO

Autor desconhecido (p. 286)
Antonietta Fagnani Arese, séc. XIX
Retrato
ARQUIVO (n.t.)

Vozes do Esperanto (p. 307)
Detalhe da Casa Esperanto, Feira de Paris, 1921
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

Clifford Harper (p. 346)
Max Stirner, 1994
Ilustração do livro *Anarchists, Portraits*
FREEDOM PRESS

QUADRINHOS:

Aline Daka (pp. 347-352)
Fundei a minha causa sobre nada, 2016
HQ sobre texto de Max Stirner
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Albufeira, Portugal, [s.d.]
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 12º acabou-se de editar em 21 de julho de 2016.

Fontes ocidentais: Book Antiqua, Baramond
Grego, romeno e polonês: Palatino Linotype
Japonês: MS Gothic